

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ILÍRIA FRANÇOIS WAHLBRINCK

CUIDAR: CONCEITO ESTRUTURANTE EM TESSITURAS DE CURA?

São Leopoldo

2022

ILÍRIA FRANÇOIS WAHLBRINCK

CUIDAR: CONCEITO ESTRUTURANTE EM TESSITURAS DE CURA?

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutora em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia
Sistemática
Linha de Pesquisa: Teologia
contemporânea em perspectiva latino-
americana

Orientador: Valério Guilherme Schaper

São Leopoldo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W136c Wahlbrinck, Ilíria França
Cuidar: conceito estruturante em tessituras de cura?
/ Ilíria França Wahlbrinck; orientador Valério Guilherme
Schaper. – São Leopoldo: EST/PPG, 2022.
227 p. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo,
2022.

1. Cuidar. 2. Espiritualidade. 3. Tessituras de cura. I.
Schaper, Valério Guilherme, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ILÍRIA FRANÇOIS WAHLBRINCK

CUIDAR: CONCEITO ESTRUTURANTE EM TESSITURAS DE CURA?

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutora em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Fundamental
Sistemática

Data de Aprovação: 04 de agosto de 2022

PROF. DR. VALÉRIO GUILHERME SCHAPER (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF.^a DR.^a MÁRCIA BLASI (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. RODOLFO GAEDE NETO (EST)
Assinado digitalmente

PROF.^a DR.^a LUCI MARY DUSO PACHECO (URI)
Participação por webconferência

PROF. DR. ELIVALDO SERRÃO CUSTÓDIO (UNIFAP)
Participação por webconferência

Assinado digitalmente
por
Valério Guilherme
Schaper
Data: 26/10/2022
09:40:59 -03:00



Assinado
digitalmente por
Márcia Blasi
Data: 03/11/2022
10:01:14 -03:00



Assinado
digitalmente por
Rodolfo Gaede Neto
Data: 03/11/2022
10:07:38 -03:00



*Aos meus rebentos - Talita, Mateus e
Rebeca - que, pelo seu cuidar, me
fortalecem para (me) curar.*

AGRADECIMENTOS

À minha mãe (in memoriam) e meu pai, minhas irmãs e meus irmãos, que inspiram a cuidar tecendo memórias de cura e de cuidado.

Ao meu esposo, Hélio, que me auxilia a cuidar pelo musicar.

Ao Nilo, catequista em funções pastorais, parceiro de caminhar, que me animou a narrar o cuidar como tessitura de cura.

À EST - Escola Superior de Teologia, que possibilitou o desenvolvimento dessa temática na relação aqui proposta.

À CMD – Casa Matriz de Diaconisas, pelos espaços e abraços que me acolheram enquanto gestava muitas das reflexões aqui trazidas.

Ao Valério, mestre que me acolheu para orientar essa narrativa sob as vistas do cuidar.

Aos meus alunos e minhas alunas, com quem aprendo a arte de musicar para curar.

À AEBM - Associação Evangélica Beneficente de Mondaí - e à Paróquia Evangélica de Palmitos que, com seu fomento, oportunizam muito das experiências aqui narradas.

E Jesus ensinava no sábado, numa das sinagogas.

E eis que estava ali uma mulher que tinha um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; e andava curvada, e não podia de modo algum endireitar-se.

E, vendo-a Jesus, chamou-a a si, e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade.

E pôs as mãos sobre ela, e logo se endireitou, e glorificava a Deus.

Evangelho de Lucas 13. 10-13

RESUMO

Em “Cuidar: conceito estruturante em tessituras de cura?” relaciono a compreensão do conceito prático Cuidar na interface Saúde/Formação humana (*Bildung*), sob o viés da Espiritualidade. De caráter qualitativo, sob metodologia hermenêutica e autonarrativa, propus pesquisar o conceito bibliograficamente; analisar como ele se relaciona, na formação humana, em tessituras de cura; compreender suas repercussões em práticas cuidadoras a fim de (re)afirmar a cura como processo terapêutico no desenvolvimento da humanidade no ser humano. Apresento o tema em quatro capítulos: no primeiro, o contexto em que a reflexão se dá; no segundo, compreensões partindo de Heidegger; no terceiro, aproximações entre os conceitos cuidar, formação humana, saúde, espiritualidade e cura e, ao final, vislumbres de vias rumo a Pastorais do Cuidar, sob perspectiva da Graça de Deus, em vias de Diaconia, Arteterapia e Naturopatia. Usar os termos cura e cuidado ressalta a dimensão ôntico-ontológica do cuidar fundamentada no termo *Sorge*, apresentado por Heidegger, em *Ser e Tempo*, visto que na humanização - desenvolvimento do ser humano com vistas ao Bom e ao Belo - as práticas precisam estar fundamentadas no cuidar. Só o cuidar humaniza, capacitando o ser humano a escolher o Bom e fazer o Belo de forma que a vida se articule em vias de harmonia. Cuidar é aquela dimensão em que Saúde e Educação confluem, sob a percepção holística de que tudo está, de algum modo, relacionado. É por isso que termos como cuidar, cuidado, espiritualidade e comunidade terapêutica precisam ser compreendidos como *modus vivendi* em que a unidade da vida se faz em tessituras de cura. CUIDAR é promover um modo de ser para que a existência seja vivida de forma autêntica a partir de processos de formação da humanidade no ser humano; TESSITURAS DE CURA são vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós. A CURA é processo que transcorre pelo cuidar e nos leva a responder partindo da compreensão do sentido de ser: atendendo a um chamado ontológico do ser para poder-ser, a condução da existência se dá escolhendo o Bom e fazendo o Belo, assumindo-se guardião e guardiã do *homo curans* de tal forma que possamos aprender e ensinar a cuidar a fim de nos curarmos das formas equivocadas de pensar e de sentir que carregamos como dores e doença. Falar em pastorais do cuidar é abordar a comunidade terapêutica sob as vistas de que a unidade comum se funda no senso de poder-ser uns com os outros e outras, sob a compreensão de que Graça é o compromisso de Deus para com a cura da pessoa seja qual for sua situação ou condição. Não se trata de experienciar algo que Deus “faz”, mas de sentir os efeitos do que ele “é” como cura. Experienciar o elemento da Graça como fator de cura pode ser o laço possibilitador de tessituras de cuidado e de cura entre nós nas comunidades de que somos parte tornando-as terapêuticas.

Palavras-chave: Cuidar. Tessituras de cura. Formação humana. Saúde. Espiritualidade.

ABSTRACT

In “Caring: structuring concept in healing interweavings?” I relate the understanding of the practical concept of Caring to the Health/Human Formation (Bildung) interface, from the perspective of Spirituality. Of qualitative character, with a hermeneutic and self-narrative methodology, I proposed to research the concept bibliographically; to analyze how it relates, in human formation, in healing interweavings; understand its repercussions on caregiving practices in order to (re)affirm healing as a therapeutic process in the development of humanity in human beings. I present the theme in four chapters: in the first, the context in which the reflection takes place; in the second, understandings starting from Heidegger; in the third, approximations between the concepts of care, human formation, health, spirituality and healing and, at the end, glimpses of ways towards Pastoral Care, from the perspective of the Grace of God, in the paths of Diakonia, Art Therapy and Naturopathy. Using the terms cure and care emphasizes the ontic-ontological dimension of care based on the term *Sorge*, presented by Heidegger, in *Being and Time*, since in humanization - development of the human being with a view to the Good and the Beautiful - practices need to be based on caring. Only caring humanizes, enabling the human being to choose the Good and do the Beautiful so that life is articulated in ways of harmony. Caring is that dimension in which Health and Education come together, under the holistic perception that everything is somehow related. That is why terms such as caring, care, spirituality and therapeutic community need to be understood as *modus vivendi* in which the unity of life is made in healing interweavings. CARING is to promote a way of being so that existence is lived authentically from processes of formation of humanity in the human being; HEALING INTERWEAVINGS is a therapeutic way through which it is possible to learn and teach a way of being in which humanity is cultivated in us and the unity of life is cultivated among us. CURE is a process that takes place through care and leads us to respond based on an understanding of the meaning of being: responding to an ontological call of the being being able to be, the conduction of existence takes place by choosing the Good and doing the Beautiful, assuming being guardian of *homo curans* in such a way that we can learn and teach to care in order to heal ourselves from the wrong ways of thinking and feeling that we carry as pain and illness. Talking about pastoral care is approaching the therapeutic community from the point of view that the common unity is based on the sense of being able to be with each other and with others, under the understanding that Grace is God's commitment to the person's healing, whatever its situation or condition. It is not about experiencing something that God “does”, but feeling the effects of what he “is” as healing. Experiencing the element of Grace as a healing factor can be the link that makes it possible to interweave care and healing between us in the communities of which we are part, making them therapeutic.

Keywords: Caring. Healing interweavings. Human Formation. Health. Spirituality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 ENTRE A ÉTICA E O CUIDADO: CAMINHOS PARA UMA HERMENÊUTICA DO CUIDAR?	35
2.1 ESCRITA EM VIAS MARGINAIS	37
2.1.1 Alfabetização musical: revitalização de um fazer cuidador	44
2.1.2 Terapias naturais: revitalização de saberes ancestrais de cura e de cuidado pela Naturopatia	46
2.2 ESCRITA EM VIAS PESSOAIS.....	48
2.3 ESCRITA EM VIAS DE TEOLOGIA	51
2.4 ESCRITA EM VIAS DE HARMONIA	58
2.5 ESCRITA EM VIAS EXISTENCIAIS	61
2.5.1 A existencial pergunta acerca do sentido de ser	65
2.5.2 Espiritualidade: um modo cuidador de ser?	68
2.6 ESCRITA EM VIAS HERME(NÊU)TICAS (E AUTOBIOGRÁFICAS)	71
2.7 CONSIDERAÇÕES (AINDA NÃO) FINAIS	77
3 ENTRE O CUIDAR E O CUIDADO: TESSITURAS DE UM MODO HUMANO DE SER?	81
3.1 SER HUMANO - SER DE CUIDADO: Acercando-se de terminologias existenciais	84
3.2 O SER HUMANO E OS EXISTENCIAIS.....	91
3.2.1 O já-ser-em	91
3.2.2 O ser-junto-a-com	93
3.2.3 O ser-para-a-morte	96
3.3 SER-NO-MUNDO: <i>DASEIN</i>.....	100
3.4 JÁ-SER-EM-COMO-JUNTO-A-COM-PARA: ALINHAVOS DE COMUNIDADE TERAPÊUTICA?	105
3.5 CONSIDERAÇÕES (TAMBÉM AINDA) NÃO FINAIS.....	115
4 O SER HUMANO COMO <i>HOMO CURANS</i>.....	119
4.1 O CUIDAR NO DESENVOLVIMENTO DO BOM E DO BELO.....	121
4.2 ACERCA DO CUIDAR NA FORMAÇÃO HUMANA.....	124
4.3 EM BUSCA DO (SAGRADO) SENTIDO DE CUIDAR	129

4.3.1 EM BUSCA DE ORIGENS DO CUIDAR	135
4.3.2 ACERCA DO VIÉS TERAPÊUTICO DE CONTOS, FÁBULAS E MITOS: sua relação com minha prática pela Naturopatia	137
4.3.3 A FÁBULA DA CURA: RELAÇÕES EM COMPREENSÕES	142
4.4 Considerações (também ainda) não finais	152
5 ALINHAVOS EM BUSCA DE PASTORAIS DO CUIDAR: RELAÇÕES POSSÍVEIS NA INTERFACE SAÚDE/ESPIRITUALIDADE?	155
5.1 NA INTERFACE SAÚDE/ESPIRITUALIDADE.....	156
5.1.1 Heidegger e a perspectiva da analítica existencial	157
5.1.2 Ellens e a perspectiva da psicoteologia.....	166
5.1.3 Graça de Deus – fator de cura (e de cuidado?!).	169
5.2 CUIDAR: TESSITURAS DE CURA?	176
5.2.1 Waldow e o Cuidado Humano: uma relação terapêutica.....	177
5.2.2 Noddings e o cuidado: outra relação terapêutica	180
5.3 VISLUMBRES DE PASTORAIS DO CUIDAR.....	182
5.3.1 Vias de Diaconia.....	185
5.3.2 Vias de Arteterapia – CuidAR-TE	189
5.3.3 Vias de Naturopatia.....	194
5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	201
6 CONCLUSÃO	205
REFERÊNCIAS.....	225

1 INTRODUÇÃO

A temática aqui abordada, como pano de fundo na tessitura de uma tese de doutorado, diz respeito à vida humana desde os seus primórdios e envolve todas as dimensões de seu ser nas áreas de conhecimento e de vivência a ela relacionadas; ela é, portanto, transversal e vital, não meramente intelectual. É transversal porque perpassa distintas áreas com a mesma relevância permitindo diálogos e relações na busca por cura e por cuidado em diferentes tessituras e é vital porque afeta a vida em sua manifestação e complexidade pelo cuidar. Trata-se de empenhos pela compreensão de um conceito prático considerado constitutivo do ser humano e suas relações com a formação e com a condução desse ser em seu modo de ser-humano¹: o cuidar, sob a consideração de que, sem ele, não há cura e nem cuidado. Mas o que significa isso?

Propor-me à questão do cuidar é debruçar-me num recorte da existência de tal forma que a compreensão de um conceito não seja simplesmente desfiar terminologias, mas o apropriar-me de seu sentido prático a fim de que possa ser experienciado e compartilhado: conjuntamente vi-ven-ci-a-do. Faço-o a partir de onde eu sou, junto a quem comigo é, numa especificidade contextual que buscarei tornar compreensível a quem me acompanha nesta escrita e ocorre no Programa de Doutorado em Teologia na Escola Superior de Teologia na Linha de Pesquisa Teologia contemporânea em perspectiva latino-americana

Esta reflexão, portanto, parte da prática e a ela quer volver sendo que, precisamente por isso, o objeto de pesquisa aqui é referenciado como um conceito prático. Tal conceito origina-se em concepções de cura e de cuidado tendo o ser humano como base na tessitura de sentido existencial² e fator conducente para plenitude/dignidade de vida pelo ser-humano na tessitura de sentidos existenciários³. Trata-se, pois, não somente de algo a ser refletido, mas vivido. Considero, assim, que o cuidar constitui a essência do ser humano em sua autenticidade: é pelo cuidar

¹ Quando ser-humano aparece nessa grafia, refere-se ao modo humano de ser configurado verbo. Quando aparece sob a grafia “ser humano”, refere-se à pessoa, substantivo.

² Conforme HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. p. 563: “existencial remete às estruturas que compõem o ser do homem a partir da existência em seus desdobramentos advindos do *dasein*.”

³ Conforme Heidegger (2008, p. 562), o termo existenciário “indica a delimitação fatural do existir que sempre se propaga numa pluralidade de singularidades, situações, épocas, condições, ordens etc.”

que o ser humano se humaniza; é o cuidar que humaniza o ser humano e por isso pergunto: o que significa cuidar, em termos de ser humano e de formação humana?

Afirmar algo como constitutivo do ser humano em seu modo de ser-humano é considerá-lo valor em si na escolha pelo Bom e pelo Belo. O Bom e o Belo representam a articulação da vida de forma harmoniosa: a vida a desdobrar-se em equilíbrio; representam, também, a arte de aprender e ensinar a conduzir a existência de forma cuidadora. Escolher o Bom e fazer o Belo é cuidar. Mas, acaso pode-se aprender e ensinar o valor de cuidar sem que a partir de tessituras de cura? Como tecê-las, para que o cuidar seja promovido entre nós a ponto de promover a humanidade⁴ em e entre nós?

Uso o termo “tessituras” considerando que tecer é algo que se pode fazer com as mãos e como arte⁵. O termo não se refere, portanto, a um conceito teórico, mas é usado em uma espécie de metáfora, pois uma tessitura, ainda que possa requerer uma técnica, passível de ser ensinada e aprendida de pessoa a pessoa (quando há disposição para aprender e ensinar), é arte. É, também, prática; não mera teoria, mas vivência, com-vivência! Mãos que aprendem e ensinam tessituras são mãos que curam: promovem Harmonias visíveis ao cuidar; bordar, cerzir, tricotar, crocheter, alinhar, costurar, pintar, desenhar, escrever e musicar são exemplos de artes que basicamente com as mãos é possível fazer. Mãos de quem se dispõem a cuidar são mãos que curam numa extensão terminal do próprio corpo que parte de si para chegar à outriedade.

Ao usar o termo tessitura, quero retratar que o que nos concerne unidade é mais e maior do que o que nos diferencia. Quando olhamos uma tessitura de tricô,

⁴ Apresento esse conceito em FRANÇOIS WAHLBRINCK, Ilíria. **Ética do Cuidado**: essência do ser. Saarbrücken, Deutschland: Omni Scriptum GmbH & Co.KG Novas Edições Acadêmicas, 2013. p. 18: “Usa-se o termo assim posto para reforçar a ideia do humano no ente pertencente à espécie humana, a humanidade. Julgo pertinente distinguir o termo para evitar que seja confundido com o substantivo. Ao usá-lo, refiro-me a um modo, um jeito, forma de ser moldável somente no/pelo Cuidar. É isso que, justamente, em sua radicalidade, possibilita, ao ser humano, seu pertencimento autêntico à humanidade, pois que, em sendo humano, se humaniza e ajuda a humanizar.” O termo acha-se assim cunhado em diversos escritos meus.

⁵ Num primeiro momento, optei pelo termo porque não queria usar o termo “construções”, por me parecer algo muito distante do que eu própria faço (tipo, o termo “construção” se refere a um processo de edificação de uma obra, por exemplo; já o termo “tessitura” remete mais a algo feito com panos, linhas, lãs, fios e tecidos. O “insight” para o uso do termo veio a partir de experiência num tear artesanal e que me remeteu à infância, na memória da arte que minha avó materna e minha mãe faziam com agulhas e linhas). Não obstante, à medida que fui delimitando o seu uso, percebi sua significância peculiar nesta reflexão e escrita, pois, à medida que escrevia, era como se eu mesma me alinhavasse e costurasse ao texto, nas linhas escritas, nas ideias expostas, nas relações tecidas.

por exemplo, é possível perceber cada ponto tecido na trama percebendo, inclusive, diferenças entre eles. Não obstante, cada ponto participa da trama como único e parte do todo e, se o desfizemos, desfaz-se a tessitura. Outro aspecto é que a tessitura é algo que pode ser percebido não somente pelo olhar, mas, também pelo tato e pela audição (no caso de uma tessitura musical). O que busco ressaltar, ao usar o termo, é que, como humanos, de forma conjunta nos entretecemos à medida que tecemos. Fazemos parte, assim, do mesmo “tecido”, da mesma tessitura: há, em mim, um pouco de cada um e cada uma de quem comigo tece; há, também, um pouco de mim em cada ser que comigo tece e, nessa tessitura, em que nos fazemos seres humanos, estamos, de alguma forma, relacionados, interligados, entretecidos. À medida que compreendemos isso, mais e mais o termo tessitura se faz corrente entre nós.

Afirmar o cuidar como constitutivo no ser humano é considerá-lo critério na escolha de valores terapêuticos lembrando que o ser humano, como ser axiotrópico, valora: assim como o cuidar (num ciclo virtuoso) conduz à humanização, a falta do cuidar (num ciclo vicioso – o descuido) conduz à desumanização. Ou seja, nesta reflexão, parto da premissa de que a condição humana, em sua autenticidade, somente é possível a partir do cuidar em tessituras de cura.

Sob esse ponto de vista, pode-se dizer que cuidar é tarefa sagrada do ser humano a fim de que possa ser-humano? Se sim, a isso equivale o reconhecimento da dimensão espiritual como constitutivo no ser humano? Seria oportuno referir-me, então, a uma espiritualidade do cuidar ou do cuidado⁶? Acaso não é assim que, em termos de coerência, antes de advenir uma “ética do cuidado”, uma “cultura do cuidado”, uma “espiritualidade do cuidado” ou qualquer outra denominação “... do cuidar e do cuidado” é preciso compreender que é cuidar e mais: compreender-(se) como ser de cura pelo cuidar?

Partindo da concepção de que cuidar implica em humanizar, o cuidado consiste, em sua radicalidade, empenho por cura: revitalizar (e/ou restituir!) a humanidade no ser humano a fim de promover a vida em sua integralidade; cuidar é, assim, promover um modo de ser a partir de processos de formação. É processo

⁶ Quem me lê há de perceber uma explícita preferência pelo uso do termo cuidar, mesmo quando ele se refere a cuidado. A intenção é ressaltar a dinamicidade que se faz presente quando se fala do cuidar como processo e relação humana - verbo - sem que possa ser objetivado.

que requer compreensão de um sentido existencial e, também, requer compreensão de sentidos terapêuticos e sua significação no mundo da vida pela adoção de um modo de ser cuidador: ser-humano. Assim, parto da premissa de que a prioridade, na existência, a fim de ser-humano, é compreender-se como ser humano: compreender-se no modo de ser-humano sendo que isso ocorre pelo cuidar. Ou seja, é o cuidar que, operado de diferentes formas, em vias de tessituras, que permite ao ser humano, efetivamente, ser-humano. Tessituras permitem lacunas e formas de tecer marginais, técnicas não necessariamente reconhecidas como e pela ciência em seus pedestais.

Quando falo em tessituras de cura, parto da ideia de que cuidar é auxiliar a promover um modo de ser para que a existência seja vivida de forma autêntica a partir de processos de formação (*Bildung*) da humanidade no ser humano. Tessituras de cura são vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós. Dessa forma, meus objetivos, nesta reflexão, são: a) pesquisar o conceito Cuidar bibliograficamente; b) analisar como o conceito cuidar se relaciona, na formação humana, em tessituras de cura; c) buscar compreender repercussões do cuidar em tessituras de práticas terapêuticas/cuidadoras/curadoras e d) (re)afirmar a cura como processo terapêutico no desenvolvimento da humanidade no ser humano.

A temática que proponho refletir é “Cuidar: conceito estruturante em tessituras de cura?”. Está colocada em forma de pergunta para destacar o imperativo de compreender o significado de um conceito para afirmá-lo como estruturante em tessituras cujo alvo seja o desenvolvimento do ser humano em seu modo de ser-humano.

Pesquisar o Cuidar analisando como este se relaciona com a formação humana (desenvolvimento do ser humano em seu modo de ser-humano) e as repercussões de sua compreensão na condução de práticas humanizadoras é o que proponho na presente perspectiva. Considero que, a fim de alcançar a meta da humanização no desenvolvimento do ser humano, com vistas ao Bom e ao Belo, as práticas precisam ser terapêuticas, isto é, precisam estar fundamentadas no cuidar: tessituras de cura são terapêuticas no sentido de conduzir o ser humano em seu modo de ser-humano. Assim, entendo como sendo imperativo compreender as

implicações daí decorrentes pela compreensão do sentido existencial de ser humano.

Certamente há várias respostas possíveis à questão do cuidar, pois necessidades sentidas e compreendidas no cotidiano do mundo da vida fazem surgir perguntas e possibilidades de respostas: necessidades conduzem a busca por soluções. Pode-se dizer que quando o cuidar nasce e se fundamenta como resposta a necessidades humanas com vistas à plenitude/dignidade de vida, impõe-se como ética que se torna, assim, o suporte para auxiliar o ser humano a estabelecer regras e parâmetros para um com-viver em harmonia. Não obstante, o cuidar é experienciado, também, como forma de relacionamento em que lacunas existenciais podem e precisam ser identificadas, reconhecidas, tratadas e curadas para que a existência seja autêntica e a vida possa ser plenamente vivida; nesse caso, então, impõe-se como cuidado.

Seja como for, para que o fenômeno “cuidado” seja vivenciado, precisa-se de formação humana, em que se aprenda e ensine um jeito de ser, qual seja, cuidar. Nisso é preciso que, inicialmente, se compreenda, a partir do ser humano, o sentido existencial ancorado nesse conceito – cuidar – e se vislumbre práticas possíveis para sua efetivação em tessituras de cura (que configuram vias terapêuticas tecidas como sentidos existenciários). Dito de outra forma, considero que o sentido existencial de ser humano não está posto num lugar, de maneira isolada ou estanque: assim como precisa ser compreendido, precisa, também, ser tecido ou, mais precisamente, entretecido; ou seja, precisa ser experienciado, conjuntamente vivenciado, refletido, dialogado. Sua compreensão e significação requerem, então, recortes, alinhavos, cerzaduras e costuras em tessituras que se fazem como busca pela harmonia, mas requerem, também, modelos (que sirvam como fonte de inspiração) e respostas (pessoais e comunitárias) que somente o ser humano pode colocar em curso.

Ao refletir “Cuidar: conceito estruturante em tessituras de cura?” pergunto: O que significa cuidar? Como se caracteriza? Quais as suas bases epistemológicas? Qual o seu papel na formação humana? Como se dá formação humana, sob as vistas do cuidar? Como o cuidar se efetiva no mundo da vida? Por que falar em tessituras de cura? Qual o sentido de cuidar, em tessituras de cura, para que haja plenitude de vida? Será o cuidar uma postura? Ou será que é conteúdo(s)? Será o

cuidar uma técnica? Acaso não resulta esta do fazer humano? Se o cuidar for considerado constitutivo do ser humano em seu ser-humano, será possível reduzi-lo e, simplesmente, compartimentalizá-lo, restringindo-o a algumas áreas? É possível, efetivamente, alcançar cura pelo cuidar? Como? O que significa cura, quando se fala em ser humano? Será mero ato? Ou mesmo um rito? Estará o ser humano adoecido, necessitando e buscando cura? É mesmo necessário falar de cura, em se tratando de ser humano? Se sim, por quê? Qual o sentido de ser-humano, afinal? Será sentido existencial? Ou existenciário? Ou será ambos interdependentes? Como o cuidar promove a escolha pelo Bom e pelo Belo e em que consistem tais conceitos? Como, em nossa vivência comunitária, podemos experienciar a cura e o cuidado pelo cuidar? Todos estes questionamentos conduzem ao seguinte problema de pesquisa: “Como a compreensão de um conceito prático, vital, transversal e axiológico (o Cuidar) em suas interfaces, se relaciona com o ser humano (no desenvolvimento do seu modo de ser-humano) em tessituras de cura?”

No desenvolvimento dessa reflexão, algumas considerações se constituem hipóteses, a saber:

1. Considero que o processo de desenvolvimento do ser humano em seu modo de ser-humano se dá como formação humana (*Bildung*) e requer relações terapêuticas – de cura e de cuidado – em que o objetivo seja promover a unidade da vida em plenitude/dignidade; ou seja, relações em que se aprenda e se ensine a cuidar são relações terapêuticas e configuram tessituras de cura. As relações, por sua vez, em suas mais variadas formas, não acontecem se não forem tecidas e isso implica em liberdade, em intencionalidade e em relacionalidade a partir de um senso de unidade, de pertencimento. Requer-se, por isso, o reconhecimento de que cada “parte” é, em si, uma unidade, o que é possível quando se estabelece o cuidar a partir de um senso de não separatividade, na compreensão de que somos, ao mesmo tempo e paradoxalmente, parte e unidade. Considero que a busca conjunta de tessituras para o desenvolvimento humano com vistas ao Bom e ao Belo é, justamente, processo de cura – de humanização – como possibilidade em qualquer ser humano. Não se trata de uma habilidade extraordinária, mas fundamento do humano no humano. Esse processo requer a compreensão de um conceito axiológico, a saber, que significa cuidar?

2. A humanização, como tessitura de relações de cura, em que se experiencie o cuidar, precisa de pessoas que vivenciam esse cuidar em seu fazer da maneira mais radical possível no cotidiano da vida. Nesses processos requer-se, face às divergências e conflitos inerentes à existência humana, postura dialógica e cuidadora, empenhada na formação da pessoa como ser humano: ser de cura, ser de cuidado. Note-se que, nesse enunciado, não se usa o termo “humano” acrescido de um adjunto. Em decorrência, parece óbvia a conclusão de que não é possível uma relativização dos termos aí colocados. O que está expresso, quando se fala em ser “mais humano”? Que é possível ser “menos humano”? E, quando se pede para que sejamos “mais” éticos, admite-se a possibilidade de podermos ser “menos” éticos? Quando dizemos que queremos um atendimento “mais humano”, acaso não é porque sentimos, nisso, falta de humanidade e sua ação deletéria sobre nossas vidas? E quando essa “falta de humanidade” é sentida, não é justamente essa falta sentida que nos impele na busca por torná-la presente e sensível? Ou será assim que quando se fala em “mais humano” e “mais humanidade” ali reside uma convicção de que o humano é processo em constante evolução? Acaso é possível quantificar o humano, a ética e o cuidar? É possível perguntar, ainda: embora a ética normatize e oriente, pode-se por ela mudar comportamentos valorativos? Ou esta o cuidar além e *a priori* da ética?

Parece ser óbvio reconhecer que, para que seja possível conviver harmoniosamente, é preciso que haja um mínimo de valores comuns e fundamentais que sejam passíveis de aprender e ensinar. Isso requer um processo de formação humana em que se aprenda e se ensine a valorar valores terapêuticos e, em decorrência, que cada pessoa desenvolva a capacidade de conduzir sua existência na escolha do Bom e do Belo tendo em vista o bem comum. Em síntese, poder-se-ia dizer: a ética se ocupa do ser humano e a busca pela felicidade, a política se ocupa do ser humano e o bem comum, mas o cuidar se ocupa do ser humano e sua formação. O cuidar é posto, então, como princípio de sustentação (vetor da sustentabilidade!), fundamento do humano no humano; é o maior e mais grandioso projeto de sustentabilidade, pois implica em formação humana.

Ou seja, é preciso aprender e ensinar a responder terapêuticamente: viver é valorar valores e tecê-los ou cultivá-los no cotidiano no mundo da vida, pois, via de regra, não são ações grandiosas que presentificam o cuidar. Nesse sentido, o “valor

social” é tecido/construído/cultivado como fator cultural que identifica um modo de ser em que a ética é estabelecida em função de valores reconhecidos como importantes para a vida e a convivência. Assim, é a vivência de valores terapêuticos que torna possível perceber que a ética – e também o cuidar! – não é (apenas) teoria. Como ela é sempre tessitura/construção comunitária e dialógica, seria possível sem compreensões e práticas que se fundamentam no cuidar? Acaso é possível cuidar “mais ou menos”? Talvez, então, seja possível uma vida mais plena ou menos feliz? Então, talvez, tenhamos que nos fazer, também, a pergunta de como ocorre, entre nós, o descarte e o consumo do humano pelo humano? Acaso não é assim que a falta de consenso (que resulta da incapacidade dialogal) em torno do bom senso conduz ao desumano? Enquanto entre nós imperar o separatismo estaremos divididos até a alma: o certo x errado, sua verdade x a minha. Quando não há possibilidade de consenso ou no mínimo a aceitação de que somos diferentes não há como evoluirmos rumo ao Bom e ao Belo e, portanto, rumo ao cuidar como cura.

Penso ser possível, em termos de cuidado, eticidade e humanidade, em sua radicalidade, afirmar: ou se é ou não se é, sem que exista “mais” ou “menos”. Mas será mesmo assim? Existe a possibilidade de uma ética (ou uma humanidade) “minha” ou “tua”? Tecê-la com opostos é possível e até necessário, mas como ficaria tecer com as antagonias? Se assim for, justifica-se uma ética utilitarista? Seriam, então, algumas pessoas mais humanas que outras? O que nos irmana, afinal, em nossa condição humana? E como esta condição – humana – se tece/é tecida entre nós? E, se considerarmos essa condição resultado de tessituras comunitárias e dialógicas, cultivo constante e permanente (e justamente por isso!), seria possível haver processos humanizadores sem que estes se fundamentem no cuidar?

3. A fim de aprender e ensinar um modo de ser que seja cuidador, requerem-se processos de formação desenvolvidos como práticas terapêuticas, que se fundamentam em princípios axiológicos. Tais princípios conduzem a conjuntos de valores tecidos/cultivados cujo interesse seja a evolução/o desenvolvimento do ser humano (e não de dogmas e doutrinas!) a partir dos quais seja possível o convívio de diferentes pessoas com vistas a um *telos* comum: aprender e ensinar um modo terapêutico (cuidador) de ser e de fazer que resulte em plenitude/dignidade de vida pela compreensão de um sentido existencial. Diante dessa constatação, que

contribuições o cuidar traz para a efetivação de tais práticas terapêuticas/curadoras? De qual cura estamos falando quando falamos em formação humana? O que significam e como são tecidas tessituras de cura em e entre nós?

De forma sistematizada objetivo, nesta reflexão, investigar como a compreensão de um conceito prático, vital, transversal e axiológico – Cuidar – em suas interfaces, se relaciona, na formação humana, em tessituras de cura e, para isso, proponho pesquisar o conceito Cuidar bibliograficamente; analisar como o conceito cuidar se relaciona, na formação humana, em tessituras de cura; compreender repercussões do cuidar em tessituras de práticas terapêuticas/cuidadoras/curadoras a fim de (re)afirmar a cura como processo terapêutico no desenvolvimento da humanidade no ser humano.

A temática de que me ocupo tem um significado peculiar para mim, o que ficará perceptível ao longo do desenvolvimento desta escrita. Ocupar-me dela ao longo da graduação, do mestrado e, agora, do doutorado, tem sido não somente uma possibilidade de conhecimento, mas, primeiramente, de autoconhecimento e reconhecimento. Nesse sentido, tem sido possibilidade de cura para mim como mulher, filha, irmã, professora, esposa, mãe, terapeuta, poeta e, também, como pesquisadora. Importa dizer, ainda, que busco retratar isso na escrita que ora chega às mãos de vocês.

Nesta pesquisa proponho refletir dialogicamente sobre os sentidos do Cuidar na formação humana, com vistas à promoção da unidade da vida. Considero que, para que a cura e o cuidado sejam experienciados, precisa-se de práticas terapêuticas, em que se aprenda e ensine um jeito de ser, qual seja, cuidar. Para tal, é preciso que se compreenda o sentido desse conceito e, igualmente, pessoas que se disponham a vivenciá-lo em seu fazer e conviver o que remete, por sua vez, à compreensão dessa prática. Ao usar os termos cura e cuidado busco ressaltar a dimensão ôntico-ontológica⁷ do cuidar: à medida que o cuidado é experienciado, a cura é tecida/cultivada em cada um e cada uma de nós.

⁷ Recorre-se a Antiseri e Reale no esclarecimento dos termos ôntico e ontológico: “Para Gianni Vattimo o termo ‘ôntico’ constitui com ‘ontológico’ um par de conceitos paralelo a existêntivo-existencial, mesmo que os significados não se sobreponham completamente. Ôntica é toda consideração, teórica ou prática, do ente que para nas características do ente como tal, sem colocar em questão seu ser; ontológica, ao contrário, é a consideração do ser que focaliza o ser do ente”. Para Heidegger: “a “descrição do ente intramundano” é ôntica; a “interpretação do ser deste ente” é ontológica. Procurando ser ainda mais claros: a descrição dos objetos efetuada, por

Considerando que, na formação humana, as práticas precisam estar fundamentadas em princípios de cuidado, busco compreender o sentido do cuidar a partir do termo *Sorge*, apresentado pelo teólogo e filósofo Martin Heidegger⁸ (1889-1976) em *Ser e Tempo* (1927). Conforme Antiseri e Reale⁹, Heidegger é considerado o maior representante do movimento existencialista e pensador seminal na hermenêutica filosófica. Fui apresentada ao seu pensamento durante a graduação em Filosofia e talvez soe estranho o que vou afirmar agora, mas preciso dizê-lo: a impressão que tenho é de que não fui eu quem escolheu Heidegger e seu pensamento para fundamentar minhas reflexões e diálogos. A impressão que tenho é ter sido escolhida pela força de seu pensamento, no estranhamento do substantivo verbal *DASEIN*: no eco que tal força encontrou em meu ser existenciário e na minha busca pela compreensão de um sentido existencial. Cabe dizer, ainda, que meu encontro com seu pensamento se deu de forma marginal: uma nota de rodapé, no estudo de um texto, no primeiro semestre de graduação, na disciplina de bioética.

No desenvolvimento desta pesquisa, minha sincera esperança é de que as reflexões que aqui trago possam contribuir em tessituras de cura e de cuidado nas vias em que a formação humana estiver sendo pautada: vias em que o ser humano esteja sendo considerado em seu modo de ser-humano. Considero que, a partir de necessidades sentidas e compreendidas, surgem possibilidades de respostas e de relacionamentos que são vias de formação e de transformação (sim, considero que não há formação sem transformação, pois toda formação já é, em si, processo de transformação); nesse sentido, o cuidar nasce e se fundamenta como resposta com vistas à plenitude/dignidade de vida, ou seja, com vistas ao ser humano em seu modo de ser-humano.

E então... é preciso dar um tempo pra colocar os pensamentos no papel o que, no meu caso, se assemelha a desfiar sentimentos em cordel. Interessante observar a pertinência de abordar a questão do cuidar na atual confluência mundial. Depois de eu estar a alguns anos refletindo essa temática, a escrita desta tese se sincroniza, em 2020-2022, com a pandemia do corona vírus – covid19, agora

exemplo, pela ciência é uma descrição ôntica; o discurso sobre o sentido da realidade e da própria ciência é questão ontológica”. ANTISERI, D; REALE, G. **História da Filosofia**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2008. v. 6. p. 206.

⁸ Embora seja comum Heidegger ser apresentado como filósofo, cabe dizer, especialmente nas relações traçadas nesta escrita, que ele estudou Teologia em Freiburg optando, posteriormente, pelo estudo da Filosofia, na mesma universidade.

⁹ ANTISERI; REALE, 2008, p.201.

considerada endêmica e que nos obrigou a, de forma pessoal e coletiva, refletirmos sobre o modo como conduzimos a existência. De repente o medo espreitou nossos corpos, nossas casas e invade nossa alma, assombrando pensamentos e sentimentos: decretos de distanciamento e isolamento social, de certa forma, nos obrigaram a um reposicionamento existencial e existencial, evidenciando que a forma como cada um e cada uma se posiciona afeta a totalidade, sob a percepção de sermos unidade.

O tempo atual é, então, uma oportunidade de avaliarmos como estamos conduzindo a própria existência e responder às perguntas: Estou, de fato, cuidando de mim, de quem comigo é, do ambiente em que posso ser? Como cuido? E, então, nos reposicionarmos, rumo ao chamamento ôntico-ontológico do ser humano respondendo: como devo e posso cuidar, a começar por mim? O que significa, afinal, cuidar? Torna-se interessante, ainda, observar que, em eventos assim, o vocabulário está repleto de termos relacionados ao cuidar que se repetem como repertório em preces, poemas, canções; bênçãos e meditações; conselhos e prescrições; orientações e orações, estudos e reflexões. De repente a palavra de cada dia, de forma repetida e insistente é... cuidar!

Isso faz surgir uma questão: talvez hoje, como nunca nas últimas décadas, seja fundamental e urgente refletir sobre cura e cuidado; qual seu sentido e fundamentos? De forma até irônica, é preciso fazer isso olhando para as pessoas mais frágeis entre nós; pessoas que, apesar de sua vulnerabilidade, representam uma incrível fortaleza, verdadeira fonte de sabedorias: as pessoas idosas e as fragilizadas, consideradas desvalidas em sua arte de cuidar. É preciso fazer isso, também olhando para os “serviços essenciais” em sua importância e nas fragilidades de quem está “na linha de frente” no combate ao “inimigo comum”. É preciso fazer isso olhando para quem produz o alimento e a matéria prima para suprir as necessidades mais básicas que temos para sobreviver.

São justamente essas pessoas, com seus saberes, fazeres e afazeres, a partir de práticas nem sempre reconhecidas, que refletem compreensões da complexidade existencial e mostram, em formas simples de ser: com-viver é simplesmente cuidar. É preciso fazer isso, também, olhando para quem serve de suporte às pessoas mais fragilizadas para que o caos não se instale no seio das famílias e das comunidades: quem são as lideranças que mantêm acesa a

esperança como se fosse uma chama a arder nos corações? Que se recusam a desistir, persistindo na arte de cuidar e se fazem resiliência forjada a ferro e fogo? Quem são os cuidadores e as cuidadoras? O que as orienta em seu cuidar?

Por fim (mas não por último), é preciso fazer isso olhando para si com atenta criteriosidade acerca dos valores que direcionam o próprio agir. Refletir sobre o cuidar, em tempos de pandemia mostrou-se, também, oportunidade de autoconhecimento e reconhecimento face à possibilidade da própria finitude que, não raro, remete a crises. É preciso, então, também aproveitar a crise e olhar para si na busca por compreensões de sentidos: aprender e ensinar que cuidar é o sentido existencial que nos marca como humanos; cultivar a humanidade que nos faz vivenciar perdão, aceitação, respeito, tolerância e empatia na tessitura de harmonias que configuram tessituras de cura; reconhecer, também, que há tessituras que nada mais são do que cerziduras e, ainda assim, carregam a marca da cura e do cuidado. É preciso fazer isso escolhendo o Bom e fazendo o Belo, no cotidiano da existência, no lugar junto a quem somos, sem nos exirmos de responder (o que equivale a cumprir o *dever-ser* na escolha do *poder-ser*) e compreender: conviver é simplesmente cuidar.

Apresento a temática distribuída em quatro capítulos: no capítulo inicial - Entre a ética e o cuidado: caminhos para uma hermenêutica do cuidar? – apresento o contexto em que a reflexão e escrita se dão; no segundo – Entre o cuidar e o Cuidado: tessituras de um modo humano de ser? – promovo uma aproximação com o conceito cura, apresentado por Heidegger em *Ser e Tempo*, traçando relações com a formação humana; no terceiro - O ser humano como *Homo curans*¹⁰ - aprofundo relações do pensamento de Heidegger com o *dasein*, a cura e o cuidar e, ao final – Alinhavos em busca de Pastorais do cuidar: relações possíveis na interface saúde/espiritualidade¹¹ – busco vislumbrar vias de perspectivas rumo à tessitura de Pastorais do Cuidar sob a perspectiva da Graça de Deus. No início de cada capítulo há a inscrição de uma epígrafe, uma composição em metria, de minha

¹⁰ Até esta escrita, desde que comecei a escrever sobre essa temática, usei a grafia “Homo Cura” sem perceber que estava equivocada. Doravante, passo a usar a grafia correta, *homo curans* destacando que ele não é algo criado por mim e já aparece na seguinte obra, publicada em 2013: HAMILTON, John T. **Security**: Politics, humanity, and the philology of care. Princeton University Press, 2016.

¹¹ Trabalhar a interface saúde/espiritualidade requer empenhos não só por compreender conceitos como saúde e espiritualidade, mas, também, em que consiste a diferença entre prevenção da doença e promoção da saúde, o que se dá, nesta reflexão, sob as vias da Naturopatia.

autoria e que traduz, em forma de poema, o que naquele capítulo busco desenvolver.

A pesquisa é de caráter qualitativo por entender-se que a abordagem qualitativa transcende a quantificação e a objetivação ao focar na interdependência, relacionando sujeito e objeto, mantendo, portanto, a ideia de unidade. O objetivo da pesquisa qualitativa é, conforme Chizzotti¹², “provocar o esclarecimento de uma situação por uma tomada de consciência pelos próprios pesquisados dos seus problemas e das condições que os geram, a fim de elaborar os meios e estratégias de resolvê-los”. A pesquisa pode, eventualmente, contribuir com informações que promovam reflexão e diálogo no sentido de compreender, identificar, reconhecer e tecer possibilidades para relações terapêuticas/tessituras de cura, práticas humanizadoras – de cura e de cuidado – no seio de diferentes comunidades.

No desenvolvimento desta pesquisa, propõe-se a metodologia hermenêutica e autonarrativa¹³, considerando que relações humanas não acontecem se não forem tecidas, mas, para serem tecidas, requer-se compreensão de sentido existencial e tessitura de sentidos existenciários. Isso implica em dialogicidade como um movimento dinâmico, força motriz da existencialidade do ser humano como ser cuidador, de cura e de cuidado. Nesse processo, complexo, é preciso que se compreenda a interdependência entre o todo e as partes e destas entre si, o que é possível quando se convencia o cuidar, pois, então, é possível ensinar e aprender que nada permanece inalterado para sempre e que a convivência com vistas à cura é tecida somente através do diálogo terapêutico.

Para que o cuidar seja considerado fundamento, em processos de humanização, requer-se postura dialogal como relação de interdependência, tecida no reconhecimento de si e da outridade, na fala e escuta entre diferenças para compor-se harmonias; eis o que busco, ao apresentar esta reflexão. Cuidar é justamente o empenho por promover a unidade da vida ali onde há reducionismos e fragmentações. Desenvolver a temática dessa forma requer o reconhecimento do

¹² CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001, p.104

¹³ Embora a autonarrativa ainda não seja algo comum no meio acadêmico, já é considerado uma metodologia em que a exploração do tema se dá num terreno em que um mergulho pessoal e subjetivo busca traduzir-se em um discursividade objetiva. No item 2.6 abordo essa questão em sua especificidade.

ser humano como ser de cura e de cuidado, o que implica no reconhecimento de uma dimensão espiritual no ser humano em seu modo de ser-humano.

Quanto aos meios, no desenvolvimento desta pesquisa, propõe-se pesquisa bibliográfica: abordagens para compreensão de um conceito prático e vital, considerado axiológico – Cuidar – relacionando-o, na formação humana, em tessituras de cura a fim de poder (re)afirmar a cura como processo terapêutico no desenvolvimento da humanidade no ser humano.

Cabe dizer que esta escrita, tecida a partir de reflexões, de práticas, de leituras e de conversas, é escrita feminina, com suas particularidades, na busca por retratar um jeito de ser e de com-viver que se fundamenta no cuidar; além disso, penso que não se possa dizer ser ela uma escrita linear, mas concêntrica, o que há de ficar evidenciado a quem a lê de forma especial no primeiro e no último capítulo. É feminina porque sou mulher que se descobriu cuidadora no movimento do cuidar sendo que os exemplos e referências que nesta escrita trago retrata um jeito de cuidar e de conviver caracteristicamente feminino. É feminina porque carrega, em suas linhas, experiências e vivências partilhadas pelas muitas mulheres¹⁴ com quem convivo, com quem partilho confidências, com quem caminho de forma irmanada na arte curandeira de cuidar e de curar, com quem aprendo e ensino a viver sob a Graça. Sou mulher cuidadora, carrego no corpo e na alma marcas e cicatrizes de quem não consegue permanecer imune à dor e ao sofrimento e, como repetidamente enfatizo, minha escrita parte da prática e a ela quer volver.

Nesta escrita, preciso argumentar em bases categoriais argumentativamente sólidas o suficiente para que sirvam de referência conceitual para a prática do cuidar, pois, afinal, a cura e o cuidado não são mera teoria, o que ficará evidenciado

¹⁴ AS MULHERES QUE ME SUPORTAM

Faz tempo que comigo vão... São elas que comigo andam, há tanto tempo que já nem me lembro. Não sei dizer, nem elas o sabem, quando nossa jornada conjunta iniciou. Apenas sabemos, porque o sentimos, que juntas palmilhamos o mesmo chão, que juntas comemos do mesmo pão.

Faz tempo que vou com elas, mais tempo ainda elas comigo vão. E, não fosse elas, talvez não pudesse, sequer soubesse que eu sou eu e quem elas são.

As mulheres que me suportam são meu suporte para cuidar e curar: comigo vêm e comigo vão em busca de abrigo em que se encontre guarida, à procura de um chão para tratar da ferida. Nos descaminhos em que nos cruzamos, nos forjamos filhas, irmãs e mães. Os trilhos tortos que nossos pés pisaram, se fazem veredas e alamedas em que há espaço pra chorar e rir, em muitos tempos para ir e vir.

Há um tempo, e sempre há tempo, para nelas se descobrir e descobrir-se elas. Mas há um tempo, e sempre o há, em que a descoberta de si opera outro despertar, em que o que importa é cuidar para (se) curar. É assim faz tempo, desde tempos imemoriais. É assim que andamos rumo a mananciais.

especialmente do segundo ao quarto capítulos. Assim, ressalto que, além de feminina, minha escrita é comunitária, como comunitário é o meu com-viver e meu com-vivenciar, assim como é comunitário o cuidado e o cuidar. Ela segue escrita na primeira pessoa, pois reflete experiências nos diferentes contextos em que fui aceita e integrada, com possibilidades para com-vivenciar: ser cuidada e, também, poder cuidar.

Escrever na primeira pessoa pode soar bastante estranho no mundo acadêmico, mas também na academia a vida se faz presente, a pulsar em cada pergunta que move uma pesquisa, em cada pessoa que enceta uma via de busca pela resolução de um problema. Talvez seja não muito fácil poder dizer quantas pesquisas, teses e dissertações retratam quem a escreveu ainda que, sem uma autoria, elas jamais pudessem listar no rol de trabalhos científicos concluídos com êxito. Então, por que o rosto de quem as conduziu precisa ficar encoberto, sob um manto de impessoalidade?

A forma de escrever comumente aceita como científica requer neutralidade e impessoalidade sob o discurso de credibilidade, mas a pergunta que faço, nesse sentido, parte do que vivencio: quanto de mim há no que desenvolvi academicamente sendo que as pesquisas que desenvolvi e os textos que escrevi retratam uma realidade da qual também eu faço parte? Creio ser possível afirmar, ainda, que não há como negar isso se olharmos com honesta sinceridade sobre grande parte dos trabalhos científicos apresentados nas universidades: quem é a pessoa que lançou a pergunta, que conduz a pesquisa e se esmera por chegar a uma resposta possível? Ou seja, também na academia a vida é tecida por diferentes pessoas que se encontram e se dispõem a tecer: ler, refletir, compreender, dialogar, ensinar, aprender...

Escrever na primeira pessoa é, assim, uma forma de desfazer a impessoalidade do “a gente”, evitando a frieza do formalismo, mas, sobretudo, de valorizar o cuidar ressaltando a postura cuidadora que é, necessariamente, uma resposta pessoal e processual. Enquanto a impessoalidade pode simplesmente remeter a estatísticas, a pessoalidade implica em perceber que o assunto me diz respeito, me interpela, exigindo uma resposta urgente e necessária, sem a qual sequer posso ser. A pessoalidade diz: essa história tem um rosto, um nome, um lugar, um tempo! A pessoalidade diz: “Hei, sou uma pessoa!” A pessoalidade evoca

e invoca dizendo: “Há tempo e espaço para a escuta e posso me narrar!” A personalidade afirma: “Também a academia é feita de pessoas!”

Isso posto, importa, ainda, dizer que falo do cuidar de forma terapêutica: a partir de um espaço bastante limitado, que é onde estou – até onde já cheguei – considerando que é preciso partir de algum lugar afinal, todo ponto de chegada é, também, ponto de partida, se aquilo que é considerado terapêutico e vital for considerado de forma radical. Este meu espaço de fala é, também, muito amplo, se considerar que, como profissional autônoma, não estou presa a sistemas e nem preciso responder a estruturas de instituições. Por outro lado, isso exige que dê conta, de forma responsável, de minha/nossa subsistência familiar, com suas peculiaridades e complexidades que quem me conhece, entende; sim, na rotina de meu dia-a-dia sou, também, cuidadora: meu esposo é portador de sofrimento mental (esquizofrenia¹⁵).

Permanecer ao lado de uma pessoa com esquizofrenia é decisão que não se toma de uma só vez. Leva realmente muito tempo compreender que o “se” não existe; leva tempo conseguir “fazer assepsia” (e tentar manter a individualidade entre as vidas implicadas); leva tempo aprender a compreender, até que “a ficha caia”¹⁶. Por vezes, as pessoas envolvidas permanecem sozinhas sendo que, não raro, uma delas acaba caindo em instituições e, não poucas vezes, algumas delas acabam permanecendo isoladas e até marginalizadas. No meu/nosso caso, levou cerca de

¹⁵ A esquizofrenia é um transtorno mental caracterizado por sintomas como alucinações, delírios, fobias, desconfianças, apatia entre outros sendo que, no Brasil, atinge cerca 1,6 milhão de pessoas, conforme dados da ABRE (Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Esquizofrenia). É dor invisível, nem sempre reconhecida como deficiência ou mesmo como doença (embora esteja entre as 15 principais causas de incapacidade no mundo) e afeta a pessoa em seus comportamentos, pensamentos e sentimentos; não tem cura e requer terapia medicamentosa e psicoterápica para que a pessoa que a apresenta possa levar uma vida “normal”. Cabe dizer que a medicação é um lastro de suporte fundamental, mas, no meu entendimento, o posicionamento diante desse transtorno é o mais importante para que o com-viver possa se dar em harmonia e o estigma que ainda hoje é sentido seja, aos poucos, desmistificado. Cabe dizer, ainda, que familiares de pessoas com esquizofrenia também precisam contar com recursos psicoterápicos a fim de poder ser suporte na busca e tessitura de caminhos alternativos de cura e de cuidado, pois, não raras vezes, quem convive ou cuida de familiares com esquizofrenia chega a perder a noção de também ela (que cuida) é pessoa. Tais caminhos são, ainda, vias para não esquecer de que também eu, que convivo com alguém diagnosticado com esquizofrenia, sou PESSOA e preciso aprender a cuidar de mim.

¹⁶ É realmente interessante perceber como a psicoterapia que respeita convicções de fé nos ajuda a evoluir a partir da percepção do elemento da Graça, sem ficar penando sob o peso de muitos “ses” (“se eu tivesse...”, “se tivesse sido assim ou assado...”, “se a gente tivesse...”, “mas, e se...”). Não obstante, esse processo é longo e, na verdade, penso que dura uma vida toda, pois sempre de novo é preciso afirmar que a esquizofrenia não é “culpa” ou responsabilidade de alguém: é o que é. Ponto. O que resta é reconhecer, compreender, respeitar e posicionar-se de forma a seguir, na percepção de que também eu sou pessoa que preciso e posso me cuidar.

dez anos até que o diagnóstico de meu esposo fosse “fechado” como esquizofrenia. Não obstante, levou ainda mais que dez anos até que eu começasse a não mais me sentir envergonhada, culpada ou com medo dessa condição que vivemos como família, pois minhas filhas e meu filho vivem a mesma condição: a esquizofrenia habita entre nós!¹⁷

Na verdade, sei pontuar, com exatidão, quando a tomada de consciência ocorreu, ao ouvir uma amiga confidente me dizer: “Lia, não é que ele não queira, ele simplesmente não consegue!” Foi como se o chão se abrisse sob meus pés, literalmente; acho que ela percebeu meu olhar abismado, calado e repetiu, mansamente: “ele simplesmente não consegue!”. Desde àquela hora, ao caminhar para casa, do local onde estava, percebi que a condição na qual nos encontrávamos não era culpa ou responsabilidade de alguém...simplesmente era o que era...ponto. Isso foi um divisor de águas para que eu buscasse não mais cair numa posição de vitimização e posicionar-me com vistas ao cuidar de tal forma a também eu me ver como pessoa. Não obstante, o sentimento de “vergonha”, de “culpa” e de “medo” por essa condição é algo com o qual preciso trabalhar, ainda hoje.

Por que isso está posto logo no início desta escrita? Para deixar explicitado que o que vocês me ouvem dizer, nesta escrita, parte da prática e a ela quer volver. Isso significa que esta reflexão e narrativa não são uma pesquisa de campo desenvolvida em algum lugar e com algumas pessoas sob um anonimato e uma neutralidade científica. O que aqui apresento carrega as marcas de alguém que foi desafiada a narrar o cuidar como tessitura de cura; ou seja, a minha pessoa, com o que vivencio no dia-a-dia tanto em minha vida pessoal como na profissional.

Eu preciso confessar: em meu cotidiano, às vezes, sinto-me como uma formiguinha, que suporta o peso da carga em até cem vezes mais que o peso de seu corpo. Ou, então, como uma ainda não bem compreendida força que, pelo cuidar, entre o humano e o sagrado, busca ser cura, ser cuidadora, numa reflexão que transcende o aqui e o agora e mostra confluências entre presente, futuro e

¹⁷ Esse sentimento de “culpa” que assalta sem justificativa é algo que percebi ser comum também em mulheres que passam por relacionamentos abusivos como esposas de alcoólatras, por exemplo. Parece que, de alguma forma, nós nos imputamos uma “culpa” assumindo responsabilidades sob um pensamento tão equivocado que, às vezes, nem mesmo com auxílio terapêutico conseguimos compreender. E também diante dessa limitação é preciso aprender (e ensinar) um jeito de persistir a sonhar e caminhar sem desistir de si e da outra pessoa e então, mais uma vez, o elemento da Graça se revela como o elemento capaz de barrar a desgraça.

passado; não obstante, não é essa a condição de cada um e cada uma de nós em seu ser? Preciso, ainda, dizer: o suporte de pessoas que cuidam de mim é que me habilita a persistir no cuidar; são diferentes rostos e mãos, cada qual com seu jeito e sua forma de cuidar que me fortalecem. Ou seja, ao ser cuidada, aprendo a cuidar.

Este espaço é, então, também lugar de cala e de silêncios: alguns foram e são impostos, outros simplesmente se dão como sinal de reflexão e busca ou, ainda, de inconformidade e indignação. Esse espaço é onde passei a também eu me ver como pessoa: com necessidades, imperfeições, potencialidades, incompreensões, feridas e cicatrizes que são marca de quem se põe a caminho como ser errante, em busca de cura. Neste(s) espaço(s), sinto que não caibo em baias de “ismos”, nem posso me deixar rotular por tarjas de “istas”. Sou cuidadora, é o que me basta, por hora, em minha função humanizadora; função esta que não consigo desenvolver sozinha, mas somente junto a quem comigo é e com quem posso, também eu, ser. Ou seja, à medida que cuido sou também eu cuidada e assim se efetiva, entre nós, o cuidar como tessitura de cura.

2 ENTRE A ÉTICA E O CUIDADO: CAMINHOS PARA UMA HERMENÊUTICA DO CUIDAR?

*Confinando o espaço
Alargou-se, por fim, nosso passo
Ao ouvir falar o que não se ousava dizer
Pode-se dizer aquilo que não se queria ver:
E, estranhamente, vimos o que não poderia ser.
Se o que é não pode senão simplesmente ser
Como se o pode, então, compreender?
Ao intuir o que não se conseguia entender
Pode-se entender aquilo que não se podia perceber:
E, estranhamente, percebemos o que poderia ser.
Se o que é não pode senão de fato ser
Como se o pode, então, compreender?*

Neste primeiro capítulo, busco situar vocês no contexto em que esta minha reflexão e narrativa são gestadas. Considerando-se o tipo de escrita que estou desenvolvendo bem como o fato de que cada reflexão e escrita carregam suas distinções e, ainda, por uma questão de respeito a quem me lê, penso ser importante, inicialmente, dizer que a escolha dessa temática – o cuidar – se dá motivada a partir de diferentes experiências de minha atividade profissional, em que me ocupo de fazeres em duas grandes áreas que implicam em cuidado como formação humana:

- a) Na área da educação, a partir de minha prática docente (iniciada em 1980) e posterior formação no curso Normal e em Filosofia, tendo atuado como professora de séries iniciais sou, atualmente, alfabetizadora musical num contexto bem específico: comunidades da IECLB no Sínodo Uruguai e, mais especificamente, no Núcleo das Águas¹⁸. Trabalho com a arte da iniciação musical em comunidades protestantes pelas barrancas do Rio Uruguai nos estados do RS e SC e, também, de forma particular (em parcerias tecidas com a ACA – Associação Cultural Atena, EEEFAP – Escola Estadual de Ensino Fundamental Afonso Pena e Centro Cultural 25 de Julho - Etnia Alemã) pelo Projeto Cultural MusiKantiga, em Frederico Westphalen - RS, sendo que, neste, me ocupo, prioritariamente, com crianças, jovens e adultos com dificuldades existenciais(!). Uso o termo dificuldades existenciais, sob a compreensão de que

¹⁸ Esse trabalho conta com aporte financeiro da Paróquia Evangélica de Palmitos e, também, da AEBM - Associação Evangélica Beneficente de Mondaí, ambos no âmbito da IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, na especificidade do Sínodo Uruguai.

há distintas limitações no ser humano e nem sempre estas podem ou devem ser consideradas meramente limitações e, menos ainda, sob uma especificidade mental, emocional ou física. As pessoas que procuram minha assessoria sabem e sentem que meu trabalho é diferenciado para com pessoas que apresentam alguma forma de “limitação”. Nessa área sou, então, cuidadora, professora e artista, sob a compreensão de que arte é resposta terapêutica que nós, como seres humanos, podemos dar para aquilo que não pode ou não deve ser esquecido entre nós, na promoção do Bom e do Belo; ou seja, na arte de aprender e ensinar a cuidar. Conforme Mendonça, artistas são vigias do “exército da liberdade” e sua função principal é despertar as pessoas de “hábitos automatizados e da visão rotineira de tudo”.¹⁹ A arte pode ser considerada, sob essa compreensão, uma forma de como aprendemos e ensinamos a cuidar e, cuidando, nos curamos. Nas aulas de flauta doce, canto ou violão, busco estimular a imaginação, auxiliar no desenvolvimento emocional e harmonizar ansiedades e sonhos/aspirações a partir de três aspectos: 1) o (re)conhecimento de potencialidades e limitações, 2) a aceitação de si e do outro/da outra sob o viés do respeito, do perdão e da gratidão e 3) a promoção de confiança em si e no devir, o que simboliza uma dança de esperança. Nessa área, o trabalho é desenvolvido de forma terapêutica, com vistas ao desenvolvimento pessoal e à integração comunitária, pois acredito que a música imprime padrões de sentimento, de pensamento e de condução existencial; ela é, portanto, uma ferramenta de humanização - de cura e de cuidado;

- b) Na área da saúde, pela minha formação em Naturopatia, presto assessoria com vistas à promoção da saúde em atendimentos individuais, encontros dialógicos de assessoria/formação e escritas de cuidado. Nisso, meu trabalho consiste em aprender e ensinar a cuidar da saúde sendo, por isso, também processo de humanização - de cura e de cuidado. Nessa área, o trabalho se desenvolve terapeuticamente relembrando sabedorias antigas, especialmente artes femininas, num esforço por contextualizá-las e impedir seu esquecimento quando o assunto é cuidar da vida pela promoção da saúde numa região em que, atualmente, o consumo de agrotóxicos é considerado extremamente alto e

¹⁹ MENDONÇA, Eduardo Prado de. **O mundo precisa de filosofia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1978. p. 126.

em comunidades em que o sofrimento mental é realidade em grande parte dos lares de famílias luteranas.

É na interseção entre saúde e educação - sob a perspectiva de que a formação humana se dá com vistas ao cuidado rumo à plenitude de vida - que tenho me perguntado pelo sentido e significado do cuidar, pela importância de uma hermenêutica do cuidar e, talvez, pela possibilidade de ser ele – o cuidar – a fundamentação de um paradigma holístico, caracterizado pela interdependência, relacionalidade e complementaridade, na superação de outro, caracterizado pela dicotomia e reducionismo. Acima de tudo, no entanto, está a pergunta pelo cuidar em si, sua possibilidade a partir do ser humano que por ele se decide a ser-humano. Esta escrita é, portanto, uma escrita entretecida em muitas vias, como segue.

2.1 ESCRITA EM VIAS MARGINAIS

Minha atuação e escrita são caracterizadamente marginais: brotam e crescem à margem de alguns sistemas em que o sagrado e o humano parecem não ter muita importância; na verdade, até mesmo e muitas vezes, parecem estarem colocado um em oposição ao outro ou em extremos opostos de uma mesma realidade. Foi também na margem, em uma nota de rodapé, que encontrei o filósofo que apresenta o conceito de cura e de cuidado que fundamenta minha reflexão. Nessa margem, que também eu habito, não se leva em consideração a dicotomia entre sagrado e humano, pois o que importa é sobreviver, ainda que em dureza e cruzeza, na fazedura de uma rara beleza: a do conviver como cura, como cuidado! Arte difícil essa, em que é preciso exercitar-se cotidianamente de forma sempre inusitada. Não obstante, convém dizer: diante das cruzezas da vida, procuro sempre lembrar: “a margem também é um lugar! Também ali se pode e se deve cuidar! Também ali há tempo e espaço para curar!”

Importa dizer que quando falo em margem, nesta reflexão, não estou me referindo a um conceito acadêmico e sim ao espaço em que, de alguma forma e por muitas vias, me foi dado conviver. Num primeiro momento, a margem foi o espaço que, como esposa de uma pessoa em sofrimento mental e como mãe, tive para aproveitar ou cunhar brechas a fim de manter nossa dignidade como pessoas e como família. A esquizofrenia, ainda hoje, é um estigma que a sociedade não

consegue “digerir” e pessoas em sofrimento mental ainda são estigmatizadas sendo que, quando vivem em família, esta sofre, também, o mesmo preconceito.

Percebo algo semelhante ocorrer também com famílias de pessoas com outras dificuldades existenciais, as ditas “crianças especiais” como alunos autistas que por mim passam e passaram, por exemplo. A condição dessas pessoas e de sua família pode até causar comoção, mas é, via de regra, vista como “problema” e “deficiência”, “anormalidades” cada vez mais visíveis entre nós, especialmente se considerarmos que há alguns anos tais pessoas eram escondidas das vistas da sociedade ou ficavam reclusas em instituições.

Sim, é, na verdade, nada fácil conviver com pessoas em sofrimento mental e para nós não é diferente; nem em todos os ambientes essas pessoas se sentem bem e podem, de alguma forma, participar e para nós, que com elas convivemos, o corpo sente as dores tensionais que não são poucas. Então o que sobra é a margem... onde se pode, de alguma forma, forjar um lugar e tecer o cuidar, urgente e necessário como tessitura de cura.

A margem foi também o lugar em que estudei, aprendi e desenvolvi a prática de cuidar da saúde com recursos da Naturopatia. Essa formação técnica ainda encontra resistência pelas vias legais e a prática não era reconhecida no estado do RS até 1998. Ou seja, ainda que quisesse, não me era fornecido alvará de licença para atuar nessa área e meu trabalho era desenvolvido na informalidade, sob o manto de movimentos sindicais e de pastorais em comunidades religiosas metodistas e católicas na região do Médio Alto Uruguai. Foi em Constantina, a partir de um empenho pessoal de duas pessoas públicas que experimentaram o resultado de meu cuidar pela Naturopatia, que obtive o registro junto à FEPLAM - Fundação Padre Landel de Moura tornando-me a primeira Naturoterapeuta habilitada no estado do RS abrindo, assim, as portas para o registro de outras pessoas que, como eu, operava quase que na clandestinidade sofrendo, inclusive, abordagens e pressões de órgãos públicos sob a alegação de exercício ilegal de medicina ou charlatanismo.

Sim, a margem de que falo é onde me descobri pessoa a partir de outras pessoas que promovem inclusão e integração pelo cuidar: onde a estrutura e o sistema não tinham lugar, pessoas compromissadas com uma causa maior abriam espaços, oportunizando abrigo e direção na celebração da Esperança; e esta, aos

poucos, se transmutou em confiança, tessitura de cura. Abraçar a vida em sua integralidade implica em incluir, aí, a margem e isso sói estranhamente, pois parece ser o que a dinâmica da existência em seu movimento dialético possibilita pela subsumição. Não obstante, no terceiro movimento da tríade dialética já se inicia, novamente, o primeiro e assim sucessivamente; dessa forma, a margem será sempre uma realidade, um fato inegável e, paradoxalmente, sempre novo, nunca igual.

É na margem que se condensa o que o sistema (ainda) não reconheceu e, como erosão, para lá varreu. É na margem que se concentra uma cultura diferente e que se faz, teimosamente, persistentemente, sempre marginal. É pra margem que se empurra o que e quem é rejeitado, é nela que se encontra aquilo que foi e é enjeitado. É na margem que está o que e quem (ainda) não foi incorporado, aceito, incluído, integrado. É na margem que se concentra o que e quem o sistema não quis ou não pode contar como valor reconhecido. Não obstante, é também na margem que floresce uma estranha forma de resistência: a resiliência²⁰. É ali que reside a pungência, pois, precisamente na margem, há necessidade de sonhar o ausente a fim de projetar o futuro e viver o presente, tantas vezes repleto de ausências.

Nela – na margem – aprende-se a esperar para resilienciar. Então, talvez (e só talvez!) a verdadeira força reside justamente na margem, onde não se é arrastado pela correnteza do sistema que, facilmente, transforma pessoas em massa de manobra, mas onde se precisa, necessariamente, des-cobrir e desvelar-se uma forma de ser e de com-viver que implica em cuidar a fim de poder humanizar. A margem de que falo é, pois, o espaço em que é possível (re)conhecer-se pessoa entre outras pessoas na busca por uma unidade comum que nos permita cuidar e, também, experienciar o cuidado de outras pessoas por nós. A margem de que falo é onde se descobre que a vida esta além do sistema!

Eu poderia elencar várias culturas marginais, onde a vida é entre-tecida não em pedestais, não em ruas ou passarelas, mas em (des)caminhos, em picadas e em

²⁰ Meu irmão caçula, em uma conversa, me trouxe a percepção da resiliência a partir de um exemplo: disse que se uma floresta queima até restarem somente cinzas, isso não significa o fim da floresta. Depois de algum tempo ela começa a se refazer a partir das sementes que permaneceram “vivas” apesar do fogo, sob grossas camadas de cinza e de húmus. O ressurgir da floresta queimada, de outra forma, é o que ele, engenheiro elétrico, entende por resiliência. No humano - *húmus* - a resiliência é, pois, aquela capacidade de poder-ser novamente, de forma renovada, diferente do que era e do que foi, mas poder-ser a partir do que essencialmente se mantém vivo em seu ser.

vielas, em clareiras e ruelas, pois não se lhes permite avançar rumo ao centro. São empurradas ou mantidas à margem, mais e mais (pois podem ser perigosas, com seu ideal alternativo, seu discurso de cunho participativo, seu pensamento inclusivo, sua compreensão de sentido, sua reflexão inquiridora, seu gesto integrador, seu tom perturbador, tão profundamente curador).

Não obstante, prefiro deixar em aberto a que se refere a cultura marginal: pode ser a pessoa pobre desprovida de trabalho, casa e pão; pode ser a pessoa adoecida e abandonada, pelo sistema, à sua própria sorte e destino; pode ser a pessoa em sofrimento (físico/mental/emocional), despida de sua dignidade na (im)possibilidade de reconhecimento e abusada em seu poder-ser mais genuíno; pode ser a criança sem esperança de um futuro onde a justiça lhe seja realidade; pode ser a mulher escravizada, violada em seu direito de ser companheira, a guardiã estigmatizada; pode ser a pastoral subjugada, o movimento social desarticulado, o guardião desacreditado; pode ser a extensão universitária, minimizada em seu grau de importância no tripé ensino-pesquisa-extensão; pode ser o ser humano considerado somente a partir de sua deficiência, sua lacunaridade, sua anormalidade²¹; pode ser, de forma ampla e irrestrita, a vida, quando despida de dignidade e não reconhecida como unidade em sua possibilidade de ser.

Há tantas formas de cultura marginal entre nós... basta olhar e querer ver, para enxergar e perceber. A abertura deixada permite, assim, que a presente reflexão sirva de desafio a que se procure dignificar a vida precisamente na (e também a partir da) cultura marginal. Num processo dialético, a negação de margens e seu não reconhecimento podem conduzir ao seu esquecimento e aniquilamento, pois, ainda que lhe seja imperativo o diálogo com marginais, pode não o ser sua inclusão e fusão. Num processo hermenêutico, no entanto, creio que extremos compreendidos e assumidos, devidamente reconhecidos, é que possibilita avançar, um passo de cada vez, rumo à plenificação da vida nunca acabada, sempre renovada. Não obstante, essa não é uma partida ganha: é um processo constante e sem fim; não se esgota em si e muito menos em mim, na verdade, pois (re)começa... sempre de novo.

²¹ O que pode conduzir a um círculo vicioso de vitimização e assistencialismo institucionalizado alimentado pela competição de quem é mais doente e deficiente.

Recentemente, no auge da pandemia, ouvi alguém dizer, em tom desesperançado: “Não há mais margens!” Fiquei profundamente impactada, pois conheço a pessoa que a proferiu, ela pertence ao meu círculo de convívios. Então ficou a pergunta, ecoando de forma retumbante: se não mais é possível perceber, sentir, ouvir e ver a margem, não é assim que a própria Esperança se encontra ameaçada? Também recentemente ouvi, de outra pessoa, um retumbante “Sinto-me vazio de sentido: sem sonhos, sem expectativas, sem fé; uma estranha calma me concede paz, mas me joga de volta ao vazio que com nada consigo preencher!” Também essa pessoa eu conheço bem. Sei que não sofre carências afetivas ou materiais e, no entanto, existencialmente, é perpassada por um vazio que não consegue compreender, sequer preencher. O vazio de sentido... será este o ponto a partir do qual se precisa cuidar? E não vivem ambas as pessoas acima referenciadas em margens opostas à procura de cuidado e de cura?

É interessante observar que a margem abriga as diferenças e as valoriza. Não sei ao certo explicar o porquê. É como se, quando se chega à margem, de alguma forma se encontra acolhida e guardada entre quem ali já está. É como se a dor da marginalidade outrora sofrida se tornasse substrato para acolhimento a quem se encontra em sofrimento. É como se a indiferença na margem não possa se dar; é preciso se importar: olhar e ver para acolher; ouvir para escutar; falar para compreender; conversar para poder ser. Chega a ser duro admitir a dor como resultado do descuido humano, pois o que promove exclusão, divisão, opressão e alienação não pode ser classificado como cuidado. Nesse sentido, o cuidar opera como cura, como um mistério que permite entrever respostas na compreensão de qual é a condição humana que nos irmana e, a partir disso, se fazer sentir como força afirmativa de vida digna pelo respeito, empatia, solidariedade e compaixão.

Quando na margem se dá o cuidar, dá-se, também, tempo e espaço para o narrar. Quando na margem se experiencia o cuidar, a resposta pode ser o narrar-se como tessitura de cura num modo humano de ser; ou seja, narrar-se é assumir a responsabilidade de cuidar(-se). Na margem há que se poder perceber: o ser humano não é objeto, não pode ser transformado em dejetos. Sim, o narrar a si pode configurar tessitura de cura, na significação de sentido das vidas precarizadas e à margem empurradas. É como se o direito à diferença, na margem tenha lugar. Narrar-se configura espaço e tempo em que alguém se permite falar e dizer a partir

de sua vivência, daquilo que carrega como experiência, mas haverá diferença entre falar e dizer? Para Heidegger, “o falar humano é um dizer. Nem todo dizer é um falar, mas todo falar é um dizer, mesmo o falar “insignificante”²². Falar é sempre sonoro, mas eu também posso dizer algo sem som, silenciosamente.”

Nesse sentido, creio poder dizer que sim, talvez seja verdade, também, que espaços de cala e de silêncio possam ser espaços de cura e de cuidado, mas somente se não forem impostos à custa de medo e omissão. Ou seja, somente quando se configuram como espaços de escuta e de acolhida, pois ouvir implica em humildade, respeito à diferença: no escutar reside o despojamento da arrogância e do preconceito; escutar promove possibilidade de conciliação, integração, oportunidade de transformação e promoção da unidade que permite a diferença. Quando na margem se dá o cuidar, humano e sagrado confluem num modo de ser que insiste em persistir, que se recusa a desistir: a resistência se torna resiliência como modo de poder-ser.

Então... traçar caminhos ao invés de simplesmente trilhá-los se torna meta e destino; criar oportunidades ao invés de meramente espera-las torna o estranho, (re)conhecido. Afinal, a gentileza é medida sempre pelo Bem que se faz e não por aquilo que, entre nós, não se tece; a solidariedade é sentida pela integração proporcionada e não pela exclusão que, repetidamente, acontece; o amor e a paz são reais quando deixamos o sonho fluir permitindo a esperança renascer, pois o que, de fato, faz diferença e a torna valor, é ter coragem de com-versar, fazer algo e caminhar, mesmo correndo o risco de errar, olhar ao fundo o coração de um semblante e perceber, no horizonte, sua via pulsante.

A margem: será ela a terra do nunca ou, talvez, a terra do talvez? O que significa, para quem ocupa a margem, o “talvez”? E o que significa, para alguém que, subsistindo à margem do caminho, não mais a percebe como possibilidade de trilhar uma via? Estará essa pessoa destituída de sentido existencial? E como experimentar a força do vazio existencial sem a ele sucumbir? Importa referir-me a isso, pois que, aqui, falo como mulher que se ocupa de saberes e fazeres marginais em espaços marginais.

²² HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**. 3 ed. rev. São Paulo: Escuta, 2017. p. 107.

Na minha experiência, quando se habita a margem, chega um tempo em que a pergunta é se, na verdade, essa não é a realidade de muito mais pessoas do que se supõe. Quantas pessoas, ao se encontrarem na margem, fazem dela um lugar? E como pode se dar, na margem, tempo e espaço para cuidar? E a quem cabe, na margem, a tarefa de cuidar? E quem a assume, afinal? E como o cuidar pode conduzir o curar? E qual o sentido e significado da cura no existir à margem? Quantas vezes a incompreensão do cuidar gera exclusão? Quantas vezes a cuidadora exaurida chega às raias da pergunta “Quem cuida de quem cuida?”? E quando o cuidado foi conduzido de tal forma que gerou opressão e aniquilamento, houve, de fato, cuidar? Como re-significar a experiência do vazio se não a partir do cuidar em tessituras de cura?

Em resposta a essas perguntas é preciso que se diga: margens são também espaços férteis e, não raro, ali florescem sementes promotoras de boas novas. Convertem-se, assim, em espaços oportunos para reflexões e diálogos; constituem-se em tempos (e templos!) de trocas e compartilhamentos numa demonstração de resistência e/ou de resiliência. Serão de resistência, sempre que comum-unidades são forjadas a partir da ousadia de pessoas excluídas que, ao se reconhecerem pessoas, compartilham angústias, sonhos e “vazios”, tecendo vias para (se) curar, no cultivo da esperança. Serão de resiliência, sempre que tais pessoas, na descoberta de si e do outro/da outra como unidade, ousam tecer, em conjunto (comfiar) a esperança em novas significações e sentidos promovendo a cura em si, entre nós.

Sim, a margem também é lugar e nela se dá o cuidar! Então, olha e vê: a vida se tece, se faz em empenhos de graça: quando o horizonte em nós habita, a Paz se faz sempre infinita em passos de quem vai ao encontro; em mãos que se juntam, se enlaçam; na força de quem sabe que (re)unidos e reunidas, pode-se mais, pode-se melhor; quando se descobre que somente o cuidar é que oportuniza e perpetua o cuidar na resposta que somente o ser humano, ao ser-humano, pode dar. Minha escrita ocorre, sob esse ponto de vista, a partir de duas ocupações:

2.1.1 Alfabetização musical: revitalização de um fazer cuidador

A música, nas comunidades da região em que habito e trabalho, é um elemento ainda bastante deficitário, não obstante o legado luterano. Apesar de as comunidades protestantes terem sido pioneiras no ensino musical nesta região, essa área, hoje, encontra-se meio dormente passando, atualmente, por um processo de revitalização para o qual fui convidada sem que, pessoalmente, tenha formação específica na área musical (a não ser algumas poucas aulas semanais durante minha formação inicial em Diaconia, na CMD - Casa Matriz de Diaconisas, em São Leopoldo - RS). Ou seja, grande parte do que sei e do que ensino, na área da música, aprendi participando de grupos de jovens e grupos de estudo bíblico em que algumas pessoas ensinavam a outras o que sabiam e “a gente ia aprendendo”, meio aos trancos e barrancos, especialmente a partir do canto comunitário²³.

Nesse ofício, ensinar a “ler bolinhas nas linhas” é um processo lento que, não raro, encontra reservas, mas que se revela um recurso valioso quando o assunto é revitalizar o canto comunitário, o som do violino e da flauta doce, os acordes do violão formando equipes de canto, música e liturgia. Neste trabalho, percebo o quanto a questão da arte constitui uma lacuna na educação, nos moldes atuais em que, convencionalmente, é conduzida; percebo, ainda, os efeitos de sua presença (ou de sua ausência!), na vida das pessoas que participam desses projetos (especialmente mulheres, crianças e adolescentes em dificuldades existenciais) e o quanto é importante poder e saber aproveitar brechas possíveis nas comunidades de que participo.

No tempo em que comecei a escrever essas linhas vivíamos uma pandemia. Eis que nos encontrávamos, então, como famílias, reclusas aos nossos lares, “confinadas” sob força de decretos de isolamento social a fim de diminuir a onda de

²³ Canto Comunitário é uma forma de praticar o canto em grupo em comunidades da IECLB. É considerada uma atividade inclusiva, aberta a toda a comunidade, onde não se requer que a pessoa domine a leitura de partituras musicais e nem mesmo que consiga cantar de forma afinada. Todas as pessoas que se sentem à vontade para cantar podem participar. O canto comunitário é considerado uma das marcas da Reforma Luterana promovida por Martim Lutero em 1517; é um diferencial. Trata-se, na verdade, de um legado da Reforma Protestante e, ousado dizer, pode ser considerada uma característica luterana: se o Canto Gregoriano pode ser considerado uma marca da Igreja Católica, o Canto Comunitário é a grande marca protestante na área da música, pois, até então, o cantar era exclusividade do clero e dos homens. Com Lutero, o povo começa a cantar na igreja: a partir de melodias popularmente entoadas e com letras adaptadas, de cunho religioso, a música é colocada, pelo reformador, “na boca do povo” (sem distinção de homens, mulheres, pessoas idosas ou crianças) no seio da igreja.

contaminação pelo corona vírus – Covid 19: “Fique em casa!” – era a ordem estabelecida pelos órgãos governamentais. Diante disso, foi preciso desencantar a vontade para, mais uma vez, sonhar algo novo. Nesses dias, em que os projetos que coordeno foram monitorados e conduzidos à distância, pude perceber que a música desempenha um papel de alento nas famílias que deles participam, pois atua como agente integrador e de promoção da saúde rumo à plenitude de vida.

De repente, pode-se perceber, no isolamento de nossos lares, que a esperança precisa ser regada e nutrida com arte para que a convivência não se oxide e, então, a música - especialmente o canto - agiu promovendo a comunhão, o diálogo, o riso, a alegria, a catarse de emoções reprimidas, o cultivo de respeito, de perdão e tolerância na integração de gerações. De repente, velhas composições esquecidas – canções e melodias – adquiriram novo sentido e puderam ser (re)significadas. De repente, o assovio do avô foi percebido no neto, a gargalhada do pai lembrou o bisavô. De repente, do andar de cima, ao som do violão, surgiu nova inspiração. De repente, o jogo/ a brincadeira com filhos e filhas adolescentes se tornou a chave para compartilhar angústias e sonhos e pode-se perceber que, em conjunto, podemos mais, podemos melhor, sempre que nos dispomos a com-versar. De repente, trançar o cabelo da filha em seu despertar juvenil, configura prática de cuidar e de cuidado na tessitura de memórias de cura.

De repente, no meio da noite, a hora insone, em busca de harmonia, despertou rimas na escrita de uma nova poesia para que, assim, a vida se re-signifique em tons de contentamento e alforria. De repente, na máquina de costura herdada da avó saltou um belo tapete de retalhos para alegrar no chão da cozinha. De repente, memórias esquecidas se traduziram na alegoria de um conto que pode ser entoado, contado, compartilhado. De repente, viu-se o filho da vizinha ensinando a mãe a tocar violão e se descobriu, num vislumbre fractal, que o vizinho também toca um instrumento musical; percebeu-se, então, que cantar e musicar, seja sozinhos (se é que isso é possível!?) ou em conjunto é fator de cura e de cuidado. Assim, a pausa forçada pela pandemia foi palco para urgentes e necessárias re-significações em que a arte de cuidar colocou em evidência também saberes ancestrais, de cura e de cuidado, numa trama tecida de geração em geração: vias de tessitura entre nós.

2.1.2 Terapias naturais: revitalização de saberes ancestrais de cura e de cuidado pela Naturopatia

A arte de cuidar e de curar com saberes ancestrais me faz mulher curandeira, meio fada, meio bruxa, mas nada feiticeira; nem anjo, nem demônio, mas guardiã em clareiras; simplesmente Lia - aquela que gosta de poesia, a Ilíria que ainda lê e que, por muitos anos, trabalhou na clandestinidade; aquela que, ainda hoje, luta por reconhecimento em seus saberes e fazeres. A formação de que participei para atuar como Naturoterapeuta se deu sob a concepção cristã²⁴, a partir de uma visão geral das diferentes técnicas para posterior definição por uma ou duas áreas de atuação a partir de um senso identitário o que, no meu caso, se dá pelas vias da Homeopatia²⁵ e do acompanhamento psicoespiritual²⁶.

É possível afirmar que muitas das artes terapêuticas de que me ocupo passaram por um processo de descredenciamento, deslegitimação e marginalização até mesmo para posterior apropriação de corporações com fins de comercialização (!). Na região em que habito, o espaço de diferentes pastorais, outrora ativas, encontra-se olvidado e desarticulado, com pequenos núcleos ou iniciativas individuais a se ocuparem, ainda, de tais saberes. Muito ativas em comunidades rurais, mulheres que se ocupavam da arte de fazeduras como xaropes, destilados, multimisturas e tinturas encontram-se olvidadas em sua arte de cuidar e, por vezes, até estigmatizadas por seus saberes e fazeres “não científicos”.

Note-se que estou a falar de pastorais: ou seja, falo de uma prática de cuidar não a partir de uma formação acadêmica, mas de uma formação que se deu de geração a geração, em artes passadas de mão em mão e que algumas instituições

²⁴ A partir de conceitos filosóficos fundamentados em Sócrates (470-399 a.C.) e Hipócrates (460-370 a.C.) e conceitos práticos fundamentados em preceitos advindos da Igreja Adventista.

²⁵ A Homeopatia compreende uma abordagem naturolística, modelo de medicina energética desenvolvida por Samuel Hahnemann (1755-1843). Fundamentada em preceitos hipocráticos, é caracterizada como um estímulo energético positivo que atua no acesso à energia vital despertando o poder de cura de cada pessoa a partir do princípio “*similia similibus curantur*” - o semelhante cura o semelhante.

²⁶ Sob as vistas do socrático conceito de “Cuidar da alma” (ver o item 5.3.2 nesta escrita), esse acompanhamento consiste na prática de acolhimento e de escuta para que a pessoa consiga, sob as vias da dialogicidade, encetar um processo de autoconhecimento e de reconhecimento de suas limitações e potencialidades a fim de despertar para o cuidar de si. Não é uma prática prescritiva e a abordagem terapêutica a seguir é definida em conjunto e pode seguir vias diversas. Por vezes, opta-se pelo uso de Florais, Homeopatia, Fitoterapia ou Bio-ortomolecular; outras vezes, o caminho a seguir é a Massoterapia, Acupuntura, Reiki ou, ainda, vias de arte como o desenvolvimento de alguma atividade artística na área da Música, Escrita (contos e poemas ou aforismos), Pintura, Desenho, Tecelagem, Arte com fios e linhas.

(muitas das quais religiosas) buscavam preservar e promover, ainda que não tenham tido o devido reconhecimento por esse seu esforço. Há, na região, outras mulheres como eu. Eis-nos, então, apesar de “desconectadas” tentando, de uma ou outra forma e de múltiplas maneiras, nos mantermos ativas, ainda que não (re)unidas. É como se fôssemos andorinhas tentando nos juntar para migrar em busca de lugares ao sol, pois sabemos que elas (errantes como nós, seres mortais) voam em bando – a andorinhar (esperançar?! – por intuírem que, somente juntas, podem grandes distâncias percorrer e, assim, sobreviver.

Não obstante, se o estigma é sentido de forma real algo de curioso ocorreu durante a pandemia: nos dias de “reclusão” em nossas casas percebeu-se o quanto tais saberes ainda encontram “eco” na vida de pessoas na região em que habito e que, diante de uma ameaça global, recorreram às práticas e saberes de velhas mulheres curandeiras (e de homens raizeiros) que, destituídas de “poder”, ocupam-se desse cultivo e não sucumbiram ao pânico e à histeria da apregoada pandemia. Também percebo o quanto elas (ainda) são desacreditadas, diante das “evidências científicas”, por pessoas que apostam em apenas uma versão de verdade. Não obstante, elas - e também eu - compartilham saberes herdados de ancestrais que, de uma ou de outra forma, aperfeiçoamos e com os quais contribuímos na escrita de antigas receitas, repassadas e compartilhadas, para que sejam preservadas.

Durante o isolamento social, de repente, tornou-se interessante aprender e ensinar a cozinhar: temperar com simplicidade e servir a mesa com naturalidade. O tempero da mãe, passado de geração em geração, foi perpetuado como tradição e o feitio de formas assadas se fez com receitas herdadas do avô, enchendo a casa com aromas de cravo, canela e baunilha enquanto alguém, num canto qualquer no chão da sala ou da varanda, um velho violão dedilha.

De repente, foi importante aprender e ensinar o que comer e o que fazer a fim de o sistema imunológico fortalecer e a serenidade manter e, então, constatar que muito do que se sabe foi aprendido com nossas mães, tias e bisavós, seja ou não reconhecido pela ciência e sua metodologia. De repente, o avental da mãe lembrou o da avó em sua estranha mania de (re)colher ervas e flores para fazer xaropes, licores. De repente, o limão não veio do mercado, mas da horta da vizinha que se dispôs a partilhar. De repente, a varanda e a sacada tornaram-se lugares para conversar, confraternizar e conviver exercitando outra forma de cuidar.

De repente, durante a pandemia, a conexão tornou-se local: percebe-se, então, que a solução não vem de um “salvador da pátria”; é cotidiana, quando cada um e cada uma de nós assume sua responsabilidade de cuidar posicionando-se favoravelmente em direção à cura, no reconhecimento de sua finitude/incompletude (e necessária complementaridade) e aceitação de si para aceitação de outrem. De repente, a percepção de sermos unidade, em complexa relacionalidade, nos traz de volta à simplicidade e percebemos: com-viver é simplesmente cuidar e cura pode não significar o que somente a ciência difunde. Talvez seja mesmo assim que a ciência, por vezes, perde-se em conceituações e terminologias, olvidando o essencial, que é a vida em unidade, esquecendo-se que esta se faz em tessituras de cura, como cuidado. Mas o que significa cuidar? Essa é a pergunta central que, no desenvolvimento dessa temática, busco compreender e registrar como escrita (científica?).

2.2 ESCRITA EM VIAS PESSOAIS

Há uma regra para quem escreve artigos científicos: a escrita deve ser impessoal! Assim, cabe perguntar: a cientificidade requer mesmo impessoalidade? Acaso será possível fazer-se ciência de forma impessoal? Considerando que a ciência é um saber desenvolvido pelo ser humano, sendo este o único capaz de dizer e escrever, será mesmo possível manter-se efetivamente impessoal em ditos e escritos? Ora, acaso não é assim que se faz ciência a partir de características essencialmente humanas como a curiosidade (que impele à busca), a paixão (que leva ao perguntar) e o entusiasmo (que move à descoberta)? Conforme o filósofo do existencialismo Martin Heidegger (1889–1976),

[...] a ciência é um dos poderes que determinam o que podemos em certa medida chamar a esfera da universidade. No entanto, ciências não são uma acumulação ou um amontoamento de saber que é ensinado e aprendido de maneira técnico-disciplinar. Ao contrário, pertence primeiramente ao conceito de ciência que ela seja investigação. A ciência só existe em meio à paixão do perguntar, em meio ao entusiasmo do descobrir, em meio à inexorabilidade da prestação de contas crítica, da demonstração e da fundamentação.²⁷

A ciência é, então, desenvolvida de forma a ser uma das manifestações da verdade, porém não a única e, conforme Heidegger:

²⁷ HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 15.

[...] em geral, pode-se definir a ciência como o todo de um conjunto de fundamentação de proposições verdadeiras [...] Como atitude do homem, as ciências possuem o modo de ser desse ente (homem). Aprendemos terminologicamente esse ente como presença. A pesquisa científica não é o único modo possível desse ente e nem sequer o mais próximo.²⁸

É preciso apostar, então, no (re)conhecimento de outras formas de saber, pois a ciência é apenas uma via pela qual pode a verdade se desvelar (ou não!)²⁹. Todavia, é possível saber e definir que é verdade? Para Heidegger, “o ser-um-com-o-outro constitui um compartilhamento da verdade”³⁰. A verdade é, pois, algo compartilhado, mas haverá, uma verdade verdadeira? Conforme Heidegger, “a verdade reside nas ligações de representações, não nas representações isoladas”³¹. Seria o encontro da comum-idade que nos marca como humanidade? Seria, então, talvez, aquele desvelamento que ocorre quando a fala cala e quando o silêncio se torna palco da memória para uma dança de esperança conjuntamente bailada? Talvez, graças a isso, possa-se, na complexidade da existencialidade, permitir(-se) o arriscar novas formas de dizer e de escrever, ainda que sob o viés de uma escrita dita científica.

Assim, é preciso que se diga: escrever consiste, acima de tudo, em uma prática de liberdade. Às vezes, no entanto, é preciso alforriar a própria liberdade³² de forma que, por sua alforria, cada escrita carregue a marca de uma autoria; algumas (talvez muitas, senão todas, em sua radicalidade!) podem ser composições conjuntas. Esta que chega às mãos de vocês, no caso, carrega as marcas do cuidar sob formação marginal na área do serviço e da poesia, esta compreendida como arte de dizer o dito que pode (não) aparecer e, mesmo assim, se perceber ao perguntar: Quantas marcas pode um corpo suportar? Quantas cicatrizes pode uma alma carregar? E como escolher o Bom e fazer o Belo apesar das dores e cicatrizes?

²⁸ HEIDEGGER, 2008, p.47.

²⁹ HEIDEGGER, 2009, p.168.

³⁰ HEIDEGGER, 2009, p. 113.

³¹ HEIDEGGER, 2009, p. 48.

³² Pode parecer estranho falar em alforriar a liberdade. Todavia, cabe uma pergunta: quantas vezes a cuidadora já não calou com medo de expor seu pensamento ou mesmo seu sentimento? E quantas vezes calou sob a consideração de que “é melhor calar para evitar algo pior”? Alforriar a liberdade em si consiste, então, naquele movimento de reconhecer-se também como pessoa que se pode permitir um dizer ou então um calar que não seja movido por vergonha, culpa, ódio ou preconceito. Alforriar a liberdade implica num empenho por permitir-se sentir como alguém que é PESSOA, com direito à mesmidade de outras pessoas em sua condição essencial de ser humano, ou seja, com direito a engajar-se em tessituras terapêuticas para também permitir-se o curar a si mesma pelo cuidar.

Pode soar estranho que se possa servir com poesia, esse saber que mais parece arte, aparentemente inútil e que para nada (ou pouco) parece servir, num mundo em que a preferência, não raro, parece ser iludir. Considero poeta aquela pessoa que traduz, em versos e em metria, pensamentos e sentimentos fazendo, da poesia, graça e alento para prosseguir, na jornada da existência. Heidegger diz que poeta usa a palavra “de tal maneira que somente assim a palavra se torne e permaneça verdadeiramente uma palavra”³³. Poemar, então, é arte, mas, também, terapia. Ademais, por aqui se canta, numa conhecida canção de Miguel Bicca, recentemente falecido: “Quem canta os encantos do canto onde vive, tem mais do que muitos que canto não tem. Se vão os poetas, mas ficam os versos, caminhos e rumos pra outros que vêm!”. A poesia pode configurar, então, também um elo direcionador: ao cantar em versos seu canto e sua dor, quem poema expressa chagas e esperanças conjuntas, num anseio curador que encontra eco no mundo da vida, pois põe, em evidência, o Bom e o Belo.

Enfim, o desafio, aqui, é a produção de uma escrita (científica?!), em que se relaciona a temática proposta como objeto de pesquisa de uma mulher que participa do programa de doutorado numa instituição teológica com o que, até aqui, foi lido, refletido, discutido nas aulas e nos encontros que ocorrem neste programa de pós-graduação. Segue-se, então...

Entre os séculos XV e XVII, mulheres que resistiam a imposições do poder religioso foram acusadas de bruxaria por se ocuparem de saberes e práticas de cura não reconhecidas pela então Igreja Cristã com sua teologia, de mãos dadas com a ciência da época³⁴. Não obstante, é possível perceber, na realidade atual, que sua sapiência não morreu e que uma forma de resistência, então, de fato ocorreu. Talvez mais do que resistência deve-se, nesse caso, falar de resiliência, mas isso é tema para outro momento. Por ora, fica-se na escrita (científica?) e seus encadeamentos traçando breves relações em vias de Teologia.

³³ HEIDEGGER, M. **A Origem da Obra de Arte**. Rio de Janeiro: Faculdade de letras UFRJ, 2006.

³⁴ A quem interessar-se pelo assunto, sugere-se a leitura de CHASSOT, Attico. **Educação ConSciência**. Santa Cruz do Sul, Editora UNISC, 2010 (especialmente p.211-234).

2.3 ESCRITA EM VIAS DE TEOLOGIA

Na tessitura de uma escrita, em que se relacione o estudado até aqui, neste programa de doutorado na Faculdades EST, com a temática por mim proposta como pesquisa, parece ser pertinente a pergunta: que vem a ser teologia? Que forma de saber ela assume? Pode-se restringi-la como parte sem relacioná-la com a unidade da vida e os espaços da existência? Pode-se considerá-la como o fazer humano que, na área do conhecimento, se ocupa da dimensão do sagrado na existência humana?

Se responder-se afirmativamente a essa última questão, parece-me que lhe cabe, no mínimo, uma dupla função: ser ciência e ser arte. Como ciência, ocupa-se da reflexão, verificação e aferição, desvelamentos e formulação de conceitos, da veracidade de preceitos; como arte, ocupa-se de um fazer integralmente terapêutico enquanto promotor de sentido existencial no ser humano (ou não, quando em serviço da opressão!). Teologia é, de forma geral, conforme Abbagnano, “qualquer estudo, discurso ou pregação que trate de Deus ou das coisas divinas”³⁵.

Considerando-se que não sou oriunda da área da Teologia, em sua especificidade, mas que tive contato com essa área do conhecimento pelas leituras e estudos propostos como componentes curriculares, destaco, aqui, a obra *A Teologia do Século XX*, de Gibellini em que a teologia é abordada sob 16 diferentes caracterizações que me fizeram traçar relações especialmente a partir da seguinte definição:

A teologia cristã fala de Deus, mas não pode fazer um discurso *sobre* Deus (*Rede über Gott*), pois Deus não é um objeto sobre o qual se possa falar a partir de um ponto de vista neutro, sendo Ele a realidade que determina todas as outras realidades e, portanto, falar *sobre* Deus significaria possuir um ponto de Arquimedes situado fora da realidade. Entretanto, a teologia não pode deixar de falar de Deus; ela não é um discurso *sobre* Deus, mas mesmo assim é sempre um discurso *de* Deus (*Rede von Gott*). Acontece que o Deus do qual fala a teologia cristã é um Deus que se dá a conhecer ao homem, que lhe vem ao encontro, que se lhe revela, que acontece ao homem na revelação, que se torna acontecimento de revelação. Deus é acontecimento. A teologia fala de Deus somente com base na revelação, fala do Deus da revelação, cujo acolhimento chama-se fé. A fé é assim “o ponto de Arquimedes”, que torna possível falar de Deus, mas que fique bem claro: “podemos falar dele [de Deus] somente na medida em que falamos de sua palavra a nós dirigida, de sua ação a nós dirigida”. Falar de Deus significa falar ao mesmo tempo do homem. Não há discurso *de* Deus (*Rede von Gott*) que não seja ao mesmo tempo discurso *do* homem (*Rede vom*

³⁵ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p.1119.

Menschen): “se a teologia não deve especular sobre Deus, se deve falar não do *conceito* de Deus, mas do Deus real, ela deve, enquanto fala de Deus, falar ao mesmo tempo do homem”. A teologia fala de Deus na medida em que Deus tem a ver com o homem³⁶.

Será a teologia ciência? Para Abbagnano, ciência é “conhecimento que inclua, em qualquer forma ou medida, uma garantia de sua própria validade”³⁷; já para Heidegger, ciência é essencialmente investigação sendo que “só existe em meio à paixão do perguntar, em meio ao entusiasmo do descobrir, em meio à inexorabilidade da prestação de contas crítica, da demonstração e da fundamentação”³⁸, conforme já exposto acima.

Será a teologia arte? Arte é, conforme Abbagnano, “em seu significado mais geral, todo conjunto de regras capazes de dirigir uma atividade humana qualquer”³⁹ e, para Heidegger,

[...] arte é o estabelecer da verdade que se dispõe na figura. Isto acontece no criar como o pro-duzir do desvelamento do ente. Contudo, pôr-em-obra quer dizer ao mesmo tempo: pôr a caminhar e fazer acontecer o ser-obra. Isto acontece como desvelo. Portanto, a arte é: o criativo desvelo da verdade na obra. *Então a arte é tornar-se e acontecer da verdade.*⁴⁰

Se a arte acontece como desvelo, implica em cuidado e, portanto, em cuidar. Cabe ressaltar que a arte surge justamente diante dos paradoxos da existência humana (ou mesmo de aporias científicas!?). Nem sempre compreendida, é pela arte que o ser humano expressa formas que, muitas vezes, se encontram banidas e, na existência, esquecidas; arte é, então, aquela produção humana em que se põe o Bom e o Belo em evidência especialmente quando estes estão a ser empurrados à margem. Onde não se evidencia o Bom e o Belo, especialmente diante das aporias, induz-se ao desespero que, conforme o dito popular, é porta aberta para o erro!

Essas duas dimensões – Arte e Ciência – requerem, então, que as pessoas que se ocupam do fazer teológico se empenhem na aprendizagem e no ensinamento de práticas que sejam necessariamente hermenêuticas e dialógicas, em que se promova o modo de ser que seja essencialmente cuidador na lida com o ser de barro (ser humano). Também sobre isso me proponho discorrer na presente reflexão e escrita ainda que não sob a especificidade da teologia.

³⁶ GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do século XX**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2012. p. 37.

³⁷ ABBAGNANO, 2012, p. 157.

³⁸ HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 15.

³⁹ ABBAGNANO, 2012, p. 92.

⁴⁰ HEIDEGGER, 2006, p.35 §16.

Considerando-se que a teologia ocorre em vias religiosas, cabe, aqui, uma pergunta: frente à realidade culturalmente plural, que resulta num mundo multi religioso, pode-se dizer que compete à teologia a tarefa de colocar-se em diálogo intercultural, cônica da tarefa de promover conexões também com vistas à humanização? Se sim, nisso reside uma forma de universalidade. Como o estudo em questão se desenvolve em contexto latino-americano, cabe, ainda, a pergunta sobre a possibilidade e significado de uma teologia regional. Nesse sentido, creio ser importante destacar que, no contexto latino-americano, a teologia não pode se dar somente como teoria e reflexão (se é que isso, em algum lugar, é de fato possível!); ela precisa ser essencialmente prática. Cai-se, então, sob esse aspecto, no terreno da Teologia Prática, cujo referencial, conforme Schneider-Harpprecht:

[...] é a religião do povo numa determinada sociedade. Entende-se a religião como uma prática do sujeito humano. Esse sujeito interessa à Teologia Prática, e ela pergunta pela religião como uma mediação da prática do ser humano pela qual ele pode se tornar sujeito.⁴¹

Sob esse enunciado, pode-se entender a religião como uma via prática do ser humano que o auxilia no seu posicionamento como sujeito, como pessoa. Para Mondin, “a religião é o conjunto de conhecimentos, de ações e de estruturas com que o homem exprime reconhecimento, dependência, veneração com relação ao Sagrado.”⁴² O Sagrado, por sua vez, também conforme Mondin, “é sempre considerado algo que supera infinitamente o próprio mundo e tudo o que no mundo está compreendido, particularmente o homem”.⁴³ A tessitura da via religiosa pode ser descrita como processo de conhecimento e de reconhecimento e, portanto, pode ser considerada uma via de formação humana.

Cabe ressaltar que o fenômeno religioso é tipicamente humano e, por ele, pode-se galgar degraus rumo a uma coexistência harmoniosa embora, por vezes, ele possa ser experienciado como instrumento de opressão. Parece ser possível dizer que sempre que a religião é vivenciada como re-ligamento, ocorre um despertamento para a importância do valor não só de si, da pessoa que se é, que eu mesma sempre sou, mas, também, da outra pessoa que comigo é no mundo em

⁴¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aspectos históricos e concepções contemporâneas da Teologia Prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (Org.). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. 3. ed. rev. e atual. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 46.

⁴² MONDIN, Batista. **O homem, quem é ele?** 5 ed. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 242.

⁴³ MONDIN, 1980, p. 243

que, conjuntamente, somos⁴⁴. Isso implica abertura ao diálogo, na busca pela Verdade, pelo Bom e pelo Belo que se desvelam quando Boa Vontade impera. Nisso, uma postura hermenêutica e capacidade dialógica fundamentam a tessitura de vias de mediação em que o que importa é a paz como caminho em processos de re-ligação.

Então, quando uma pessoa fala, expondo a *sua verdade*, é preciso que quem a ouça tente realmente interpretá-la da melhor forma possível a fim de colocar-se em diálogo com ela, do contrário haverá apenas confrontos e ofensas. Diante da consciência de incompletude e inacabamento, há que se ter empenho e abertura ao diálogo na promoção de confluências para a paz: dialogar - com-versar - é um dos primeiros passos para cuidar e (se) curar. Pensar a religião como via de mediação é alcançar-lhe o status de promotora de sentido existencial – sentido da vida, mas que é isso, afinal? Para Alves, o sentido da vida é sentimento:

o sentido da vida é algo que se experimenta emocionalmente, sem que se saiba explicar ou justificar. Não é algo que se construa, mas algo que ocorre de forma inesperada e não-preparada, como uma brisa suave que nos atinge, sem que saibamos donde vem nem para onde vai, e que experimentamos como uma intensificação da vontade de viver a ponto de nos dar coragem para morrer, se necessário for, por aquelas coisas que dão à vida o seu sentido. É a transformação de nossa visão do mundo, na qual as coisas se integram como em uma melodia, o que nos faz sentir reconciliados com o universo ao nosso redor, possuídos de um sentimento oceânico – [...], sensação inefável de eternidade e infinitude, de comunhão com algo que nos transcende, envolve e embala, como se fosse útero materno de dimensões cósmicas.⁴⁵

O mistério, assim experienciado, ainda que não possa ser totalmente decifrado, remete à tessitura de ligamentos e re-ligações em que o humano e o sagrado se tocam, se complementam, como busca e encontro de sentido existencial. Para Alves, o sentido da vida está dependurado no sentido da morte, o que torna a esperança a grande característica da religião:

O sentido da vida se dependura no sentido da morte. E é assim que a religião entrega aos deuses os seus mortos, em esperança... Entre as casas dos deuses e as dos mortos brilha a esperança da vida eterna para que os homens se reconciliem com a morte e sejam libertados para viver. [...] Deus e o sentido da vida são ausências, realidades porque se anseia, dádivas da esperança. De fato, talvez seja esta a grande marca da religião: a

⁴⁴ Talvez se pudesse, então, dizer que a religião pode ser compreendida como um método: um método que promove o re-ligar?

⁴⁵ ALVES, 2002, p. 120.

esperança. E talvez possamos afirmar, com Ernest Bloch: “Onde está a esperança, ali também está a religião”.⁴⁶

Esperança... será ela filha ou mãe da Alegria de viver? Esperança é como passo de dança: faz-se convivenciando, faz-se cuidando. Afinal, só se experiencia aquilo que se convencia e, na verdade, já bem dizia o poeta: “tudo vale à pena quando a alma não é pequena!” Convivenciar a Esperança, com “E” maiúsculo é empenhar-se, dessa forma, em tessituras de cura, as vias terapêuticas em que a humanidade e a unidade da vida são cultivadas em nós e entre nós.

Pode-se, então, dizer que refletir sobre a religião e o sentido da vida são tarefas da teologia? Gibellini traz um relato interessante em sua obra *A Teologia do século XX*⁴⁷: ao apresentar a Teologia Hermenêutica, cita um acontecimento na Universidade de Marburg, ocorrido na década de 1920, em que o jovem professor Martin Heidegger se pronuncia sobre a teologia. No relato, conforme Heidegger, “a verdadeira tarefa da teologia, à qual ela deve ser reconduzida, é encontrar a ‘palavra’ capaz de chamar para a fé e conservar na fé”.⁴⁸ Fé é elemento comum em relatos de cura que nos são apresentados pelos evangelhos da Bíblia Sagrada. Fé: será ela exclusividade da Teologia? Ou elemento imprescindível para viver, no dia-a-dia considerando-se que, sem crer, sequer é possível viver! Eis, portanto, o hercúleo desafio: encontrar a palavra que chame e que conserve na fé! Qual “palavra” tem tal poder? Onde e como encontrá-la? E como proferi-la?

Do até aqui exposto, considera-se que delegar essa tarefa à teologia é, em última instância, delegá-la ao ser capaz de teologar: o ser humano. Assim, poder-se-ia perguntar: em que consiste a teologia, senão num esforço humano por debruçar-se sobre o sagrado, na tentativa de torná-lo compreensível? Ou seria um esforço sagrado de debruçar-se sobre o humano, na tentativa de compreendê-lo? Como tornar compreensível algo que é experienciado como mistério? “Encontrar uma palavra capaz de chamar e conservar na fé”... Não sei dizer qual palavra é essa, mas sei dizer, sem sombras de dúvida, que encontra-la deve ser possível sob os auspícios do cuidar.

Então, nessa tarefa, parece ser fundamental refletir sobre o ser humano, pois é precisamente esse o ser que é capaz de crer (Cabe, até mesmo, a pergunta:

⁴⁶ ALVES, 2002, p. 125-125.

⁴⁷ GIBELLINI, 2012.

⁴⁸ HEIDEGGER *apud* GIBELLINI, 2012, p. 63.

acaso é possível ser-humano sem fé?) e, também de colocar-se em busca para o encontro de tal palavra (possível somente, vale lembrar, pelo uso da palavra), empenhos por sua interpretação e compreensão e, em decorrência, significar o sentido compreendido em seu modo de ser-humano. Nisso subentende-se que não se faz teologia sem que seja a partir do ser humano que, inconformado com o que está dado, lança-se na busca pela explicação e/ou compreensão do existencialmente inacabado (ainda não explicado, compreendido, decifrado, dito, escrito, decodificado). A busca é o lançar-se com vistas ao encontro do inusitado, ainda que num contexto em que o ausente não seja muito sonhado e o futuro não possa ser completamente planejado.

Há que se considerar que o pensamento teológico serviu, durante muito tempo, como discurso legitimador de práticas de violência e marginalização, conforme a história o atesta. Sob um viés hierárquico e dicotômico, permaneceram brechas que deixaram a Teologia à mercê de um projeto de mundo marcadamente individualista e mercadológico, em que muitas pessoas foram (e são) empurradas para a margem. Destituídas de possibilidade de integração em comunidade e relegadas ao descuido, andam marginalizadas, sem palavra e sem escuta, destituídas de liberdade e de responsabilidade. Como fica, entre elas/entre nós, a palavra capaz de conduzir à fé?

Rubem Alves (1933–2014), em sua obra *Da Esperança*, remete a uma reflexão sobre a importância da linguagem e o uso que dela se faz no processo de significação do humano e do sagrado no mundo da vida. Argumenta a favor de uma “linguagem da comunidade de fé”, caracterizando-a como aquela que é cultivada no seio de uma comunidade que se recusa à conformidade e que se assume, em sua historicidade, pelo posicionamento conjunto de pessoas que a compõem. Sugere que a memória torna possível a criação de uma linguagem que expresse a liberdade humana, a despeito da objetividade histórica e esclarece, ainda, que por ser histórico, não basta ao ser humano apenas ser *no* mundo, pois que não pode eximir-se à tarefa de ser *com* o mundo. Ora, isso implica em tessituras de redes em que se convivenciem vivências terapêuticas - tessituras de cura - se é que se possam falar redundâncias em uma escrita científica.

Seguindo na reflexão sobre arte e ciência, é preciso que se diga que ambas são, essencialmente, práticas. Ora, não se faz prática sem pessoas. Pessoas são

seres humanos que como tal se reconhecem. Transcendem a dimensão puramente biológica, pois são seres com capacidade para falar e dizer, perguntar e responder, mas, também, para ouvir, calar e escutar, compreender e aprender sendo que, nisso, tornam-se seres históricos em um mundo igualmente histórico. Falar e escutar são vias pelas quais se tecem tessituras de cura em vias dialogais: só no diálogo pode-se experimentar a graça do encontro, a gratuidade do perdão, o sentido do cuidar e do cuidado. Conforme Heidegger, “falar é dizer = mostrar = deixar ver = comunicar e ouvir de modo correspondente, subordinar-se e adaptar-se a uma exigência, corresponder.”⁴⁹

Para Rubem Alves, o ser humano “responde por que descobre o seu mundo como uma mensagem a ele endereçada, como um horizonte em direção ao qual se projetar. E, ao responder, o mundo torna-se diferente: torna-se histórico”.⁵⁰ Mas será suficiente caracterizar o ser humano como sendo somente histórico? O ser humano é, também, o ser capaz de sentir e sonhar e isso remete a uma dimensão espiritual. Não obstante, abordar-se-á isso mais adiante nesta reflexão. Por ora, importa compreender que a existência humana depende de fatores naturais e históricos porque o ser humano se diferencia de outras espécies pela capacidade reflexiva e dialogal embora nem tudo possa efetivamente ser dito e explicado; ou seja, na existência humana há espaço para o mistério.

Numa realidade onde nem tudo pode ser explicado e/ou compreendido, o mistério é, não obstante, passível de ser com-vivenciado: experiência do e no ser de barro, que apresenta a plasticidade como diferencial. A teologia tem, então, diante de si, o desafio de re-significar o sentido de uma mensagem que anuncia o sagrado entre nós. Nesse processo, no meio protestante, ela se articula de forma propositiva do ponto de vista da gratuidade, mas o que isso significa? Referir-se à *Graça de Deus* como elemento curador implica a compreensão de que ela não é negociável. Graça é gratuidade: é aceitação, acolhida incondicional! Sobre essa questão, em sua especificidade, também se reserva um espaço nesta reflexão e escrita traçando relações a partir de Harold Ellens em suas obras *Graça de Deus e Saúde Humana*

⁴⁹ HEIDEGGER, 2017, p. 213.

⁵⁰ ALVES, Rubem. **Da esperança**. Campinas: Papirus, 1987. p. 45.

(1982/1986) e *Psicoteologia* (1986/1987) em experiências que tive a oportunidade de conviver em minha prática cuidadora pela Naturopatia⁵¹.

Conforme Heidegger, é pela consciência de *ser-junto-a* e de *ser-com* que o ser humano se compreende e institui como alguém que transcende a natureza assumindo-se cultivador de um modo de ser que se traduz como cura. Assim, radicado nesse princípio ontológico, ele se posiciona com vistas à dignidade do ser na defesa da unidade da vida plena e do conviver em harmonia. Nesse processo, em que se vai tecendo valores no respeito às diferenças, na elaboração conjunta de um modo de ser em que se cultiva o humano no humano, a harmonia exige (re)conhecimento e faz-se como tessitura de cura pelo cuidar. Mas o que significa harmonia?

2.4 ESCRITA EM VIAS DE HARMONIA

A harmonia, conceito fundamental quando o assunto é arte e saúde, existe somente a partir das diferenças combinadas entre si. Para Jaeger, “a harmonia exprime a relação das partes com o todo”⁵² sendo que “é da diferença que brota a mais bela harmonia”⁵³; ou seja, é a combinação de diferenças que torna possível a harmonia. Já a complementaridade se dá quando tais diferenças se assumem em suas peculiaridades, dispendo-se a deixar-se complementar em suas lacunas e a contribuir com suas potencialidades, sentidas/percebidas - reconhecidas - para que a unidade não seja fragmentada, mas integrada e integrativa: ou seja, holística. Nisso, pessoas se (re)conhecem como seres em finitude sem, no entanto, deixar-se limitar por tal finitude tornando-se, assim, possibilidade de transcendência: transcendência na imanência.

Nessa busca, a pessoa posiciona-se e age com vistas a transcender a finitude ao não sucumbir diante de sua consciência: direciona-se na esperança de poder complementar e de poder ser complementada e, ao ser-para-a-outridade, torna-se transcendência na imanência. Nisso tece, com outras pessoas, a confiança, operando o com-fiar; ora, o confiar dá-se a partir de um senso de pertencimento, de

⁵¹ Esses aspectos, em sua especificidade, serão abordados, nesta escrita, nos itens 5.1.2 e 5.1.3

⁵² JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 207.

⁵³ JAEGER, 2003, p. 207.

um sentimento de que é possível “entregar-se” nessa tessitura conjunta, ainda que sob o risco de todas as incertezas possíveis⁵⁴. É por isso que a esperança é como dança: faz-se dança convivenciando. A COM-vivência em harmonia resulta, assim, do senso de pertencimento, da participação que promove a re-ligação. Quando o ser humano é/fica destituído do senso de pertença, vulnerabiliza-se, nele, sua humanidade e, aos poucos, corre o risco de, gradativamente, perder de vista seu sentido existencial e existenciário. Nesse sentido, a pergunta que inquieta e instiga é: Como promover o senso de pertencimento? Não me parece ser algo que possamos fazer uns pelos outros, pelas outras, mas somente algo que podemos desenvolver em nós mesmos/as.

A postura de busca, constante e sempre renovada, é algo que, ao que parece, tem a ver justamente com uma ausência sentida em face da constatação da finitude que angustia e que requer uma resposta, ainda que não objetiva (seria o tal do “vazio” que clama por algo?). Adentra-se, então, na dimensão do misterioso, daquilo que não pode ser comprovado e que a ciência não explica. Nessa dimensão, questionam-se verdades míticas e, também, verdades científicas sendo que é precisamente então que há empenhos pela tessitura de um modo de ser de forma conjunta e integrativa; uma forma que seja suficientemente segura para amparar face ao abismo da angústia que a consciência da finitude pode causar em cada ser humano. Esse modo de ser constitui, por sua vez, o legado de um ser que, embora se reconheça em finitude, também assume a angústia existencial que disso decorre, sem a ela sucumbir, posicionando-se de forma cuidadora e com-fia.

Justamente por isso, a humanização ocorre não na abstração, no solipsismo e isolamento, mas em convivência, no (re)conhecimento de si e da outra pessoa com quem se é em um mundo (realidade) compartilhado. Precisamente por isso a ciência, por si só, não dá conta da complexidade do ser humano; ou seja, o humano, a cura, o cuidar e o cuidado não se reduzem à ciência. É convivenciando que o ser humano desenvolve não só a ciência, mas, também, a arte como conhecimento. O conhecimento também é processo que se desenvolve de forma compartilhada e,

⁵⁴ Embora o ser humano, ao nascer, já nasça sempre ‘pertencente’ a um tempo e espaço (o ser humano é sempre um “já-ser-em-como-junto-a”, como fica exposto no item 3 desta escrita), o *senso* de pertencimento é algo que precisa ser cultivado e, de qualquer forma, a condição humana *sine qua non* para um com-viver saudável se dá sob fundamentos como a compreensão de sentido existencial e o senso de pertencimento tecidos no compromisso mútuo e na interdependência.

nesse sentido, cabe referenciar, aqui, que, conforme Heidegger⁵⁵, a palavra conhecimento deriva do latim *co-gnoscere*, que remete à experiência de gerar, germinar em conjunto. Por isso pode-se afirmar que todo conhecimento é re-conhecimento e, assim, justifica-se o uso do termo como (re)conhecimento.

Conforme Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*, “Conhecer é um processo gerador de nascimentos. [...] reconhecer é admitir-se remetido em todo conhecimento para o processo de sua germinação e nascimento. É por isso que todo conhecimento é ontologicamente genético.”⁵⁶ Conhecer é re-conhecer o que está inscrito na matriz humana para, a partir disso, promover transformações começando *por si*. É nesse sentido que se pode dizer que a cura é um processo de autoconhecimento; é pelas diversas formas de conhecimento que o ser humano tece relações terapêuticas - tessituras de cura: cria vínculos, estabelece fundamentos, abre vias de busca e de acesso, compartilha experiências e vivências, opera troca de saberes e de sabores.

Cabe ressaltar: depende exclusivamente da humanidade transformar a si mesma, ao mundo e estabelecer relações de respeito mútuo entre todos e todas e, também, em relação ao ecossistema, sob a compreensão de unidade no seu jeito de ser-humano; importa, pois, aprender e ensinar a cuidar. É como conhecimento que o ser humano desenvolve a arte, a ciência e outros saberes no (re)conhecimento de si, do outro/da outra, do e no meio em que é e com quem é.

Não objetivo, aqui, contrapor esses conceitos criando comparações entre si como se fossem excludentes. Considero que a arte pode ser ciência e que essa, por sua vez, também pode ser arte. A ideia de que se possam colocar diferentes áreas do conhecimento em cubículos sem que seja possível estabelecer relações entre elas não encontra eco no que nessa reflexão estou expondo e naquilo que, com esta escrita, pretendo expressar. O foco é outro: o ser capaz de produzir ou desenvolver tais artes e saberes como tessituras terapêuticas: o ser humano como ser de cura, ser de cuidado; o ser que, ao cuidar, promove a cura ao se humanizar e ajudar a humanizar. Cuidar é, então, o empenho para que a unidade da vida (tantas vezes esquecida) seja cultivada de forma a não permitir reduções e fragmentações.

⁵⁵ HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

⁵⁶ HEIDEGGER, 2008, p. 565.

2.5 ESCRITA EM VIAS EXISTENCIAIS

Há outra regra, para quem escreve cientificamente: a escrita deve estar fundamentada em escritos anteriores! Numa escrita científica é preciso dizer, com base num dito anterior que seja, preferencialmente, reconhecido como importante. Mas a importância desse referencial é ditada e reconhecida por quem? Por quem escreve? Pelo sistema em que se escreve? Pela cultura em que a escrita se dá? Pela metodologia que se adota? De qualquer forma, feita a escolha do referencial, a partir da fundamentação teórica, é preciso proceder a análises e discussões. Definir ou reconhecer algo como importante é, em si, um exercício de sentir e refletir, pois o que importa a mim pode ser irrelevante a ti e vice-versa. Aquilo que não couber em certas caixinhas de espaços pré-determinados pode ser considerado, no mínimo, irrelevante e há que se ter muita ousadia para ser irreverente no uso de ditos e escritos. Igualmente, há saberes articulados, passados de geração em geração e, nesse sentido, creio que há muitos ainda não escritos, ainda que na matriz humana estejam inscritos: corre-se, então, o risco de um dito ser facilmente proscrito. Segue-se, pois...

Penso ser pertinente abordar a existência humana a partir de uma questão axiológica, o que implica no posicionamento e ação do ser humano direcionado de forma axiotrópica, ou seja, pelo primado de valores (re)conhecidos como fundamentais e a partir dos quais se estabelecem vínculos, tecendo relações e construindo a própria historicidade. Quando o ser humano se pergunta sobre valores, reflete sobre seu significado num exercício de interpretação de valores; ou seja, torna-se hermenêutico. A partir disso, há que se considerar que existam valores positivos e, também, valores negativos (!). Para Duarte Júnior, “um valor positivo é aquele que auxilia o homem na manutenção da vida e de seu significado (a existência); um negativo, ao contrário, diz respeito à destruição da vida e de sua coerência”.⁵⁷

Conforme Abbagnano, valor não é mero ideal, mas guia ou norma das escolhas e seu critério de juízo:

⁵⁷ DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. São Paulo: Cortez, 1981. p 25.

a melhor definição de valor é a que o considera como *possibilidade de escolha*, isto é, como uma disciplina inteligente das escolhas, que pode conduzir a eliminar algumas delas ou a declará-las irracionais ou nocivas, e pode conduzir (e conduz) a privilegiar outras, ditando a sua repetição sempre que determinadas condições se verifiquem. Em outros termos, uma teoria do valor, como crítica dos valores, tende a determinar as *autênticas* possibilidades de escolha, ou seja, as escolhas que, podendo aparecer como possíveis sempre nas mesmas circunstâncias, constituem pretensão do valor à universalidade e à permanência.⁵⁸

Tal processo – pessoal e comunitário – implica no (re)conhecimento de valores que não se podem relativizar ou seja, no (re)conhecimento de princípios que sejam basilares no cultivo de um *modus vivendi* em que a troca conectiva e relacional (não simplesmente interesseira) resulte em formação humana (*Bildung*). A formação humana é, então, processo comunitário, conjunto e, ao ideal de uma ação comunitária pertence, assim, a descoberta de *poder-ser* pessoa – num exercício de liberdade e responsabilidade: ser-humano. Igualmente, a formação humana conduz à compreensão de que o exercício da liberdade significa não simplesmente escolher o que se quer, mas consiste na capacidade humana de poder escolher o que se pode e deve querer a fim de ser-humano e cuidar; eis o que significa escolher o Bom e fazer o Belo!

Surge, então, uma pergunta: há coincidência entre ser humano e sujeito? Se sim, em que consiste? Na historicidade? Na liberdade e responsabilidade que dela fazem parte? Se o processo de humanização for compreendido como histórico, fica contemplado em sua essência? Se sujeito é apenas quem protagoniza seu destino, a pessoa que dispõe apenas de seu corpo, sofrido, oprimido, a-sujeitado, objetificado, deixa de ser humana (em sua condição essencial) apenas por não (poder) ser “sujeito”? Retorno, então, novamente à pergunta: Quem é o ser humano e o que o caracteriza? O que caracteriza o ser-humano?

É na tessitura de relacionalidades e diálogos que o processo de formação humana e de transformação da realidade se torna possível. A compreensão, processo dinâmico e constante que requer uma postura de abertura, requer que uma das primeiras atitudes seja o desnudar-se de preconceitos e (re)conhecer pré-conceitos que, talvez, jazem esquecidos nos porões da existência, abandonados como não válidos pela ausência de cientificidade. Despir-se de preconceitos é manter-se em abertura não somente em relação às possibilidades futuras a serem

⁵⁸ ABBAGNANO, 2007, p. 993.

tecidas/construídas, mas, também, aos saberes passados, simbolizados em tradições que chegam e que, de certa forma, conduzem para o adiante.

Assim, inserir-se numa tradição é, também, assumir uma postura hermenêutica, de alguém que se institui como mediador ou mediadora – em processos de mediação – entre tempos e contextos, na tradução de signos e sua significação. É precisamente por terem sido compreendidos que os sentidos requerem significações e, nelas, passam a ter signos que são sua expressão real ou sua representação, não raro em tradições. Toda tradição carrega, em seu bojo, simbologias que carregam significados: são os signos. Importa, talvez, dizer que, na tradição, o signo expressa, justamente, a junção do significante (conceito ou ideia) e do significado (sua representação concreta). Inserir-se numa tradição é, pois, compreender a si e às outridades como parte de uma unidade comum e de um mesmo processo vital; ou seja, assumir-se como partícipe na tessitura conjunta de histórias cuja memória conduza a busca e a tessitura de sentidos existenciários pela compreensão do sentido existencial de ser: cuidar. Cuidar é, dessa forma, todo e qualquer empenho para que a unidade da vida, tantas vezes esquecida, seja promovida e isso de tal forma que reduções e fragmentações não são passíveis de admissões.

A compreensão das simbologias tradicionais e dos signos requer uma postura hermenêutica. Esta, por sua vez, requer que se estabeleçam vínculos comunicativos que, ao serem tecidos, originam a significação de sentidos que foram compreendidos. Isso é, em sua essência, a compreensão de um sentido existencial que conduz à resposta humana como sentido existenciário: acaso pode uma vida sem sentido fazer sentido? A diferença entre existencial e existenciário, estabelecida por Heidegger está, conforme Abbagnano,

[...] no sentido de que o primeiro significa uma determinação constitutiva da existência, uma característica ou um caráter essencial dela, cuja determinação cabe à ontologia, ao passo que o segundo designa a compreensão que cada homem tem de sua própria existência ao decidir sobre as possibilidades que a constituem ou escolhê-las.⁵⁹

Partindo da compreensão de que liberdade e humanidade implicam, também, na compreensão de um sentido existencial, não é também assim que esse sentido existencial somente pode ser constituído a partir do *senso* de pertencimento,

⁵⁹ ABBAGNANO, 2012, p. 467.

ou seja, em comunidade? Se responder-se afirmativamente a essa questão, não é difícil perceber que a linguagem e o uso que dela se faz é o que possibilita tanto a compreensão do sentido existencial quanto a vivência em comunidade a partir e/ou mediada pela esperança.

Não obstante, ainda que o ser humano seja um ser de linguagem, ao descobrir-se capaz de dizer, percebe, também, que seu dizer é, em si, limitado. Diante da dor e do sofrimento, o que dizer e o que fazer? A mim parece que se pode encontrar sentido na escuta amiga, no amparo para caminhar, na acolhida e no abrigo experienciados na hora da dor, mas, acaso pode-se encontrar sentido na violência sofrida? Ou na exclusão sentida? Alguém me disse, certa vez, que para incluir não basta “dar voz”, é preciso mais: é preciso “dar escuta”! Talvez haja vezes em que o silêncio também fala a quem se dispõe a escutar pelo cuidar. Escutar pelo cuidar implica, também, desenvolver a habilidade de escutar o silêncio da outra pessoa e vivenciar isso numa experiência de cura. Experimentei isso por duas vezes de maneira diversa:

- 1) Certa vez uma aluna, mulher adulta, chegou à aula chorando, sem conseguir participar e nem mesmo falar de sua dor: a experiência mostrou-me que vezes há em que permanecer em silêncio, de mãos dadas, simplesmente, e deixar a torrente do choro convulsivo ir, aos poucos, se acalmando, sem nada dizer, é que opera o retorno à harmonia. Nessas horas, o silêncio, sem pedidos de explicações, sem necessidades de perguntas e/ou respostas torna-se palco de cuidado e de (re)elaboração, num movimento de fortalecimento mútuo, numa troca silenciosa em que o cuidar opera a tessitura da cura. Não sei ao certo o que originou o desespero e a angústia, mas o tempo de aula gasto em silêncio operou o cuidar que renovou, novamente capacitou e que, meses mais tarde, veio em forma de testemunho no dizer: “naquele dia em que eu pude chorar e você simplesmente permaneceu ao meu lado e deixou a poeira baixar, sem querer explicações... naquele dia experimentei que vale à pena viver!”
- 2) A outra vez foi quando participei de um encontro de formação numa técnica naturolística chamada Reiki. Ao passar pela experiência de imposição das mãos, me vi tomada por um choro convulsivo que sacudia meu corpo violentamente. Não sei dizer o que originou a crise de choro e nem quanto tempo durou, mas não houve pedido de explicações, apenas um profundo posicionamento coletivo

de respeito e empatia de tal forma que me percebi sendo aceita assim como sou. O fato de o grupo ter suportado meu choro convulsivo sem nada dizer e apenas permanecer ali em silêncio, comigo, operou como tessitura de cura em meu ser até que a harmonia se restabeleceu e eu pude seguir. Ainda hoje isso permanece um mistério pra mim sem que, no entanto, perturbe minha serenidade.

Assim, penso que é possível afirmar que, entre o dito e o dizer, a transcendência se desvela como compreensão de sentidos em diálogos entretecidos também nos silêncios sentidos, percebidos, ouvidos, reconhecidos. Isso se torna especialmente desafiador na atualidade, quando as perspectivas parecem não encontrar suporte sólido o suficiente para constituir uma base sobre a qual se possa, criativamente, tecer ou construir. Aliás, é justamente essa lacunaridade que impele o ser humano à busca por ser cuidado e poder cuidar o que constitui, afinal, o sentido compreendido como existencial, gerado e gerador de cura em nós e entre nós. Há que se, pois, perguntar: O que significa assumir-se humano, ser de cura e de cuidado?

2.5.1 A existencial pergunta acerca do sentido de ser

Apresento esta reflexão fundamentada, especialmente, em conceitos práticos apresentados por Heidegger (1889–1976) em *Ser e Tempo* (1927): cura e cuidado. Em *Ser e Tempo*, Heidegger nos apresenta uma analítica da existência correlacionando a interdependência entre os conceitos medo, angústia, nada e morte. Na inter-relação do tripé disposição, compreensão e interpretação, o mundo torna-se tempo e espaço em que o ser humano se assume como *Dasein* na responsabilidade pela facticidade da sua existência. Ao ser lançado no mundo, o ser humano é sempre *já-em* um tempo e espaço, *junto-a-com* outros seres e sempre de forma finita; ou seja: a morte é realidade a que ele não pode fugir.

Heidegger é filósofo do existencialismo e, para ele, a principal pergunta da filosofia deve ser sobre o ser (esquecido e confundido com a pergunta sobre o ente) e que, por ser universal e indefinível, prescinde de definição. O ente, por sua vez, pode ser definido como um modo de ser que é determinado por este; ente é aquilo de que falamos/nos referimos; é o que somos e como somos.

Dessa forma, o ser humano é o único ente capaz de descobrir-se e compreender-se a partir de um modo de ser. Mas que é “ser”? Heidegger responde: “O ser é a relação, na medida em que retém, junto a si, a ex-sistência na sua essência existencial, isto é, ex-stática e a recolhe junto a si, como o lugar da verdade do ser, no seio do ente”.⁶⁰ A diferença entre ser e ente é assim explicada por Heidegger: “ente é tudo de que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos. Ser está naquilo que é como é, na realidade, no ser simplesmente dado, no teor e recurso, no valor e validade, no existir, no ‘dá-se’”.⁶¹

O ser é autônomo, indefinível e independente e, conforme Heidegger, “não somente não pode ser definido, como também nunca se deixa determinar, em seu sentido, por outra coisa nem como outra coisa. O ser só pode ser determinado a partir do seu sentido como ele mesmo”.⁶² Ser, do verbo *sein*, deve ser compreendido como substantivo verbal: ou seja, ser é “aquilo” que se manifesta no ente, é o que se faz presente nele e do qual emana a iluminação para que o ente possa ser como é.

O ser humano é “guardião do ser”: conforme Heidegger, “o homem é o pastor do ser. Neste “menos” o homem nada perde, mas ganha, por quanto atinge a verdade do ser. Ele ganha a essencial pobreza do pastor, cuja dignidade reside no fato de ter sido chamado pelo próprio ser, para guardar sua verdade”.⁶³ Todavia, só poderá cumprir essa missão se conseguir compreender, aceitar e defender a transcendência do ser – a verdade do ser – para além de tudo aquilo que é tido como puramente categorial, uma vez que, conforme Heidegger, “o ser é mais do que qualquer ente”.⁶⁴

A *verdade do ser* é que conduz à compreensão do sentido do ser e conduz o ser humano em sua busca pela compreensão do sentido de seu próprio ser, pois “pensar a verdade do ser significa, ao mesmo tempo: pensar a *humanitas* do *homo humanus*”.⁶⁵ Poder-se-ia dizer que, sendo a verdade, vida e esta, verdade, há que se tecer uma sina: a forma humana de ser é fazer-se cura no viver! Ou seja, na

⁶⁰ HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p.36.

⁶¹ HEIDEGGER, 2008, p.42.

⁶² HEIDEGGER, 2008, p. 551.

⁶³ HEIDEGGER, 2005, p. 51.

⁶⁴ HEIDEGGER, 2005, p. 78.

⁶⁵ HEIDEGGER, 2005, p. 68.

busca pela compreensão do sentido do ser, desvela-se ao ser humano o seu próprio sentido de ser-humano ao cuidar. Para Heidegger:

Somente a partir da verdade do ser se deixa pensar a essência do sagrado. E somente a partir da essência da divindade pode ser pensado e dito o que deve nomear a palavra “Deus”: ou será que não devemos ser capazes de, primeiro, entender e escutar com cuidado estas palavras, se nós, homens, como seres ex-sistentes, quisermos ter acesso a uma experiência de uma relação de Deus para com o homem? Pois como poderia o homem da atual história mundial mesmo apenas questionar, com seriedade e rigor, se o Deus se aproxima ou se subtrai, se o homem omite pensar primeiro para dentro da dimensão, na qual aquela questão unicamente pode ser desencadeada? Esta dimensão, porém, é a dimensão do sagrado, que mesmo como dimensão já permanece fechada, caso não se clarear a abertura do ser para, em sua clareira, estar próximo do homem. Talvez o elemento mais marcante desta idade do mundo consista no rígido fechamento para a dimensão da graça. Talvez seja esta a única desgraça.⁶⁶

Essa questão, ôntico-ontológica, conforme Heidegger, somente “se esclarecerá completamente se a questão delimitar, de modo suficiente, sua função, sua intenção e seus motivos”⁶⁷ e, dessa forma, ele questiona: Quem é o humano? Quem é o ser? Compreender o sentido de ser é determinar o ser humano, pois este é a porta de acesso ao ser; nisso, o filósofo aplica o método fenomenológico, partindo do ser humano de fato, deixando que ele se manifeste tal qual é e procurando compreender sua manifestação. Por tempo demais houve empenhos em definir-se “o que” é o ser humano e, nisso, perdeu-se de vista “quem” é o ser humano. Para Heidegger:

A pessoa não é uma coisa, uma substância, um objeto. [...] Pertence à essência da pessoa apenas existir no exercício de atos intencionais e, portanto, a pessoa em sua essência não é objeto algum. [...] Uma pessoa só é, na medida em que executa atos intencionais ligados pela unidade de um sentido. [...] Está em questão todo o ser do homem, que se costuma apreender como unidade de corpo, alma e espírito. [...] Quando, porém, se coloca a questão do ser do homem, não é possível calculá-lo como soma dos momentos de ser, como alma, corpo e espírito que, por sua vez, ainda devem ser determinados em seu ser. E mesmo para uma tentativa ontológica que procedesse desta maneira, dever-se-ia pressupor uma ideia do ser da totalidade.⁶⁸

Justamente por não ser “coisa”, o ser humano pode interrogar-se acerca do sentido de seu ser perguntando-se “quem sou?” e propor-se a busca por sua compreensão. Para Heidegger, “a presença se determina como ente sempre a partir de uma possibilidade que ela é e, de algum modo, isso também significa que ela se

⁶⁶ HEIDEGGER, 2005, p. 66.

⁶⁷ HEIDEGGER, 2008, p. 44.

⁶⁸ HEIDEGGER, 2008, p. 92-93.

compreende em seu ser”.⁶⁹ Ainda conforme Heidegger, “compreender não diz agarrar um sentido, mas compreender-se em suas possibilidades de ser, desveladas no projeto”⁷⁰. Ou seja, é um modo de ser do *dasein*, em que a pessoa se compreende em seu *poder-ser* e se decide como projeto assumindo seu próprio ser como possibilidade:

Compreender é o modo de ser da presença em que a presença é as suas próprias possibilidades enquanto possibilidades. [...] No entanto, ela nunca é mais do que faticamente, porque o poder-ser pertence essencialmente à sua facticidade. Também a presença, enquanto possibilidade de ser, nunca é menos, o que significa dizer que aquilo que, em seu poder-ser, ela *ainda não* é, ela é existencialmente. Somente porque o ser do “pre” recebe sua constituição do compreender e de seu caráter projetivo, somente porque ele é tanto o que será quanto o que não será é que ela pode, ao se compreender, dizer: “venha a ser o que tu és!”.⁷¹

Assim, compreende-se que o problema do *sentido de ser* foi a ocupação central de Heidegger: ele aborda a questão a partir do ser humano sob a argumentação de que este é o ser que se caracteriza, precisamente, por se interrogar a esse respeito. Por interrogar-se acerca do sentido de ser é que o ser humano move-se em vias de compreensão em sua facticidade, em seu ser. Esse mover-se constitui a capacidade de perguntar, ponderar, compreender e responder assumindo-se ser de cura e de cuidado em vias de conexão que se tecem como forma de ser (ser-humano) e que permitem, na minha compreensão, traçar relações com a dimensão da *espiritualidade*.

2.5.2 Espiritualidade: um modo cuidador de ser?

Embora eu me sinta ainda muito pequena para falar sobre a temática da espiritualidade, arrisco, aqui, algumas considerações a partir do que já me foi oportunizado estudar. Julgo pertinente, portanto, inicialmente, dizer que considero a espiritualidade uma prática do cotidiano fundamentada na fé e que conduz o ser humano rumo ao Bom e ao Belo; ela é, portanto, um modo de ser caracterizadamente prático e, nesse sentido, talvez se deva referi-la como uma

⁶⁹ HEIDEGGER, 2008, p. 87.

⁷⁰ HEIDEGGER 2008, p. 340

⁷¹ HEIDEGGER, 2008, p. 206.

prática de “exercícios espirituais”⁷² como contemplação, meditação, oração e reflexão.

Abordar a questão da espiritualidade relacionada ao cuidar e à saúde é considerado fundamental na reflexão que aqui busco tecer. Não raro aspectos psicológicos são permeados por questões religiosas e espirituais. Se a pergunta pelo valor do ser humano e o valor de ser-humano é abordada anteriormente em outras vias, aqui, de forma específica, ela é abordada na busca por adentrar a reflexão acerca do cuidar relacionando-a diretamente na interface saúde/espiritualidade. Qual o sentido de falar em cura e em cuidado quando o assunto é cuidar da saúde? Qual compreensão de saúde cultivamos, em nosso dia a dia? Como pode o ser humano, ao ser-humano, cuidar do cultivo da saúde? Quais práticas comunitárias temos promovido para cultivar a saúde e a espiritualidade?

Quando se usa um termo como espiritualidade relacionando-o à saúde e ao ser humano, tangem-se as vias do que não pode ser mensurado, calculado, pesado, medido, quantificado. Chega-se às raias daquilo que não pode estar (ao menos ainda não completamente!) sob o domínio da ciência e abordam-se aspectos do ser humano sob a perspectiva da Ontologia. Mais que isso, é preciso reconhecer, no ser humano, a existência de “algo” que, ainda que não possa ser quantificado, é real e condição para que o fenômeno humano se manifeste, em sua autenticidade. Arrisco-me a dizer, ainda, que o reconhecimento da existência desse “algo” no ser humano pode ser comparado a uma sabedoria (bio-sofia?!) permanente e que pode ser considerado o fundamento sobre o qual se pode alicerçar ou a partir do que se pode alavancar um modo de ser.

Em outros termos, poder-se-ia dizer que implica no reconhecimento de uma dimensão espiritual? Seria a *espiritualidade* um modo de ser? Reconhecer a dimensão da espiritualidade no ser humano implica em questionamentos, buscas e tessituras em que o que importa é não só preservar, mas promover a unidade de um ente que, se considerado de forma fragmentada, deixa de ser humano. Ocupar-se disso implica, por sua vez, em debruçar-se sobre o ser humano e sua busca por compreensão do sentido de ser em um modo de ser-humano: cuidar.

⁷² Isso ficará mais explícito no item 5.3.3, quando abordarei a prática de Fílon e os Terapeutas de Alexandria.

A espiritualidade pode ser compreendida como modo de vida em que se busca compreender um sentido existencial relacionado com a transcendência ou com o sagrado. No consenso internacional sobre o termo espiritualidade, destacam-se três aspectos, conforme Esperandio: “1) seu caráter dinâmico; 2) a questão da busca de sentido e propósito; 3) o aspecto da conexão consigo, com o outro e com algo mais amplo (cosmos, natureza ou uma transcendência)”.⁷³ Espiritualidade é, conforme para Barboza de Souza:

[...] a dimensão humana entre outras que se relaciona com: a) as buscas de significado e propósito profundos na vida; b) as buscas por conexão intrapessoal (consigo mesmo), interpessoal (com os outros e a natureza) e transpessoal (com o Transcendente, seja ele religioso ou não religioso). Neste aspecto, embora a espiritualidade possa se relacionar com o campo das tradições religiosas, está para além delas e não é delas dependente.⁷⁴

Entre as dimensões reconhecidas como elementares no ser humano, a espiritualidade é singular “no sentido de propiciar a integração destas diversas dimensões por meio da capacidade de gerar conexões e por trabalhar numa perspectiva de descoberta e de criação de significados e sentidos profundos”.⁷⁵

Destaco três aspectos que, no meu entendimento, referem-se à espiritualidade e que são particularmente preciosos nesta reflexão:

- 1) Convite à reflexão e descoberta/desvelamento do Bom e do Belo como cura;
- 2) Dimensão humana sagrada que consiste na compreensão e significação de sentidos existenciais em que se promove a fé e a confiança pelo cuidar e
- 3) Movimento/força humana de transformação que conduz à paz e liberta a consciência a fim de *poder-ser* cura pelo cuidar.

Derivada do latim, o termo espiritualidade remonta a espírito e, conforme Esperandio:

Assume-se, pois, a noção de espiritualidade como uma palavra derivada do termo espírito (do latim, *spiritus*, significa “sopro”, ou: “sopro de vida”, relaciona-se com “alma”) caracterizando-se como a parte humana imaterial,

⁷³ ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. **Espiritualidade no contexto da saúde: uma questão de saúde pública?** In: TELES LEMOS, Carolina e MARTINS FILHO, José Reinaldo F. (orgs.). **Religião, espiritualidade e saúde: os sentidos do viver e do morrer.** Belo Horizonte: Senso, 2020, p.161.

⁷⁴ BARBOZA DE SOUZA, Carlos Frederico. **Perscrutando sentidos: manifestações de necessidades espirituais em pacientes/famílias sob cuidados paliativos.** In: TELES LEMOS, Carolina e MARTINS FILHO, José Reinaldo F. (orgs.). **Religião, espiritualidade e saúde: os sentidos do viver e do morrer.** Belo Horizonte: Senso, 2020, p.116.

⁷⁵ BARBOZA DE SOUZA, 2020, p. 116.

a potência de vida que se desenvolve e se expressa ao longo da existência do ser humano no mundo. Referida, pois, à potência de vida, a espiritualidade expressa-se e movimenta-se no tempo e no espaço, sendo-lhe características intrínsecas a dinamicidade e o fluxo permanente. É nessa dimensão que estão ancoradas as interrogações de sentido último. Trata-se, pois, da dimensão do questionamento e do ímpeto para a busca de sentido e propósito da vida, que move o ser humano em busca de objetos, situações e experiências com finalidade de atender à “necessidade humana de sentido”, ou, da “vontade de sentido”, como pontua Frankl.⁷⁶

A espiritualidade pode ser descrita, então, como uma visão de mundo ou como forma de ser em que se busca cultivar o sagrado no terreno humano do ser (graça!)? Creio que sim, embora a pergunta por uma “espiritualidade do cuidar ou do cuidado”⁷⁷ careça, ainda, de reflexões. Quando o ser humano se institui favoravelmente ao cuidar, assume-se curador a partir da compreensão de seu *poder-ser*. Nisso transcende sua finitude e lança vistas à transcendência na confiança de que esse modo de ser – cuidador – faz sentido. Ou seja, enquanto é – e sempre somente ao ser – o ser humano se descobre na interpretação e compreensão de seu ser-no-mundo a fim de *poder-ser*; torna-se, portanto, hermenêutico em seu ser-humano.

2.6 ESCRITA EM VIAS HERME(NÊU)TICAS (E AUTOBIOGRÁFICAS)

Ocupar-se da compreensão de sentidos é, assim, ocupar-se da compreensão da própria existência: assumir-se como ser hermenêutico. Em nossa família e em muitas comunidades pelas quais transito há uma conhecida canção de mesa, que entoada, antes das refeições, configura oração: “A mesa posta é dádiva de Deus, é vida nova para os filhos seus...” Eu a ensinei aos meus rebentos desde que eram ainda bebês e ela era repetidamente cantada entre nós até que um dia meu filho, com 7 anos, já sabendo ler, a encontrou em um cancionário e, em tom bastante surpreso, nos confidenciou: “Meu...a vida inteira cantei isso errado dizendo: é vida nova *para os filisteus!*” É óbvio que rimos, mas creio que o exemplo

⁷⁶ ESPERANDIO, 2020, p. 161.

⁷⁷ Como já dito anteriormente, penso que, em termos de coerência, antes de adventar uma “ética do cuidado”, uma “cultura do cuidado”, uma “espiritualidade do cuidado” ou qualquer outra denominação “...do cuidado” é preciso compreender o que é cuidar e compreender(-se) como ser de cura pelo cuidar. Antes de qualquer tudo, na existência, é preciso compreender(-se) como ser humano no modo de ser-humano. Ou acaso seria possível falar em ética, ecologia, sustentabilidade, saúde, educação e política sem falar de ser humano e ser-humano? Nem mesmo é possível falar de Deus sem que a partir do ser humano e para falar em ser humano é preciso falar de cura, de cuidar e de cuidado.

serve para ilustrar o valor da hermenêutica. Quantas vezes também nós, no cotidiano da vida, repetimos “canções” de forma equivocada por não compreendermos o sentido?

O termo “hermenêutico”, se remontado à sua origem etimológica, remete à Mitologia grega, na figura do deus Hermes, filho de Zeus, que é representado como mensageiro, intermediador e conciliador entre deuses e humanos o que, aplicado ao nosso contexto, conduz à significação da hermenêutica como via de tradução, interpretação, compreensão e projeção. Dessa forma, a via hermenêutica permite vias de tessituras terapêuticas, em que a unidade da vida se tece/é tecida, em confluências entre o humano e o sagrado. A ocupação hermenêutica – compreender sentidos – é constitutiva de um ser que não consegue permanecer acomodado ao já dado (passado), mas que se sente essencialmente, em novidade de vida, desafiado ao que pode ser criado e recriado (futuro).

Sob as vistas da Naturopatia, o/a Naturoterapeuta é, também, um/a hermeneuta e sua principal função é cuidar. Na obra *Cuidar do Ser*, Jean-Yves Leloup aborda a questão a partir da prática de Fílon e dos Terapeutas⁷⁸ de Alexandria, o que será abordado com mais vagar no item 5.3.3 desta escrita. Sob esse ponto de vista, quem atua sob o viés da Naturopatia não será alguém que simplesmente irá prescrever fórmulas no intuito de dirimir sintomas. Seu trabalho terapêutico consiste em empenhos para compreender o que está acontecendo com o organismo adoecido para que manifeste o sintoma que incomoda, incapacita e faz sofrer: neste trabalho, posiciona-se de forma holística, traçando relações em que a saúde e a doença são vistas sempre como resultado de um processo em que o ser humano precisa ser considerado como unidade. Nessa busca não atua sozinho: precisa desenvolver uma parceria com quem procura o auxílio terapêutico e, também, com outras técnicas naturolísticas que não a sua.

Tenho defendido, já há algum tempo, que a busca é a característica humana de quem se põe a caminho. Ora, não é assim que só se põe a caminho quem busca? E não é assim que só busca quem, minimamente, crê? Crer é, acima de tudo, uma questão de fé; trata-se de acreditar, tomar algo por válido e a ele aderir como causa pela qual vale à pena viver e, até mesmo, morrer. Ora, acaso pode-se

⁷⁸ Parece-me ser digno de nota que, em Fílon, a palavra Terapeuta é escrita sempre com inicial maiúscula. Isso me remete ao sentido que ele representa como cuidador do Ser.

crer sem que isso seja aprendido (e ensinado), de alguma forma? E acaso pode-se aprender e ensinar algo sem que seja convivenciando?

Existencialmente é assim que não é possível a busca sem que conjuntamente, pois o ser humano é marcadamente relacional, é sempre “junto-a” e sempre “com”. Não há como tornar-se ser humano e ser-humano sem que de forma conjunta, com-vivencial. A convivência é, então, a arte de mover-se junto a quem conosco é de forma a convivenciar a complementaridade no dar e no receber: a partilha do pão na mesa; o diálogo em grupos comunitários que se reúnem para a troca de experiências em dificuldades como perdas e luto; o apoio a familiares de pessoas com limitações emocionais, mentais e/ou intelectuais; a visitação a quem não consegue se colocar a caminho; o apoio à cuidadora que, exaurida, carece de um retiro como possibilidade de olhar para si, perceber-se pessoa e renovar as forças a fim de prosseguir em sua jornada... A busca, igualmente, é um processo individual, como resposta pessoal à compreensão de um sentido existencial. Ela é, então, um processo vital que implica em memórias que remetem, de alguma forma, a algo rememorado ou projetado/planejado/sonhado e compartilhado, mas experienciado, sentido, vivido.

A busca se dá, dessa forma, como sinal de esperança, como o experienciar daquilo que é terapêutico, fator de cuidado: o empenho na formação humana como tessitura de cura, pelo cuidar, para que cada pessoa possa reconhecer-se e posicionar-se como cuidadora; a solidariedade para com quem, de forma desvalida, não ousa ou não pode querer e, por vezes, sequer tem poder (como algumas pessoas em sofrimento mental, por exemplo); a organização conjunta para trocas de experiências em convivências (como círculos de mulheres que trocam receitas de xaropes e pomadas ou os momentos de mútuo fortalecimento em que elas se encontram para troca de confidências que, não raro, são tecidas como segredos, sob um misto sentimento de vergonha, medo e de estranha solidão); o cultivo conjunto de cores, saberes e sabores de forma diferenciada; a guarida de sementes para que não se percam sob a égide do mercado; os encontros celebrativos em que ocorre um mútuo fortalecimento para que seja possível continuar a com-fiar, tecer conjuntamente; a afetividade dada, recebida, sentida como apoio nos trôpegos passos do caminhar, quando o temor, a solidão e o desespero se acerca querendo impedir o sonhar; a combinação de acordes musicais de diferentes instrumentos que

se afinam e se alinham num mesmo ritmo para compor a melodia que encanta pela harmonia promovida... Poder-se ia desfiar, ainda, outros exemplos, mas nesses já se pode perceber o que com esta escrita se quer trazer.

Além de hermenêutica, esta escrita é, também autobiográfica; constitui-se, pois, de uma autonarrativa. A narrativa autobiográfica ou autonarrativa é considerada um método válido no meio acadêmico⁷⁹ e, nesta reflexão e escrita, adquire um sentido especial considerando-se que por ela organiza-se sistematicamente algo já vivenciado e que, existencialmente, para a autora que se narra, não é passível de permanecer velado e/ou não dito. Eu diria que é uma descrição de memórias e experiências pessoais em que o sentido existencial (e também os existenciários em questão) adquire um patamar comunitário em que se relacionam conexões entre teoria e prática a partir do que foi ou esta sendo vivenciado. Para Marques e Satriano,

No caso da narrativa autobiográfica, o autor e o espectador estão reunidos na mesma figura. Mesmo assim, garante-se o aspecto relacional visto que o eu é formado por vários “eus” e o “outro”, não se nasce sujeito, se constitui um. O si mesmo é marcado pela fluidez, é marcado por um passado, um presente e um futuro que se entremeiam (três tempos: passado-presente; presente-presente; futuro-presente) e se atualizam, uma vida em aberto, na qual o inesperado faz parte e a (re)leitura é permitida⁸⁰.

A autonarrativa é, ainda, oportunidade para interrogações e re-significações de sua própria experiência e prática sendo que a pessoa que conduz a pesquisa, conforme Marques e Sartriano,

não é apenas um observador, mas descreve a investigação como uma jornada para os sujeitos de pesquisa e para o pesquisador ao mesmo tempo. Ela apresenta a narrativa valorizando a percepção do pesquisador, que reconhece limitações e articula as complexidades éticas. É uma oportunidade para o pesquisador interrogar sua própria perspectiva (cultura, crença, ponto de vista, etc.) e aumentar sua experiência profissional⁸¹.

No processo da autobiografia ocorre uma confluência entre o particular e o comunitário nas relações tecidas pela pesquisa e escrita que oportuniza, conforme Marques e Sartiano, “o encontro do individual e do coletivo visto que o narrador traz a marca do singular em sua narrativa, ao mesmo tempo em que traz a marca da

⁷⁹ Começou a ser posto em evidência na Europa a partir de 1980 no campo da Antropologia, Sociologia, História, Filosofia, Educação e Psicologia e, no Brasil, a partir de 1990, especialmente relacionado ao campo da Educação. Ver MARQUES, Valéria e SATRIANO, Cecília. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. In: Linhas Críticas, Brasília, DF, v.23, n.51, p. 369-386, jun. 2017 a set. 2017

⁸⁰ MARQUES, Valéria e SATRIANO, Cecília. P. 373

⁸¹ MARQUES e SARTRIANO, p. 374

cultura, da história, do contexto”⁸². Além disso, ocorre um resgate do valor da subjetividade, pois, transcendendo a intenção, a narrativa “transmite mais do que a consciência percebe. Seguindo este raciocínio, a narrativa relaciona-se com o resgate do valor da subjetividade, e a subjetividade pode tornar-se conhecimento científico justamente pela dupla dimensão da narração, individual e social”⁸³

Nesse sentido, é processo de afirmação da diferença no reconhecimento identitário a partir do senso de pertencimento e a pesquisa biográfica remete a uma forma não só de conhecimento, como de autoconhecimento. Nesse sentido, conforme Delory-Momberger, “o campo de conhecimento da pesquisa biográfica é o dos processos de constituição individual (de individuação), de construção de si, de subjetivação, com o conjunto das interações que esses processos envolvem com o outro e com o mundo social”⁸⁴.

A autonarrativa pode ser, também, um processo de cura e de cuidado, uma tessitura terapêutica, forma de conhecer(-se), interpretar sentidos e re-significar memórias. Ou seja, pode ser um processo de apropriação de vivências e sua transformação em “experiência de vida” a ser compreendida e compartilhada. Ainda conforme Delory-Momberger,

Na sua dimensão sociohistórica, a atividade biográfica pode ser descrita como um conjunto de operações mentais, verbais, comportamentais, pelas quais os indivíduos se inscrevem subjetivamente nas temporalidades históricas e sociais que lhes antecedem e os ambientam, apropriando-se das sequências, dos programas e dos padrões biográficos formalizados (currículo escolar, currículo profissional, mas também scripts de ação e cenários) dos mundos sociais dos quais eles participam. Consequentemente, ela surge como um processo essencial de constituição do indivíduo em sociedade. A categoria biográfica poderia ser definida como uma categoria da experiência que permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sociohistórica, integrar, estruturar, interpretar situações e os acontecimentos da sua vivência. Segundo as épocas e as formas societais, as manifestações da atividade biográfica e a intensidade do trabalho que lhe corresponde variam em função do recurso diferenciado que as sociedades fazem à reflexividade individual e a esse campo privilegiado de reflexividade que constitui a construção biográfica⁸⁵.

⁸² MARQUES e SARTRIANO, p. 377.

⁸³ MARQUES e SARTRIANO, p. 377.

⁸⁴ DELORY-MOMBERGER. **A PESQUISA BIOGRÁFICA OU A CONSTRUÇÃO COMPARTILHADA DE UM SABER DO SINGULAR**. In: *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016. P. 136

⁸⁵ DELORY-MOMBERGER, p 138

Para Delory-Momberger, a pesquisa biográfica só pode ser teorizada e praticada como tal no campo da educação, pois

pela própria definição de seu projeto, a pesquisa biográfica encontra-se quase sempre ao lado de formas de pesquisa que, conduzidas ou co-construídas com os atores, perseguem segundo os casos e em diferentes graus, objetivos individuais e coletivos de formação, de valorização dos recursos e das potencialidades, de produção e partilha dos saberes, de emancipação, de poder de agir, de transformação social e política⁸⁶.

A autonarrativa, bem como a pesquisa biográfica, oportunizam que a autoria se funde numa unidade de relação constante das experiências e vivências narradas em seu ambiente social, histórico, cultural e Delory-Momberger sugere que a pesquisa autobiográfica é uma espécie de hermenêutica prática. A autonarrativa ou autobiografia consiste num processo de elaboração e sistematização do próprio si-mesmo rememorando, sistematizando e re-significando a própria existência num processo de posicionamento e autoafirmação a partir de vivências que, narradas, compõem-se o lastro para a compreensão e tessitura de sentido existencial e sentidos existenciários e, nesse sentido, pode ser considerada um processo autopoietico, embora, aqui, não se vá adentrar na especificidade desse conceito⁸⁷.

A autonarrativa é, na minha experiência, uma forma de compreender a mim e ao mundo em que sou, nas relações que teço e em que sou entretecida, de forma a promover a unidade. É, ainda, um processo de reflexão, confrontação e posicionamento. Seja como for, essa minha reflexão e escrita querem trazer precisamente isso como um diferencial, ao refletir e discorrer sobre a temática do cuidar. Ao me narrar, teço sentidos, relações e confluências que oportunizam o processo tornar-se terapêutico não somente a mim, mas, também, a quem me lê e isso é, também, uma forma de cuidar.

Quando o cuidar opera como cura, conduz ao senso de pertencimento que, por sua vez, conduz à participação e que resulta em humanização: pode-se dizer que isso é experiência do sagrado como força viva no humano, que anima a persistir

⁸⁶ DELORY-MOMBERGER, p.145

⁸⁷ Para PELLANDA, Nize e PICCININ, Fabiana. Autonarrativas como autoconhecimento: uma experiência didática na perspectiva da complexidade. *In: Revista e-Curriculum*, São Paulo, v.18, n.1, p. 453-472 jan./mar. 2020. A autopoiesis é “a vivência da estética do viver, em direção à compreensão da necessidade de autoria da própria vida como uma condição biológica”. O termo é criação dos filósofos Maturana e Varela, na década de 1970 e se aplica, em sua especificidade, à área da filosofia e da biologia.

“no caminho”? Ou há outra forma de entender as vias de remover pedras, construir pontes e tecer relações edificando templos que possam ser locais de cura para que, em tempos de distopias, não se desaprendam a arte e o valor de cuidar? Ao usar o termo “valor”, acaso pode-se perguntar quanto “vale” o cuidar e, em decorrência, transformá-lo em produto? Ou *cuidar* deve ser considerado valor em si, jamais passível de negociação, pois também o ser humano não o pode ser?

Quando o cuidar opera como cura... é então que se *convivencia* o cuidado: o fogo serve para iluminar, cozer e aquecer e não para queimar livros e corpos de dissidentes que ousam questionar e discordar; cordas servem para tecer redes de apoio e sustentação e não para prender pés e mãos em aprisionamentos; pedras servem para construir degraus e pontes que possibilitam encontros de reflexão e diálogo e não para ferir aqueles e aquelas que não se adequam ao sistema; arte e ciência servem à tessitura de uma visão de mundo (espiritualidade?) em que o valor é o humano em dignidade de vida, em que o valor é cuidar a fim de que o humano possa ser e se dar e a resiliência é posta como sinal de um modo de ser fundamentado na cura.

2.7 CONSIDERAÇÕES (AINDA NÃO) FINAIS

A (re)descoberta do ser humano como ser capaz de encontrar-se na palavra possibilitadora de compreensões, relações e diálogos pode ser uma forma de (re)condução da teologia ao que lhe é mister? Poder-se-ia conversar sobre isso adventando pastorais do cuidar em que o encontro de pessoas origine tessituras de cura?

No encontro de pessoas, a partir da compreensão de sentidos, ocorre um processo em que a questão fundamental parece ser, então, ocupar-se daquilo que jaz como que encoberto pela névoa da incompreensão, na obscuridade, para, justamente, des-velar-lhe o(s) sentido(s). Nisso, importa considerar que a função hermenêutica diz respeito não só à palavra escrita ou dita, proferida, mas, também, a símbolos e sinais, sejam eles grafados ou não; enquanto a ciência, em seu método redutivo-causal, se pergunta “o quê”, pela hermenêutica se pergunta “que significa”? Sob essa consideração, convém dizer que o significado de uma simbologia é,

também, resultado de um senso identitário e necessidade de colocar em evidência algo que faz sentido e precisa ser lembrado para que não seja olvidado.

No mundo da existência é assim que nem tudo pode ser traduzido, pois nem tudo se acha, efetivamente, graficamente estabelecido. Não obstante, isso não é argumento para que a função hermenêutica seja negligenciada e/ou olvidada. Antes, pelo contrário, é preciso que o próprio ser humano se assuma como hermenêutico a fim de ir em busca de desvelamentos e compreensões a fim de poder ser-humano. Ora, desvelar consiste em tirar das sombras: a função hermenêutica consiste, então, em iluminar, mas de onde provém a luz para tal? Pode-se dizer que ela se origina daquela pré-compreensão ou (re)conhecimento – fé – de que é possível pôr-se em marcha rumo à compreensão de sentidos? É preciso, então, remeter à ontologia? Mas, com isso, não se estaria confinando a ontologia a um espaço cerceado, deveras delimitado?

Se sim, é preciso remeter à compreensão de um sentido transcendental, que não se reduz ao ente em sua finitude, pois implica no (re)conhecimento de uma dimensão ontológica no ser humano, como ser hermenêutico, mediador não só entre textos e contextos, mas, também entre tempos e templos, a fim de estabelecer conexões e relações, sendo que esta dimensão concerne unidade entre tudo e a todos e todas. É em relações com o outro/com a outra - relações humanas: de cura e de cuidado - que percebemos onde residem nossas lacunas e nossas potencialidades. É nessas tessituras de cura que nos libertamos do meramente instintivo, compreendemo-nos unidade e, partícipes, somos complementados e também complementamos para podermos, em liberdade, assumir responsabilidades. Tessituras são, portanto, tramas conjuntas de compreensões e ressignificações terapêuticas em que o cuidar opera como cura.

Partindo da consideração de que a humanidade é, em essência, participação em uma unidade comum (=comum-unidade!), a hermenêutica pode permitir um movimento de (re)conhecimento em que particularidades, expostas à luz da unidade, se tornem compreensíveis e, talvez, a universalidade da hermenêutica consiste justamente nisso. Esse movimento pressupõe encontros e estes, por sua vez, pressupõem um movimento de busca. Por vezes, os encontros se dão como tropeços: é pelo estranhamento de algo que ocorre uma busca por sua compreensão. Mesmo assim, esse estranhamento já é prenúncio de um

(re)conhecimento, sinal de algo que, no chão da existência merece ser desvelado, trazido à luz, ainda que pareça precário demais para ser valorizado. É justamente o estranhamento com seu decorrente (re)conhecimento que permite que precariedades se tornem preciosidades.

Arrisquei dizer, certa vez, que a função hermenêutica poderia ser comparada a um cenário em que alguém se acha diante de uma imensa parede pedregosa. Escalá-la pode parecer impossível e, então, é preciso tomar um distanciamento a fim de contemplá-la e poder vislumbrar possibilidades. Esse distanciamento consiste numa posição em que é possível não sucumbir ante a rudeza da rocha e, também, numa posição de abertura para refletir possibilidades de seguir adiante encontrando brechas ou, em sua inexistência, tentando cunhá-las. Quantas vezes encontra-se o ser humano como que diante de uma pedreira e, pelo fato de dispor-se a remover pedras na construção de caminhos, possibilita-se a tessitura de pinguelas e vielas ou então o encontro de preciosidades nela ocultas?

Não me parece possível, no entanto, que o processo de (re)conhecimento seja possível sem que seja de forma convivencial. Diante da dureza e crueza da rocha, vezes há em que possam se dar quedamentos e desânimos, quase um desespero, ante a tomada de consciência da limitação face à grandeza da tarefa que a existência impõe. Quantas vezes a cuidadora chega a um limite de exaustão em que a própria alma não mais é sentida? Quantas vezes o corpo chega a ficar disforme e distorcido pela sobrecarga de uma condução de vida que se dá sob uma equivocada interpretação de o que significa cuidar? A profusão de sentimentos confusos, ante o desafio de cuidar de alguém adoecido pode beirar as raias da loucura até para quem pensa estar devidamente apto para assumir tal função. Chega um tempo, no entanto, que a consciência da limitação conduz à busca por relacionalidade e, se possível, complementaridade, pois ocorre um entendimento de que não é possível permanecer quedado, é preciso seguir e isso requer um *sentimento* de liberdade que conduz à responsabilidade inalienável de ser-humano como ser de cura e de cuidado a começar em si.

Creio que essa “tomada de consciência” pode ser compreendida como a brecha aberta pelo diálogo sobre a pedreira (que é o que está posto à frente como necessidade de fazer) e a finitude (que move a que, num esforço conjunto, se possa, efetivamente, ser) e que conduz à resposta pessoal que cada ser humano precisa

dar, para existir de forma autêntica e ser-humano: cuidar. Dessa forma, o imperativo é: compreender o *dever-ser* a fim de *poder-ser*. Assim, é na dialogicidade entre textos e contextos que se torna possível, com as pedras do caminho, construir não muros, mas pontes que possibilitem ir e vir para (re)encontros. Igualmente, é pela dialogicidade que se torna possível tecer redes de suporte em que o sagrado e o humano são vivenciados no e pelo cuidar como tessituras de cura, as vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós.

Trata-se, portanto, de um imperativo, um *dever-ser*, mas que, em liberdade, se assume como *poder-ser*⁸⁸ e, por isso, impensável e impraticável sem o cuidar. Justamente por isso penso ser importante que, entre a ética e o cuidado, haja caminhos hermenêuticos a percorrer. Certamente há, por aí, escritos acerca de “o que cuidar” e, também, sobre “como cuidar”, mas o que a mim interessa, especificamente, é o cuidar em si, a compreensão de como ele se dá a partir da compreensão do sentido de ser, ou seja, da cura e do cuidado. Ou seja, o que busco é compreender o cuidar como todo e qualquer empenho para que a unidade da vida, tantas vezes esquecida, seja cultivada e isso de tal forma que reduções e fragmentações não são passíveis de admissões. Ainda há muito, portanto, para refletir e dizer: que eu saiba, então, aprender e ensinar a arte da resiliência, como sinal de resistência...

Outra regra, para quem escreve de forma científica, é trabalhar um desfecho, dar um acabamento a partir do que se refletiu. É uma espécie de resumo com algo a ser dito, ainda que em forma de pergunta ou desafio e que possibilite a continuidade da reflexão e a tessitura de diálogos para que o ponto de chegada seja, ao mesmo tempo, sob outro ponto de vista, um ponto também de partida. Segue-se, assim...

⁸⁸ Há vezes em que Cuidar envolve um conflito entre ética e cuidado, entre o “ter que fazer”, sem se eximir à responsabilidade da escolha e suas decorrências e o “poder fazer”, sem negar as implicações da escolha. Há casos em que não há “certo” e “errado”, mas, tão somente, espaço e tempo para o cuidado!

3 ENTRE O CUIDAR E O CUIDADO: TESSITURAS DE UM MODO HUMANO DE SER?

*Enquanto o descuido parece a largos passos avançar
em ruas e em ruelas, ao frenesi de caminhos,
em passarelas desfilar, ladeiras a percorrer e nas calçadas dormir,
no silêncio das florestas, entre picadas... nos descaminhos,
habita solitário, porém jamais sozinho, o filho de Cura, Cuidado.*

*Fazem-lhe companhia as mestiçagens advindas de um tempo ainda não seu.
Em noites de lua cheia, nas clareiras, entre espinhos,
em torno do fogo se acercam, se achegam, se avizinham
a fim de cantar centelhas e estrelas no céu contar.
É seu brilho que encanta, povoando-os de esperança.
Crescendo à margem de um tempo, distantes de um conhecido lugar,
são elas que sempre inspiram a nunca, jamais, desistir.*

*Faz tempo, Cuidado já nem se lembra, que assim se sonha em conjunto.
O Sonho, conjuntamente sonhado, traz alento... faz-se tento
forja-se em persistência e instiga o caminhar.
Enquanto sonhar-se em conjunto, ainda que em noites frias,
permanece a esperança, celebra-se a alegria.
É sussurro de Utopia prensada, ainda entre nós sonhada.*

*Há dias, todos lá bem o sabem, em que violentas torrentes inundam a mata, seu lar.
O vento fustiga guardiões e ouvem-se uivos e gritos.
As mestiçagens compreendem: são vozes e apelos em tom esquisito.
Adentram a densidade cerrada numa busca nem sempre entendida.
Só Cuidado, reflexivo, consegue decifrar o mistério:
transcendendo espaço e tempo, interpreta vez e voz.
Só ele pra transformar sussurros e sons guturais em preciosos mananciais.
Todos ali creem - e sabem - que Cuidado jaz à sombra, sempre pronto a aparecer.
Não pode jamais ser imposto. Precisa ser compreendido pra que seja assumido.
À compreensão do sentido surge faceiro, ligeiro,
encharcando de harmonia a vida, o com-viver.
Perpassa o ser em totalidade atingindo, por fim (?) a infinitude.
Transcende o aqui e o agora, na vivência da finitude.*

*Nessas horas, já se sabe, bem no seio da densa floresta,
como se fosse encanto ou magia, eis que surge uma imensa clareira.
É dali, como que em ondas, que brota em sua inteireza, um movimento incessante.
E, como veias e coração a pulsar,
contagiando pela força, sem que se dê a conquista,
busca-se conscientizar, aposta-se no esperançar.*

*Então se juntam mestiçagens, todas que no exílio com-vivenciam,
desde o tempo da recusa, quando não mais se permitia o sonhar.
E braços dados, ombros colados, entoam diferentes ritmos em uma só harmonia.
Irrrompe, assim, em cadeias, um ser até o infinito para poder transcender.
E ouve-se, muito além de fronteiras, o ensaio de melodias.
Soprada pelo vento, pela brisa sussurrada, surge uma nova canção:
É Cura a desdobrar-se, das entranhas a humanizar.
Incansável, insuperável a compor sua apologia
Num ser que se dispõe a cuidar.*

Se o capítulo anterior foi uma busca por situar vocês no contexto em que esta reflexão foi gestada, nos próximos, busco uma aproximação do contexto bibliográfico em que ela encontrou subsídios e fundamentos. De forma especial busco explicitar o significado do pensamento de Heidegger para mim no que tange ao cuidar e ao cuidado bem como do significado de seu pensamento sobre o *dasein* ser gerador de novas criações. Vocês irão perceber o quanto seu pensamento fundamenta minhas reflexões especialmente nos conceitos *já-ser-em*, *ser-junto-a-com* e *ser-para-a-morte*. Creio que este capítulo, que ora inicia, pode ser considerado, nesta escrita, o mais denso, em termos de conceituações, na tentativa de mostrar como, a partir da compreensão do sentido de ser o ser humano opta por um modo de ser em que dá sentido ao seu próprio existir decidindo-se a cuidar e, por ele, promover tessituras de cura. Ou, dito em outros termos: como, a partir de compreensões acerca do sentido existencial de ser, o ser humano se decide e opta em ser-humano.

Apresento esta reflexão fundamentada em conceitos apresentados por Heidegger (1889–1976) em *Ser e Tempo* (1927): cura e cuidado. Conceito, conforme Heidegger, “é a representação de algo em relação àquilo que nele vale como muitos e, por isso, é um geral”⁸⁹ e os conceitos de que me ocupo querem isso representar. Dito isso, convém lembrar de que esta reflexão consiste empenho pela compreensão de um conceito prático considerado constitutivo do ser humano e suas relações com a formação e com a condução desse ser: o cuidar, sob a consideração de que, sem ele, não há cura e nem cuidado.

Cabe dizer, sobre isso, que me ocupo dessa temática, em termos acadêmicos, desde 2008 tendo-a trabalhado, na graduação em Filosofia e no Mestrado em Educação, em interfaces com a Extensão Universitária sendo que busco, agora, traçar uma interface entre Saúde e Formação humana sob o viés da Espiritualidade. Se isso me faz ou não heideggeriana é, na verdade, irrelevante. Não obstante, se isso me faz ou não ser cuidadora é não só relevante como fundamental em meu existir nas dimensões pessoal e profissional. A reflexão que apresento se dá sob as vistas do cuidar em relações práticas a partir de meu conviver.

Embora esta reflexão seja temática, o pensamento heideggeriano é basilar na escrita que aqui busco tecer. Heidegger buscou reconstruir a metafísica em

⁸⁹ HEIDEGGER, 2017, p. 153.

novas bases, mediante aplicação do método fenomenológico (compreensões no âmbito das experiências, dos fenômenos tal como ocorrem, de tudo aquilo que somos conscientes) do estudo do ser. Ele considerava o seu método fenomenológico e hermenêutico, em que se dirige a atenção para o desvelamento daquilo que se oculta naquilo que se mostra. Pela hermenêutica visa-se interpretar o que se mostra desvelando isso que se manifesta *aí*, mas que, no início e na maioria das vezes, não se deixa ver: nesse método, vai-se diretamente ao fenômeno, procedendo à sua análise, desvelando o modo da sua manifestação⁹⁰. O pensamento deste teólogo e filósofo encontrou eco em minhas inquietações, de tal forma que passei a me ocupar de suas leituras na tessitura de relações possíveis com minha prática.

Nesta reflexão, destaco algumas de suas obras: *Ser e Tempo* (1927) compreende uma analítica existencial que propõe a desconstrução da dicotomia entre o ser humano racional e o universo que habita, considerando-o partícipe da realidade; *Carta sobre o humanismo* (1949) explicita o fenômeno humano a partir do cuidado; *Introdução à Metafísica* (1953) apresenta o mundo como “um mundo sempre espiritual” (sendo que a causa de seu obscurecimento é “a fuga dos deuses; a destruição da Terra; a massificação do humano e a primazia do medíocre”) e o espírito como determinação originariamente afinada e sabedora para com a essência do Ser⁹¹; *Seminários de Zollikon* (1987) traça relações sob o viés da saúde que se tornam fundamentais na interface saúde/espiritualidade que aqui busco tecer.

Inicialmente, quero dizer que considero o exercício de filosofar como um constante caminhar, um vagar de rumo (in)certo, na segurança de um constante ir, chegar, partir; na existência, ficar é sempre incerto e, por isso, urge o andar, tocar, arriscar, encontrar, conviver. Filosofar é, assim, sempre pôr-se a caminho, traçar (in)quietudes, compreender processos, ousar tentar estranhar e sair do ninho; é desejar e querer que o humano não fique isolado e sozinho; é intercambiar relações e inscrever-se, então, além de pergaminhos; é, pois, uma forma de com-viver e de conviver. Para Heidegger, compete à filosofia, como ofício, “preservar a força das palavras mais elementares, em que o *dasein* se pronuncia a fim de que elas não sejam niveladas à incompreensão do entendimento comum, fonte de

⁹⁰ HEIDEGGER, 2008, p. 65ss.

⁹¹ HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Metafísica**. Lisboa: Instituto Piaget, 1987. p. 52ss.

pseudoproblemas”.⁹² Há, com certeza, muitas palavras elementares; ser humano, cura, cuidar e cuidado são algumas delas e é precisamente dessas que me ocupo não somente nesta reflexão como em minha prática pessoal, profissional e comunitária.

3.1 SER HUMANO - SER DE CUIDADO: ACERCANDO-SE DE TERMINOLOGIAS EXISTENCIAIS

Conforme o pensamento heideggeriano, a partir da compreensão do sentido de ser, o humano abandona a forma inautêntica de viver e assume seu verdadeiro “eu”; ou seja, responde a um apelo que compreende. Viver de forma autêntica é responder, pessoalmente e em liberdade, ao chamado ontológico do Ser projetando-se e assumindo-se como ser humano ao cuidar. Dessa forma, responder é, em sua radicalidade, co-responder; trata-se de reconhecer a limitação (finitude “como fronteira, aquilo que completa uma coisa naquilo que ela é, delimita-a em sua essência, ressaltando-a”⁹³), aceitar a diferença em liberdade (que consiste em abertura: ser livre para uma solicitação, que é o motivo para o corresponder do ser humano⁹⁴) e responder (= co-responder) como responsabilidade (mais do que *dever-ser*, trata-se, essencialmente, de *poder-ser*): *é já-ser-em, ser-junto-a-com e ser-para*.

Ouso dizer que esse ser – ser humano – pela ARTE, promove o sonho, o imaginário, a utopia⁹⁵; pela CIÊNCIA, se ocupa, em suas diferentes áreas, daquilo que diz respeito ao seu ser-no-mundo; pela ESPIRITUALIDADE, forja o ser em esperança e confiança e, pela POESIA, conta seus anseios, expressa sua agonia, canta sua dor e, também, sua alegria; poemar é, dessa forma, como tentar encontrar uma universalidade na especificidade. Não objetivo, aqui, definições sobre o que seja arte, ciência, espiritualidade ou poesia (na especificidade desta escrita doutoral): interessa-me o ser capaz de tais saberes (sendo que esse ser não é dado sem um mundo) em sua forma de ser (cuidar). Na finitude que se dá entre o nascer e o morrer dá-se a existência que, movida em sua autenticidade, pela compreensão do sentido de ser, conduz o ser humano em seu poder-ser como cura, como cuidado. Faço a distinção de cura como constitutivo ontológico do ser-no-mundo e

⁹² HEIDEGGER, 2008, p. 290.

⁹³ HEIDEGGER, 2017, p. 188.

⁹⁴ HEIDEGGER, 2017, p. 215.

⁹⁵ Utopia...será ela o que não pode ser? Ou aquilo que (ainda) não pôde ser?

cuidado como constitutivo ôntico do ser-no-mundo, conforme orientação apresentada em *Ser e Tempo*.

Em *Ser e Tempo*, visando uma ontologia fundamental (possível somente como fenomenologia), Heidegger procede a uma analítica existencial cujo “objeto” é o *dasein*. Mas o que significam essas terminologias?

A analítica existencial toma por “objeto” o *dasein* (traduzido, no português, como *ser-aí* e, também, como *presença*) que, conforme Heidegger, “sempre se compreende a si mesma a partir de sua existência, de uma possibilidade própria de ser ou não ser ela mesma”.⁹⁶ *Dasein* é o termo escolhido por Heidegger a fim de caracterizar o modo de ser de um ente que, sendo, questiona o seu ser e sobre ele reflete, na busca pela compreensão do sentido de ser a partir de seu próprio ser. O ser humano é o único ente capaz de fazê-lo; é *sendo* que o ser humano é, se ocupa com seu *poder-ser* e, na compreensão do sentido de ser é que pode conduzir sua existência de modo autêntico, sem eximir-se, em liberdade, à própria responsabilidade de ser-humano. Ou seja, pelo cuidar promove-se a humanidade do ser humano na compreensão de que ser-humano é uma opção da qual não só decorrem como resultam outras.

O inalienável, na concepção de Heidegger, é que o humano se dá – é – somente pelo cuidar. Num exercício de liberdade, o ser humano responde a um chamado ontológico: “Torna-te o que és! (humano!)” e faz uma escolha: assume a responsabilidade de *poder-ser*, “poder-ser é justamente a “*essência*” do *Dasein*. Eu sou constantemente o meu poder-ser como possibilidade”⁹⁷. Essa resposta, num autêntico exercício de liberdade, configura a decisão do ser humano *desde* o seu fundamento e *para* seu fundamento: ocorre pelo cuidar, como cura, como cuidado⁹⁸. *Da-sein* é *ser-no-mundo* e implica em ser presença, estar-aí ou ser-aí em constante relação como *ser-em*, *ser-com* e *ser-para*.

⁹⁶ HEIDEGGER, 2008, p. 48.

⁹⁷ HEIDEGGER, 2017, p.173.

⁹⁸ Em *Sobre a essência do fundamento* (HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 110; 113), Heidegger explana sobre essa questão afirmando que “a liberdade como transcendência é a origem do fundamento em geral. Liberdade é liberdade para o fundamento” e “a essência do fundamento é a tríplice distribuição do fundar em projeto de mundo, ocupação no (pelo) ente e fundamentação ontológica do ente que brota transcendentalmente”.

O *dasein*, em já sendo, é; não obstante, transcende esse ser, pois é sempre abertura. Ao nascer num mundo já dado, o ser humano é toda possibilidade, ainda que de forma incerta. Inserido no mundo, sua formação como ser humano se dá com base nesse mundo em que é (pode-se, então, falar, a respeito disso, em tradição e/ou em cultura?!). Essa formação pode, até mesmo, se dar de forma alheia ao seu querer inicial, mas, em algum momento de sua existência, vai exigir-lhe uma tomada de posição e, portanto, de seu querer. Ao se decidir *poder-ser*, na realização de seu ser ele se torna partícipe desse mundo em que já sempre é e promove transformação; *ser-no-mundo* é possibilidade constante pela compreensão do sentido de ser que conduz a um modo de ser que se tece sempre como relação a partir de necessidades e de respostas. Dessa forma, o processo de formação e transformação do ser humano e de seu mundo dá-se pela necessidade, pela vontade, pela ação criativa, pelo ser-humano cuidador.

Enquanto o modelo científico natural, com sua metodologia cartesiana e positivista, fragmenta o ser humano a fim de proceder a diferentes análises, a analítica visa conduzir o ser humano ao que lhe é originário: o ser em si a partir de uma visão de unidade na totalidade, o ser como essência transcendente e originária. Quanto ao termo *analítica*, conforme Heidegger “a analítica da presença, assim entendida, fica totalmente orientada para a tarefa que guia a elaboração da questão do ser e a analítica da presença”.⁹⁹ Pode-se dizer que a analítica existencial precede as demais formas de conhecimento podendo estar, inclusive, como fundamento delas, pois ela se ocupa, como ‘hermenêutica da facticidade’, da compreensão do ser do ente a partir do ser que esse mesmo ente já sempre é (ou seja, como fenômeno) e a ele retorna, sempre de novo. Para Heidegger,

Trata-se de uma hermenêutica que elabora ontologicamente a historicidade da presença como condição ôntica de possibilidade da história factual. Por isso é que, radicada na hermenêutica da presença, a metodologia das ciências históricas do espírito só pode receber a denominação de hermenêutica em sentido derivado. [...] Ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas distintas da filosofia ao lado de outras. Ambas caracterizam a própria filosofia em seu objeto e seu modo de tratar. A filosofia é uma ontologia fenomenológica e universal que parte da hermenêutica da presença a qual, enquanto analítica da *existência*, amarra o fio de todo questionamento filosófico no lugar de onde ele *brota* e para onde *retorna*.¹⁰⁰

⁹⁹ HEIDEGGER, 2008, p. 54.

¹⁰⁰ HEIDEGGER, 2008, p. 78.

O “filósofo da Floresta Negra”¹⁰¹ coloca sua analítica existencial “antes de toda psicologia, antropologia e, sobretudo, a biologia”, pois por ela se propõe perguntar e compreender o sentido de ser e, mais especificamente, quem é o ser que se interroga pelo ser ao ser? Ou, de forma simplificada, *quem é o ser humano e como ele pode ser?* Qual a natureza do ser humano e em que consiste sua unidade? Para Heidegger,

As delimitações da analítica existencial face à antropologia, psicologia e biologia referem-se somente à questão ontológica de princípio. “Do ponto de vista epistemológico”, essas investigações são necessariamente insuficientes simplesmente porque a estrutura de ciência destas disciplinas – o que nada tem a ver com a “cientificidade” daqueles que trabalham para o seu desenvolvimento – tornou-se cada vez mais questionável. Por isso são necessários novos impulsos, oriundos de uma problemática ontológica.¹⁰²

A compreensão do sentido de ser é, então, a busca que torna possível a descoberta de si como ser humano e do valor de ser-humano. É a partir de um movimento rumo à compreensão do ser que o ser humano se descobre em um modo de ser-humano e escolhe – se decide por – significar a compreensão desse sentido em um sentido existencial. É, pois, na compreensão do sentido de ser que o ser humano opta por um modo de ser em que dá sentido ao seu próprio existir a partir de suas próprias possibilidades. Esse processo, de busca e de tessitura de um sentido existencial, não se dá sob as vistas de um método puramente científico: requer não somente análise; consiste em uma analítica.

Torna-se importante, nesta reflexão, diferenciar análise de analítica: a análise compõe-se de uma metodologia de fragmentação e recondução de sintomas às suas causas (ou seja, considerando-se nexos causais). Já a analítica consiste uma via em que se volta o olhar para a manifestação do fenômeno em seu modo de desvelar-se para possibilitar a compreensão do sentido de ser a partir da condição de suas possibilidades. Dito de forma simples: a condição humana é que permite ao ser humano poder ser-humano. Esse *poder-ser* é algo que precisa, por uma via, tornar-se desvelado como sentido de ser; ou seja, é preciso valorizar isso como importante e fundamental para, por outra via, ser escolha de um modo de ser que se conduza como cuidar. O cuidar é o que conduz tanto o processo de desvelamento (o

¹⁰¹ Heidegger era assim conhecido pelos passeios que realizava nos arredores de Freiburg, na chamada Floresta Negra (*Schwarzwald*)

¹⁰² HEIDEGGER, 2008, p. 89.

socrático “conhece-te a ti mesmo”) como o processo de escolha (o pindarístico “torna-te o que és, a saber: humano!”).

Em *Seminários de Zollikon*, Heidegger argumenta sobre a possibilidade de, em termos de saúde, uma psicoterapia, por exemplo, não ser conduzida nos moldes puramente científicos a fim de ser ferramenta de compreensão do sentido de ser; igualmente, apresenta o termo *Sorge*¹⁰³ como origem e destino do ser humano. Fundamentada no método fenomenológico, a analítica existencial pode ser proposta, como ferramenta de cura e de cuidado, a partir da condução de processos em que se busca alcançar a compreensão do sentido de ser pelo *Dasein*. Mas a pergunta volta novamente: em que consiste, fundamentalmente, a analítica? Seu objetivo é a pergunta pela condição fundamental existencial do *Dasein* pelo cuidar. Para Heidegger,

a finalidade da analítica é, pois, evidenciar a unidade original da função da capacidade de compreensão. A analítica trata de um retroceder a uma “conexão em um sistema”. A analítica tem a tarefa de mostrar o todo de uma unidade de condições ontológicas. A analítica como analítica ontológica não é um decompor de elementos, mas a articulação da unidade de uma estrutura. Este é o fator essencial no meu conceito “analítica do *Dasein*”. [...]

Em *Ser e tempo* é dito que o *Dasein* ocupa-se essencialmente desse seu próprio *Dasein*. Ao mesmo tempo, esse próprio *Dasein* é determinado como um ser-uns-com-os-outros original. Por isso o *Dasein* ocupa-se sempre também dos outros. A analítica do *Dasein* não tem, pois, absolutamente nada a ver com um solipsismo ou subjetivismo. Mas o mal entendido de Binswanger não consiste tanto em que ele quer complementar o “cuidado” com o amor, mas sim, no fato de que ele não vê que o *cuidado* tem um sentido *existencial*, isto é, ontológico, que a *analítica do Dasein* pergunta pela sua *constituição fundamental ontológica (existencial)* e não quer simplesmente descrever fenômenos ônticos do *Dasein*.¹⁰⁴

Quanto à terminologia *existencial*, importa considerar a nota 5 exposta em *Ser e Tempo*: “existencial remete às estruturas que compõem o ser do homem a partir da existência em seus desdobramentos advindos do *dasein*.”¹⁰⁵ Trata-se, pois, de uma compreensão existenciária: *dasein*, enquanto *ser-no-mundo* é unidade na totalidade e cabe-lhe a tarefa de assumir-se para *poder-ser*. Para Heidegger,

Embora articulada, a totalidade da estrutura da cura não resulta de um ajuntamento. [...] No apelo da consciência, a cura faz apelo à presença para

¹⁰³ Termo alemão que, traduzido, significa cuidado.

¹⁰⁴ HEIDEGGER, 2017, p. 131-132.

¹⁰⁵ HEIDEGGER, 2008, p. 563.

o seu poder-ser próprio. [...] A estrutura da cura não fala contra um possível ser todo, mas é a condição de possibilidade desse poder ser existenciário. [...] Os fenômenos existenciais de morte, consciência e dívida estão ancorados no fenômeno da cura. A articulação da totalidade do todo estrutural é ainda mais rica e, por isso, torna também mais urgente a questão existencial da unidade dessa totalidade.

Como se deve conceber essa unidade? Como a presença pode existir, numa unidade, nos modos e possibilidades de seu ser? Manifestamente, só enquanto esse ser for ele mesmo em suas possibilidades essenciais, enquanto eu sempre sou esse ente. Aparentemente, o “eu” “sustenta uma coesão”, a totalidade do todo estrutural. Na “ontologia” desse ente, o “eu” e o “si mesmo” foram, desde sempre, concebidos como fundamento de sustentação (substância e sujeito). Já na caracterização preparatória da cotidianidade, a presente analítica deparou-se com a questão do quem da presença.¹⁰⁶

A terminologia *ser-no-mundo* propõe resguardar essa unidade sendo que, conforme Heidegger,

A expressão composta “ser-no-mundo”, já na sua cunhagem, mostra que pretende referir-se a um fenômeno de unidade. Deve-se considerar este primeiro achado em seu todo. A impossibilidade de dissolvê-la em elementos, que podem ser posteriormente compostos, não exclui a multiplicidade de momentos estruturais que compõem esta constituição. [...] O ser-no-mundo é, sem dúvida, uma constituição necessária e *a priori* da presença, mas de forma nenhuma suficiente para determinar por completo o seu ser.¹⁰⁷

Para Heidegger, teólogo e filósofo, o ser humano é "ser que caminha para a morte" e sua relação com o mundo concretiza-se, em autenticidade, a partir da cura, como cuidado. Quando o ser humano se compreende como *dasein*, a decorrência será um *poder-ser*. Pode-se dizer, então, que ser-no-mundo pressupõe intencionalidade? Considerando que “intencionalidade significa: toda consciência é consciência de algo, é orientada para algo”¹⁰⁸ e considerando, ainda, que quando essa orientação se dá como ação que parte da compreensão do sentido de ser-no-mundo de tal forma que conduza sua significação numa forma de ser, sim.

Significar o sentido de ser a partir da hermenêutica do ser é posicionar-se a fim de tornar-se “o que se é” o que equivale a um processo de autoconhecimento e re-conhecimento. É pela compreensão do sentido de ser, na consciência de *poder-ser*, que o ser humano se decide a ser-humano – cuidar – e, conforme Heidegger,

¹⁰⁶ HEIDEGGER, 2008, p. 401.

¹⁰⁷ HEIDEGGER, 2008, p. 99-99.

¹⁰⁸ HEIDEGGER, 2017, p. 222.

o que a presença, portanto, dá a compreender seria assim um conhecimento de si mesma. E a escuta que corresponderia a tal apelo seria um *tomar conhecimento* do fato de “estar em dívida”. [...]

O fazer apelo ao ser e estar em dívida significa uma apelação do poder-ser que, enquanto presença, eu sempre sou. Esse ente não precisa primeiramente carregar-se de “culpa” por falta ou omissão. Ele deve apenas *ser e estar propriamente* em dívida – tal como ele é e está. [...]

Compreendendo o apelo, a presença *se faz escuta para a sua possibilidade de existência mais própria*. Ela escolheu a si mesma. [...]

A compreensão do apelo é a escolha – não da consciência que, como tal, não pode ser escolhida. Escolhido é o ter consciência enquanto ser-livre para o ser e estar em dívida mais próprio. *Compreender a interpelação* significa: *querer-ter-consciência*. [...]

O querer-ter-consciência é, sobretudo, a pressuposição existencial mais originária da possibilidade do ser e estar faticamente em dívida. Compreendendo o apelo, a presença deixa que o si-mesmo mais próprio *aja dentro dela* a partir da possibilidade de ser escolhida. Apenas assim ela pode *ser* responsável. [...] Assim, o querer-ter-consciência significa assumir a falta essencial de consciência, unicamente onde subsiste a possibilidade existencial de ser “bom”.¹⁰⁹

Trata-se, nesse caso, de uma ação que decorre da compreensão do sentido de ser-no-mundo que, em se direcionando, já é e está direcionada pelo que a fundamenta, impulsiona e que, também, conduz o cuidar como cura e como cuidado resultando como que na volta ao fundamento, este entendido “como a essência original, como aquilo em que repousa tudo o que é verificável”¹¹⁰. Cuidar é, assim, o empenho por promover a unidade da vida diante de todo e qualquer processo de redução e fragmentação.

Para Heidegger, “a consciência é o apelo da cura que, a partir da estranheza do ser-no-mundo, faz apelo para a presença assumir o seu poder ser e estar em dívida mais própria. O querer-ter-consciência é o compreender que corresponde ao apelar”.¹¹¹ Assim, cuidar não é (só) intencionalidade, mas ação criativa e posicionamento (resposta) que parte da cura e que conduz à cura: cuidado é constitutivo do ser humano como *Dasein*, é a “marca humana”:

Cuidado como constituição fundamental existencial do Da-sein do homem no sentido de *Ser e tempo* é, nada mais nada menos, do que o nome de toda essência do Dasein, uma vez que este é sempre já dirigido para algo que se lhe mostra e, como tal, é absorvido constantemente, desde o início,

¹⁰⁹ HEIDEGGER, 2008, p. 368.

¹¹⁰ HEIDEGGER, 2017, p. 197.

¹¹¹ HEIDEGGER, 2008, p. 369.

sempre num relacionamento qualquer, em cada caso, com aquilo que se lhe mostra¹¹².

3.2 O SER HUMANO E OS EXISTENCIAIS

Em o que se poderia chamar de pesquisa antropológica (só que não!), Heidegger, destaca, no *dasein*, traços fundamentais que denomina existenciais (estruturas ontológicas constitutivas) de seu *ser-no-mundo*, ou seja, existência, facticidade e decadência: 1) o *já-ser-em* – a própria existencialidade que, conforme Heidegger, “[...] pretende referir-se a um fenômeno de unidade”¹¹³: ser que se encontra em situação (chamado *dasein*) num círculo de afeto e interesses; sempre aberto para se tornar algo novo; 2) o *ser-junto-a-com* – pois, conforme Heidegger¹¹⁴, o “*com*” fundante do *ser-no-mundo* implica em compartilhamento: “à base desse *ser-no-mundo determinado pelo com*, o mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros. O mundo da presença é *mundo compartilhado*. O *ser-em* é *ser-junto-a* e *ser-com* os outros” e 3) o *ser-para-a-morte* – caracterizado como angústia, pois é possibilidade constantemente presente, sendo que é somente com a morte que se completa a totalidade da vida. A compreensão da possibilidade da morte sempre presente é que conduz o ser humano em seu direcionamento a partir de e para a cura, pelo cuidar. Ou seja, torna-o guardião de uma forma de ser que promove a cura e o cuidar.

3.2.1 O *já-ser-em*

Ser humano é *ser-no-mundo*. Ao ser, é sempre “*já-em*”, “*junto-a-com*” e “*para*”. *Ser-no-mundo* é constituição fundamental do *dasein* que, conforme Heidegger, “encontra a sua constituição mais originária na cura (anteceder-a-si-mesma-no-já-ser-em-um-mundo-como-ser-junto-a-entes-intramundanos)”¹¹⁵. O “*em*” possui duplo sentido: *in sein* (estar embarcado) e *sein in* (saber-se, sentir-se embarcado): o *ser-no-mundo* de que fala Heidegger e de que trato nessa abordagem significa a compreensão de uma forma de ser que, sendo, é. Esse modo de ser encontra-se perpassado de incompletude e inacabamento: é um constante e

¹¹² HEIDEGGER, 2017, p.223.

¹¹³ HEIDEGGER, 2008, p. 98.

¹¹⁴ HEIDEGGER, 2008, p. 175.

¹¹⁵ HEIDEGGER, 2008, p. 271.

sempre novo devir, marcadamente relacional, em que importa *poder-ser* a partir da pertença e do senso de pertencimento que move o ser humano de forma compromissada com o modo de ser-humano: cuidar.

Mundo é o campo de relações em que a existência se torna possível. Conforme Heidegger, “o mundo é, portanto, algo “em que” (*worin*) a presença enquanto ente já sempre esteve, para o qual (*worauf*) a presença pode apenas retomar em qualquer advento de algum modo explícito”.¹¹⁶ Sob essa compreensão, pode-se dizer que *ser-no-mundo* é ser errante, itinerante, em eterna peregrinação, em constante devir, é *já-ser-em*: conforme Heidegger, “o “já” (*schon*) significa o sentido ontológico, existencial e temporal de um ente que, sendo, já é e será sempre lançado. Somente porque a cura se funda no vigor de ter sido é que a presença, enquanto ente-lançado, pode existir”.¹¹⁷

Mundo, compreendido a partir da conceituação de Heidegger, é “a expressão que resume tudo o que é, a totalidade, como unidade que determina o “tudo” como uma reunião e nada mais além”.¹¹⁸ Para Heidegger,

[...] mundo é o todo da constituição ontológica. Ele não é apenas o todo da natureza, da convivência histórica, do próprio ser-si-mesmo e das coisas de uso. Ao contrário, ele é a totalidade específica da multiplicidade ontológica que é compreendida de maneira una no ser-com-os-outros, no ser-junto-a e no ser-si-mesmo. No entanto, o problema é precisamente a totalidade de um tal todo orientado essencialmente para o ser-aí.¹¹⁹

Do dito acima, convém destacar o termo ontológico, não muito correntemente usado: o ser humano não é apenas um ente (ôntico); é preciso conceder-lhe um sentido existencial ontológico que contemple um *telos*, cuja compreensão de sentido faz com que ele se re-conheça como pessoa e se institua como tal em liberdade de escolha e de forma compromissada com princípios axiológicos. Na compreensão do sentido de seu ser na existência, o ser humano, como pessoa, atribui a si mesmo a possibilidade de *poder-ser* e com-vivencia *como* modo de ser de forma cuidadora: ao ser-humano, pelo cuidar, se humaniza e ajuda a humanizar de modo compromissado num mundo compartilhado.

¹¹⁶ HEIDEGGER, 2008, p. 125.

¹¹⁷ HEIDEGGER, 2008, p. 412.

¹¹⁸ HEIDEGGER, 1991, p. 96.

¹¹⁹ HEIDEGGER, 2009, p. 328.

Importa considerar, pois, que *ser-no-mundo* não significa ser *algo* no mundo; a expressão indica uma forma de ser: é indicação formal que implica um sempre “a caminho”, um “em busca de”, um “para” que vive desacomodado, angustiado por *poder-ser*. A fim de *poder-ser*, como *dasein*, o ser humano está lançado com vistas à compreensão do sentido existencial nos primados ôntico e ontológico, pois, conforme Heidegger,

[...] de acordo com um modo de ser que lhe é constitutivo, a presença tem a tendência de compreender seu próprio ser a partir daquele ente com quem ela se relaciona e se comporta de modo essencial, primeira e constantemente, a saber, a partir do “mundo”. [...] Ônticamente, a presença é o que está “mais próximo” de si mesma; ontologicamente, o que está mais distante; pré-ontologicamente, porém, a presença não é estranha para si mesma.¹²⁰

Mundo é, na concepção heideggeriana, a realização de um jogo jogado pelo ser humano como transcendência. Esse jogo

não é uma inserção em uma dinâmica de jogo por parte de um sujeito; o que acontece em um jogo é justamente o inverso. Nesse jogo da transcendência, todo e qualquer ente em relação ao qual nos comportamos já se vê envolto por um jogo, assim como todo comportamento já se acha colocado nesse jogo.¹²¹

O mundo é, sob essa perspectiva, compreendido como sendo o espaço e o tempo, o “lugar” em que é possível “jogar”: fazer-se arte e ciência e, em decorrência, poesia, bem como, também, o destino de sua reflexão e práticas a elas relacionadas. A argumentação para isso são demandas surgidas justamente neste mundo; demandas que perpassam fronteiras e limites existenciais, que requerem uma resposta diferenciada (a partir da fé!?), que se alimenta da esperança (que se converte, por sua vez, em fé?!).

3.2.2 O ser-junto-a-com

É no *ser-junto-a*, no sentido de ocupação e no *ser-com* que o *dasein* existe como pessoa capaz de constituir-se protagonista e, nisso, fazer-se em historicidade uma vez que histórico é, conforme Heidegger, “o modo como me comporto com aquilo que vem ao meu encontro, com o que está presente e com o que já foi. Todo poder-ser para com algo é um determinado confronto com o que foi, com vista a algo

¹²⁰ HEIDEGGER, 2008, p. 53.

¹²¹ HEIDEGGER, 2009, p. 333.

que vem ao meu encontro, para o que eu me decido”¹²². Nesse sentido, “possibilidades, no sentido existencial, são sempre um poder-ser-no-mundo histórico”¹²³ cujo protagonismo pertence a um ser humano que, como pessoa, se constitui sujeito de uma ação criativa, de posicionamentos que resultem em ser-humano.

Sob esse ponto de vista, pode haver sujeito sem que, antes, tenha havido um processo de conscientização acerca de seu *poder-ser* pessoa? Acaso esse processo não requer uma formação, a saber, formação *humana*? Acaso pode dar-se, senão em convívio e comunhão, em participação e de forma com-partilhada? Para Heidegger, “um mero sujeito não “é” e nunca é dado sem mundo. Da mesma maneira, também, de início, não é dado um eu isolado sem os outros”.¹²⁴ Conviver é, pois, parte do processo existencial e, conforme Heidegger, “[...] à base desse ser-no-mundo *determinado pelo com*, o mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros. O mundo da presença é *mundo compartilhado*. O ser-em é *ser-junto-a* e *ser-com* os outros”¹²⁵: o *dasein* se re-conhece, em *seu poder-ser*, convivenciando e é convivenciando que aprende e ensina a cuidar, ou seja, a ser-humano. Cuidar é, pois, todo e qualquer empenho para que a humanidade e a unidade da vida sejam cultivadas em nós e entre nós.

Para Heidegger, “a presença sempre se compreende a si mesma a partir de sua existência, de uma possibilidade própria de ser ou não ser ela mesma. [...] No modo de assumir-se ou perder-se, a existência só se decide a partir de cada presença em si mesma”.¹²⁶ Igualmente, “a presença é de tal modo que, sendo, realiza a compreensão de algo como ser”.¹²⁷ É a compreensão do sentido de ser que conduz o ser humano à significação num modo de ser.

Assim, o ser de cura e de cuidado não se dá no vazio, não se presentifica a partir do nada e, muito menos consegue direcionar-se sem direção, ou doar(-se) sem ter a quem: há que *ser-no-mundo*; ao ser, é. Ao ser, *sendo*, é *ser-no-mundo* e realiza (na existência e enquanto existente) a essência do ser que, ontologicamente o constitui em sua própria realização, em seu poder-ser *si-mesmo* ou poder-ser *eu*

¹²² HEIDEGGER, 2017, p. 169.

¹²³ HEIDEGGER, 2017, p. 169.

¹²⁴ HEIDEGGER, 2008, p. 172.

¹²⁵ HEIDEGGER, 2008, p. 172.

¹²⁶ HEIDEGGER, 2008, p. 48.

¹²⁷ HEIDEGGER, 2008, p. 55.

que, em liberdade, responde ao chamado para *poder-ser* cumprindo, dessa forma, sua vocação mais visceral: cuidar!

Dasein é sempre *como (modus vivendi)*: é *já-ser-em* (mundo em que e onde pode ser; espaço e tempo) e *ser-junto-a-com* (outros entes que tornam possível a realização de cada ser em seu poder-ser - *mitsein*). É *ser-com* de forma a relacionar-se com quem e com o que nos vêm ao encontro. Para Heidegger,

Visto que cada um de nós é o seu *Dasein* como ser-no-mundo, o ser-uns-com-os-outros não pode significar outra coisa do que um ser-uns-com-os-outros-no-mundo. Quer dizer, não estou em cada caso justamente relacionado tematicamente com um dos senhores como um indivíduo simplesmente presente, mas encontro-me com os senhores no mesmo estar-aqui. O ser-uns-com-os-outros não é uma relação de um sujeito com outro¹²⁸.

Como isso implica em relacionalidade é, também, *miteinandersein*; ou seja, trata-se de uma relação existencial que não pode ser objetivada e, muito menos, privatizada. Conforme Heidegger,

A *relação* com algo ou alguém, na qual estou, sou eu. [...] A relação existencial não pode ser objetivada. Sua essência fundamental é ser aproximado e deixar-se interessar, um corresponder, uma solicitação, um responder, um responder por baseado no ser tornado claro em si da relação¹²⁹.

É pela compreensão de somente *poder-ser* em conjunto que o ser humano se decide, posicionando-se como ser de cura e de cuidado optando pelo cuidar: além de reconhecer-se como *já-ser-em*, é preciso, também, reconhecer-se como *ser-junto-a-com* e, ainda, como *ser-para*. A compreensão do *ser-no-mundo* em sua dimensão relacional – comunitária – é que leva a, pessoalmente, responder ao chamado ontológico e empenhar-se em seu *poder-ser* de forma pessoal e conjunta. Essa dimensão relacional implica em referências que se desvelam como *conjuntura*. Conjuntura deve ser, aqui, entendida como processo conjunto de tessituras, movimentos de relacionamentos reticulares a partir de referibilidades. Conforme Heidegger,

[...] o ente se descobre enquanto referido a uma coisa como o ente que ele mesmo é. O ente tem *com* o ser algo que é *junto*. O caráter ontológico do manual é a *conjuntura*, onde se diz: algo se deixa e faz junto a. É essa remissão de “com...junto...” que se pretende indicar com o termo referência.

¹²⁸ HEIDEGGER, 2017, p. 128.

¹²⁹ HEIDEGGER, 2017, p 188.

Conjuntura é o ser dos entes intramundanos em que cada um deles já, desde sempre, liberou-se. Junto com ele, enquanto ente, sempre se dá uma conjuntura. Dar uma conjuntura constitui a determinação ontológica do ser deste ente e não uma afirmação ôntica sobre o que ele se possa fazer. Aquilo junto a que possui uma conjuntura é o para quê (*Wozu*) da serventia, o em quê (*Wofür*) da possibilidade de emprego. [...] A partir da totalidade com-juntural, sempre se delineia *que* conjuntura se dá para com o manual. [...] Esse para quê (*Wozu*) primordial não é um ser para isso (*Dazu*), no sentido de um possível estar junto numa conjuntura. O “para quê” (*Wozu*) primordial é um ser em virtude de.¹³⁰

Ser-no-mundo é o ente que se descobre em um contexto (*já-ser-em*) como conjuntura (*ser-junto-a* e *ser-com*) e responde ao chamado ontológico que compreende como sentido existencial (*ser-para*) fazendo da cura e do cuidar a sua forma de ser e de com-viver (*como*). Dito de outra forma, o *ser-no-mundo* é *já-ser-em* (existência enquanto ser lançado num mundo, em permanente abertura) - *como* (forma, modo de ser) - *junto-a-com* (a realidade, ao mundo em que é possibilidade, a outros entes) - *para* (um alvo, uma meta que, como *dasein* realiza enquanto se realiza a si mesmo). O *dasein*, conforme Heidegger, “como *ser-no-mundo* entrega-se, ao mesmo tempo, à responsabilidade desse ser”¹³¹; ou seja, sendo, a partir de sua identidade/referibilidade/fundamento, o *dasein* transforma-se, também, em seu *telos*.

3.2.3 O ser-para-a-morte

Para Heidegger, “há, no *dasein*, uma “não totalidade” contínua e ineliminável, que encontra seu fim com a morte”.¹³² Não obstante, há que se perguntar o que significa, existencialmente, esse *ser-para-a-morte* e apontar-se seu sentido sob a compreensão da cura, do cuidar. Conforme Heidegger,

Ser-para-a-morte é antecipar o poder-ser de um ente cujo modo de ser é, em si mesmo, o antecipar. Ao desvelar numa antecipação esse poder-ser, a presença abre-se a si mesma, no tocante a sua possibilidade mais extrema. Projetar-se para seu poder-ser mais próprio significa, contudo, poder compreender-se no ser de um ente assim desvelado: existir.¹³³

Ao ser e como ser, o *ser-no-mundo* já é sempre um *ser-para-a-morte* sendo que isso lhe pertence ontologicamente, pois, conforme Heidegger, “a morte é um

¹³⁰ HEIDEGGER, 2008, p. 139.

¹³¹ HEIDEGGER, 2008, p. 254.

¹³² HEIDEGGER, 2008, p. 316.

¹³³ HEIDEGGER, 2008, p. 339.

modo de ser que a presença assume no momento em que é”.¹³⁴ Essa concepção, no entanto, requer algumas ponderações a fim de não ser confundida com o morrer como é concebido cotidianamente. Para Heidegger, “no tocante à sua possibilidade ontológica, o morrer funda-se na cura”¹³⁵ sendo que “cura designa, ontologicamente, a totalidade do todo estrutural da presença”.¹³⁶ Ou seja, o *ser-para-a-morte* é constitutivo do ser-no-mundo assim como o é o *já-ser-em* e o *ser-junto-a-com*; a compreensão dessa característica constitucional conduz o *dasein* como cura e como cuidado pelo cuidar.

Esse *ser-para-a-morte* não caracteriza o fim de uma vivência ou o deixar de viver e, conforme Heidegger¹³⁷, é preciso compreender o sentido existencial da morte “como ser-lançado para o poder-ser mais próprio, irremissível e insuperável”. Dessa forma, afirma Heidegger, “o ser-para-a-morte é, essencialmente, angústia”.¹³⁸ A compreensão do *ser-para-a-morte* como sentido existencial conduz à angústia e, em decorrência, a uma forma de ser em que o ser humano assume, em liberdade de escolha, o cuidar como imperativo a fim de poder-ser em autenticidade, pois, conforme Heidegger, “a angústia com a morte é angústia ‘com’ o poder-ser mais próprio, irremissível e insuperável”. Por isso, considerar a angústia “doença” pode configurar um equívoco, pois ela é intrínseca à existência!

Compreender-se como *ser-para-a-morte* possibilita, conforme Heidegger, viver em autenticidade, sem sucumbir ao medo, à angústia e ao nada. A maior vulnerabilidade do ser humano (*ser-para-a-morte*) é, também, sua maior possibilidade: diante da realidade da morte como possibilidade última e inalienável, o ser humano precisa, num exercício de liberdade, escolher conduzir sua existência de tal forma que haja sentido em seu (com)viver. É a compreensão de *ser-para-a-morte* que o conduz como cura e como cuidado, orientando-o nas escolhas que deve fazer a fim de *poder-ser*.

¹³⁴ HEIDEGGER, 2008, p. 320.

¹³⁵ HEIDEGGER, 2008, p. 327.

¹³⁶ HEIDEGGER, 2008, p. 327.

¹³⁷ HEIDEGGER, 2008, p. 327.

¹³⁸ HEIDEGGER, 2008, p. 343.

O próprio ser-no-mundo é aquilo com que se angustia : “o porquê dessa angústia é o puro e simples poder-ser do *dasein*”.¹³⁹ Assim, a compreensão desse sentido existencial (*ser-para-a-morte*)

a) promove a certeza de ser-no-mundo;

b) requer um posicionamento (reivindicando um modo de ser em que se passa da impessoalidade para o si-mesmo/si-mesma) e;

c) conduz à escolha de assumir-se em seu ser próprio, com suas peculiaridades, limitações, possibilidades e cuidar.

Tal compreensão confronta os modos de ser da decadência (tentação, tranquilização e alienação¹⁴⁰) e leva a responder ao apelo da cura (angústia com o *poder-ser* mais próprio e original¹⁴¹) do único modo possível: cuidar. Poder-se-ia dizer, então, que a compreensão do *ser-para-a-morte* conflui com um processo de autoconhecimento? Se tomar-se como ponto de partida que somente a partir do (re)conhecimento de si e de seu *poder-ser* mais próprio e elementar pode-se ir em direção ao (re)conhecimento do outro/da outra, pelo cuidar, creio que sim. Para Heidegger,

Enquanto disposição, o angustiar-se é um modo de ser-no-mundo; a angústia se angustia com o ser-no-mundo lançado; a angústia se angustia por poder ser-no-mundo. Em sua completude, o fenômeno da angústia mostra, portanto, a presença como ser-no-mundo que existe faticamente. Os caracteres ontológicos fundamentais desse ente são existencialidade, facticidade e decadência. Essas determinações, no entanto, não são partes integrantes de um composto em que se pudesse ou não prescindir de alguma. Ao contrário, nelas se tece um nexos originário que constitui a totalidade procurada no todo estrutural. Na unidade dessas determinações ontológicas da presença é que se poderá apreender ontologicamente o seu ser como tal. Como se deve caracterizar essa unidade em si mesma?

A presença é um ente em que, sendo, está em jogo seu próprio ser. Na constituição de ser do compreender, o “estar em jogo” evidenciou-se como o ser que se projeta *para* o poder-ser mais próprio. Esse poder-ser é o em virtude de, onde a presença é sempre como ela é. Em seu ser, a presença já sempre se conjugou com uma possibilidade de si mesma. É na angústia que a liberdade de ser para o poder-ser mais próprio e, com isso, para a possibilidade de propriedade e impropriedade mostra-se numa concreção originária e elementar.¹⁴²

¹³⁹ HEIDEGGER, 2008, p. 326.

¹⁴⁰ HEIDEGGER, 2008, p.330

¹⁴¹ HEIDEGGER, 2008, p.356

¹⁴² HEIDEGGER, 2008, p. 258.

A cura ancora-se, assim, no processo de re-conhecer-se e assumir-se como ser humano e, em decorrência, ser-humano: cuidar para humanizar. Esse processo é a aceitação e o reconhecimento de que ser humano é ser *húmus*, quesito que implica no reconhecimento da possibilidade de que ali há de florescer e frutificar o que ali for cultivado. Ou seja, a possibilidade do inumano também ali reside; por isso importa o ser humano ficar aos cuidados de Cura *enquanto viver*¹⁴³, sendo isso determinante para que se aprenda e se ensine a cuidar.

O tempo de vida – *enquanto viver* – é espaço para cuidar: possibilidade de cura e de cuidado. Poder-se-ia dizer, então, que entre o nascer e o morrer ocorre a pausa do viver? A pausa, na música, é espaço e tempo para reelaboração, restauração, tempo de respiro para (refletir e) seguir. Nesse sentido, a pausa pode ser comparada a um tempo de *entre-meio* em que a cura se dá pelo cuidar num compromisso assumido em decorrência de ter-se experienciado o cuidar; somente quem experiencia o cuidado aprende a cuidar.

Praticar o cuidar partindo da compreensão de *ser-para-a-morte* é que torna possível, efetivamente, o dar-se a cura, pois, então, o cuidar - a prática do cuidado - não se dará como mera extirpação ou aniquilamento do mal, mas em decorrência do apropriar-se da compreensão de um sentido existencial, como reconhecimento do Bom e do Belo primeiramente em si mesmo e, então, no outro/na outra¹⁴⁴. O foco será, então, não o mal e as maldades, mas as possibilidades de realização do Bom e do Belo a partir do cuidar. Ou acaso é possível o ser humano perceber o Bom e o Belo no mundo sem antes apropriar-se disso em si mesmo, a partir de seu próprio ser? A transformação de si, no sentido de aceitar a própria incompletude sem a ela sucumbir e sem a isso se conformar é que permite tessituras de complementaridade, de respeito à diferença, de aceitação da limitação/das lacunaridades sem culpabilização e de com-viver em harmonia, na realização do Bom e do Belo, em processos terapêuticos, de cura e de cuidado. Vale repetir, mais uma vez: tessituras de cura são vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós.

¹⁴³ Veremos isso oportunamente, ao trabalhar a Fábula da Cura.

¹⁴⁴ Aqui poder-se-ia perguntar se acaso não é isso que está implícito no mandamento que reza “Amar a Deus acima de tudo e ao próximo COMO A SI MESMO”?

3.3 SER-NO-MUNDO: *DASEIN*

Quando falo em ser humano, na abordagem que aqui faço, importa dizer que não estou falando de um sujeito que age sobre um objeto ou mesmo de uma objetivação em si: ser humano é *ser-no-mundo* que, por sua vez, para Heidegger, é “o traço fundamental da *humanitas* do *homo humanus*”¹⁴⁵. Esse traço fundamental – *humanitas* – é “a relação livre do ser humano com aquilo que o encontra, o apropriar-se dessas relações e deixar-se solicitar por elas”¹⁴⁶.

Em Seminários de Zollikon, o filósofo esclarece: “o *Dasein* deve ser visto sempre como ser-no-mundo, como ocupar-se com coisas e cuidar de outros, como ser-com as pessoas que vem ao encontro, nunca como um sujeito existente para si”¹⁴⁷. Para Heidegger, *Dasein* é “ser absorvido por aquilo com o que me relaciono, ser absorvido em relação ao que está presente, ser absorvido naquilo que me diz respeito no momento. Um dedicar-se àquilo que me diz respeito”¹⁴⁸. Nesse sentido, é verbo, é *DA-SEIN* (pre-sença/ser-aí): é ser em concordância (de forma identitária) com o *poder-ser* em referibilidade com o que se acha como fundamento desse modo de ser e que lhe dá sentido para ser. Para Heidegger,

A palavra “*Dasein*” significa comumente estar presente, existência. Nesse sentido fala-se, por exemplo, das provas da existência de Deus. Mas em *Ser e tempo* o *Dasein* é compreendido de maneira bem diferente. Os existencialistas franceses também não notaram isso, motivo pelo qual traduziram *Dasein* em *Ser e tempo* por *être-là*, o que significa: estar-aqui e não lá. O *aí* [*Da*] em *Ser e tempo* não significa uma definição de lugar para um ente, mas indica a abertura na qual o ente pode estar presente para o homem, até ele mesmo para si mesmo. O *aí* a ser distingue o humano do homem.¹⁴⁹

Isso remete ao primado ôntico-ontológico do *dasein*: a possibilidade de ser-no-mundo se dá como resposta a partir de uma identificação primária e original que seja, de alguma forma, reconhecida, compreendida e assumida não (só) como *dever-ser*, mas, essencialmente, como *poder-ser* e, por isso mesmo, configura expressão de liberdade, pois reside em mim o poder escolher ser *da-sein*. Perguntado sobre o significado do termo, Heidegger respondeu:

¹⁴⁵ HEIDEGGER, 2005, p. 63.

¹⁴⁶ HEIDEGGER, 2017, p. 165.

¹⁴⁷ HEIDEGGER, 2017, p. 168.

¹⁴⁸ HEIDEGGER, 2017, p. 171.

¹⁴⁹ HEIDEGGER, 2017, p.135.

“Da-sein” é uma palavra-chave do meu pensar, por isso ela é causa de graves erros de interpretação. “Dasein” não significa para mim exatamente “eis-me”, mas, se é que me posso exprimir num francês sem dúvida impossível: o *ser-o-aí* e *o-lá* significa exatamente **ἀλήθεια**, desvelamento-abertura.¹⁵⁰

O chamado a ser é ontológico: “Torna-te quem tu és!” A resposta – cuidar – se dá na compreensão do sentido de ser; é essa hermenêutica que possibilita a cura e o cuidado como modo de ser na convivência. O ser humano, a fim de cumprir seu “destino” e viver autenticamente, conforme Heidegger, é “*da-sein*” capaz de escolher, em cada momento, o que deseja ser, empregando seus esforços neste mundo, transformando sua existência em projeto que só terminará com a morte. A existência pode se dar presa ao passado ou projetando o futuro; a vida será inautêntica ou autêntica conforme o ser humano, no presente – elo intercessor entre passado e futuro – se guiar por um deles.

Na vida inautêntica ou banal, o ser humano se deixa dominar pela situação e o desejo de saber se torna vão, pois uma existência inautêntica sabe naquilo que a massa sabe. Ela, então, submete-se prazerosamente à lei da massa, que a dispensa de responsabilidades, como a de tomar iniciativas e decisões, pois tudo está decidido na vida de cada dia. Leva uma vida autêntica quem a assume como própria e tece/constrói um plano próprio de quem deve, ao apelo do futuro, as próprias possibilidades e responde, em liberdade, assumindo responsabilidades como *poder-ser*. Entre as possibilidades humanas, a última é a morte; vive autenticamente quem leva em consideração a morte como a possibilidade de deixar de existir “aqui”, cessar, *ser-para-a-morte* e, em decorrência, dispõe-se a cuidar.

A compreensão de *ser-para-a-morte* gera angústia e, a partir dela, a possibilidade de o ser humano se constituir como ser de cura e de cuidado conduzindo sua existência como ser-humano na capacidade de projetar-se: *poder-ser*; nisso, a cura se dá pelo cuidar. Ou seja, é cuidando que o ser humano (se) cura. Não se trata, portanto, de qualquer projeção; o cuidar, a partir de uma compreensão existencial do ser humano, tem sentido existenciário: a “vocaçã” ôntico-ontológica do ser humano, à qual ele, necessariamente precisa pessoalmente responder, a fim de viver autenticamente, é cuidar. Isso é tema de reflexões e

¹⁵⁰ HEIDEGGER, 2005, p. 89.

diálogos também nos campos da teologia e da filosofia nos quais essa reflexão se situa.

A teologia encontra-se, no meu entender, intimamente relacionada à filosofia que, como busca pelo saber, se ocupa em desmistificar e auxiliar o ser humano a uma existência autêntica, saudável e livre. Estas duas irmãs se ocupam da reflexão e do questionamento a partir do ser humano sendo que, nesta minha reflexão, são particularmente interessantes as conceituações heideggerianas acerca delas: para Heidegger, a teologia consiste em “uma elaboração reflexiva que questiona o mundo experimentado de modo cristão, isto é, o mundo da fé”¹⁵¹; já a filosofia consiste, conforme Heidegger, no “autoconhecimento como conhecimento da humanidade no homem, ou seja, da essência do homem.”¹⁵² O que percebo em comum nelas? A busca de sentido existencial que, no meu entender, é tecido na formação humana como cura e como cuidado pelo cuidar.

Partindo dessa compreensão, o ser-humano, como modo de ser, está alicerçado no Cuidar, pois, sem este, não há humanidade. Daí decorre que cuidar é a essência do ser humano em sua autenticidade. O cuidar é que promove, sempre de novo, a unidade da vida diante de toda e qualquer tentativa de redução e fragmentação. A Utopia que, no processo de formação humana e na presente reflexão, persistentemente se sonha e a fé que, fervorosamente, se professa é que o Cuidar, assumido como modo de ser, de fazer e de com-viver constitui mais que um saber ou uma técnica: é cura; implica em sabedoria de vida (consiste, então, numa BioSofia¹⁵³?).

Considerando-se a sabedoria uma virtude que se aprende e se ensina na arte de conviver, há que se poder dizer que a convivência implica em tessituras conjuntas em que seja possível o vislumbre da unidade comum entre as diferenças que compõem tais tessituras. Para que uma tessitura seja considerada de cura, precisa ser terapêutica, no sentido de conduzir o ser humano em seu modo de ser-humano. Tessituras de cura são vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade

¹⁵¹ HEIDEGGER, 1987, p. 16.

¹⁵² HEIDEGGER, 2009, p. 12.

¹⁵³ Participo, como pesquisadora, do Grupo Biosofia (Pesquisa e Estudos em Filosofia), URI – FW em que nos ocupamos de reflexões sob a cunhagem da BioSofia, querendo significar o sentido de uma sabedoria de vida.

da vida seja cultivada entre nós. Nesse sentido, o conviver é marcadamente relacional, ou seja, a com-vivência manifesta-se num “como” que é sempre *já-ser-em*, *ser-junto-a* e *ser-com*, mas, também, *ser-para*. Tais tessituras implicam em transcender a esperança na confiança a fim de possibilitar sua real efetivação como cura e como cuidado pelo cuidar.

Cabe dizer, aqui, que a compreensão do *ser-para-a-morte* como angústia remete à inquietação que impulsiona, ao desvelo que conduz à resolução que, por sua vez, assume um posicionamento de *poder-ser* e que pode ser traduzido como cuidar: é como que um movimento circular que brota do cuidar e a ele novamente conduz. Para Heidegger, no *dasein*

a angústia revela o ser para o poder-ser mais próprio, ou seja, o ser-livre para a liberdade de escolher e acolher a si mesma. A angústia arrasta a presença para o ser livre para... (*propensio in...*) para a propriedade de seu ser enquanto possibilidade de ser aquilo que já sempre é. A presença como ser-no-mundo entrega-se, ao mesmo tempo, à responsabilidade desse ser.

O porquê a angústia se angustia desvela-se como o com quê ela se angustia: o ser-no-mundo.¹⁵⁴

Assim, a compreensão de *ser-para-a-morte* desvela o sentido existencial e conduz à resolução pela qual o ser humano (se)resolve (n)o impacto da existência, decidindo-se por ser-no-mundo *como-junto-a-com-para*. Conforme Heidegger (2008, p.409), “o ente só “tem sentido” porque, previamente em seu ser, ele se faz compreensível no projeto ontológico, isto é, a partir da perspectiva de ser”. Por ter compreendido o sentido de seu ser, torna-se livre para escolher ser-humano: projetar-se de modo a significar o sentido compreendido e a, conscientemente, ser-no-mundo, numa passagem da inautenticidade à autenticidade. Para Heidegger:

A passagem do impessoal, ou seja, a modificação existenciária do impessoalmente si-mesmo para o ser-si-mesmo de maneira própria deve cumprir-se como recuperação de uma escolha. Recuperar a escolha significa escolher essa escolha, decidir-se por um poder-ser a partir de seu próprio si-mesmo. Apenas escolhendo a escolha é que a presença possibilita para si mesma o seu poder-ser próprio.¹⁵⁵

A escolha decisória é resposta ôntico-ontológica ao chamado: “torna-te o que és!”. Em um posicionamento de lealdade do ser a si-mesmo e ao que como tal o fundamenta – como significação da compreensão do sentido existencial de ser – o

¹⁵⁴ HEIDEGGER, 2008, p. 254.

¹⁵⁵ HEIDEGGER, 2008, p. 346.

ser humano move-se, na existência, como cura e como cuidado. O *dasein* como cura é cuidado: dá-se como ocupação, *ser-em* (quando se trata de outros entes) e preocupação, *ser-junto-a* (quando se trata de outros entes que podem ser-no-mundo) num mundo compartilhado (*ser-com*). Conforme Heidegger,

Porque, em sua essência, o ser-no-mundo é cura, pode-se compreender o ser junto ao manual como ocupação e o ser como co-presença dos outros nos encontros dentro do mundo como preocupação. O ser-junto-a é ocupação porque, enquanto modo de ser-em, determina-se por sua estrutura fundamental, que é cura.¹⁵⁶

A compreensão do sentido gera angústia que, por sua vez, gera a disposição para cuidar. Para Heidegger, “enquanto disposição fundamental, a angústia pertence à constituição essencial da presença como ser-no-mundo. E, como existencial, jamais é algo simplesmente dado e sim um modo próprio da presença fática, ou seja, é uma disposição”.¹⁵⁷ Cuidar é a significação que o ser-no-mundo dá como resposta, a partir da compreensão do sentido do ser; é o compromisso que, em liberdade, assume como responsabilidade a partir de um senso identificado como *poder-ser* e que, diante de toda e qualquer redução, busca a unidade.

Essa responsabilidade é sempre resposta, empenho, engajamento diante da possibilidade de ser e, assim como brota do cuidar, novamente a ele conduz. Trata-se não de um *dever-ser* e, sim, de um *poder-ser*: pela compreensão de um sentido existencial inalienável, em um autêntico exercício de liberdade, o ser humano opta - escolhe - e se conduz de forma cuidadora. Para Heidegger, “a *perfectio* do homem, o ser para aquilo que, em sua liberdade, pode ser para suas possibilidades mais próprias (para o projeto), é um “desempenho” da “cura””.¹⁵⁸

O *Dasein*, como ser-no-mundo, implica sempre em um modo de ser que, na reflexão de Heidegger, se dá sob a via do cuidar. É pelo cuidar que o ser humano se humaniza e ajuda a humanizar. É o cuidar que possibilita o ser-no-mundo de tal forma que a integridade e a dignidade humana sejam postas em evidência. Cuidar é o que se requer do ser humano para que seja humano. Cuidar é o que no ser-humano possibilita a formação do ser humano. Cuidar é a resposta necessária a fim de que o ser humano não se desumanize.

¹⁵⁶ HEIDEGGER, 2008, p. 260.

¹⁵⁷ HEIDEGGER, 2008, p. 256.

¹⁵⁸ HEIDEGGER, 2008, p. 267.

3.4 JÁ-SER-EM-COMO-JUNTO-A-COM-PARA: ALINHAVOS DE COMUNIDADE TERAPÊUTICA?

Do que vimos, até aqui, pode-se afirmar que *ser-no-mundo* como *cura* não é ação eventual, isolada ou estanque e nem mesmo ajuntamento de diferentes ações ou modos de ser. Embora compreenda diversos posicionamentos diante de situações concretas, sua abrangência perpassa o aqui e o agora e se dá de forma sempre renovada. Por não ser absoluta, não elimina a incerteza e requer um sempre novo arriscar: é, assim, um constante *já-ser-em-como-junto-a-com*. *Dasein*, portanto, não é ajuntamento de diferentes modos de ser; é sempre um só e mesmo *como*: cuidar!

Como estrutura, a cura é articulação e não agrupamento. O *já-ser-em*, *ser-junto-a-com* e *ser-para* não podem ser vistos como simples resultado de ajuntamento, pois, conforme Heidegger, “a estrutura da totalidade do todo estrutural é ainda mais rica e, por isso, torna também mais urgente a questão existencial da unidade dessa totalidade”.¹⁵⁹ Assim, pode-se promover a articulação dessas diferentes dimensões na forma de um constante devir: *já-ser-em-como-junto-a-com-para* para ser cura e cuidado, precisa ser compreendido em seu sentido existencial a partir do cuidar.

Nesse processo, reflete-se o cuidar para que o humano se torne humano e não inumano, desumano. Há, assim, um aspecto presente na articulação “unidade na totalidade” que pode ser compreendido sob a via da comum-unidade = comunidade; não uma comunidade qualquer, mas uma comunidade terapêutica, onde o cuidar seja experienciado como cura, como Graça. Cabe ressaltar, mais uma vez, que isso não ocorre de forma isolada ou solipsista, mas na busca de relacionamentos, em que se entende o sentido e o valor da unidade e, também, da complementaridade (embora esta nem sempre seja possível!).

Na comunidade terapêutica há um alvo, um telos, um “*para*”: empenhos por tessituras de cura, compreensões que conduzem a uma forma de ser em que a humanidade e a unidade da vida sejam promovidas em e entre nós. É assim que opera o cuidar: cuidar é mover-se e conviver de tal forma que a humanidade seja cultivada em cada um/a de nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós. Ou

¹⁵⁹HEIDEGGER, 2008, p. 401.

seja: há que haver empenhos por descobrir, aprender e ensinar um modo de ser e de conduzir a existência de forma que o que nos identifica como “o mesmo” (apesar das diferenças!) seja posto em evidência!

Isso é o que está expresso no cuidar como processo humanizador, na condução e busca de práticas colaborativas e complementares, no reconhecimento da comunidade (unidade comum) como tempo e espaço de acolhida e de suporte (em que o foco recai sobre o que nos une sem olvidar ou negligenciar que somos diferentes entre nós e que, justamente por isso, torna-se possível conviver em harmonia) para o *poder-ser* mais próprio e original do ser humano como ser de cura e de cuidado.

Há que se pontuar, nesse sentido, que neste mundo não há ilhas bucólicas: tudo se encontra relacionado de tal forma que afeta a unidade. E, se não aprendermos e ensinarmos formas cuidadoras de nos relacionarmos, a humanidade corre risco de extinção por falta de humanidade. Penso, por isso, que se possa falar até mesmo de uma crise de identidade como um processo de adoecimento no ser humano sendo que essa crise de identidade pode ser referida considerando-se o que tange a essência do ser humano em seu modo de ser-humano. Ou não?

Há que se pontuar, ainda, que o sagrado e o humano confluem, no ser-humano, quando nos assumimos como seres humanos e promovemos a integração, o diálogo, a celebração da vida em dignidade no seio de comunidades que se revelam terapêuticas pelo cuidar que nelas opera. Nesse sentido, falar em comunidade terapêutica¹⁶⁰ é reconhecer que uma rede de conexões é capaz de sustentar o ser humano em seu modo de ser-humano e que talvez isso se configure em desafio entre nós no contexto religioso em que essa reflexão se dá.

Entre nós há que se dar atenção às perguntas: quem sou/somos? Como nos identificamos? Em torno de o quê nos congregamos? O que nos diferencia de outras denominações religiosas? Por que somos quem somos? Como nos constituímos? O que carregamos como “marca”? O que deixamos como sinal em nossa prática comunitária? Quem carece de cuidados em nosso meio? Nossa “identidade luterana” será homogênea ou um mosaico tecido em que se torna possível

¹⁶⁰ Usar o termo “comunidade terapêutica” não significa simplesmente adjetivar uma palavra, mas deixar explícito, no uso do termo, a que sua alusão se refere. Há comunidades que abrigam pessoas sob uma ideia equivocada de inclusão sem que, de fato, ocorra um processo de integração e de cuidado. Na comunidade terapêutica há que se poder experimentar, pelas vias do cuidar, que pessoas não são descartáveis ou passíveis de manipulação.

vislumbrar harmonia? O que esquecemos, de nossa identidade? O que dela evidenciamos?

Tenho experienciado, em minhas com-vivências, o quanto, por vezes, pessoas se desligam de nossas comunidades luteranas sob a alegação de não terem se sentido acolhidas ou, então, de terem sentido a nossa igreja como “fria e indiferente” ou, ainda, como tendo se sentido julgadas (e, por vezes até mesmo condenadas!) quando o que se precisava era de acolhida, partilha e comunhão. É, na verdade, um grande desafio para nós, lideranças, fazer de nossas comunidades espaços de acolhimento com vivência de perdão e aceitação ou, no mínimo, de respeito; ou seja, fazer de nossos espaços comunidades terapêuticas.

Tenho testemunhado, também, vivências comunitárias em que diferentes grupos promovem acolhida, integração e partilha de forma que tais experiências são vivenciadas como sinais do Reino de Deus entre nós. Dessa forma, assim como há experiências negativas, há exemplos a servir de inspiração para cuidar e promover tessituras de cura. Sempre quando, em uma comunidade, encontramos abrigo, sob o olhar da Graça de Deus, é possível percebermos transformações nas pessoas que delas participam; isso se torna visível no jeito de andar, de falar, de sorrir, de cantar...

Não poucas vezes experienciei, nos grupos em que prestei assessoria, o cuidar mútuo de mulheres que passavam por um relacionamento abusivo. Encontrar acolhida em grupos onde se possa falar abertamente de sua experiência, expondo a si em sua dor, implica empenhar-se por ir à busca de um espaço em que se dê escuta. Muitas vezes os mesmos sentimentos de vergonha, medo e culpa estão presentes em diferentes mulheres, sob diferentes experiências. Então, o que promove o cuidar é uma encontrar a outra e, no eco que uma dor encontra no corpo da outra, promover tessituras de cura. Quando uma mulher se descobre pessoa, ela parte em busca de cura e, não raro, o faz na presença de outras que experienciaram ou experienciam a dor como ela. Quando esse espaço é encontrado no seio de uma comunidade, sob as vistas da Graça, tenho visto um verdadeiro movimento de comunhão e de disposição que conduz mulheres a uma transformação que se torna visível no jeito de andar, de falar, de sorrir, de se vestir e um engajamento para que, pela sua experiência, outras mulheres também despertem para a consciência de que também elas são pessoas que não só precisam como podem se cuidar...

Minha prática como naturoterapeuta e também como alfabetizadora musical se dá sob as vias de uma concepção cristã em comunidades cristãs. Isso de modo algum me barra no diálogo com diferentes concepções no mundo da Naturopatia, uma das áreas em que o sincretismo religioso pode ser facilmente identificado. Há diferentes vertentes a guiarem terapeutas em suas práticas e tenho tecido vias de complementaridade, nos meus atendimentos clínicos, com pessoas que desenvolvem a arte de cuidar com recursos naturolísticos ainda que influenciados ou direcionados, em sua prática, por concepções de fé e crenças distintas das minhas. Nesse sentido, as tessituras, entre nós, têm se dado como confluências com vistas à promoção da saúde e o que nos identifica é mais e maior do que o que nos diferencia. Há diferenças entre nós não só como terapeutas, em si, como, também, nos encaminhamentos terapêuticos e na prática clínica. O que importa, nesse sentido, é a forma como acolhemos a pessoa que vem em busca de auxílio e como nos posicionamos a fim de permitir que o cuidar opere como cura.

No universo da Naturopatia há práticas terapêuticas a se guiarem por concepções budistas, espíritas e teosóficas, por exemplo, mas há, também, modelos judaico-cristãos a nos inspirar. Há diferentes práticas como retiros de silêncio e retiros de jejum/desintoxicação em que as músicas, as práticas meditativas e contemplativas buscam uma re-conexão entre o sagrado e o humano num exercício que podemos chamar de *cuidar da alma*. Poderiam ser, também, formas de cuidar do Ser? Há muito em comum entre diferentes práticas naturolísticas em que se buscam vias de harmonização entre o sagrado e o humano: já experienciei resultados semelhantes seja em sessões de Reiki, seja em encontros de jejum e oração. No fim, a questão de nomes diferentes, por vezes, apenas esconde aquilo que, sob diálogo, há de aparecer como verdade: o cuidar!

O cuidar da alma como via de tessitura de cura ocorre sob o signo da comunidade terapêutica. Mas onde é possível encontrá-la? Creio ser possível afirmar que numa comunidade terapêutica há vias a se tecer para re-significar sentidos e, também ali, importa dizer, aprendem-se e ensinam-se valores conducentes à unidade da vida; ou seja, aprende-se e ensina-se a cuidar, em tessituras de cura. Nas vias de cuidado que são tecidas em comunidades terapêuticas, o cuidar não é mero ato, transcende até mesmo o *ethos*; não é rito ou

ritual, mas cura¹⁶¹. A pergunta “O que nos une? O que nos faz congregar?” exige resposta pessoal, vencendo barreiras de isolamento e pré-conceito, desenvolvendo o exercício da escuta e do falar. Dessa forma, torna-se possível promover, em mim, no outro e na outra, a cura pelo cuidar.

Sempre de novo convém repetir: essa reflexão e escrita partem da prática e contém exemplos que refletem vivências e experiências a partir da minha prática como Alfabetizadora Musical e como Naturoterapeuta. Nesse sentido, cabe referenciar, aqui, que a busca por uma forma de conviver que se revele terapêutica e que permite tessituras de cura e de cuidado se espelham em práticas muito antigas, consideradas ancestrais. É nessa perspectiva que soa uma pergunta considerada fundamental nesta reflexão, no contexto em que se situa: Como tecer vias de cura e de cuidado nas comunidades religiosas de forma a que sejam reconhecidas como comunidades terapêuticas?

Tessituras de cura são vias de cuidado tecidas de forma concreta e prática, são vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós. Nesse sentido, além do já exposto acerca do modelo de Fílon e os Terapeutas de Alexandria, contribuições consideradas fundamentais na reflexão que aqui teço são buscadas em Harold Ellens quando abordo o elemento Graça de Deus na interface saúde/espiritualidade. Considerando-se que a temática se desenvolve num Doutorado em Teologia, que considera práticas desenvolvidas em comunidades religiosas e que tal elemento é enfatizado na identidade luterana como *Sola Gratia*, elenco as obras *Graça de Deus e Saúde Humana* (1982/1986) e *Psicoteologia* (1986/1987)¹⁶².

Nesse contexto, cabe a pergunta: como as lideranças promovem cura e cuidado, em seus espaços, pelo cuidar? Será que as comunidades são espaços de abrigo ou apenas um “pronto-socorro”? Há que se reconhecer que quando a força do coletivo anula o indivíduo e força ou conduz a sua exclusão, o comunitário deixa de ser terapêutico, deixa de ser cuidado. Na comunidade terapêutica, o cuidar promove cura: nela teoria e prática se co-pertencem.

¹⁶¹ Penso ser oportuno referenciar que, com essa afirmação não estou minimizando o valor do rito e do ritual nas mais diversas e diferentes comunidades, pois considero que são simbologias que podem, de fato, auxiliar o ser humano em sua busca na confluência entre o humano e o sagrado.

¹⁶² Essa pergunta, em sua especificidade, será trabalhada, nesta escrita, nos itens 5.1.2 e 5.1.3.

Nesse sentido, o ideal não é o comunitário em si, pois que a comunidade encerra, em si, também um paradoxo: assim como pode ser suporte e auxílio rumo ao cuidar, pode coagir, por força de lei e de hábitos, rumo ao descuidar. Pude perceber isso na fala de uma mãe cujo filho está preso por envolvimento com tráfico. A “comunidade” que o acolheu fê-lo transformar-se de usuário em distribuidor num processo sob o discurso de “cuidar dele”: há que se traçarem empenhos, portanto, rumo à compreensão de conceitos como comunidade e cuidar, pois nem toda comunidade é terapêutica. O ideal, quando posto no processo de humanização, é sempre aprender e ensinar a cuidar em tessituras de cura, as vias terapêuticas em que se busca promover a humanidade em nós e a unidade da vida entre nós.

Assim, a comunidade é que oportuniza, a cada um/cada uma de nós, a descoberta do si-mesmo como pessoa - “eu” como *dasein*, “eu” como ser-no-mundo, com minhas peculiaridades que são, ao mesmo tempo, identidades e diferenciações; essa oportunidade se dá, justamente, na relação do ser-com. O *ser-com* implica, ainda, o reconhecimento de finitudes/incompletudes para o cultivo de tessituras de cura e de cuidado, vias terapêuticas pelas quais se cultiva um modo de ser que possibilita aprender e ensinar uma forma de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós.

Quando o ser humano compreende e aceita a finitude – sua incompletude – e se posiciona existencialmente em face dessa compreensão, a cura e o cuidado são tecidos como com-vivência: isso é processo comunitário e terapêutico. Não conseguimos ser comunidade terapêutica sob a insígnia de um pensamento único. Somente pelo reconhecimento de que somos diferentes e de que, justamente por isso, precisamos nos empenhar para tecer uma unidade comum é que o viés terapêutico do comunitário será realidade entre nós. A tessitura dessa unidade comum, no entanto, parece somente ser possível a partir do senso de pertencimento (poder-ser uns com os outros, com as outras) e esse, por sua vez, passa pela cura e pelo cuidado.

Trabalhar uma temática implica sempre em um motivo que, para mim, como mulher cuidadora que desenvolve seu fazer de forma comunitária e que busca fazê-lo de forma terapêutica, poderia ser resumido em quatro palavras: memória, identidade, liderança e história e também isso merece uma explicação, ainda que de forma introdutória:

- A *memória* implica em lembrar minha origem, recordar quem sou e de onde vim. Importante como guardiã de quem se é, a memória é o lastro sobre o qual se tece a própria existência. Talvez se possa comparar a memória como um mosaico de pequenos fragmentos de imagens que geram alegria, tristeza, medo, esperança (cada um de nossos sentidos recebe e representa imagens de forma diferente) e que compõem o lastro sobre o qual se tecem significados existenciários. O teólogo, pensador e educador Rubem Alves (1933-2014), em seu texto “Da Esperança” (1987), reflete sobre a importância da criação e do uso da linguagem no processo de humanização sugerindo que a memória possibilita a criação de uma linguagem e que essa, a despeito da objetividade histórica, é expressão da liberdade humana. A afirmação fundamenta-se na ideia de que os processos de formação humana requerem dialogicidade. Assim, é pela capacidade dialogal que desenvolvemos nossa humanidade e podemos cultivar memórias de cura e de cuidado entre nós e isso é cuidar: “Hölderlin diz: “A partir do diálogo nós somos” (*Friedensfeier*). Pode-se dizer mais claramente: na medida em que somos diálogo, o ser-com faz parte do ser homem”¹⁶³. Isso, no meu entendimento, requer uma compreensão diferenciada da vida e da convivência como conviver. O diálogo, para Heidegger, “continua sendo a maneira correta de penetrar os caminhos do pensamento em suas últimas dobras, examinar-se mutuamente e, assim, aprender reciprocamente”¹⁶⁴. A memória remonta sempre para além da história e se torna presente, não raro, em imagens desveladas em poemas e canções cuja harmonia remete ao experienciado e que pode ser significado como cura e como cuidado. É ela que, por vezes, se transforma na única fonte de nutrição da alma para que o cuidar se torne possibilidade real e concreta. Tenho experienciado, vezes sem conta, nas aulas, nas assessorias e nos encontros comunitários, o quanto cantar hinos, por exemplo, evoca memórias que se revelam como tessituras de cura pelo reconhecimento de que, em algum momento “esse hino” presentificou o cuidar;
- A *identidade* implica em celebrar a oportunidade de conviver quem sou a partir daquilo que em e de mim (re)conheço de tal forma que o processo identitário pode ser descrito como um encontro de si junto ao “nós”. À pergunta “Quem sou eu?”, cabe a resposta: “Sou quem somos!” A identidade é o que

¹⁶³ HEIDEGGER, 2017, p.153.

¹⁶⁴ HEIDEGGER, 2017, p. 235.

também permite ser-si-mesmo uma vez que, conforme Heidegger, “idêntico é algo que é o mesmo consigo mesmo”¹⁶⁵ É, pois, um processo em que se aprende e se ensina a (re)conhecer-se parte(s) na unidade que é, em resumo, a própria vida, em si. Igualmente, a identidade consiste na apropriação daquilo que é essencialmente importante em mim/nós, em meio a um mundo que celebra prioritariamente a aparência. É pela identidade que (re)conhecemos um valor como valor terapêutico – de cura e de cuidado – no (re)conhecimento da própria história (e seus valores!). Por outro lado, somente o reconhecimento da mesmidade - do mesmo¹⁶⁶ - permite reconhecer diferenças. Isso possibilita que nos afirmemos como pessoa, não em superioridade (como se fôssemos melhores que os piores!), mas com distinção, pelo (re)conhecimento das próprias peculiaridades e, também, pelo (re)conhecimento das peculiaridades de outridades no seio da comunidade terapêutica;

- A *liderança* é a capacidade que procuro desenvolver nos encontros de que participo: seu desenvolvimento fornece meios para poder protagonizar o próprio destino no palco da existência e forjar-se exemplo de vida e de labuta pelo que a dignifica. Para Heidegger, “a liderança é o comprometimento com uma existência que, em certa medida, compreende de maneira mais original, global e definitiva as possibilidades do ser-aí humano, devendo, a partir dessa compreensão, funcionar como modelo”.¹⁶⁷ Trata-se, pois, de uma questão hermenêutica: compreender um sentido existencial e posicionar-se favoravelmente à vida em sua integralidade, ou seja, cuidar - empenho para que a unidade da vida seja promovida ante toda e qualquer tentativa de reducionismo e fragmentação! Liderança é, sob esse ponto de vista, conforme Heidegger, “dispor de possibilidades mais elevadas e ricas da existência humana que não se impõem aos outros, mas, de maneira discreta, são exemplares e, assim, particularmente eficazes”.¹⁶⁸ Pra mim, liderar é uma virtude que precisa ser realizada, tal qual uma semente, que precisa ser cultivada para que, germinada, possa cumprir seu destino e sim, ainda que, talvez, nem toda

¹⁶⁵ HEIDEGGER, 2017. p.147.

¹⁶⁶ Para Heidegger (2017, p. 77), “somente onde existe um mesmo, algo pode dizer respeito ao homem de modo diferente, “partido””.

¹⁶⁷ HEIDEGGER, 2009, p. 7.

¹⁶⁸ HEIDEGGER, 2009, p. 9.

pessoa consiga ser líder, há que se apostar no seu desenvolvimento humano ao e para cuidar. Por fim, a quarta palavra,

- A *história* implica em sonhar a possibilidade de evoluir a partir do que sou e de tecer o que serei, pois somente quem ousa sonhar o ausente consegue fazer o futuro a partir do presente. A história carrega, em seu bojo, a memória e a tradição como cultivo para aprender e ensinar a cuidar. Para Heidegger, “é importante lembrar-se da tradição e não cair na ideia errada de que se possa começar sem história. [...] Só no diálogo com a tradição esclarecem-se as questões, freia-se o arbítrio”¹⁶⁹. Nisso, vale lembrar que é a partir do que fazemos que nós somos: é a resposta dada que possibilita a existência ser realizada. Mas o fazer não pode se resumir a um ativismo doido, em que corremos de um lado para outro como baratas tontas, esquecendo-se de que somos uma chispa divina, raio de luz que nasceu para iluminar (ainda que não necessariamente para brilhar). É preciso, pois, aprender (e ensinar) uma forma bem característica de cuidar: o cuidar de si; e isso se torna imperativo inalienável para quem quer se ocupar do cuidar.

Na verdade, esses quatro termos encontram-se inter-relacionados. Ou poder-se-ia falar de um sem referir, também os demais? Há uma pergunta cuja resposta parece óbvia: Por que cuidar? A resposta, assim como a pergunta, parece que precisa ser insistentemente repetida e, ainda assim, sob-risco de permanecer incompreendida: somente o cuidar permite ao ser humano ser-humano! Há um aspecto que nos unifica, nos faz partícipes de uma unidade comum: a fim de nos humanizarmos, precisamos aprender e ensinar a cuidar; não há outro caminho. Eis o que nos identifica!

Talvez, sob esse aspecto, se possa falar em “mesmidade”¹⁷⁰ = ser de barro, lembrando o fato de que somos todos e todas um *mesmo*? O “eu” e o “tu” emergem do mesmo húmus; carregam diferenças que, não obstante, possibilitam uma

¹⁶⁹ HEIDEGGER, 2017, p. 60.

¹⁷⁰ Heidegger fala de mesmidade em sua *Introdução à Filosofia* (HEIDEGGER, 2009, p. 97): “Mesmidade não significa simplesmente ausência de alteração. [...] Alteração – por exemplo, um carro que passa – não exclui mesmidade, mas a inclui. Alteração sempre pressupõe que algo permanente, algo idêntico, persevere.” E, ainda, “A mesmidade de algo expressa o seguinte: a relação de algo consigo mesmo. [...] Mesmidade é uma relação que, justamente segundo o seu sentido, se retrojeta para o que aí é dotado do caráter de mesmo, uma relação que não aparta e não conduz para fora de algo em questão, mas, precisamente, apenas segue de volta para si mesma.” (HEIDEGGER, 2009, p. 101).

identidade comum. Para Heidegger, “aquilo em relação ao que nos comportamos e aquilo junto ao que somos é para nós o mesmo”.¹⁷¹ Aceitar tal postulado implica em assumir-se, a partir do *sentimento de pertencimento*, como colaborador e colaboradora num projeto (dever) histórico que pressupõe certa continuidade, pois do nada, nada vem. Implica empenhos pelo cultivo de uma arte em que se promova o desenvolvimento humano pessoal e coletivo; implica, pois, em identidade, memória, história e liderança.

Acaso não é assim que a construção histórica implica em uma memória? E que a memória implica, também, em sua própria (re)significação¹⁷²? E não é assim que precisamente nisso ocorre um apropriar-se de sentidos que movem em direção ao futuro, mas com base num passado? Em outras palavras, poder-se-ia dizer que a humanidade se move, constantemente, sob os escombros do passado que, apesar disso, é terreno fértil para a gestação de esperanças que levam ao caminhar e às tessituras de vias para cuidar. A memória torna-se, então, aquele suporte ou lastro sobre o qual se sonha e se planeja a continuidade do caminhar; mas, que é o sonho, senão aquilo que nos move à busca, no caminhar?

Nesse sentido, cabe perguntar: num mundo em que o senso comunitário (de pertencimento e complementaridade) surge como imperativo para dignidade de vida, onde encontrar a guardiã/ o guardião da memória para o vislumbre de processos em que o sagrado e o humano encontram-se, de forma indissociável, imbricados, na promoção de uma tradição verdadeiramente sagrada e, também, verdadeiramente humana? Acaso não é assim que a memória, em si, é (re)lembrada, (re)contada, (re)significada em diferentes ritos e celebrações que fazem parte de um viver comunitário e só ali adquirem sentido? E que isso implica na compreensão da sacralidade da vida e do conviver? A comunidade terapêutica é, então, aquele

¹⁷¹ HEIDEGGER, 2009, p. 97.

¹⁷² Quando se fala em memórias é preciso considerar que muitas delas consistem em memórias de dor e não há como simplesmente apagá-las, pois o sofrimento faz parte da existência humana. Diante da opção “adoecer ou sobreviver” é preciso, então, aprender a tecer um movimento de perdão e ressignificação para seguir sem medo, vergonha, culpa e/ou ódio. Cabe, sob esse aspecto, à pessoa, lembrar: “eu sou mais do que minha memória, eu sou e posso ser a minha própria história e o que eu fizer dessa memória”. A história que teço, na e da minha existência é, pois, a ressignificação das memórias que carrego como cicatrizes. Re-significar memórias é movimento de cura e de cuidado sempre que opto por não sucumbir à doença, à dor, ao medo, à vergonha, à culpa e, por amor a mim mesma, honro a quem me amou e me ama respondendo: “eis-me aqui para cuidar!”

espaço e tempo em que é possível promover tessituras de cura e de cuidado em que se experiencie o cuidar de forma pessoal e comunitária.

Falar em comunidades terapêuticas me parece, assim, requerer o reconhecimento de que há um duplo movimento presente no cuidar:

- 1) reconhecer a própria lacunaridade e a potencialidade da outra pessoa para que cada pessoa se deixe complementar nas próprias necessidades uma vez que o não reconhecimento das próprias lacunas pode se configurar numa via para a tirania e
- 2) aceitar a lacunaridade da outra pessoa sem juízos e dispor-se a complementá-la, se necessário e se permitido, através do diálogo e da reciprocidade embora tenha que se reconhecer que o cuidar possa se dar sem necessária reciprocidade.

Falar em comunidade terapêutica é evocar, também, o sentido da cura e do cuidado como Graça. Compreender a *Graça de Deus* como elemento curador é aceitá-la como algo que não somente cura feridas, mas promove a saúde. Assim, não me parece ser difícil constatar que o desafio que nos é colocado, a partir dessa temática, é conseguirmos ser comunidades terapêuticas que promovem a aceitação, a inclusão, a integração e o perdão, a começar por nós lá onde estamos, nos espaços que ocupamos, no que nos é dado a fazer no dia-a-dia de tal forma que possamos aprender e ensinar a cuidar a fim de nos curarmos das formas equivocadas de pensar e de sentir e que carregamos como doença.

3.5 CONSIDERAÇÕES (TAMBÉM AINDA) NÃO FINAIS

Cuidar é dispor-se a ser colaborador e colaboradora na tessitura/construção de um futuro, a partir do humano, sob a força do sagrado. É assumir-se, pessoalmente e comunitariamente, promovendo re-ligações; é ser terapeuta-hermeneuta. É buscar formas de aprender e ensinar o cuidar de forma comunitária tecendo vias terapêuticas que se configurem em tessituras de cura. Tecer vias de cuidado e de cura na forma de comunidades terapêuticas implica em compreender que nelas há abrigo para cada pessoa se descobrir e servir. Implica, também, em empenhar-se na tessitura de memórias de cura que sirvam de suporte e abrigo ante os inúmeros temporais existenciais a que, no dia-a-dia, estamos expostos; memórias

de cura que sejam fortes o suficiente para que cada pessoa que delas participa consiga afirmar-se em dignidade de vida e dizer: vale à pena estar aqui e cuidar!

A comunidade, a partir de seu sentido literal, não constitui meramente um aglomerado de pessoas, mas, sim, a compreensão de uma unidade que lhes seja comum, ou a comum-unidade que as move e direciona em práticas cujo resultado seja o bem comum. Isso implica em senso de pertencimento a partir de princípios identitários. Dois elementos acham-se aí colocados:

1. Senso de pertencimento, que não pode ser objetivado, pois a sensibilidade nem sempre pode ser descrita, mensurada e quantificada: implica na percepção de sentido no que se propõe e que se faz. Pertence à dimensão (se é que se pode falar assim) da subjetividade, implica em relacionalidade, requer comunhão, complementação e, por isso, justifica-se falar em intersubjetividade (e, talvez, indo além, até mesmo em intrasubjetividade (!)): pluralidade na unidade é a base para a integralidade. Sob esse aspecto, penso ser necessário sublinhar que a comunidade terapêutica é lugar de (re)conhecimento do “eu”, do “tu” e do “nós”, pois nela há tempo e espaço para a descoberta e desvelamento, de si e de outridades, no tecer-se comum-unidade. É na arte do com-vivenciar que se tece o sentimento de pertencimento e isso, quando se busca humanização, é imperativo; é compromisso a que não é possível eximir-se, sob-risco de desumanizar-se;
2. Princípios identitários, o que também requer o reconhecimento da (inter)subjetividade, pois é justamente a partir deles que ocorrem aproximações e afastamentos, integrações e compreensões. A identificação com uma causa é a amálgama que leva à participação, impensável sem o uso de uma linguagem comum que possibilite encontros, diálogos, desnudamentos, desvelamentos e (re)conhecimentos. Pode soar estranho referir-se a princípios quando o que se busca é cuidar e humanizar; nesse sentido, importa destacar que princípios, nesta reflexão, consistem em eixos a partir dos quais se cultivam valores terapêuticos de forma convivencial.

Nesse sentido, ser terapêutico – ser cura – é conseguir posicionar-se de tal forma que não só eu, mas, também a outra pessoa consiga vislumbrar caminhos para se curar. Com-viver é o maior desafio! Para isso, é preciso acolher o próprio “eu” com suas lacunaridades e imperfeições; re-significar memórias a partir da Graça

e do perdão e compreender: quando, apesar das dores e de todas feridas e cicatrizes a opção é escolher o Bom e fazer o Belo (espalhar amor e bondade), o cuidar operou como cura.

De qual postura/posicionamento estou então a falar? Do cuidar, esse movimento em que importa promover a saúde sob as vistas da unidade do ser humano em suas relações e conexões e na constatação de que nessa tessitura há não somente nós, mas, também, “buracos”, tal qual uma rede que, tecida amarrando-se os nós, deixa entrever buracos entre eles. Na existência de cada um e de cada uma de nós há algumas lacunas que jamais poderão ser preenchidas e a cura reside, então, no reconhecimento de que “tudo bem, pode haver lacunas” e de que nem tudo se resume à complementaridade afinal, estamos todos e todas em processo de cura “enquanto vivermos”. Sob esse aspecto, cabe diferenciar complementaridade e tessituras de cura. Embora a complementaridade nem sempre seja possível; ainda assim, tessituras de cura são possibilidades, quando se conduz a existência pelo cuidar.

Tessituras de cura são aquelas em que se observam as lacunas e rasgaduras como fendas passíveis de alinhavos e de costuras (sem que, no entanto, isso seja imperativo). Ou seja, são aquelas tessituras em que se presta mais atenção nas amarras do que os rasgos, tal como na rede: permeada de buracos, são os nós entrelaçados que permitem que ela seja instrumento de trabalho, na labuta pelo pão de cada dia, na lida da pescaria. Dessa forma, enquanto só se percebe os “buracos” numa vida, não se consegue olhar as amarraduras que constituem vias de cura. Nesse exemplo, penso que se torna compreensível por que uso o termo tecer: porque ele permite a harmonia das diferenças. Na tessitura há alguns aspectos a considerar: a escolha do tecido, a combinação dos fios em seus tons, a busca e encontro de um motivo, a criatividade para criar a arte ao tecer. Nos emaranhados ao longo da tessitura é o cuidar que desfaz, reata e firma nós.

A compreensão de ser-no-mundo como ser de cura leva ao cuidar de forma ampla e nunca acabada; trata-se da suprassunção de um mero *ser-junto-a* ou *ser-com* para um *já-ser-em-como-junto-a-com-para* em que o ser humano se institui como *homo curans*. Parece que sempre de novo é preciso repetir que o cuidar sob às vistas da formação humana é o maior legado e, também, a maior missão que temos a desenvolver como humanidade, pois é somente a partir dela que a pessoa

saberá conduzir-se com vistas ao Bom e ao Belo. Chega a ser trágico termos que reconhecer que "nós desumanizamos as pessoas" sempre que negligenciamos o cuidar. Ora, se desumanizamos, também é possível humanizar as pessoas quando colocamos o cuidar em evidência. E é nisso que me agarro, acredito e pelo que labuto como "tábua de salvação": o humano em nós habita, afinal!

4 O SER HUMANO COMO *HOMO CURANS*

*És cura em tua essência, num chamado para cuidar
Curas com teu ouvir, teu falar e escutar
Com tua voz, tua fala e, também, com teu calar.
Curas com as mãos a tecer, quando escolhes, sem temer, num abraço acolher.
És cura em tua essência, num chamado para cuidar
Curas com intuição, na percepção, no olhar
Com jeito firme, gentil, quando sabes respeitar.
Curas sofrimentos quando, sem ceder a julgamentos, te dispões a acolher.
És cura em tua essência, num chamado para cuidar
Curas com tua energia, quando sabes perdoar
Quando amparas escaladas e te pões a harmonizar
Curas quando interpretas silêncios,
Curas quando lambes tuas próprias feridas
E quando em amor, remendas, em outros as fendas rendidas.
Curas sempre que te pões a cuidar
Mas somente a ti podes, assim, curar
Aos outros consegues somente inspirar e nisso opera, também, um curar.*

Neste capítulo, a partir das conceituações já trabalhadas até aqui e, de forma especial, a partir do capítulo anterior, aprofundo relações do pensamento de Heidegger com o *dasein*, a cura e o cuidar. Referenciar-se ao ser humano como ser de cura é ressaltar o sentido existencial significado como resposta (ser-humano = cuidar) pessoal na tessitura de sentidos existenciários.

Para Heidegger, “enquanto a totalidade originária de sua estrutura, a cura se acha, do ponto de vista existencial *a priori*, “antes” de toda “atitude” e “situação” da presença, o que sempre significa dizer que ela se acha em toda atitude e situação de fato”.¹⁷³ Dessa forma, é possível afirmar que a cura é parte do ser humano sob todos os aspectos de sua vida; não é somente “apenas ação” ou “momento específico”, mas uma forma de com-viver em que as relações são tecidas de forma terapêutica, configurando-se tessituras de cura, vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós.

Para o filósofo e teólogo Martin Heidegger, “o ser da presença diz anteceder-a-si-mesma-no-já-ser-em-(no mundo)-como-ser-junto-a (entes que vêm ao encontro dentro do mundo). Esse ser preenche o significado do termo *cura*, aqui utilizado do

¹⁷³ HEIDEGGER, 2008, p. 260.

ponto de vista puramente ontológico-existencial”.¹⁷⁴ A perda de conexão com a unidade (o todo) é descuido, falta de cuidado, falta da condição essencial que concerne humanidade ao ente como atributo maior de sua existência. Não se trata de ser *algo* no mundo, mas de *ser* no mundo *por si-mesmo* e *a partir de si-mesmo*, a partir da compreensão de *poder-ser* pela compreensão do sentido de ser: “A presença se determina como ente sempre a partir de uma possibilidade que ela é e, de algum modo, isso também significa que ela se compreende em seu ser”.¹⁷⁵ Pela compreensão do sentido de seu ser, não mais é possível ao ser humano outra forma de ser que não como presença curadora:

No projetar-se do compreender, o ente se abre em sua possibilidade. O caráter da possibilidade sempre corresponde ao modo de ser de um ente compreendido [...] Se junto com o ser da presença o ente intramundano também se descobre, isto é, chega a uma compreensão, dizemos que ele tem sentido. [...] Sentido é aquilo em que se sustenta a compreensibilidade de alguma coisa, aquilo que pode articular-se na abertura compreensiva. [...] Sentido é a perspectiva na qual se estrutura o projeto pela posição prévia, visão prévia e concepção prévia. É a partir dela que algo se torna compreensível como algo. [...] A presença só “tem” sentido na medida em que a abertura do ser-no-mundo pode ser “preenchida” por um ente que nela pode se descobrir. Somente a presença pode ser com sentido ou sem sentido.¹⁷⁶

Para que o cuidar se efetive como cura na vida de uma pessoa, é preciso que ela se posicione de forma favorável ao cuidar e se assuma como cuidadora, num esforço sempre renovado e constante “enquanto viver”. Não há meio-termo! No mundo da vida, para que a cura seja experienciada, não há como o ser humano eximir-se de uma resposta ao apelo de seu ser em *poder-ser*, o que significa, em outros termos, ser-humano = cuidar! Não se trata de qualquer resposta; a resposta precisa ser pessoal e fundamental: atendendo a um chamado ontológico do ser para poder-ser, a condução da existência de forma autêntica se dá escolhendo o Bem e fazendo o Belo, assumindo-se guardião e guardiã do *homo curans*.

Eis, então, o princípio identitário que nos humaniza e pelo qual (nos) humanizamos: ser humano é ser cura a partir do e pelo cuidar. Não obstante, toda e qualquer pessoa é capaz de, efetivamente, responder dessa forma? Como ficam entre nós aquelas pessoas que eventualmente não consigam responder da forma acima descrita? Penso, de forma específica, por exemplo, em algumas pessoas em

¹⁷⁴ HEIDEGGER, 2008, p. 259-260.

¹⁷⁵ HEIDEGGER, 2008, p. 87.

¹⁷⁶ HEIDEGGER, 2008, p. 213.

intenso sofrimento mental e que, por vezes, vivem a degradação da própria integridade em seu ser si-mesmo/a? Acaso estão excluídas de experienciar o cuidar como cura? As perguntas são um desafio também a partir de minha convivência, pois não há como dar respostas exatas e absolutas diante de quadros de sofrimento mental como a esquizofrenia, por exemplo, embora haja, certamente, inúmeras outras condições humanas similares. Talvez, nesses casos, tenha que se capitular ante o pensamento da experiência da Graça como tessitura de cura e isso nos remete diretamente à dimensão da espiritualidade, mas isso abordarei mais adiante¹⁷⁷.

Pode-se, a partir disso, dizer que no *homo curans* confluem o sagrado e o humano sendo que sua dissociação é a doença, a ferida, a fenda? Para Heidegger, “toda doença é uma perda da liberdade, uma limitação da possibilidade de viver”¹⁷⁸. Isso não é negociável e nem obedece a ritos: não é simples ato ou momento; desse modo, pode-se dizer que o fenômeno da cura transcende todo e qualquer evento. Por isso cura não é passível de prescrição (embora, por vezes, o seja de descrição); serve, apenas, como orientação, uma orientação tal que se constitui num *poder-ser* originário como resposta a um apelo ôntico-ontológico: é transcendência que se faz imanência e que conduz, por sua vez, à transcendência. Nesse sentido, cura é processo que resulta do cuidar e que conduz ao cuidar: é a superação de opostos, é integração; nem exclusão (ou-ou), nem adição (e-e), mas conjunção, confluência em que o sagrado é reconhecido no humano e este, por sua vez, se sente pertencente a ele com vistas ao Bom e ao Belo.

4.1 O CUIDAR NO DESENVOLVIMENTO DO BOM E DO BELO

Em minha função cuidadora, entendo o cuidar como posicionamento da pessoa com vistas a confluências na efetivação do Bom e do Belo nas “pequenas coisas” do dia-a-dia. Na tessitura de harmonias, é preciso que haja empenhos por diálogos, reconhecimentos e integrações entre diferentes pessoas e diferentes saberes e fazeres. Isso se dá sob as vistas da unidade comum (comum-unidade!), na compreensão de que diferenças não permitem indiferença, quando a convivência se dá pelo cuidar. Tais tessituras requerem a compreensão do sentido de ser-

¹⁷⁷ Ver capítulo 5

¹⁷⁸ HEIDEGGER, 2017, p. 168.

humano como cura, como cuidado em ações concretas: cuidar, mais que teoria, é prática no dia a dia.

Considerar a humanização processo é compreendê-la como busca conjunta de tessituras para o desenvolvimento da pessoa com vistas ao Bom e ao Belo. Ou seja, é, justamente, significar o processo de cura como possibilidade em qualquer ser humano a fim de que possa ser-humano: a cura é o processo que nos leva a responder a partir da compreensão do sentido de ser e transcorre pelo cuidar. Mas que significa, nesse processo, o Bom e o Belo senão aprender e ensinar a conduzir a existência de forma cuidadora? E que significa isso a não ser colocar sinais de graça onde o descuido opera a desgraça rompendo as barreiras do humano querendo desumaniza-lo? Ademais, esse processo requer a compreensão do conceito axiológico de cura e de cuidado, na resposta da pergunta: que significa cuidar?

Nesse sentido, talvez, o cuidar, como processo, possa ser visto como um dos fundamentos (talvez o mais basilar) de um paradigma de conciliação: um paradigma que possa funcionar como modelo de reconhecimento de diferentes formas de saber (tradição), de conhecer (ciência) e de fazer (cultura); um paradigma não disciplinar, não puramente lógico, mas sapiencial, em que sejam considerados não somente valores econômicos/comerciais, mas, prioritariamente, os valores vitais e humanos.

Poder-se-ia dizer que se trata de um paradigma holístico, em que se possa desenvolver a criteriosidade como fator de análise e de tessitura/cultivo, de relacionais na busca de nós a partir da resposta pessoal de diferentes “eus”? Certo é: cuidado implica em cuidar e cuidar é empenhar-se por cura: com menos juízos e julgamentos, com mais acolhimentos e sentidos de pertencimento rumo à unidade que, conforme Heidegger “é a co-pertença num conjunto do que tende a opor-se. É isto o originariamente uno”¹⁷⁹. Talvez seja assim que, por temer a força da unidade é que haja tantos empenhos por fragmentação. Cuidar é, então, promover a unidade da vida ante toda e qualquer forma de discriminação, redução e fragmentação.

¹⁷⁹ HEIDEGGER, 1987, p. 153.

Três perguntas centrais direcionam esta minha reflexão: 1) O que significa cuidar? 2) É possível um modo de ser e de conviver humano sem práticas que se fundamentem no cuidar? e 3) Que contribuições o conceito de cuidar traz para a efetivação de tais práticas? Nisso, considera-se que a humanização, possível pelo Cuidar – busca conjunta de tessituras para o desenvolvimento humano com vistas ao Bom e ao Belo – é, justamente, o processo de cura em qualquer ser humano. Mas o que significa, nesse processo, o Bom e o Belo? Ademais, esse processo não requer, também, a compreensão de um conceito prático, mas axiológico, a saber, o que significa cuidar? A humanização, como tessitura de relações de cura, em que se experiencie o cuidado, precisa de pessoas que vivenciam o cuidar em seu fazer da maneira mais radical possível. Se a considerarmos processo comunitário, dialógico, constante e permanente e, justamente por isso, seria possível sem que se fundamente no cuidar? Como o cuidar se tece/ é tecido em nós e entre nós?

As ações humanas fundamentam-se na compreensão de sentidos existenciais e no reconhecimento de valores. Assim, o cuidar precisa estar presente como vivência – com-vivência – pois, afinal, não se ensina e nem se aprende a cuidar de forma isolada, como se fosse uma disciplina ou como se fosse apenas teoria. A descoberta de si como ser humano não se dá sem que convivenciando. É no *já-ser-em-junto-a-com* que o ser humano se descobre capaz de cuidar e ser humano na tessitura do Bom e do Belo. Cuidar decorre de uma percepção que pode ser interpretada como senso de pertencimento (comum-unidade). Este, por sua vez, pode ser interpretado como perceber-se unidade na totalidade; sentir-se parte intrinsecamente relacionada de forma partícipe em uma realidade onde não há “nós x eles/elas”, mas onde somos nós¹⁸⁰ e onde tudo é, na verdade, decorrência e confluência, onde tudo e todos, de alguma forma acabam sempre sendo afetados.

Do que foi exposto, até aqui, pode-se dizer que o cuidar perpassa toda a existência, mostrando-se nas atitudes do cotidiano, em um modo de ser orientado como cuidado. Mas como fica lá onde o fenômeno do descuido se faz sentir? Certamente é possível afirmar, também com vistas ao até aqui exposto, que a falta de cuidar resulta no inumano, na falta de humanidade ou no desumano. Considerar

¹⁸⁰ Creio que, aqui, cabe ressaltar que quando se diz "nós somos" há reconhecimento do "eu" e do "tu". Ou seja, trata-se de reconhecer que só se pode dizer "nós somos" a partir de eu **E** tu, tu **E** eu. Não somente "eus" e nem somente "tus". O reconhecimento da alteridade implica no reconhecimento, também, do si mesmo de cada ser humano.

que a finalidade da formação humana é o desenvolvimento da pessoa com vistas ao Bom e ao Belo implica em práticas que auxiliem a pessoa para que possa conduzir sua própria existência em três aspectos basilares, quais sejam:

1. Que ela se compreenda (autoconhecimento) e se constitua como pessoa (reconhecimento);
2. Que ela se desenvolva, descobrindo seu lugar no mundo em que é, pela compreensão de um sentido existencial (conhecimento, compreendido como gerador de novos nascimentos) e
3. Que ela se constitua como cuidadora, na tessitura de práticas de cura e de cuidado pelo cuidar.

A fim de aprender e ensinar um modo de ser que seja cuidador, requerem-se práticas terapêuticas, que se fundamentam em princípios axiológicos práticos, a partir dos quais seja possível o convívio de diferentes pessoas com vistas a um *telos* comum: aprender e ensinar um modo terapêutico (cuidador) de ser e de fazer que resulte em plenitude/dignidade de vida. Diante dessa constatação, que contribuições a compreensão do conceito cuidar traz para a efetivação de tais práticas terapêuticas/curadoras? De qual cura se está, aqui, a falar?

4.2 ACERCA DO CUIDAR NA FORMAÇÃO HUMANA

Minha provocação, nesta reflexão, é voltar o olhar às origens do termo cuidar e fazê-lo traçando relações possíveis. A formação humana parece ser a grande tarefa em que, por excelência, o cuidar não pode ser olvidado, pois nela o ser humano se ocupa, prioritariamente, da formação do humano (adjetivo) no humano (substantivo). Talvez seja, então, no mínimo interessante, senão indispensável, deter-se por um instante, nessa área para melhor compreender sua importância. Em todos os povos e tempos a educação foi e é desenvolvida sob as vistas de um ideal: o ideal da formação humana¹⁸¹, a humanização (harmonização!), mas que é humanizar, se não cuidar?

¹⁸¹ Isso fica claramente atestado em Jaeger (JAEGER, Werner. **Paidéia, a formação do homem grego**. 4ed. São Paulo: Martins Fontes), onde temos um compêndio que expressa, em linhas gerais, a história da educação conduzida como formação humana na cultura Ocidental e, também, em Dewey (DEWEY, John. **Vida e Educação**. 5ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1959), pra quem “educação é vida, e viver é desenvolver-se, é crescer. [...] O processo educativo

Propus-me refletir dialogicamente sobre sentidos do Cuidar com vistas à unidade da vida considerando-se que, nisso, reflexões e práticas precisam estar fundamentadas em princípios terapêuticos, imbricados como compreensão e significação no mundo da vida: não há possibilidade de compreensões sem que a partir de diálogos. Justifiquei a relação desta reflexão com a formação humana sob a consideração de que o reconhecimento de princípios, a partir dos quais se tecem valores terapêuticos, possibilita conviver de forma harmoniosa sob o viés do cuidar e que, pela formação humana, pode-se aprender e ensinar um modo de ser cuidador: ser-humano.

Na tessitura de normas de conduta e regras de convivência que conduzam à vida plena/digna, a ética se origina como modo de ser tendo o cuidar como fundamento e, também, como alvo. Em outros termos, pode-se dizer que o cuidar transcende a ética, pois está, relacionada à moral, pode assumir contornos fixos, o que não é o caso do cuidar. Todavia, a ética e o cuidar precisam ser aprendidos e ensinados como processo de formação humana, na valorização do ser humano e da vida plena. Mas como aprender e ensinar esse modo de ser cuidador?

Há diferença entre ética e cuidado? Penso que sim. Se pela ética se pensa o humano, pelo cuidado se forma o humano. Parece óbvio: o projeto fundamental do ser humano é ser-humano. Talvez, então, seja hora de sermos menos críticos e mais criteriosos e servirmos mais uns aos outros na prática da empatia, da troca, da solidariedade, do respeito à diferença. Ademais, há que se dizer que ainda que a ética normatize, não é capaz de mudar o “comportamento valorativo”. A lei não transforma a pessoa: isso é obra do cuidado. A lei obriga, mas não transforma o pensamento da pessoa; pode influenciar o comportamento, mas não o modo de pensar e sentir e, em decorrência, se conduzir pelo cuidar. Enquanto a ética é responsável pela formação do caráter, o cuidado é responsável pela formação do humano. Valores são construídos/tecidos como fator cultural que identifica um modo

é processo de contínua reorganização, reconstrução e transformação da vida” (p.30-31), ou seja, a educação é “atributo permanente da vida humana”. Nas duas referências aqui trazidas a educação é referida como o ideal de formação humana, processo capaz de conduzir o ser humano em seu desenvolvimento a fim de, efetivamente, ser-humano. E, sim, eu acredito no ideal, na força e no poder da educação como formação humana (*Bildung*); é por isso que sou professora: professo a fé num saber e num fazer que dignifique a vida e o com-viver e auxilia o ser humano em seu modo de ser-humano a fim de escolher o Bom e fazer o Belo (as formas de aprender e ensinar a conduzir a vida em vias de Harmonia). Se a educação não tivesse como alvo o desenvolvimento do ser humano em seu modo de ser-humano, qual seria seu *telos*, afinal?

de ser e, em função disso e do reconhecimento desse valor é que a ética se estabelece. Tomemos, como exemplo, a violência. Ela é pontual? Cultural? Estrutural? Ou resultado do descuido no processo de formação humana? A partir desse exemplo podem-se traçar inúmeras relações na pergunta: como formação humana e cura se co-pertencem?

A relação formação humana e cuidado fundamenta-se também em Jaeger¹⁸², que argumenta que, a fim de aprender valores a partir de princípios, a educação se impõe como necessidade: como resultado da consciência de um valor importante para a vida comunitária, a formação humana/educação (*Bildung*) foi pensada e desenvolvida como processo humanizador. Creio que há muitas e múltiplas formas de cuidar. Não obstante, apesar de suas diferenças, o *telos* é o mesmo: o desenvolvimento humano e plenitude de vida - a realização do Bom e do Belo.

Então, é urgente e necessário que aprendamos a perguntar, sempre de novo: a forma como com-vivencio promove o cuidar? A forma como a formação humana é desenvolvida promove a cura entre nós? A resposta a essas perguntas, em sua análise mais radical, é não só pessoal, mas, também, coletiva: implica o reconhecimento de si como ser de cura e de cuidado e, também, o reconhecimento de valores terapêuticos, de cura e de cuidado. Não obstante, como o “eu” não ocorre e nem se dá senão *junto-a* outros ‘eus’ que, então, conjuntamente, compõem o nós que somos, o re-conhecimento (de si e do outro/da outra) é processo que requer conviver. Sempre de novo vale à pena lembrar: Cura é a meta de encontros terapêuticos sendo que sem a arte do encontro (de si consigo mesmo/a, do “eu” com seu próprio eu (mestre) interior e do “eu” com o outro/a outra) a cura não se efetiva.

Ou seja, conviver é o caminho para (se) curar. Para Heidegger,

Quando alguém diz “eu”, está sempre nomeando aquilo que ele considera o si-mesmo. “Tu” é sempre o nome de quem considero o si-mesmo do meu parceiro. “O si-mesmo” é aquilo que em todo o caminho histórico de meu Dasein se mantém constantemente como o mesmo, justamente no modo do ser-no-mundo. O si-mesmo nunca está presente como substância. A constância do si-mesmo é singular no sentido de que o si-mesmo pode sempre voltar para si mesmo e sempre se encontra em sua morada como o mesmo.

¹⁸² JAEGER, 2003.

“Eu” é sempre o nomear do si-mesmo como meu, a saber, do meu ser-o-si-mesmo no instante do nomear. O si-mesmo, como um todo, nunca pode ser realizado em um instante. Ao mesmo tempo, ao nomear meu si-mesmo como “eu” não preciso representar particularmente minhas próprias possibilidades. Se eu o fizesse, isto é, se representasse particularmente todos os meus modos de poder ser, eu nem poderia existir.¹⁸³

De forma semelhante, na tessitura do humano na humanidade, a resposta é pessoal, mas resulta do senso de pertencimento à base comum (mesmidade ou comum-idade), pois do senso de unidade na totalidade resultam respostas afirmativas do ser humano para ser-humano. Ou seja, é por sentir-se acolhida e cuidada que a pessoa responde afirmativamente, dispondo-se, também, a cuidar: isso é cura. Nesse sentido, cuidar é participar; a percepção de “ser parte” é influenciada também pelo afeto (não se dá somente pela reflexão!) e é o senso de pertencimento (*sentir-se parte*) que conduz ao comprometimento por cura, pelo cuidar.

Sob esse aspecto, considera-se que uma prática é humanizadora sempre que o cuidado é vivenciado, num claro posicionamento contra toda e qualquer forma de discriminação, exclusão, redução ou opressão em que a vida for ferida em sua unidade. Ou seja, a humanização auxilia o ser humano a posicionar-se afirmando-se em dignidade, no desenvolvimento harmônico de suas potencialidades, de seu *poder-ser*. Dessa forma, Cuidar e Formação Humana encontram-se inter-relacionados sendo que, nesta pesquisa, propõe-se uma reflexão pautada pela compreensão conceitual dos termos sugeridos.

Quando falo em valores terapêuticos, considero pertinente destacar que valor não é só o que alguém aprecia, mas, também, aquilo que se torna preferível como objeto de uma norma, que existe em função de um valor reconhecidamente válido na convivência. Orientado pela primazia do valor, o ser humano dialoga, se posiciona e age em conformidade ao valor reconhecido, o que o torna critério de juízo e guia para escolhas. Conforme Abbagnano,

[...] a melhor definição de valor é a que o considera como possibilidade de escolha, isto é, como uma disciplina inteligente das escolhas, que pode conduzir a eliminar algumas delas ou a declará-las irracionais ou nocivas, e pode conduzir (e conduz) a privilegiar outras, ditando a sua repetição sempre que determinadas condições se verifiquem. Em outros termos, uma teoria do valor, como crítica dos valores, tende a determinar as autênticas possibilidades de escolha, ou seja, as escolhas que, podendo aparecer

¹⁸³ HEIDEGGER, 2017, p. 181.

como possíveis sempre nas mesmas circunstâncias, constituem pretensão do valor à universalidade e à permanência.¹⁸⁴

Na busca pelo que é valioso e que lhe concerne dignidade, o ser humano é axiotrópico o que, por sua vez, demanda uma formação para valorar, ou seja, a condução de práticas dialógicas acerca de valores e da capacidade/habilidade de valorar o que, por sua vez, se relaciona com a educação. Sob a consideração de que valores são “dimensões da realidade que contribuem para a consecução de um projeto educacional humanizador” afirma Perissé,

Valores como a liberdade, o conhecimento, a corporeidade, a beleza, o trabalho, a justiça, o respeito, a paz, a saúde, a religiosidade, a solidariedade são essenciais para a execução do projeto homem/mulher. Educar é encaminhar (ou convencer?) alguém a valorizar certos valores [...] Somos seres axiotrópicos, estamos em busca do que é dignificante, do que é valioso (no grego *áksios*) e quem nos educa também esta orientado por valores. Próximos ao campo de irradiação dos valores, sentimos-nos atraídos a transformá-los em carne da nossa carne – incorporá-los, literalmente. O valor da liberdade me infunde o desejo de ser livre. O valor da solidariedade me entusiasma com a possibilidade de ser solidário.¹⁸⁵

Esse processo é, também, comunitário, ocorrendo como tal pelo reconhecimento de sua necessidade e com vistas ao bem comum e à felicidade ou dignidade humana. Conforme Reale,

O valor implica sempre uma tomada de posição do homem e, por conseguinte, a existência de um sentido, de uma referibilidade. Tudo aquilo que vale, vale para algo ou vale no sentido de algo para alguém. [...] Exatamente porque os valores possuem um sentido é que são determinantes da conduta. A nossa vida não é espiritualmente senão uma vivência perene de valores. Viver é tomar posição perante valores e integrá-los em nosso “mundo”, aperfeiçoando nossa personalidade na medida em que damos valor às coisas, aos outros homens e a nós mesmos. Só o homem é capaz de valores, e somente em razão do homem a realidade axiológica é possível.¹⁸⁶

Quando o cuidar é vivenciado como modo de ser equivale a um *ethos*: compreende princípios que não podem ser relativizados ou negligenciados uma vez que as últimas fronteiras da ética, conforme Jaeger, “não são convenções do mero dever, mas leis do ser”.¹⁸⁷ O cuidar é, então, vértice que conduz o processo como cura, de forma terapêutica, rumo à humanização. Para Heidegger: “para onde se dirige ‘o cuidado’, senão no sentido de reconduzir o homem novamente para sua

¹⁸⁴ ABBAGNANO, 2012, p. 993.

¹⁸⁵ PERISSÉ, Gabriel. **Introdução à Filosofia da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 40.

¹⁸⁶ REALE, Miguel. **Filosofia do Direito**. 19 ed. São Paulo: Saraiva, 1999. p. 191.

¹⁸⁷ JAEGER, 2003, p. 78.

essência? Que outra coisa significa isto, a não ser que o homem (*homo*) se torne humano (*humanus*)?”¹⁸⁸ Assim, o cuidado transcende a ética e pode ser guardião dela, pois o humano carrega a possibilidade do cuidado quando é curado. Em outros termos, poder-se-ia perguntar: qual o valor/ o sentido de cuidar, a não ser que o ser humano possa ser-humano?

Ainda que, nestes termos, se esteja a falar de conceitos, todos possuem uma mesma confluência, a saber, o ser humano em sua existência. Falar de cuidado e de humanização possui um imperativo: compreender o cuidar como fator de cura no ser humano. Se até mesmo o concreto precisa ser “curado”, por que o ser humano não o precisaria? Nestes termos, há que se promover o cuidar como cura da humanidade no (tecido) humano considerando-se que, a partir disso, torna-se possível sustentar outras derivações e categorias do cuidar.

4.3 EM BUSCA DO (SAGRADO) SENTIDO DE CUIDAR

Volto a repetir: nesta pesquisa proponho refletir dialogicamente sobre os sentidos do Cuidar na formação humana, com vistas à unidade da vida. Considero que, para que a cura e o cuidado sejam experienciados, precisa-se de práticas terapêuticas, em que se aprenda e ensine um jeito de ser, qual seja, cuidar. Para tal, é preciso que se compreenda o sentido desse conceito prático e, igualmente, pessoas que se disponham a vivenciá-lo em seu fazer e conviver o que remete, por sua vez, à compreensão dessa prática. Ao usar os termos cura e cuidado busco ressaltar a dimensão ôntico-ontológica do cuidar: à medida que o cuidado é experienciado, a cura é tecida/cultivada em cada um e cada uma de nós. Esta reflexão se dá buscando traçar relações na interface saúde/formação humana, sob o viés da espiritualidade. Nesse sentido, *cuidar* é todo e qualquer empenho para que a unidade da vida seja cultivada e *tessituras de cura* são vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós.

Não há como significar algo na existência sem que haja um amplo e profundo apropriar-se de seu sentido, pois é a compreensão de sentido que leva à significação e, por isso, quando o sentido de uma palavra ou de uma prática é

¹⁸⁸ HEIDEGGER, 2005, p. 17.

compreendido, passa a ter valor para alguém. Às vezes, tirando-se o pó de certas palavras, descobre-se um sentido oculto. Às vezes, desenvolvendo-se uma prática, descobre-se um sentido encoberto. O sentido, é importante que se diga, sempre transcende para além daquilo que se mostra no aqui e no agora – espaço e tempo vividos. Dessa forma, quando o sentido de uma palavra é compreendido por ter-se tido a possibilidade não só de refleti-lo, mas de experienciá-lo, ocorre um despertar para sua significação. É a compreensão do sentido que leva à significação e, por isso, quando o sentido de uma palavra ou de uma prática é compreendido, passa a ser significativo; passa a “ter” sentido.

Defendi, recentemente, que participar de um grupo de estudos ou de um grupo de pesquisa pode se assemelhar com o trabalho de um limpador de chaminés (profissão antiga e já não mais existente), que se ocupa de retirar a fuligem ali depositada para que, no interior da casa, o fogo, a queimar na lareira, possa proporcionar mais conforto, especialmente em dias de intenso frio. Talvez em muitas de nossas famílias essa tarefa era realizada pelo pai, pela mãe ou pelo avô, especialmente quando dias de frio intenso se prenunciavam. Quando um grupo se reúne para pensar, refletir e dialogar acontece algo semelhante: tira-se o pó de palavras e acontece a retirada de fuligem o que, não raro, promove uma nova origem e, por vezes, de novo o fluir de um rio.

Às vezes, tirando-se o pó de certas palavras, criam-se outras a partir de desvelamentos. Foi por olhar para o céu numa noite escura e perscrutar mistérios na escuridão que sábios viram o brilho de uma estrela e a tomaram por direção. Talvez não vissem eles mais que aquele brilho, todavia era-lhes suficiente no acalantar de um anseio que em seus peitos ardia, fazendo-os crer na força de uma utopia. A percepção de uma possibilidade torna-se em caminho quando se persiste no caminhar substituindo o medo pela esperança e a angústia pelo com-fiar, na efetivação concreta do cuidar. Assim, acredito que o desenvolvimento da presente reflexão possa se dar em terrenos onde a humanidade é cultivada e, por isso, proponho o desenvolvimento dessa temática traçando relações na interface saúde/formação humana, sob o viés da espiritualidade.

Parece tão óbvio falar do cuidar! Todavia, eu me ocupo dessa obviedade por uma premente necessidade: para aprender a cuidar é preciso que ele seja ensinado e, para que seja ensinado, é preciso que tenha sido aprendido. Ensinar e aprender a

cuidar requer, portanto, uma hermenêutica do cuidar, uma pedagogia do cuidar e a tessitura de práticas de cura em que o ser humano seja considerado unidade em seu *ser-no-mundo* e se reconheça em seu *poder-ser* a fim de escolher ser-humano. Isso implica em considerar as diferentes dimensões presentes em seu ser e traz, como decorrência, a compreensão de que cura não é ato isolado, estanque a um momento, não é rito, mas processo que se desenvolve, de forma permanente “enquanto viver”.

Por que cuidar? Parece óbvio que a única resposta possível seja: “para humanizar!”. A obviedade da resposta, todavia, merece um re-conhecimento: cuidamos porque reconhecemos que o ser humano, dada sua plasticidade¹⁸⁹, permite o inumano. Nessa altura, talvez, de forma pasma, se pergunte: “Wou! O quê?” E, sim, é preciso considerar que é possível o humano forjar-se inumano. É justamente por isso que a tessitura de práticas curadoras é fundamental, essencial, basilar, inalienável se quisermos que o humano seja, entre nós, promovido; afinal tessituras de cura são vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós.

Para além de partidarismos e sem se deter a ideologias, o cuidar se manifesta ali onde a vida se sente premida, onde a existência requer luta e guarida sempre que o frágil ser de barro é posto aos cuidados de cura. Cuidar é promover a unidade da vida sempre que reducionismos e fragmentações ameaçam rompê-la. Quais são as brechas então? Fomentar o espírito de respeito e empatia, de perdão e solidariedade desenvolvendo a consciência de que somos nós a resposta toda vez que “eu” respondo e digo sim à unidade da vida em meu ser próprio. Já que o solo humano também permite, em sua plasticidade, semear-se o descuidar, torna-se fundamental cultivar o cuidado, aprendendo e ensinando a cuidar a fim de que cada ser humano possa compreender-se em seu *poder-ser* e responder, de forma pessoal, dispondo-se a esse cultivar para, ao ser-humano, também resilenciar.

¹⁸⁹ Para Dewey (DEWEY, John. **Vida e Educação**. 5ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1959, p.29), plasticidade é característica humana que consiste na capacidade de constante renovação: “a permanente capacidade de adquirir novos hábitos, ou de aperfeiçoar os que já possuímos” sendo que a educação/formação humana tem por fim fortalecer a plasticidade no ser humano e sua interdependência na vida em sociedade.

Tessituras de cura são fundamentais para desenvolver a capacidade de resilienciar. Resiliência, essa capacidade humana de se reinventar e se moldar a partir de crises e suas muitas limitações, parece ser uma forma sensata e inteligente de aprender e ensinar a cuidar quando é preciso persistir, mas não se consegue resistir. Se for verdade que quem resiste, quebra, também é verdade que quem resiliencia, subsiste. A resiliência é, sob esse ponto de vista, uma forma muito mais inteligente e sensata de persistir no caminhar. Mas há que, então, se repensar conceitos, em seus sentidos ocultos, sem esquecer e deixar de cultivar o cuidar. Resilienciar não é só suportar, mas descobrir núcleos de potência para poder transcender limitações. E assim se fecha o círculo, mais uma vez.

Falar do cuidar como tessitura de cura implica em considerar um aspecto bem importante nessa tese: a Fábula da Cura. Mas por que justo essa fábula em minha escrita? Quanto a isso, julgo pertinente dizer, inicialmente, que a ênfase na fábula resgatada por Heidegger não se encontra numa divindade, mas no processo de cura que a fábula permite entrever. Esse processo não requer prescrição, ainda que seja possível, por vezes descrevê-lo em suas mais variadas formas e tessituras. Por ser processo, não há necessidade de um “fim”, pois o fim é cuidar “enquanto viver” e, lembrando o poeta, “é caminhando que se faz o caminho”.

Creio ser possível afirmar que, na existência, ninguém cura ninguém, pois a pessoa cuidadora/curadora pode, tão somente, auxiliar no acesso pessoal do despertar da consciência e, nisso, cada um e cada uma de nós tem sempre o que aprender e o que ensinar, pelo senso de pertencimento. Ou seja, a consciência decorre de um senso de pertencimento e conduz à relacionalidade, promove a integração. Senso de pertencimento... talvez o afeto seja a razão da experiência sendo que só por esta se chega à consciência?

Na verdade, creio que até mesmo as pessoas que não conseguem se posicionar e cuidar da forma como descrita até aqui (como resposta a favor da unidade da vida), até mesmo elas são, de alguma forma, peça chave no desenvolvimento de tessituras de cura com seus sentidos existenciais e existenciários. Já ouvi relatos de cuidadoras que experimentaram que a pessoa que está aos seus cuidados as auxiliou na promoção de sentidos de vida em si mesma. Por se sentirem, de alguma forma, re-queridas na tarefa que estavam a desempenhar sentiram-se afetadas. De alguma forma, um senso de *dever-ser* as

conduzia a um livre *poder-ser* fazendo com que se empenhassem em tessituras de cura e, nisso, descobriram-se sendo curadas no cuidado dispensado a alguém. Eis, então, porque é preciso haver empenhos por tessituras de cura.

Cura...que vem a significar esse termo?

A cura, partindo da visão de Heidegger, é processo de compreensão do ser humano como *ser-para-a-morte*. Não é algo que “vem de fora” como orientação, prescrição ou imposição; é processo interno: requer resposta pessoal (ainda que ocorra no seio da comunidade) de tal forma que existir é dar sentido à vida no conviver. Não há ser humano sozinho: a realidade mais básica e rudimentar é *ser-com* e *ser-junto-a*; a incompreensão dessa verdade leva ao descuido. Para Heidegger, “em seu ponto de partida, o problema do um-com-o-outro se torna o problema da relação-eu-tu e o modo de constituição dessa relação é designado como empatia”.¹⁹⁰ Assim, é impossível cuidar e curar sem que a partir do reconhecer e da empatia. Sob uma visão curadora abandona-se a visão fatalista de simplesmente ser resultado do passado e, sob as vistas do cuidar, ocorre a decisão e o posicionamento de forma a fazer o que será a partir do que se é.

Esse posicionamento implica no re-conhecimento (= autoconhecimento) de que eu, como ser humano, sou fonte de cura e de cuidado: é pela minha ação criativa que o cuidar ocorre (ou não!). Ninguém pode responder por alguém: a compreensão de sentido existencial leva à sua significação no mundo da vida quando o EU responde favoravelmente ao cuidar instituindo-se, também, como ser de cuidado junto-a outros muitos “eus”. A cura, então, não pode ser reduzida a uma técnica, nem mesmo a objeto da medicina ou qualquer outra área do conhecimento; ela é, sobretudo, resposta na formação humana. Aquilo que é experienciado como cuidado é o que cura: tudo o que é sentido terapeuticamente é cura e, assim, ao convivenciarmos o cuidado é que podemos aprender e ensinar a cuidar e, conjuntamente, promovermos a cura em e entre nós.

E eu, Lia, a Ilíria que ainda lê, falo como mulher que poema para expressar em versos o que de outra forma não consegue dizer. É bem interessante e até mesmo estranho pensar que, ao poemar, as palavras parece que estão “soltas”, bailando no ar, à espera de serem “fisgadas” para entrar na composição de uma

¹⁹⁰ HEIDEGGER, 2009, p. 149.

metria que resulta em harmonia. Ao poemar, aprendo que é possível com-viver harmoniosamente, apesar das adversidades. A partir das diversidades que consigo reconhecer quando o “meu” sentido existenciário recebe guarida e pode ser tecido e (re)significado junto ao sentido existenciário de outra pessoa é que se pode comungar, em essência, de um mesmo sentido existencial. Cabe destacar que tal sentido pode ser encontrado fundamentalmente de forma comunitária, ou seja, convivenciando; não obstante, creio ser imperativo que a resposta seja pessoal para que, efetivamente, possa existir o cuidar como cura.

Na reflexão que me move, percebo que a demanda da Cura/do Cuidado é auxiliar no despertar do que está sendo experienciado como patológico e que necessita de cura. Dito de outra forma, é auxiliar terapêuticamente no processo de cura pelo desvelamento de forças vitais pelas quais é possível cuidar sendo que tais forças residem no ser humano como ser de cuidado. Temo que, se assim não for, encetaremos esforços no combate a patologias num cuidado paliativo onde se consegue, apenas, monitorar sintomas patológicos. Na temática do Cuidar e sua demanda, a pergunta “O que/quem é cura?” parece que precisa ter, como resposta: “Tudo que se mostra terapêutico ao ser humano!”. Ou seja, a terra/o barro onde a cura se dá, como cultivo, como tessitura, é o humano em seu modo de ser-humano.

Ocupar-se dessa temática nas áreas em que atuo me faz perguntar, também: “Qual é o outro nome do cuidar?”, pois em diferentes culturas, pode-se encontrar elementos terapêuticos comuns sob diferentes nomenclaturas. Sob esse aspecto, é preciso dizer que não se pode colocar a cura numa caixinha e então aprisioná-la a meras definições e/ou descrições que pretendam ser absolutas: sob a via de certezas corre-se o risco de dogmas e totalitarismos. Cura seria poder ver com um “olhar puro”, através de véus e cortinas de fumaça (conceitos constituídos e, muitas vezes, impostos sem o devido cuidado por sua compreensão) e enxergar – compreender – um sentido existencial como sendo fundamental para com-viver de forma autêntica, na tessitura de sentidos existenciários que sejam terapêuticos, curadores.

Especialmente na área da saúde, em atendimentos personalizados e individuais, tenho me confrontado com outras duas perguntas quando o assunto é cuidar de feridas e tratar de adoecimentos: “Qual o nome da memória do (seu) sofrimento, da (sua) dor?” e “Qual a história da (sua) memória?”. Elas conduzem ao

(re)conhecimento de si no (re)conhecimento do outro/da outra e tornam possível ressignificações ao acessar-se a memória como espaço de cuidado para que se torne tempo de cura. Minha prática do dia a dia (não somente a clínica!) mostra que o cuidar se manifesta sempre em e entre nós e ocorre como resposta: é Cura assumindo o cuidar “enquanto viver” o ser humano; é o sagrado revelando-se no humano como o curador-ferido; é o elemento da graça sendo experienciado no viver comunitário.

4.3.1 EM BUSCA DE ORIGENS DO CUIDAR

No desenvolvimento desta temática, busco a compreensão do cuidar a partir da Fábula da Cura. Apresentada pelo filósofo do existencialismo Martin Heidegger, em sua analítica existencial *Ser e Tempo*¹⁹¹, na alusão de que a compreensão do ser-para-a-morte é cura, ela me faz relacionar a temática com a capacidade humana de cuidar como uma resposta compromissada com a “natureza” ou vocação ôntico-ontológica do ser humano em seu modo de ser-humano.

A fábula consiste, conforme Heidegger, um testemunho pré-ontológico de significado considerado especial “não somente por ver a ‘cura’ como aquilo a que pertence a presença humana “enquanto vive”, mas porque essa primazia da “cura” emerge no contexto da concepção conhecida em que o homem é apreendido como o composto de corpo e espírito”¹⁹². Essa concepção serve, também nesta minha reflexão, como base para que se possa abordar a temática da cura e do cuidar a partir da espiritualidade.

Ei, mas fazer isso me valendo de contos, fábulas e mitos? Bem, há quem diga que a Bíblia também é composta por lendas e mitos e, não obstante, ela é o texto sagrado que nos inspira a seguir, na elaboração de formas de viver e conviver a fim de testemunharmos o amor de Deus. Ela é, também, o testemunho de algo que deve ser lembrado entre nós: o cuidado de Deus que entre nós se manifesta, em tessituras de cura. Mas é preciso, mais uma vez, explicar: aprendi a gostar de ouvir histórias com minha avó materna (que nos apresentou ao universo dos contos e fábulas) e com minha mãe (que nos apresentou ao universo das histórias bíblicas); com isso aprendi a, também eu, ser uma contadora de histórias. Como irmã,

¹⁹¹ HEIDEGGER, 2008, p.265.

¹⁹² HEIDEGGER, 2008, p.266.

professora alfabetizadora e, também, como mãe pude perceber, inúmeras vezes, que a contação de histórias consiste num momento mágico e esperado por todas as crianças (mas não só!).

Contos e histórias têm asas, pés e mãos que curam. É como se a hora daquele encontro marcado para ler/contar/ouvir a história fosse sagrado, desencadeando uma atmosfera de intensas relacionais: não só de minha avó e mãe para conosco, ou de mim para com meus irmãos e minhas irmãs, ou de mim para com meus alunos e minhas alunas, ou de mim para com minhas filhas e meu filho, mas com algo a mais que nos envolvia proporcionando um elo de significação de sentidos talvez não suficientemente conversado entre nós, mas, sem sombra de dúvida, sempre presente e misteriosamente vivenciável. Eu ouvia, contava e ainda conto histórias diversificadas: contos, mitos, histórias bíblicas, fábulas, umas repetidas, outras lidas, algumas criadas e inventadas por mim; algumas usando recursos visuais de livros ou, então, usando a imaginação e valendo-me de gestos, entonações de voz e, não raro, fantasias de lençóis, paletós, casacões e chapéus de quem quer que for ao que estiver ao meu alcance para criar uma atmosfera de despertar sentidos pela emoção.

Baseada nessa experiência, posso afirmar que contos, fábulas e mitos falam uma linguagem simbólica que não traz prescrições, mas servem de orientação a partir de hermenêuticas. Nesse sentido, podem atuar projetando alívio de pressões cotidianas, na condução de uma renovação pessoal e grupal quando, por exemplo, a impessoalidade faz imperar o fenômeno do descuido. Contos, fábulas e mitos atuam, ainda, como coadjuvantes quando o assunto é harmonizar o ser humano como unidade (especialmente quando se desenvolvem em uma atmosfera de cumplicidade e afeto) na compreensão de sentido existencial e na criação de sentidos existenciários. Sob o viés das Terapias Naturolísticas há, inclusive, técnicas de vivências teatrais na tentativa de resolução de conflitos e traumas. Então, a tentativa parece ser válida...

Histórias, contos, fábulas e mitos constituem o cerne de sabedorias antigas e, na minha história pessoal e familiar, sempre foram culturalmente usados para transmitir verdades compreendidas como necessárias e fundamentais à vida e ao com-viver. Por retratar a forma como se entendia o mundo e os acontecimentos que não se sabia ao certo como explicar pode-se dizer que histórias, contos, fábulas e

mitos são, via de regra, narrativas tradicionais de caráter explicativo simbólico e, não raro, encontram-se relacionados com crenças e religiões.

Em desvelamentos, que ocorrem a partir da reflexão e de diálogos, nem sempre sei identificar claramente quais são as solicitações e, até mesmo, chego a ficar confusa diante de muitas demandas que chegam até mim. Não obstante, consigo identificar afirmações que reasseguram a esperança, mesmo num contexto repleto de conflitos, convenções e aparências. Isso ocorre não somente em meus atendimentos na área da Naturopatia, mas também nas assessorias e nas aulas que ministro e é algo que vem acompanhado sempre de um tom de surpresa. É realmente belo ver e sentir isso acontecer.

Nesse sentido acima descrito, ocorre uma espécie de autoconhecimento no (re)conhecimento de valores terapêuticos, saberes e sabores de vários tons em diferentes cores naquilo que convívio no meu cotidiano. Nessas especificidades, percebo, por exemplo, o ser humano como um caleidoscópio em que o “contemplar” sua manifestação implica um esforço clínico (de aproximação e atenta observação), pois diferentes posicionamentos possibilitam o surgir de harmonização de tons de múltiplas cores e formas. As diversas harmonias que me são dadas contemplar e convívio são real alento para aprender e ensinar a cuidar para curar; são as tessituras de cura que conjuntamente tecemos.

4.3.2 ACERCA DO VIÉS TERAPÊUTICO DE CONTOS, FÁBULAS E MITOS: sua relação com minha prática pela Naturopatia

Contos, fábulas e mitos também podem configurar um viés terapêutico, pois suas leituras e interpretações possibilitam uma leitura e interpretação de mim mesma em minha situação e uma posterior (re)significação. Além disso, por eles é possível (re)conhecer valores terapêuticos, (re)conhecer a mim e à outra/ao outro como parte da mesmidade, intercambiar sentidos existenciais e tecer relações com vistas ao bem comum sob o viés de uma comum-unidade. É como se fôssemos uma infinita e intrínseca cadeia de nós que formamos, tecemos, desatamos, apertamos e somos sem deixar de ser pessoa, indivíduo, ser humano entretecido entre nós. É preciso, então, aprender e ensinar a sermos “nós” sem deixar de ser “eu”.

Durante a pandemia o uso de contos, fábulas e mitos se tornou, em minha prática de atendimentos na área da Naturopatia, também um valioso aliado no trato de angústias existenciais¹⁹³. Isso se deu não só como ferramenta de lazer e distração (indicação de leituras, por exemplo), mas como instrumento de terapêuticas para compreensões e significações de sentimentos confusos que afloram diante dos medos e sobressaltos. Diante da enxurrada de notícias e, também, diante dos mais variados conflitos familiares que vieram à tona a partir de uma convivência mais intensa, feridas e chagas de cada um/cada uma de nós se tornaram mais perceptíveis no círculo mais próximo em que convivemos. A questão da perda de contratos, redução de trabalho remunerado e perda de postos de trabalho fragilizou a maioria das famílias com quem tenho algum tipo de relação, nas comunidades em que atuo. No aconchego do lar e na quietude do quarto, a convivência, por vezes, se tornou palco de incompreensões que levaram muitos casais e famílias a situações de ruptura de relações. Isso chegou até mim como terapeuta e professora, mas, também, como mulher, esposa e mãe, e fiz uso do cantar e do contar como recurso terapêutico para compor tessituras de cura entre nós.

Sim, contos, fábulas e mitos são terapêuticos, também, em práticas curandeiras no cuidar da vida com recursos naturolísticos, em que se busca acessar a dimensão espiritual do ser humano no cuidar de sua saúde, de seu bem-estar, de sua evolução e desenvolvimento como pessoa. A comoção da história em questão, a reflexão sobre sua significação, as possíveis relações com a história pessoal em seu momento e especificidade faz com que quem a contempla trace relações de modo a iluminar eventuais pontos obscuros, vislumbrar brechas e saídas, compreender pensamentos e sentimentos e, dessa forma, contribuir na compreensão do sentido existencial de ser e na condução da elaboração de um sentido existenciário como sua posterior (re)significação.

Não raro, a afirmação de desfechos harmoniosos (os ditos “finais felizes”) é condição determinante para a labuta em prol da libertação de medos, angústias e realização da esperança no conviver. Muitas vezes, por elas é possível desencadear o protagonismo de uma pessoa de forma a que se conduza no suprimento de suas

¹⁹³ Praticamente todos os atendimentos por mim realizados em 2020 foram via chamadas pelo whatsapp e foi valioso poder contar com esse recurso a fim de continuar a ser suporte para clientes que faziam comigo um acompanhamento que chamo psicoespiritual.

necessidades vitais e a realização de sonhos/desejos. Há vezes em que ocorre uma “iluminação” ou um “passe de mágica” em que a pessoa “se dá conta” de algo que gera uma compreensão que pode alterar significativamente uma forma equivocada de se conduzir e orientar. Nesse processo, não raro, pode ocorrer a libertação de jugos muitas vezes impostos a si pela incompreensão de seu potencial criador e cuidador ou por uma lacuna vivencial, por não se ter experienciado o cuidar de forma efetiva.

Contos, fábulas e mitos remetem, ainda, ao que é comum no terreno da humanidade e que une gerações e culturas, apesar das muitas linguagens, versões e visões, pois falam em linguagem poética e, além disso, podem ser expressões comuns em diferentes religiões. Mas poder-se-ia, então, falar em uma “religião do cuidado”? Talvez sim, se o termo religião fosse considerado em sua função de proporcionar um re-ligamento (entre as dimensões ôntico-ontológica) ou re-encantamento pela vida (como fenômeno existencial), parte de um modo humano de ser que ficou como que esquecido ou meio que perdido. Mas, nesse caso, qual seria a “divindade” a inspirar? Acaso poderia ser Cura (que se faz presente no (re)conhecimento da interdependência, pois cada um e cada uma tem lacunas a suprir e, também, aspectos pessoais com que contribuir)? E a “profissão de fé”, poderia, talvez, ser “a verdade” de que tudo, todos e todas estamos, de alguma forma, relacionados?

Ouso colocar tais conjecturas no papel, mas, de fato, adentrar no campo da religião me parece um caminho equivocado a seguir e, na verdade, talvez nem se possa, nesses termos, falar em religião e sim, apenas, em espiritualidade, ou seja, um modo de ser segundo um espírito, o espírito da cura (estaríamos, então, novamente falando de um arquétipo)? Tenho percebido, nos atendimentos que faço, que o respeito para com as convicções religiosas de meus clientes, independente da matriz que apresenta, pode configurar caminho de cura. Muitas pessoas chegam ao meu consultório demolidas por sentimentos de culpa, medo e vergonha decorrentes de compreensões, muitas vezes equivocadas, de uma interpretação de texto bíblico, por exemplo. Meu papel, nestes casos, tem sido conduzir uma via de perguntas e uma postura de escuta para que a pessoa consiga fazer uma releitura e posicionar-se com vistas à alforriar em si a liberdade rumo ao Deus da Graça, que ama e aceita incondicionalmente.

A área da Naturopatia, durante a pandemia, tornou-se para mim palco de auxílio especialmente para pessoas aflitas que se angustiavam com notícias, sentindo-se sobrecarregadas com uma série de cuidados requeridos, mas, especialmente, pela tomada de consciência da possibilidade do morrer e de um morrer “desgraçado”, como diziam. Toda simbologia que a morte carrega se tornou evidente para algumas pessoas que quase sucumbiram emocionalmente. A internação ou perda de amigos e familiares por covid desencadeou um verdadeiro terror em muitas pessoas.

A pandemia evidenciou a fragilidade do ser humano e, igualmente, a fortaleza que nele reside ao dispor-se a ser-humano: a total impotência ante o impedimento de cumprir um “dever” e a inconformidade ante a impossibilidade de um “poder” levaram algumas pessoas à beira da loucura. Não poder “cuidar” de um familiar hospitalizado, não poder “ver” o cadáver da pessoa falecida, receber o corpo “ensacado, como se fosse lixo”, enterrar o corpo “sem cantar, como se fosse um bicho” foram algumas das expressões que ouvi durante os atendimentos e que, com certeza, causaram impactos profundos não só em mim como, também, na vida de cada um/cada uma de nós.

Pessoalmente devo confessar que me senti fortalecida pelas leituras de Heidegger e Ellens, retomadas como terapia a mim mesma durante a pandemia. O fato de poder me ocupar dessa temática e ser requerida, em minha profissão, na abordagem do “ser-para-a-morte” corroborou com a significação do que para mim é um sentido existencial: o ser humano precisa assumir-se, cotidianamente, como cuidador a fim de poder ser-humano e como tal subsistir, ante as mais diferentes assombrações que o terror da morte pode causar. Assim, também a pandemia foi pano de fundo para tessituras de cura, vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós.

A temática da morte e do morrer, durante a pandemia, evidenciou diferentes compreensões a partir das especificidades religiosas de clientes que comigo buscavam auxílio, mas pude observar, nos atendimentos, que nenhuma das tradições religiosas jogava a pessoa no desespero. Pelo contrário, o que observei é de que a “tábua da salvação” diante do sentimento de desespero provinha, justamente, de alguma relação que implicava um mínimo de fé numa outra realidade

de dimensão sagrada a ser acessada exatamente nos momentos de maior angústia e dor. É como se, na prática, as pessoas que se achavam desoladas pela dor e pelo sofrimento encontrassem como que um refúgio no pensamento de que “a morte não é o fim de tudo”. Há “algo a mais”, embora esse algo permaneça como mistério. E, mais uma vez, minha prática fez retumbar a pergunta: “Como a compreensão de um conceito prático, vital, transversal e axiológico – Cuidar – em suas interfaces, se relaciona, no desenvolvimento do ser humano em seu modo de ser-humano, em tessituras de cura?”

Durante a pandemia, não só atendimentos e aulas foram conduzidos à distância, de forma remota, com auxílio de tecnologias como gravações, ligações telefônicas e chamadas de vídeo via whatsapp. Também os encontros de celebração não puderam ocorrer, o que, em nossa cultura regional, foi profundamente impactante especialmente para pessoas religiosas. A ausência de celebração no templo, casa de oração, com a hora do culto, da missa, da reza, do terço sendo conduzida de forma on-line, evidenciou a importância do encontro e a falta do abraço. Em nosso caso, gravamos canções e hinos que compartilhamos em diferentes grupos comunitários e as pessoas cantavam em conjunto sendo que, inúmeras vezes vinha o pedido por um hino específico, até mesmo em língua alemã. Essa atividade foi relatada como fator de conforto por muitas pessoas que a acompanhavam em cancionários e hinários que tinham em sua casa.

Cantar foi uma das atividades que as pessoas mais relataram como sendo altamente terapêutica durante a pandemia: cantar hinos e canções como forma de “espantar os maus pensamentos”, “alter Lieder singen um die Freude nicht verlieren¹⁹⁴”, aprender hinos novos “um dass man noch mal Lustig sein kann¹⁹⁵”. Também em nossos campos de trabalho cantar foi algo que se mostrou altamente terapêutico e promotor de sentido numa atividade chamada Visitas Cantadas. Seguindo os protocolos de segurança, um pequeno grupo de músicos se deslocava semanalmente e, na presença do diácono ou pastor, realizava visitas de portão em casas de famílias ou estabelecimentos comerciais de pessoas ligadas às comunidades religiosas em que atuamos. O objetivo era levar uma mensagem de ânimo e esperança primeiramente às pessoas idosas, adoecidas ou enlutadas, mas

¹⁹⁴ Cantar canções antigas a fim de não perder a alegria

¹⁹⁵ Para que a gente novamente possa ser bem humorado/alegre

acabou se estendendo a grande parte da membresia das comunidades, inclusive em famílias que residem no interior.

Nestas incursões, o grupo se postava junto ao portão da residência, tocando instrumentos musicais e cantando hinos, seguindo-se uma pequena mensagem e bênção trazida pelo diácono ou pastor. Por vezes, o momento durava apenas 5 minutos, mas o impacto causado por essa atividade deixou marcas em cada musicista que participou pelas percepções acerca do sentido de tal ação junto às pessoas que com ela eram agraciadas. A visível emoção das pessoas ao ouvir a música, a reverência com que ouviam a mensagem e recebiam a bênção deixaram marcas indeléveis em nossos corações e, pessoalmente, tenho uma coletânea de frases proferidas que dariam uma bela compilação para compartilhar. A gratidão externada pelas pessoas que nos receberam foi algo que fez com que também nós tivéssemos alento para prosseguir numa época em que “a igreja que canta”¹⁹⁶ não mais se podia reunir em seus templos.

Muitas vezes a significação de um conceito não reside em conceituações científicas, mas em compreensões à partir de uma história, de um conto, uma fábula, uma canção, um dito popular, uma metáfora ou uma prática...algo que permita acesso à dimensão humana em que não simplesmente se sente ou se pensa, mas em que a complexidade do ser humano é surpreendentemente misteriosa e, ao mesmo tempo, maravilhosa a ponto de revitalizar o sentido de ser-humano. E então se pergunta, mais uma vez: O que se pode compreender, afinal, sob o nome CURA?

4.3.3 A FÁBULA DA CURA: RELAÇÕES EM COMPREENSÕES

Do exposto acima, cabe dizer, ainda, que busco auxílio para origem de Cura numa história conhecida como Fábula da Cura, utilizada por Heidegger, resgatada do poema de Johann Gottfried Herder (1744-1803) e que segue, transcrita, conforme tradução livre do poema de Goethe *Das Kind der Sorge*:

Certa vez, ao atravessar um rio, quedada e pensativa, Cura viu, no leito do rio, um pedaço de terra argilosa.

Refletindo, tomou o barro em suas mãos e começou a dar-lhe forma.

¹⁹⁶ A IECLB sempre foi assim conhecida na região em que habito.

Enquanto contemplava o que havia feito, surgiu Júpiter, o senhor de todos os deuses, perguntando:

Que fazes aí, ó deusa reflexiva?

Criei uma imagem da terra argilosa. Concede-lhe teu espírito, suplico-te, meu Senhor!

Que seja! Disse Júpiter, soprando seu espírito na criatura formada.

Que seja minha. Dar-lhe-ei um nome!

Oh, não, meu Senhor! – disse Cura – Minhas mãos é que a moldaram!

Mas eu lhe dei a vida, com o sopro do meu espírito.

Enquanto discutiam, eis que surge Tellus, requerendo para si a criatura formada e diz:

Cura tomou-a do meu colo. É minha, portanto!

Esperem, disse Júpiter, eis que lá vem Saturno, o senhor do tempo, peçamos a ele que seja o árbitro nessa disputa.

Saturno profere, então a seguinte decisão:

Pertence a todos vocês esta criatura formada!

Tu, Júpiter, que lhe concedeste espírito, receberá de volta o espírito, quando ela deixar de viver.

Tu Terra, que lhe concedeste a matéria, receberá de volta seu corpo, quando ela morrer.

Porém como Cura foi quem primeiro a moldou, ficará sob seus cuidados enquanto viver.

Jamais a abandonarás, é tua essa criança. Assim o requer o destino.

E quanto ao seu nome, será chamada Humano, pois que de húmus formada é e húmus significa “terra fértil”!¹⁹⁷

Como já anteriormente explicitado nesta escrita, faz algum tempo que me ocupo da temática do cuidar usando a Fábula da Cura apresentada por Heidegger em *Ser e Tempo* a fim de traçar relações. Nela identifico algumas características basilares que, num primeiro momento, gostaria de listar para, em seguida, aventar algumas relações em compreensões. A primeira vez que ousei uma interpretação, nesse sentido, foi com vistas ao Mestrado em Educação sendo que, de lá para cá, a

¹⁹⁷ Heidegger a transcreve em latim, em sua obra *Ser e Tempo* (Ver HEIDEGGER, 2008. p 265.)

reflexão passou por reformulações que ousou aqui compartilhar¹⁹⁸. Cabe dizer, novamente, que esse meu exercício brota da minha prática e a ela quer volver, como se pode observar no desenvolvimento dessa escrita. Talvez esse exercício pareça algo obsoleto, mas, em minha prática, mostrou-se de grande valia também ao trabalhar a fábula em encontros e atendimentos pela Naturopatia. Cito, então, dez características que, como disse, me são basilares na compreensão do termo *CURA* e sua relação com o ser humano: Liberdade, Reflexão, Contextualidade, Intencionalidade, Criteriosidade, Relacionalidade, Dialogicidade, Responsabilidade, Criatividade, Prática.

A mim são particularmente preciosas as analogias que a fábula permite, desde o título do poema: *A Criança do Cuidado (das Kind der Sorge)*. Destaco, inicialmente, que o termo alemão *Sorge*, em sua tradução para o português, sofre alteração de gênero, sendo traduzido como Cuidado. A fim de me manter fiel ao original, utilizo o termo feminino “Cura” em minha abordagem, seguindo a tradução proposta em *Ser e Tempo*. Dito isso, ousou uma tentativa de compreensão destacando em cada uma das dez características acima referidas alguns aspectos que me são ainda perguntas, mas que me permito transcrever:

1. Liberdade: simbolizada, na fábula, pelo mover-se de Cura no entremeio das margens, entre limites - “no leito do rio” - me faz refletir que sem liberdade não há como sequer adventar uma reflexão sobre ser humano e ser-humano. É condição primeira e *sine qua non* para o exercício do cuidar em tessituras de cura. Igualmente, considero que a liberdade só existe sob o prisma da responsabilidade, ou seja, como resposta: muito além de um *dever-ser*, é um *poder-ser* que resulta da e na formação humana como um processo que, em língua alemã, é chamado de *Bildung*! Num segundo momento, caberia a reflexão sobre esse entremeio (de duas margens opostas) em que Cura está: poderia simbolizar o espaço paradoxo do “Já-ser-em”? Cura não está nem cá, nem lá, mas no entremeio, a mover-se no leito do rio.

A base em que Cura se move é o leito do rio. Representaria o rio a existência, passagem fluídica? Ou poderia ele ser tomado como simbologia de resiliência? A água é fluídica, mas o leito é terreno firme, no qual jaz (na verdade,

¹⁹⁸ No artigo **Educar pelo Cuidar: por uma gestão comprometida pelo cuidado**, disponível em <https://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/986>, avantei a primeira interpretação.

subjaz!!!) o húmus (“matéria” originária do ser humano!) A água é fluídica, o barro é moldável, mas o leito do rio é onde tudo ocorre e lá há espaço para o barro se desenvolver (no “leito do rio” é onde se forja o humano!), para o rio correr e para Cura se mover. Seria hábito da deusa em questão e parte de uma rotina diária a travessia do rio? Ou estaria ela à procura de uma alternativa, de nova possibilidade, arriscar conhecer a outra margem? Que fazia, solitária (e por que o fazia?) a mover-se no leito do rio? Teria deixado a companhia dos outros deuses como forma de protesto? Ou estaria em busca de algo não encontrado em sua companhia? O rio, separador (ou intermediador) entre duas margens opostas é o conjunto de leito, margens e água, contexto em que Cura se move, anda, passeia, reflete. A unidade da vida também pode ser aqui vislumbrada, pois é justamente isso: não há rio sem margens, nem margens sem um leito de rio e nem rio sem águas. Precisamente nesse leito em que se move “atravessando-o” (o termo sugere esforço por vencer, superar, transpor), ela vê algo que lhe desperta interesse.

2. Reflexão: simbolizada, na fábula, no duplo sentido de sensibilidade (para produzir intelectualmente, criar artisticamente) e intuição (descobrimto de uma possibilidade ao ver algo diferente no leito do rio). Quando Cura é apresentada como “deusa reflexiva”, isso remete à reflexão como possibilidade para compreensão: compreender é ver e poder dizer assim como ver e dizer é compreender. A fábula apresenta Cura como deusa reflexiva (*sinnende Göttin*) em tempo e espaço de entremeio. O fato de sê-lo apresenta uma primeira reflexão possível: seria Cura uma força ontológica, representando a presença do transcendente no imanente? Poderíamos, então, refletir sobre o seu diferencial em relação aos outros deuses da mitologia antiga (quase todos apresentados como viscerais, sujeitos a desejos e paixões): Cura é apresentada, na fábula, como “deusa reflexiva”. O pensar é, pois, parte integrante de seu ser: ela surge como “quedada e pensativa” (*nieder und sann*), atravessando um rio (como já mencionei anteriormente, até mesmo esse atravessar sugere esforço, intenção, vontade!).

3. Contextualidade: simbolizada, na fábula, com o que interpreto como “*Sitz in Leben*¹⁹⁹” – espaço histórico-social: Cura “viu um pedaço de terra argilosa” e, nessa minha interpretação, manteve o foco em algo no “Sitz” que seja vértice na elaboração de propósitos que sirvam para (trans)formação, mostrando que não há

¹⁹⁹ Traduzido literalmente seria “sentar à vida” ou “assento ao viver” ou, ainda, “assentar-se à vida”.

dignidade de vida sem propósito existencial. Ver sugere olhar atento ao contexto, possível apenas porque Cura não se move no leito do rio de forma alienada. Está sozinha, mas não alheia. O olhar atento é focado: vê um pedaço de terra “argilosa”; não se trata de qualquer matéria, de um pedaço de terra qualquer: a argila é moldável!. Cura vislumbra oportunidade e, cogitando, cria possibilidade: toma a matéria bruta em suas mãos a fim de dar-lhe forma (*bildet*). Cogitar é intenção reflexiva, conduz à ação não mecânica, é intencionalidade.²⁰⁰;

4. Intencionalidade: simbolizada, na fábula, pelo empenho de Cura *querer-poder* significar o sentido compreendido de realizar algo com o seu achado; ou seja, realizar o propósito identificado e compreendido como necessário para um fim, um télos. Querer-poder é decidir-se por fazer aquilo que me é posto à mão para fazer: é resposta, é ação compromissada, é cuidar. Começar a dar forma implica em intencionalidade, vontade, querer. Não se forma a partir do nada, requer-se projeto, ideário, sonho, criatividade e matéria (*im Traum der Gedanken*). Formar com as mãos, com os dedos (*Finger*), é ação transformadora, moldadora de uma matéria disforme, que se deixa moldar, passível de transformação por ser, precisamente, argilosa, passível de ser moldada de forma gentil, pelo toque das mãos e dos dedos, o que sugere contato direto, trato físico. A plasticidade da argila é a oportunidade percebida e, nesse sentido, parece que a cura opera de forma invisível: quem observa a ação de suas mãos sobre a terra argilosa? Transformar ou transmutar: qual a função ao cuidar? Há tempos e contextos em que não há “certo” ou “errado”; pode, apenas, haver cuidado! Sob minha interpretação, a Fábula apresenta, nesse recorte, Cura operando como artista que, com ações criativas, promovem a descoberta de si e do outro/ da outra na moldagem de uma obra;

5. Criteriosidade: simbolizada, na fábula, pelo posicionamento radical de Cura em busca de complementação. Isso implica, na minha interpretação, em valorizar detalhes na existência e que não estão desenvolvidos “em mim”, mas em alguma outra pessoa que comigo tem algum tipo de relação. Apesar de estar a mover-se sozinha no leito do rio, Cura pertence a uma rede de relações, a um grupo de divindades que dela se aproximam. A vivência da radicalidade implica, na “vida real” em remontar às raízes pela memória como possibilidade de relacionalidade. O isolamento não conduz à complementação: numa realidade permeada pelo conflito,

²⁰⁰ HEIDEGGER, 2017, p.158.

é preciso, sempre de novo, conscientizar-se de que o conflito é intrínseco à existência (ou seja, é existencial/histórico-social). A criteriosidade em busca de complementação requer o reconhecimento de lacunas e, também, de brechas bem como de potencialidades para cuidar: só se aprende a cuidar pelo cuidar. O resultado atingido leva a nova reflexão, avaliativa por sinal. Está completa a obra formada? O resultado requer complementos? Esse resultado é uma forma, representa uma simbologia? Cura viu, idealizou, intencionalizou, pegou, moldou (interação consciente, focada!) um pedaço de terra argilosa e, percebendo as lacunas de sua “criação”, posicionou-se em busca de complementação não para si, mas para sua obra (a criatura que tinha formado), naqueles que se lhe vinham ao encontro: seus pares. Aqui se pode aventar, ainda, uma reflexão sobre a importância de recorrer às memórias e nelas encontrar aspectos a serem re-lembrados para promover encontros abençoados bem como aspectos a perdoar, ressignificar e “esquecer” a fim de sobreviver. A criteriosidade me faz ir em busca de tessituras de cura, vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós;

6. Relacionalidade: simbolizada, na fábula, pelo intercâmbio, a interdependência e a complementaridade, ou seja, a complexidade exposta. Na minha interpretação, esse recorte da fábula permite compreender que conviver se dá como relação sendo que há, pelo menos duas formas aqui descritas: competição e cooperação. O encontro com Júpiter (senhor dos céus e de todos os deuses) e com Tellus (senhora da Terra), sugere complexidade. Cura (que, na verdade, pertence a uma rede de relações) não está mais sozinha (estaria sendo observada, durante todo o tempo? Aproximaram-se dela as outras divindades ao verem-na contemplando sua obra, movidos pela curiosidade?). A pergunta da divindade máxima à deusa formadora é: “o que há em suas mãos?” A resposta é simples e sugestiva: “uma imagem, formada de argila em que se entrevê harmonia” (*ein Bild von Tone gebildet*), mas, também, desafiadora: “anima-a!” (*Beleb's!*). Cura implora (*ich bitte dich*) pelo aperfeiçoamento da obra de suas mãos que requer complementação. Eu diria que, criteriosa, ela reconhece sua limitação e, humildemente, pede pelo espírito de Júpiter à criatura sem ele inerte (embora não disforme). Eu ousaria dizer que, no universo das fábulas e mitos, com isso podemos vislumbrar a instalação da dialogicidade. Por Cura

(r)econhecer limites e necessidades posiciona-se favoravelmente à complementação de sua obra pelo diálogo. Júpiter atende ao pedido, mas requer a posse da criatura o que gera um conflito que precisa ser reconhecido, assumido e gerenciado. Na tessitura de relações de cura, há que se considerar que a complementaridade é buscada face às lacunas sentidas, percebidas, reconhecidas, mas também, em reconhecimento aos dons e potencialidades de cada um/cada uma em suas especificidades. A cooperação é modelo em que cada qual contribui a partir de suas potencialidades, dispondo-se ao querer-poder de forma compromissada com o bem comum: viver comunitariamente é comungar “levando as cargas uns dos outros”, “servindo uns aos outros cada qual conforme o dom que recebeu”²⁰¹

7. Dialogicidade: simbolizada, na fábula, pelo diálogo retratado em que se percebe sabedoria para gerir o conflito sem confrontar. Igualmente, o diálogo é a característica de quem se sente em liberdade. Perceber e criar estratégias participando do processo consiste em argumentar, falar, silenciar, permanecer em abertura para respeitar, avaliar, voltar, retomar, redirecionar, reposicionar. Há tempo para tudo isso quando o objetivo é cuidar pelo dialogar. O conflito de interesses surge pela importância de nomear a criança formada. Cura não aceita a ordem superior, demonstra sua inconformidade e implora, mais uma vez, desta vez argumentando em favor de si: “meus dedos é que a formaram” (*mein Finger hat es gebildet*); ou seja, evoca a questão da *fazedura* com as próprias mãos. Esse recorte, na minha compreensão, permite entrever que há tempo também para argumentar a favor de si, quando o objetivo é cuidar: reconhecer-se como “parte” importante no processo de formação e requerer o reconhecimento de si como partícipe pode configurar tessitura de cura pela afirmação de seu valor no processo de co-criação. No recorte vemos, ainda, que se agregam mais interesses e também um agravante com a chegada de Tellus e sua precisa acusação: “Cura tirou a criança do meu colo!” (*Sie hat mir gennomen von meinem Schoße das Kind*). Tellus remete-nos, assim, à reflexão sobre a finalidade. A criança será nomeada? Passará a existir? Que marca carregará? A argumentação dos diferentes carrega, cada qual, a sua especificidade na busca por solução. O conflito gera discussão. Não há consenso, afinal. Eis que surge, então, a possibilidade decisória. Outro elemento, não disputante, terá poder de decisão. Surge, num repente, em momento crucial.

²⁰¹ Numa alusão às orientações constantes na Carta de Paulo aos Gálatas (Ver Gl 5 e 6).

Saturno, o senhor do tempo, é o elemento capaz de decidir sobre a disputa em questão. Estaria o senhor do tempo, todo tempo a observar, o que se estava a passar? É ele imparcial? Nele há neutralidade? Ao ser apresentado, na fábula em questão, dá desfecho à situação proferindo: “pertence a todos! (*habet es alle!*), pois assim o requer o destino” (*So will's das hohe Geschick*). Na decisão proferida submete a todos! Que deus é esse que, sem disputar e sem interferir no processo em si, submete até mesmo a divindade considerada superior? Daria para dizer que, na verdade, Saturno (deus do tempo) é apresentado como o deus supremo que se achega, na fábula, sem alarde, é convidado por Júpiter a ser o árbitro da questão: julgar a partir dos elementos disputantes.

8. Responsabilidade: simbolizada, na fábula, no compromisso identitário proferido por Saturno com apelo ao senso de pertencimento de cada uma das partes implicadas. O pertencer “a todos” não exime a cada parte sua especificidade de resposta. A resolução, aparentemente justa, estabelece especificidades. Há uma tríade formadora no ser humano: Cura – Tellus – Júpiter: a quem pertence a unidade deste ser? A Júpiter, doador da vida (*anima*), pertence o espírito (mas somente a partir do morrer da criatura). A Tellus, igualmente, caberá o esqueleto (*seine Gebeine*), pois o mais não lhe pertence. Mas à Cura, sua “mãe”, cabe o presente da criança enquanto esta viver. Será sua responsabilidade e jamais poderá abandoná-la (o imperativo “jamais abandonar” requer comprometimento, assumir responsabilidade: um tempo não eterno, mas “para sempre enquanto”: sempre novo, sempre e só agora. Tempos bons ou tempos maus, não poderá eximir-se da responsabilidade ora recebida. O descarte não é permitido!).

Pertencer à Cura “enquanto viver” denota responsabilidade por algo formado que passou a existir, que passou a viver como resultado de um processo de complementaridade. O verbo *Gebilden* é sinônimo de formar, dar forma e implica em criar de tal forma que a obra criada possa ser como símbolo tomado. Poder-se-ia dizer que o símbolo formado por Cura representa a (re)união, o conjunto de significados e, como tal, passa a existir não como algo separado do mundo, mas como unidade que, no pensamento de Heidegger, é representada pelo ser-no-mundo. Como Cura promoveu a integração de diferentes forças formadoras, é sob sua responsabilidade que essa criança fica enquanto viver. O óbvio parece que precisa, novamente, ser afirmado: em vida não é possível criar departamentos

estanques ou fixar tarefas “por partes” para que haja cura e cuidado: é preciso cuidar considerando a unidade, a relacionalidade, a complexidade. Assumir a sua guarda (por sinal desde o princípio requerida por Cura), implica em um modo de fazer que forma (a mãe, em se desvelando pela sua criança, revelar-se-á curadora). A resposta conduz à compreensão por qual seja a finalidade, o tólos, o sentido do ser humano.

Seu pertencimento à Cura “enquanto viver” é sentença de possibilidade: é compromisso identitário, um dever-ser, mas, mais que isso, é liberdade para *poder-ser*. Os termos “como Cura foi quem primeiro a moldou” e “ficará aos cuidados de Cura enquanto viver” proferidos por Saturno tem duplo sentido. Conforme Heidegger, “*Cura prima finxit*²⁰²: esse ente possui a “origem” de seu ser na cura. *Cura teneat, quamdiu vixerit*²⁰³: esse ente não é abandonado por essa origem, mas, ao contrário, por ela mantido e dominado enquanto “for e estiver no mundo. O “ser-no-mundo” tem a cunhagem da cura, na medida do ser.”²⁰⁴ No cuidar e para cuidar há necessidade e resposta: não há ser humano sem ensinar e aprender a ser humano; é processo permanente “enquanto viver”, enquanto o humano “é”, somente “é” a partir de e para cura, pelo cuidar. Mas no nome que designa essa criança formada e que ela em vida carregará, Saturno surpreende a todos.

9. Criatividade: simbolizada, na fábula, de forma um tanto velada, na liberdade para sonhar o futuro, transformar o presente e criar o ausente. A significação do sentido compreendido por meio de ações criativas que Cura pôs em curso ao mover-se no leito do rio permite muitas comparações com processos de criação e arte. Igualmente, cada um dos encadeamentos descritos na fábula é de uma dimensão preciosa para relações em compreensões de o que significa cuidar para curar. Nomear é significar (pela compreensão do sentido?), é traçar relações, buscar compreender nexos e sentidos (ocultos, ainda não percebidos, entendidos, compreendidos pelos disputantes?). Nomear simboliza, ainda, o poder e a força de uma tradição, pois remete à origem. O nome simboliza e representa, remetendo a quem criou, implica em reconhecimento de identidade a partir de princípios identitários. O nome proferido por Saturno define contornos: a matéria prima é húmus – terra fértil! Esta terra é argilosa e, dada sua plasticidade, é passível de

²⁰² Tradução: primeiramente formado por Cura.

²⁰³ Tradução: ficará aos cuidados de Cura enquanto viver.

²⁰⁴ HEIDEGGER, 2008, p.266.

mudança. Nela pode-se cultivar e o que nela for cultivado, pela fertilidade presente, nela há de fecundar. Por Cura formada, a criança teve suas incompletudes sanadas pela intercessão de quem a formou. Saturno delega a responsabilidade da criança a quem a visualizou, idealizou, formou e, pondo-a permanentemente sob sua guarda “enquanto viver”, essa criança passa a ter um nome onde permanece a abertura: chamar-se-á humano! (porque de húmus é formada e húmus significa “terra fértil!”).

10. Prática (temporal): simbolizada, na fábula, pela abertura sugerida de ações (trans)formadoras pela presença humana que há de mover-se, “enquanto viver”, sob os cuidados de Cura: sugere empenho e dedicação para cuidar sendo que essa dedicação tem o sentido de acurar, aperfeiçoar. Ou seja, o aperfeiçoamento do ser humano se dá como processo “enquanto viver”. Há um tempo para que a criatura formada possa experienciar - vivenciar - o cuidar: esse tempo é “enquanto viver”. Nesse espaço-tempo, o ser humano há de mover-se experienciando cura como processo permanente a fim de tornar-se o que deve ser. Para Heidegger, “a *perfectio* do homem, o ser para aquilo que, em sua liberdade pode ser para suas possibilidades mais próprias (para o projeto) é um “desempenho” da “cura”²⁰⁵.

Pode-se, então, também perguntar: a partir da fábula, quem assume a missão dessa força (ontológica? divina? transcendente, mas possível apenas no imanente?!) de Cura, de Cuidado? Esse recorte permite, também, perguntar: Quem assume a tarefa de ser curadora, cuidador? O/A professor/a? O/A médico/a? O/A enfermeiro/a? O/A advogado/a? O/A artesão/ã? O/A artista? O/A político/a? O/A administrador/a? O/A pastor/a? O/A psicoterapeuta? Em que consiste assumir tal tarefa? Conduzir o ser humano de tal forma que se aperfeiçoe “enquanto viver” cabe a quem, afinal? Pode ser delegado apenas a um “setor”? O que significa, efetivamente, “formar” o humano? Pertence a educação a tarefa de assumir a formação do “humano no humano”, pelo cuidar? Considerando-se o humano fruto da Cura, do Cuidado e, sendo terra fértil, há de (re)produzir o que nele for cultivado. Então, como se efetiva o cuidar em nosso meio? Somos pessoas que o entendem, compreendem seu sentido e, por isso, o assumem? Será o “homem lobo do próprio homem”? Ou Cuidador/Cuidadora e, por isso mesmo, humano, ser de cura, ser de cuidado – *homo curans*? Acaso há humano sem a força do sagrado? Ou haverá sagrado, sem o poder do humano (que, para algumas pessoas seja, talvez,

²⁰⁵ HEIDEGGER, 2008, p. 267.

profano?)? Então justificar-se-ia a busca por uma espiritualidade do cuidar? As perguntas, aí postas, querem ser possibilidades de diálogos e reflexões para que o cuidar não caia em teorias, mas seja vivenciado como empenho e dedicação por promover a unidade da vida diante de todo e qualquer processo de redução e fragmentação.

E, no desfecho da fábula, o poeta conclui: Assim se consuma o destino: A criança chamar-se-á humano (*homo*). Conforme Heidegger, “esse ente recebe o nome (*homo*) não em consideração ao seu ser, mas por remeter ao elemento de que consiste (*humus*)”²⁰⁶. Essa matéria originária permite não só o humano, como, também, o inumano: por isso o imperativo é cuidar. Para que o ser humano possa ser, precisa permanecer aos cuidados de cura “enquanto viver”. Em vida, pertencerá à Cura e, ao morrer, pertencerá a Terra (*Tellus*) e a Deus. As duas margens opostas - Terra e Deus - terão “poder de ação” sobre o ser humano apenas em cessando seu viver, ou seja, somente a partir de seu morrer. Cura representa, assim, o processo de mover-se no leito do rio fazendo o que é preciso fazer para que a criatura se torne plena e alcance sua perfeição pelo cuidar. Não há garantias; há, apenas, responsabilidade (“assim o requer o destino!”). Cuidar é processo dinâmico, sempre de novo “enquanto viver”: requer esperança, dedicação, empenho e comprometimento; por isso cuidar é conceito estruturante em tessituras de cura.

4.4 CONSIDERAÇÕES (TAMBÉM AINDA) NÃO FINAIS

Talvez os equívocos de condução que, por vezes, experienciamos, residam numa (ainda) incompreensão: o ser humano é húmus, simplesmente isso e, justamente por isso, importa ficar aos cuidados de Cura “enquanto viver”. Como o ser de húmus abriga, em si, todas as possibilidades (até mesmo a da inumanidade), nele há de se manifestar o que nele se cultiva e, justamente por isso, ficar aos cuidados de Cura “enquanto viver” é imperativo. Por isso importa cuidar!

Como referi anteriormente, a fábula representa, para mim, um lastro para interpretações e compreensões que brotam da minha prática e a ela quer volver. A reflexão que faço não é teórica, ela é gestada no dia a dia de quem se ocupa como mulher de saberes e de fazeres com que procuro cuidar em tessituras de cura, vias

²⁰⁶ HEIDEGGER, 2008, p. 266.

terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós.

Há perguntas? Entre muitas, uma, em especial: Como promover tessituras de cura pelo cuidar? Há um símbolo sonoro que, em minha prática diária, sob o viés da Naturopatia e da Alfabetização Musical, torna isso facilmente perceptível e que, talvez, quem se ocupa do musicar consiga compreender: Si-si-dó-ré|Ré-dó-si-lá|Sol-sol-lá-si|Si-lá-lá... Essas notas musicais, em sequência rítmica, presentes na Nona Sinfonia de Beethoven, grafadas em 1826 e que integram a composição nominada como Ode à Alegria, são as primeiras a serem tocadas, em uma composição musical grafada na tonalidade de SOL, pelas pessoas que participam do processo de alfabetização musical pela flauta doce, no trabalho que desenvolvo, nas comunidades protestantes em que atuo, às margens do Rio Uruguai e nas turmas de flauta doce conduzidas pelo Projeto Cultural MusiKantiga. São, ainda, notas e acordes de uma canção intitulada “Dom celeste: Alegria”²⁰⁷, que é pedida repetidamente para ser cantada em encontros de Canto Comunitário. Em minha prática de alfabetização musical, ela é considerada um sinal de que as pessoas que passam por esse processo “já sabem ler bolinhas nas linhas”.

Especialmente entre mulheres e pessoas adultas de mais idade que participam dos projetos de musicalização, esta melodia, não raro, desperta memórias fazendo aflorar pensamentos e sentimentos que remetem à dimensão do cuidar e, entre elas, há momentos em que a aula cede lugar à escuta, à dialogicidade, à troca afetuosa, ao compartilhamento de vivências, não raro entrecortados por soluços e choros silenciosos. As notas e acordes musicais ficam, então, entretidos com lágrimas, gemidos e suspiros em busca de aconchego, de amparo e de abrigo no anseio por comunidades terapêuticas, por pastorais do cuidar que sejam realidade entre nós, por menos julgamentos e mais acolhidas e acolhimentos.

²⁰⁷ Dom celeste: Alegria, doce filha celestial
Incentivas a harmonia, sentimento fraternal.
Cessem dores aos cuidados no seu reino encantador:
Todos, todas irmanados, cultivemos paz e amor.
Dom celeste: Alegria, reina em nosso coração
Tu promoves, noite e dia, paz, amor e compreensão
Ricos, pobres, irmanados, em afeto fraternal
Celebramos, extasiados, a concórdia universal.

A arte de musicar e de cantar, considerada entre nós um legado luterano, simboliza uma forma de aprender e ensinar a cuidar. Nela, aspectos psicológicos e teológicos também confluem de forma a se experienciar vivências terapêuticas que se traduzem em cura e em cuidado. Como se dá em contextos de comunidades luteranas, é fácil perceber elementos de presença do sagrado entre nós em simbologias e ritos. O canto comunitário, vedado durante dois anos em nossas comunidades, ressurgiu este ano (2022) como prática terapêutica em que, além de cantar, compartilhamos alegrias, anseios e angústias na re-fazedura de grupos que se encontram para momentos de celebração e comunhão.

As vivências experienciadas durante a pandemia deflagraram um grande desafio para mim pessoalmente. Nas visitas cantadas e nos atendimentos tornou-se comum perceber que o sofrimento mental se faz presente em muito mais lares do que, por vezes, se supõem. Aos poucos, durante a pandemia, as pessoas começaram a expor suas fragilidades sem medo e sem vergonha também em nossas comunidades luteranas. Isso evidenciou que o sofrimento mental atinge grande parte não só de nossa membresia como, também, das lideranças que em nossas comunidades atuam. Não obstante, em minha região não há pastorais e/ou capelanias a se ocupar, por exemplo, do cuidar com pessoas em sofrimento mental e seus familiares, o que configura uma área de missão e de atuação pela diaconia, na minha compreensão, mas isso será abordado um pouco mais adiante nesta escrita. É o que procuro deixar evidenciado a vocês no próximo capítulo.

5 ALINHAVOS EM BUSCA DE PASTORAIS DO CUIDAR: RELAÇÕES POSSÍVEIS NA INTERFACE SAÚDE/ESPIRITUALIDADE?

*Ela pensou,
com vagar,
que o que queria era curar,
mas só sabia sonhar, cantar, poemar,
contar, dançar e, com isso, cuidar.
Então...
Fez do sonho procura e,
na busca em meio à clausura,
ousou, aos poucos, (se) amar
Fez do canto ousadia
e, em tons de distopias, descobriu-se a poemar
Do poema, fez conto legado
e, em memórias sentidas, sua vez, seu lugar.
No encontro rimado do conto a contar,
em tons de harmonia, se pôs a dançar.
Na ousadia de (se) amar e de (se) poemar,
descobriu (-se) cura pelo cuidar.
Do apelo ao cuidado,
fez-se plena, deu-se a cura,
na arte de conviver.*

Cuidar... é o que mais temos ouvido e falado de uns para com todos e todas, de nós para nós mesmas. Cuidar é a palavra da vez. Cuidar é a ordem do momento, a regra necessária, o certo, o adequado... Cuidar para ficar bem e saudável, para não sucumbir ao desespero e ao erro. Cuidar para persistir sem desistir, para continuar cuidando rumo ao que é bom e faz bem. Cuidar para que velhas feridas não se tornem impeditivo para o conviver em harmonia. Cuidar para que cicatrizes remetam a memórias de superação com base no perdão. Cuidar para que a vida não caia em desgraça, para que o com-viver seja pleno de sentido e experienciado em graça...

Faz tempo que falamos de cuidar, mas talvez nunca tenhamos falado tanto de cuidar por tanto tempo e em todo tempo. Também nas academias, o cuidar é tema de reflexões, como, por exemplo, nesta tese doutoral. Diante de muitas (des) informações e confusões que, dia-a-dia, nos atingem, causando contusões e afetos durante essa pandemia, reconhecemos e dizemos, de forma pessoal e coletiva, mais uma vez (e repetidamente), que sim, vale à pena cuidar. O que busco tecer, neste capítulo, são relações possíveis na interface saúde/espiritualidade tentando vislumbrar vias de perspectivas rumo à tessitura de Pastorais do Cuidar sob a perspectiva da Graça de Deus.

Repito, novamente e de forma sucinta, os quatro objetivos propostos no desenvolvimento desta tese: a) pesquisar o conceito Cuidar bibliograficamente; b) analisar como o cuidar se relaciona, na formação humana, em tessituras de cura; c) buscar compreender repercussões do cuidar em tessituras de práticas terapêuticas/cuidadoras/curadoras e d) (re)afirmar a cura como processo terapêutico no desenvolvimento da humanidade no ser humano . Na pergunta que me move “Que é cura, cuidar e cuidado?” há outras relacionadas: “Como o cuidar se relaciona com o ser humano/ser de barro?”; Como a cura se dá pelo cuidar? “Quem é, afinal, (o) ser humano (é terra fértil, simples barro e/ou, também, oleiro?)?” E assim chego, também eu, à pergunta acerca do sentido de ser...

De forma sutil, mas contundente, temos nos sentido desafiados e desafiadas a seguir lançando vistas ao que nos identifica como seres humanos e ao que, nesse contexto, nos marca como sendo um legado luterano na tradição cristã. Também nas aulas de Alfabetização Musical que desenvolvo nas comunidades, a saúde emocional se evidencia como frágil e carente de cuidados mesmo no atual contexto de passagem da pandemia para endemia. É nesse contexto que a pergunta por cuidar assume contornos em que se relacionam aspectos psicológicos e teológicos como existenciais e a dimensão da espiritualidade se evidencia quando o assunto é saúde e ser humano. Eis, então, o que procuro abordar neste capítulo.

5.1 NA INTERFACE SAÚDE/ESPIRITUALIDADE

Na busca por compreender e traçar relações entre saúde e espiritualidade, busco aproximar, aqui, as reflexões entre pensamentos apresentados por Heidegger, em *Seminários de Zollikon* e Ellens, em *Psicoteologia* e em *Graça de Deus e Saúde Humana*. Ressalto, novamente, que os exemplos aqui trazidos advêm de minha prática como Naturoterapeuta e Alfabetizadora Musical: muito do que estou a dizer e que vocês estão a ler nesta escrita advêm de minha prática e a ela quer volver. Num primeiro momento creio ser importante apresentar com alguns detalhes, os pensamentos que fundamentam minha reflexão e prática nessa direção. Na sequência, então, as próximas partes serão compostas por uma fundamentação bibliográfica a partir das fontes acima citadas. Segue-se, pois.

5.1.1 Heidegger e a perspectiva da analítica existencial

Martin Heidegger (1889-1976) é considerado um filósofo existencialista que, em seus estudos, ocupou-se do sentido do ser. Em *Ser e Tempo* (1927), apresenta uma analítica existencial que tem servido, no campo da saúde, como objeto de reflexão especialmente para psicólogos, psiquiatras e terapeutas em suas práticas de cuidado. Essa é também a obra que, junto a outras do mesmo autor, tem servido de referência bibliográfica do desenvolvimento de minhas reflexões acerca do cuidar. Muitas de minhas abordagens nos atendimentos clínicos que chamo de psicoespirituais se fundamentam, também, no pensamento existencialista de Heidegger e no pensamento de Ellens, como ficará evidenciado logo mais.

A obra *Seminários de Zollikon* surgiu de apontamentos, protocolos e correspondências a partir de encontros periódicos de Heidegger com o psiquiatra suíço Medard Boss e seus colegas durante os anos de 1947 a 1971 na cidade de Zollikon. Nela se aborda, de forma especial, as conceituações de Heidegger apresentadas em *Ser e Tempo*, relacionadas à questão da saúde (em sua especificidade da psicoterapia) e, de forma pontual, a partir do *Dasein*. O tema dos seminários consiste em aprofundar estudos sobre conceitos apresentados em *Ser e Tempo* a partir do método fenomenológico relacionando-o com a psicoterapia.

Sob o ponto de vista de que as práticas clínicas nesta área não consistem, apenas, na aplicação de metodologias, mas exigem um profundo questionamento acerca de como promover a compreensão do sentido de ser humano, a obra compõe-se de um valioso recurso para quem quer conhecer mais acerca desse assunto e, até mesmo, para quem se interessa em práticas de cuidado que buscam valorizar o cuidar como elemento constitutivo do ser humano em seu modo de ser-humano e, de forma especial, neste caso, na perspectiva da saúde.

A esse respeito, cabe destacar que a doença, nesta obra, é tratada por Heidegger como fenômeno de privação. Toda a obra compõe-se de reflexões em que a questão da saúde, de forma especial em sua dimensão psíquica, é posta em evidência a partir do *Dasein*. Abordar a doença como privação é promover uma forma de tratar sintomas e desequilíbrios a partir de uma perspectiva de unidade do ser humano. Ou seja, o método científico, com sua lógica de fragmentação, é passível de questionamento quando o assunto é cuidar da saúde e isso é

perceptível na prática clínica quando se inicia um acolhimento a fim de desencadear um processo de tratamento. Para Heidegger:

O médico pergunta a alguém que o procura: qual é o problema? O doente não é sadio. O ser sadio, o estar bem, o encontrar-se não são simplesmente ausentes, estão perturbados. A doença não é a simples negação da condição psicossomática. A doença é um fenômeno de privação. Toda privação indica a copertinência essencial de algo a quem falta algo, que carece ou necessita algo. Isso parece uma trivialidade, mas é extremamente importante, justamente porque a profissão dos senhores se move nesse âmbito. Na medida em que os senhores lidam com a doença, na verdade os senhores lidam com a saúde, no sentido de saúde que falta e deve ser novamente recuperada. [...]

Assim também o não-estar-são, o estar-doente é uma forma privativa de existir. Por isso, também não se pode conceber adequadamente a essência do estar doente sem uma determinação suficiente do estar são. Vocês verão logo que, com referência ao fenômeno do tempo, ainda encontraremos com frequência esse estranho fenômeno da privação que é um fenômeno ontológico, isto é, que se refere a uma possibilidade do ser e não o mero lógico da proposição negativa.²⁰⁸

Um dos aspectos mais importantes abordados nos *Seminários de Zollikon* é a questão metodológica, sob a argumentação de que somente pela fenomenologia torna-se possível o acesso e o desvelamento do fenômeno humano pelo *Dasein*. Conforme Heidegger²⁰⁹, na discussão e no esclarecimento de fenômenos, não devemos tirar conclusões. O que os fenômenos, isto é, aquilo que se mostra, exigem de nós é apenas que os vejamos e os tomemos assim como se nos mostram. “Apenas isso”. Ou seja, na prática clínica em que a fenomenologia é considerada como base, a terapia compõe-se de um olhar e escuta diferenciados, em que se busca atender a quem se mostra em seu modo de manifestar-se.

Igualmente, “na fenomenologia, não se tiram conclusões nem são permitidas mediações dialéticas. Só se deve manter o olhar que pensa aberto para o fenômeno”.²¹⁰ Aplicado à psicoterapia, pode-se dizer, nesse sentido, que a pessoa que vai a busca de tratamento psicoterápico recebe acolhida para que possa expressar-se e participar de seu processo de cura a partir de um processo de autoconhecimento e descoberta de si na compreensão do que significa o “sentido de ser”.

²⁰⁸ HEIDEGGER, 2017, p. 70.

²⁰⁹ HEIDEGGER, 2017, p. 84.

²¹⁰ HEIDEGGER, 2017, p. 86.

Esse aspecto aponta a uma quase reverência para com a fenomenologia. Implica em uma busca em que o método científico, com sua lógica de calculabilidade, não é considerado como única possibilidade de afirmação da verdade considerando-se que há dois tipos de fenômenos – o ôntico e o ontológico sendo que “o fenômeno ser é a condição de possibilidade para o aparecimento do ôntico, para o ente como ente. O existir como tal é, pois, um fenômeno não perceptível, e assim são os fenômenos fundamentais. São os principais”.²¹¹ Para Heidegger, fenômenos prescindem de provas e a reflexão sobre o assunto é particularmente premente quando o assunto é o fenômeno humano em sua manifestação:

Com referência aos fenômenos e à sua interpretação, qualquer prova, qualquer querer provar, vem tarde demais. No caso do tornar presente, ele mesmo dá indicação daquilo que ele torna presente. Seguir a direção que a própria indicação dá é especialmente difícil hoje, porque o homem, obcecado pela ciência, só gostaria de deixar valer como verdade aquilo que é provado, isto é, aquilo que é derivado de pressupostos e conclusões. [...] Felizmente, há coisas que não necessitam de provas, perante as quais o querer provar não é apenas um mal-entendido inócuo, mas má compreensão dos fatos sobre os quais se baseia a existência do homem e até a totalidade do ente e sua verdade. Fatos, afirmações, verdades que precisam das muletas de provas são sempre de segunda e terceira categorias.²¹²

O fato de que o fenômeno não é suficientemente considerado, em sua manifestação, implica em uma “cegueira” de forma especial para com o fenômeno humano, mas isso não ocorre somente na ciência. É como se somente fosse tido como válido aquilo que pode ser mensurado e quantificado sem que se valorize, também, os aspectos relacionados à reflexão e à compreensão. Isso conduz, então, às perguntas: por que se torna difícil considerar os fenômenos em sua manifestação? Acaso a capacidade de análise, tão presente na ciência, nos diminui a capacidade reflexiva, imprescindível para a compreensão do sentido de ser? E, se estamos como "dormentes" em nossa capacidade reflexiva, a que se deve esse adormecimento? Para Heidegger,

Vivemos numa época estranha, singular e inquietante. Quanto mais a quantidade de informações aumenta de modo desenfreado, tanto mais decididamente se amplia o ofuscamento e a cegueira diante dos fenômenos. Mais ainda, quanto mais desmedida a informação, tanto menos a capacidade de compreender o quanto o pensar moderno torna-se cada

²¹¹ HEIDEGGER, 2017, p. 190.

²¹² HEIDEGGER, 2017, p. 90.

vez mais cego e transforma-se num calcular sem visão, cuja única chance é contar com o efeito e, possivelmente, com a sensação. [...]

A ciência se torna cega para aquilo que ela deve pressupor, cega para aquilo que ela gostaria de explicar à sua maneira, em sua gênese. Mas essa cegueira para o fenômeno não é predominante somente nas ciências, ela predomina também no comportamento não científico.²¹³

Debruçar-se sobre o estudo de fenomenologia em seminários em que se aborda a questão da psicoterapia é mesmo necessário? Se sim, sob qual argumentação? Considerando que a formação de pessoas que atuam na área da saúde se dá sob as vistas da ciência e suas metodologias e que estas não conseguem abarcar o ser humano em sua unidade, torna-se não somente importante, mas fundamental, refletir sobre a fenomenologia e o método fenomenológico.

Importa frisar, ainda, que para que, na psicoterapia, se considere o ser humano em sua integralidade – como *Dasein* – é preciso, antes, que a pessoa que desenvolve tal prática clínica tenha, também, passado por um processo de compreensão do sentido do ser. Pela fenomenologia, considera-se o fenômeno humano a partir de seu *Dasein* – o *ser-no-mundo* como *ser-com* – isso aponta para um fenômeno de unidade de liberdade e de finitude. Conforme Heidegger:

Se entendermos “fenomenologia” e “fenomenológico” como títulos para um método da filosofia e reconhecermos como tarefa fundamental da filosofia o projeto do ente como próprio ser, isto é, como ontologia, então a justaposição dos dois títulos “o caráter fundamental do método de pesquisa científico-natural” e o “caráter fundamental do método fenomenológico” está de antemão distorcida e induz ao erro. Trata-se, em ambos os casos, de um procedimento da medicina como ciência de um ente, ou seja, do homem. O método de pesquisa “inteiramente diferente” da pesquisa científico-natural não é filosófico, ontológico; ele se refere de maneira *idêntica* como a científico-natural ao ente humano em seus estados que são assim e assim. [...] O título “fenomenológico” é então usado em sentido ôntico, assim como o título “fenômeno”, isto é, “o ente que se mostra, respectivamente, assim e assim” – *isto* é o que na medicina é examinado e tratado. Mas a pergunta decisiva é: à luz *de qual ser* este ente (o homem) é experienciado?

O deixar-ser do ente (homem) à luz do Da-sein é extremamente difícil e insólito, não somente para o cientista de hoje, mas também para aquele que esta familiarizado com o projeto do Da-sein, devendo ser constantemente examinado de novo. O “deixar” [*Lassen*], isto é, aceitar [*Zulassen*] o ente, assim como ele se mostra, só se tornará um deixar-ser apropriado se este ser, o Da-sein, ficar antes e constantemente à vista; isto é, quando o próprio pesquisador tiver experienciado e experienciar a si mesmo como Da-sein, como ek-sistente e determinar-se toda a realidade humana a partir daí. O eliminar e afastar representações inadequadas sobre este ente, o homem,

²¹³ HEIDEGGER, 2017, p. 95-96.

só é possível se o treino da experiência de ser homem como Da-sein tiver tido êxito e iluminar toda pesquisa do ser humano sadio e doente.²¹⁴

O processo de compreensão do sentido de ser é a pergunta – busca – em que o ser humano se depara em seu processo de descobrimento ou desvelamento e isso requer um método. Considerando-se que, na área da psicoterapia as perguntas e as respostas não são objetivas, torna-se fundamental refletir, também, sobre a metodologia adotada nos processos de cura e de cuidado, pois tais processos consistem em práticas clínicas em que o ser humano não é passível de uma abordagem simplesmente objetiva, sob-risco de desumanização e a saúde não pode ser considerada apenas sob nexos causais. Esse aspecto, em minha prática pela Naturopatia é deveras relevante, considerando-se que, pelas vias naturolísticas, a unidade do ser humano precisa ser pontualmente considerada na adoção de vias terapêuticas a seguir na recuperação, revitalização e promoção da saúde.

Ou seja, é preciso considerar que, no encaminhamento de processos terapêuticos, somente a ciência – com seus métodos de análise, quantificação e objetividade – não dá conta do ser humano em sua perspectiva de unidade. Uma prática terapêutica, sob a perspectiva fenomenológica, consiste em um duplo esforço: romper com o domínio do pensamento que calcula e aproximar-se do pensamento reflexivo/meditativo. Nesse sentido, conforme Heidegger:

O modo de acesso ao somático, o medir, e o modo de acesso ao psíquico, o sentir intuitivo que não mede, referem-se evidentemente àquilo que se chama de método. Esta palavra “método” é formada do grego meta e odos. Odos significa: o caminho. Meta significa: além, para lá. Método é o caminho que leva a algo, uma área, o caminho pelo qual estudamos um assunto. Não se pode estabelecer de antemão, sem mais nem menos, de que maneira o assunto determina a espécie de caminho que a ele conduz, de que maneira a espécie do caminho para o assunto permite alcançá-lo. Essas relações dependem do modo de ser do ente que será tema de pesquisa, da mesma forma que a espécie de caminhos possíveis, que levem à respectiva área do ente. Isso mostra a conexão direta entre a questão da *mensurabilidade*, como tal, e a questão do *método*.²¹⁵

O que é, então, fator decisivo na analítica do *Dasein*? Trata-se, na verdade, de um processo hermenêutico em que os termos precisam ser compreendidos a partir de sua correta interpretação, a começar pela compreensão do termo *Dasein*. Nesse sentido, conforme Heidegger:

²¹⁴ HEIDEGGER, 2017, p. 219-220.

²¹⁵ HEIDEGGER, 2017, p. 119.

não se reconduz, como fazia Freud, os sintomas aos elementos. Antes, pergunta-se por aquelas determinações que caracterizam o ser do *Dasein* com referência à sua relação com o ser de modo geral. [...] Consiste em colocar expressamente o ser-homem de modo geral como *Da-sein*, diferentemente das determinações do homem como subjetividade e como consciência do eu transcendental.

A palavra “*Dasein*” significa comumente estar presente, existência. [...] Mas em *Ser e tempo* o *Dasein* é compreendido de maneira bem diferente. [...] O *aí* [*Da*] em *Ser e tempo* não significa uma definição de lugar para um ente, mas indica a abertura na qual o ente pode estar presente para o homem, até ele mesmo para si mesmo. O *aí* a ser distingue o humano do homem.²¹⁶

Considerada de forma radical, a analítica existencial compreende uma ontologia em que o que está em jogo é a compreensão do ser humano acerca do sentido existencial do ser, ou “uma interpretação ontológica determinada do ser-homem como *Dasein* e, na verdade, a serviço da preparação da questão do ser”²¹⁷. Dito de outra forma, trata-se de conduzir o processo de forma que o *Dasein* consiga em seu *Da-sein*, significar o sentido compreendido do ser ao ser-humano no e pelo cuidar. Tal compreensão “não é uma determinação que diz respeito apenas à temática da ontologia fundamental, mas sim a compreensão do ser é a determinação fundamental do *Dasein* como tal”.²¹⁸ Esse processo requer que se contemple as noções de liberdade, de unidade e de finitude no ser humano para que possa, de fato, ocorrer. Estes três aspectos encontram-se intimamente relacionados quando o assunto é ser-humano, saúde e espiritualidade:

1. Sob o aspecto da liberdade, é preciso considerar, sempre de novo, que a característica essencial do *Dasein* é o traço da relacionalidade - *ser-com*. É isso que torna possível o *poder-ser*: de forma isolada não há como o ser humano ser-humano; ninguém se basta a si: necessitamo-nos mutuamente a fim de poder-ser-humano. A humanidade do ser humano – *humanitas* – consiste, conforme Heidegger, na “relação livre do ser humano com aquilo que o encontra, o apropriar-se dessas relações e deixar-se solicitar por elas”²¹⁹ e, nesse sentido, exerce-se “a psicologia, a sociologia, a psicoterapia para ajudar as pessoas, para que elas alcancem a adaptação e a liberdade no sentido mais amplo [...]”,

²¹⁶ HEIDEGGER, 2017, p. 135.

²¹⁷ HEIDEGGER, 2017, p.139.

²¹⁸ HEIDEGGER, 2017, p. 192.

²¹⁹ HEIDEGGER, 2017, p. 165.

pois todas as perturbações sociológicas e da saúde do indivíduo são perturbações da adaptação e da liberdade”.²²⁰

A relação livre é justamente o poder colocar-se em movimento rumo à busca de compreensão do sentido de ser e poder escolher – responder – de forma cuidadora; ou seja, responder de tal forma que a compreensão de sentido conduz a uma apropriação do *Dasein* num movimento de projeção em direção ao seu poder-ser-si-mesmo, algo que ninguém pode fazer por alguém: a resposta é pessoal! Isso significa que é responsabilidade de cada ser humano viver o seu *Dasein* sob a compreensão de que ser-no-mundo é cuidar. Cada pessoa precisa, em seu *Dasein*, responder de forma cuidadora e, a fim de ser humana, aprender e ensinar um modo de ser-humano pelo cuidar. A liberdade que conduz o processo de compreensão é a angústia que move o ser humano pelo seu poder-ser: é preciso responder do que se vai cuidar, de quem se vai cuidar, como se vai cuidar e, fundamentalmente, como se vai cuidar de si de forma a não se desumanizar.

2. Sob o aspecto da unidade, dois pontos são fundamentais: um enfatiza o aspecto de unidade do ser humano com o mundo da vida e outro enfatiza o aspecto de unidade do ser humano em sua própria integralidade. Nesse sentido, importa dizer que a função de quem exerce a psicoterapia, sob as vistas do pensamento heideggeriano, é auxiliar o ser humano a compreender-se e optar por ser-humano pelo cuidar. Não se trata de uma função em que se busca analisar disfunções relacionando sintomas com causas, mas em atentar ao fenômeno humano assim como se mostra e auxiliar na descoberta de si e na afirmação do valor de poder-ser. Isso implica em reconhecer o ser humano como unidade que não pode ser fragmentada em partes ou mesmo dicotomizada em *soma* e *psique*. Sob essas considerações, constata-se que fragmentações e reducionismos destituem o ser humano de sua possibilidade de poder-ser *Dasein* e conduzem processos de adoecimento como decorrência da perda de saúde: são processos de perda da liberdade de poder-ser-no-mundo, poder escolher, poder responder. Nesse sentido, conforme Heidegger:

É melhor dizer poder-ser, sempre no sentido de poder-ser-no-mundo, do que falar em possibilidades como constituintes do *Dasein*. O poder-ser de cada caso é visto a partir de cada *Dasein* histórico, assim ou assim, no mundo. Histórico é o modo como me comporto com aquilo que vem ao meu

²²⁰ HEIDEGGER, 2017, p. 166.

encontro, com o que está presente e com o que já foi. Todo poder-ser para com algo é um determinado confronto com o que foi, com vista a algo que vem ao meu encontro, para o que eu me decido.

“Possibilidades” no sentido de um modo de ser que a metafísica salienta além de dois outros “modos de ser”: ser necessário e ser real referem-se sempre a um fabricar pelo homem ou pelo Deus-criador. Possibilidades, no sentido existencial, são sempre um poder-ser-no-mundo histórico. [...] O Dasein deve ser visto sempre como ser-no-mundo, como ocupar-se com coisas e cuidar de outros, como ser-com as pessoas que vem ao encontro, nunca como um sujeito existente para si.²²¹

É por isso que, na psicoterapia, é preciso considerar a ontologia de forma fundamental, porque, quando se trata de práticas psicoterapêuticas, trata-se de abordar o ser humano em sua essência a partir de uma visão de unidade sendo que “o polo de unidade na ciência psicoterápica é o homem que existe”.²²² Ou seja, esse “homem que existe” – *ek-sistente* – em sua radicalidade, não é passível de análises científicas, pois não pode ser fragmentado e depois, ser novamente juntado de forma que se considere a junção das partes como unidade. A unidade consiste, justamente, na impossibilidade de ruptura: no ser humano, tudo se encontra intimamente relacionado. *Da-sein* é ser-no-mundo e refere-se sempre e unicamente ao ser humano em seu modo de ser-humano:

Apenas o homem existe. O fundamento de sua existência é o Da-sein. Mas, com essas afirmações, não queremos de modo algum declarar que a natureza material, os seres vivos (plantas, animais), por não existirem, são irreais, não entes e meras aparências. É dito apenas: a realidade dos âmbitos não humanos citados é outra que a realidade da existência. Mas, uma vez que ela é distinguida pelo Da-sein, a nomeação “Da-sein” deve ser entendida num sentido que se diferencia dos significados usuais da palavra “da-sein”. A diferença de grafia deve mostrar isso. O significado usual de “Dasein” equivale a presença como, por exemplo, no discurso das provas da existência (Dasein) de Deus. Mas o homem não é homem pelo fato de ser algo presente e verificável como tal. O homem é por *ek-sistir* o Da-sein, por suportá-lo, por assumir o *Da-*, isto é, conservar a abertura do ente e, sujeitando-se a ela, formá-la.

A caracterização de Da-sein e existência dada acima não deve valer como definição. Ela só contém a indicação da direção do olhar a partir da qual fenômenos destacados do Da-sein devem ser subsequentemente vistos e esclarecidos.²²³

3. Sob o aspecto da finitude, torna-se fundamental dizer que a condição humana é, também, o reconhecimento de sua finitude. Também esse aspecto precisa considerar dois pontos nesta reflexão: 1º) o ser humano é um ser-para-a-morte:

²²¹ HEIDEGGER, 2017, p. 169.

²²² HEIDEGGER, 2017, p. 207.

²²³ HEIDEGGER, 2017, p. 285.

compreender esse aspecto é determinante no processo de busca e tessitura de um sentido existencial; esta é a marca decisória que conduz o processo de compreensão do sentido do ser à decisão por fazer dessa compreensão de sentido um sentido existencial próprio pelo cuidar: eu me decido pelo cuidar porque compreendi que sou um ser-para-a-morte e 2^o) o ser humano é um ser interdependente no mundo da vida e sua finitude se mostra, também, como incompletude. Nesse sentido, num primeiro momento, é preciso dizer que, em essência, o ser humano necessita de ajuda a fim de ser-humano: essa característica de incompletude, de necessária complementaridade é, ao mesmo tempo e paradoxalmente, angustiante e consoladora, relacionando-se diretamente com a saúde e a doença. Sob esse ponto de vista, pode-se dizer que nos três aspectos – liberdade, unidade e finitude – considera-se a doença como privação e incompreensão, pois “toda questão do poder-ser-doente está ligada à imperfeição de sua essência. Toda doença é uma perda de liberdade, uma limitação da possibilidade de viver”.²²⁴

Em outras palavras, o poder-ser-doente é uma privação do poder-ser-saudável e a ciência, sem ir aos fundamentos, não consegue responder aos anseios de cura de forma plena. Conforme Heidegger:

Dever-se-ia entender “fundamentos” como essência original, como aquilo em que repousa tudo o que é verificável. Ao contrário, nas ciências naturais todo fundamento é entendido de modo objetivo, como aquilo que causa algo – é entendido de modo genético-causal, em vez de investigar a determinação essencial.

Procurar a essência da possibilidade do ser-homem, disso é que a medicina carece. Ao procurar os fundamentos no sentido genético-causal dá-se ao homem, de antemão, um valor e passa-se ao largo da questão do que é o ser humano.²²⁵

Cuidar é a forma para que a saúde seja promovida no ser humano e na natureza, nas muitas relações e áreas de que o ser humano se ocupa em sua existência. Esse modo de ser – cuidar – é a forma terapêutica (e hermenêutica!) com que se torna possível tecer vias de cuidado e de cura entre nós. A tarefa terapêutica consiste em uma atuação diferenciada de ver, ouvir e acolher de tal forma que o ser humano não seja destituído de sua responsabilidade acerca do próprio cuidar como condição inalienável de seu ser-humano. Isso requer tessituras de cura, vias

²²⁴ HEIDEGGER, 2017, p. 168.

²²⁵ HEIDEGGER, 2017, p. 197.

terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós.

5.1.2 Ellens e a perspectiva da psicoteologia

A leitura de J. Harold Ellens se mostrou uma ferramenta de grande utilidade no desenvolvimento e reflexão desta temática “Cuidar: conceito estruturante em tessituras de cura”, mas a força de seu pensamento perpassa minha prática pela Naturopatia já desde 1997. Conheci as obras aqui elencadas em 1993 tendo adotado o pensamento apresentado na obra *Psicoteologia* (1986/1987) como suporte nas vias terapêuticas por mim tecidas em assessorias a grupos em comunidades e no atendimento a clientes que buscam meu auxílio no que chamo de acompanhamento psicoespiritual.

Nessa obra - *Psicoteologia* - o autor aborda a saúde colocando em evidência a dimensão da espiritualidade. Num primeiro momento, aborda o conceito saúde num resgate histórico, apresentando a evolução da compreensão do termo desde antigas sociedades datadas de 3.200 a.C. a 1.000 d.C. até desembocar no moderno conceito da Organização Mundial da Saúde (OMS) que, em 1946, definiu saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade. Para Ellens, “neste modelo a ênfase global pode ser definida como uma preocupação com o crescimento da pessoa integral em direção à harmonia e homeostase intrínseca e extrínseca. Isso significa tratar pessoas não doenças”.²²⁶

No contexto específico em que minha prática pela Naturopatia é desenvolvida, posso dizer que a Igreja pode ser considerada o espaço por excelência para “cuidar da alma”. Diante desse desafio, cabe perguntar: Qual a cura que preciso/precisamos? O que em mim/nós precisa ser curado? Igualmente, importa lançar perguntas acerca das causas do adoecimento e acerca da boa vontade em trilhar vias de saúde, afinal, já bem dizia Aristóteles: “pergunta, primeiro, pela disposição em abandonar o que promove a doença!”

A busca pela religião é real e, conforme Ellens (1986, p.9), “a religiosidade humana é universal na sua abrangência. A experiência e expressão religiosa são

²²⁶ ELLENS, Harold. *Psicoteologia*. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 14.

evidenciadas por definir de maneira significativa toda cultura. Ao que parece, ser religioso é inerente ao ser humano.” Em sua obra *Graça de Deus e Saúde Humana*, o autor discorre sobre os elementos Graça de Deus, Saúde, Ser humano e Religião traçando relações que contribuem imensamente para a temática “Cuidar: conceito estruturante em tessituras de cura”.

Considerando a dimensão da espiritualidade como fundamental no ser humano para o cultivo da saúde, o autor esclarece que a negligência para com esse aspecto pode ser fator de adoecimento e, inclusive, de equívocos na busca por cura e soluções terapêuticas. A relação com a transcendência, nomeada Deus, aparece como fator decisivo quando o assunto é saúde humana e deve ser compreendida como busca por unidade (e não de fragmentação do ser humano) sendo que o elemento *Graça de Deus* é fator de cura. Assim, o livro *Psicoteologia*, conforme Ellens:

[...] pretende recomendar com insistência o acréscimo de uma dimensão essencial de toda esta questão: a significação decisiva para a saúde humana do relacionamento da pessoa com Deus. O presente estudo sustenta que o relacionamento ontológico de uma pessoa com Deus, bem como sua percepção deste relacionamento, afetam definitivamente o estado ou qualidade de saúde desta pessoa. O tipo de “postura perante a face de Deus” é de tal natureza que, algumas vezes, chega a criar ou expandir patologia. Outras vezes, este relacionamento, real ou percebido, promove a saúde no corpo, na mente e/ou na psique.

A tese deste livro [...] é uma luta pela ideia de que a saúde global envolve, nas pessoas, o desenvolvimento da completa gama de grandes potenciais de crescimento no corpo (*soma*), mente (*nous*), psique (*psyche*) e espírito (*pneuma*), com os quais Deus dotou os seres humanos ao criá-los a sua própria imagem. [...]

Portanto, neste livro, saúde deve ser definida como o estado ou condição em que a pessoa está conquistando, ou terá conquistado, qualidade de vida que nasce da completa atualização/realização das possibilidades físicas, espirituais, psicológicas e mentais, com as quais Deus dotou as pessoas e a humanidade.

As palavras cruciais são, portanto, crescimento, dinâmica, potencial e bem estar, que apoiam esta definição e estão implícitas nela.

Nossa linha de pensamento aqui argumenta que tanto as ciências das profissões assistenciais como a ciência teológica nos conduzem uniformemente ao reconhecimento de que a percepção e a experiência de nosso Deus da Graça é a dinâmica central da cura. Não há misticismo ou magia nisso. Não se requer nenhuma das peculiaridades das pobres fantasias humanas das religiões orientais. Incentiva-se, isto sim, uma investigação empírica, racional e profunda das dinâmicas mensuráveis e

controláveis do multifacetado ser humano enquanto funcionando física, mental, psicológica e espiritualmente.²²⁷

Em sua abordagem, Ellens parte da narrativa bíblica da queda, apresentada em Gênesis 3, argumentando que é possível nela encontrar elementos de cura – particularmente o elemento *Graça de Deus* – que se tornam particularmente interessantes quando se reflete a questão da saúde sob o viés da espiritualidade:

A estória da queda é mitologia teológica que revela o significado da dor e da desordem, face a um Deus providente e bondoso, que generosamente nos criou e nos sustenta. [...] Parece que os hebreus estavam certos ao afirmar que a independência poderia ser menos autodestrutiva e poderia afirmar uma perspectiva e um sistema de valores que cure, ao invés de agravar a genérica ansiedade humana que nos torna doentes.²²⁸

O autor rebusca, ainda, o conceito de natureza humana a partir de noções antropológicas clássicas, a saber:

1) a mesopotâmica, na qual o ser humano é considerado em sua inferioridade, “uma criatura inferior, desumanizada por estar presa numa arbitrária e hostil ordem divina das coisas [...], dando-lhe o destino divino de ser servo dos deuses para atender às necessidades dos homens e livrá-los de tarefas desprezíveis para a sobrevivência”;²²⁹

2) a grega, na qual a ênfase é dada à capacidade de evoluir em direção à humanização por um processo de formação humana de forma que a noção grega “parece ter evoluído da ansiedade primitiva e humilhante, derivada da fragilidade humana, para a magnífica segurança do humanismo de Sócrates”²³⁰ sendo que “os gregos chegaram a alcançar não só a verdade de que “errar é humano”, mas também a de que perdoar é humano! Existe nos seres humanos esta capacidade inerente de compaixão, que em última análise é algo redentor, no seu ponto de vista”.²³¹

3) a hebraica, na qual o ser humano é considerado unidade, pessoa e personalidade: “o conceito unitário de pessoa é o princípio essencial na noção

²²⁷ ELLENS, 1987, p. 16-17.

²²⁸ ELLENS, 1987, p. 25.

²²⁹ ELLENS, 1987, p. 30.

²³⁰ ELLENS, 1987, p. 33.

²³¹ ELLENS, 1987, p. 34.

hebraica da natureza humana” com destaque para um segundo elemento, “o conceito de co-regente e cooperador com Deus, no mundo de Deus”²³²; e;

4) a cristã, na qual, a partir do Apóstolo Paulo, ocorre uma busca pela integração das noções hebraica e grega no que se pode chamar de humanismo cristão e segundo a qual, a natureza humana consiste em tornar-se pessoa em Cristo optando pela gratuidade da salvação, ou seja, “experimentar o alívio de Cristo, ou seja: estar no caminho de Cristo e, nesse sentido, encarnar Cristo, ser o corpo de Cristo. Significa, para ser humano, ser alguém através de quem Cristo possa ser visto”.²³³

Isso remete, diretamente, a uma questão de identidade. Não raro, quando o assunto é identidade, ouve-se falar de crise. De qual crise se trata quando o assunto é identidade? Será uma crise de valores? Uma crise na família, na escola, na igreja, na economia? Talvez a crise seja uma crise espiritual: cultivada por uma visão distorcida ou não bem compreendida do que significa ser-humano? Talvez a única crise seja a do ser humano, crístico em seu jeito de ser-humano, despersonalizado de seu eu capaz de posicionar-se favoravelmente de forma a cuidar?

Para Ellens, uma das causas de maior dor e sofrimento de uma pessoa é seu senso de não pertencimento. Pode-se dizer que isso ocasiona um sentimento de desgraça a partir de percepções da pessoa não se sentir aceita, amada, reconhecida sendo que, não raro, tais percepções desembocam em adoecimentos. Diante disso, surge a pergunta: como podemos, como comunidades cristãs, caminhar rumo à Pastoral do Cuidar, em que a *Graça de Deus* seja elemento de cura? Como pontuar sinais da *Graça de Deus* entre nós como cura e como cuidado a partir do cuidar?

5.1.3 Graça de Deus – fator de cura (e de cuidado?!)

A reflexão sobre a *Graça de Deus* se mostrou interessante em minha temática haja vista três aspectos: a) a temática se desenvolve num Doutorado em Teologia, b) a temática considera, em sua reflexão, práticas desenvolvidas em comunidades religiosas da IECLB e c) a *Graça de Deus* é enfatizada como parte da

²³² ELLENS, 1987, p. 35.

²³³ ELLENS, 1987, p. 37.

identidade luterana pelo *Sola Gratia* (embora não pretenda adentrar esse aspecto, em sua especificidade, nesta reflexão, cabe dizer que também esse aspecto não é questão de teoria, mas, fundamentalmente, de prática, algo a ser experimentado. A Graça de Deus experienciável, a ser realmente sentida no mundo da vida e de forma pessoal é que transforma, liberta, promove a cura em e entre nós). Assim, a decisão por elencar, nesta reflexão, também a obra *Graça de Deus e Saúde Humana* (1982/1986) se dá sob tais considerações.

Inicialmente, o autor destaca, em sua obra, que o fenômeno religioso é fundamentalmente humano, ou seja, a busca pela religião é real: “a religiosidade humana é universal na sua abrangência. A experiência e expressão religiosa é evidenciada por definir de maneira significativa toda cultura. Ao que parece, ser religioso é inerente ao ser humano.”²³⁴ Em sua obra *Graça de Deus e Saúde Humana*, o autor discorre sobre os elementos Graça de Deus, Saúde, Ser humano e Religião traçando relações entre eles numa abordagem de grande contribuição para a temática “*Cuidar: conceito estruturante em tessituras de cura?*” no contexto em que esta se dá.

Num primeiro momento, torna-se particularmente interessante a constatação de que a religiosidade, como fenômeno humano, é desenvolvida considerando-se a ansiedade que a pessoa experimenta face à pergunta pelo sentido ou significado da vida e sua busca por segurança ou salvação sendo que

a dimensão religiosa dos homens é dada pelo mecanismo psicológico e os instrumentos rituais produzidos pelo organismo psicológico e os rituais produzidos pelo organismo humano para manejar a segurança. A religião é processo de reduzir a profunda ansiedade pelo perigo que nossa vida corre e alcançar a profunda tranquilidade da salvação, vida eterna.²³⁵

Sob esse aspecto, pode-se dizer que é com vistas à resolução de um problema existencial, que a pessoa reconhece em si a dimensão espiritual e cultiva a religião como possibilidade de tessituras de cura e de cuidado. A religiosidade torna-se, assim, não apenas um mero sistema de ritos e dogmas, mas a busca pelo encontro do que possa auxiliar o ser humano a viver uma vida de sentido. Diante disso, cabe a pergunta: como cultivamos a religião entre nós? Ou, dito de outra forma, à serviço de quem (ou de quê?) a religião está? Tenho experienciado, em

²³⁴ ELLENS, Harold. **Graça de Deus e Saúde Humana**. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal. 1986. p. 9.

²³⁵ ELLENS, 1986, p. 17.

meus atendimentos pela Naturopatia, que muitas pessoas chegam a busca de auxílio movidas por um sentimento de medo e culpa por não conseguirem “cumprir” com uma série de exigências impostas pela religião que seguem e, dessa forma, vivem sob o peso de regras estabelecidas como se fosse um colar de espinhos.

Num segundo momento, considerando a *Graça de Deus* como elemento de cura e promovendo uma abordagem acerca da *religião da graça*, Ellens argumenta que, na história da humanidade, há apenas dois tipos de religião: uma que apresenta Deus como favorável ao ser humano e outra que o apresenta em contrariedade a nós, seres humanos:

Quando levamos em consideração o todo da história da religião humana, salta à vista que normalmente o homem é compulsivamente levado a buscar em termos de religião algo que não tem condições de alcançar, isto é, a transcendência sobre a sua finitude, mortalidade, e a ameaça divina.

Em consequência o que o homem em geral consegue configurar em sua fuga da ansiedade para a culpa e desta para Deus apenas é um Deus feito à sua própria “imagem ameaçadora”. Este Deus reina então como superego, impondo confinamento, e não liberdade, reforçando e não dissipando ansiedade, produzindo rituais legalísticos para as liturgias da vida (ética e moralidade). A única alternativa para isto na história das religiões tem sido o conceito judaico-cristão da graça: Deus que arbitrariamente transcende a “iniquidade do universo” e do homem, aceitando o homem incondicionalmente assim como ele é, assegurando-lhe valor e imortalidade.

Apesar do conceito popular prevalecente em contrário, esta é a razão por que existem apenas dois tipos de religião na história do homem: aquelas que partem do pressuposto de que Deus está a nosso favor e aquelas que partem do pressuposto de que Deus está contra nós. Religiões deste segundo tipo criam estratégias intrincadas de ética e adoração para prover técnicas de auto justificação, enquanto que as do primeiro tipo se expressam em autêntica celebração de graça e gratidão.²³⁶

Creio ser possível afirmar que também em nosso meio, no contexto das comunidades luteranas, o Deus-vingador e punidor é, por vezes, muito mais difundido que o Deus-amor, sob as vistas (equivocadas!) de que, com isso, há de se alcançar êxitos na condução de uma vida virtuosa e feliz. As marcas disso são visíveis entre nós em marcas que carregamos como feridas e surgem a mim também nos atendimentos clínicos que presto pela Naturopatia, em depoimentos de pessoas que se afastam de nosso convívio comunitário sob a argumentação de que esse deus-castigador é deveras hostil. Não obstante, é possível também experienciar, de múltiplas formas, o Deus-amor vencendo barreiras em tessituras de cura em

²³⁶ ELLENS, 1986, p. 18-19.

diferentes ações de cuidado e, também, em pregações em que se anuncia que “Deus é tão bom que nos permite semear tudo o que quisermos, mas tão justo que só colheremos aquilo que semearmos!”. Há motivos, pois, para celebrar.

Sim, o elemento da *Graça de Deus* figura como aspecto realmente diferenciado na temática de que me ocupo no contexto em que se dá. Em termos de *religião da graça*, tal conceito aparece primeiramente como experiência judaico-cristã a partir de Abraão em Gênesis 12 e 17 e, também, na forma como Jesus se relacionava com as pessoas sendo que o conceito bíblico foi, posteriormente, retomado por Lutero. Conforme Ellens,

A única recomendação para esta percepção judaico-cristã da graça como verdade é o fato da percepção de Abraão e o comportamento de Jesus ser a única solução para a condição inata do homem atormentado por uma avassaladora ansiedade provocada pela “iniquidade, da existência” e o silêncio do “grande ausente”. Jesus, porém, está presente na história. Sua maneira de lidar com as pessoas assegura-nos nosso valor e transforma a ansiedade em tranquilidade pela dinâmica psicológica da aceitação incondicional. Aceita-nos assim como somos, proporcionando-nos, portanto, a liberdade psíquica de alcançarmos o que somos potencialmente em corpo, mente e psique. Sendo a humanidade o que é – esta é a única chance do homem.²³⁷

A fim de não sucumbir diante do abismo da ansiedade ou da angústia existencial, a pessoa lança-se numa busca por compreender o sentido da existência, o valor de ser-humano e possibilidades concretas de significar no mundo da vida as compreensões compreendidas como fundamentais e importantes para uma vida com sentido. Esse processo de busca envolve a pessoa em todas as dimensões de seu ser fazendo-a tecer vias rumo ao seu próprio desenvolvimento como ser humano. Considerando a ansiedade como fator de busca pela religiosidade, Ellens argumenta que a religião pode estar intimamente relacionada em processos de adoecimento e/ou cultivo da saúde:

é crucial que estejamos plenamente conscientes de que a fonte psíquica da religião humana brota do fenômeno universal de nossa profunda ansiedade existencial. Tal perspectiva é crucial para efetivarmos uma discriminação e avaliação sensata de complicações e fixações religiosas em patologias neuróticas e psicóticas.

De qualquer forma, é de suma importância que diferenciemos o que é experiência religiosa autêntica do que é patologia psíquica ou sua consequência. Então a adoração pode representar cura real e redentora.

²³⁷ ELLENS, 1986, p. 20.

Então a espiritualidade pode ser libertação, e não escravidão. Então a vida pode ter o alívio da graça.²³⁸

O elemento da *Graça de Deus* como fator de cura implica a compreensão de que tal elemento não é passível de negociações e nem pode ser alcançada com sacrifícios. A graça é que a pessoa é aceita por Deus, amada por Deus, assim como é. A graça de Deus permite a cada pessoa poder afirmar: “eu sou aceita por Deus como sou!” Não há necessidade de provar algo; também não se trata de dar algo em troca. Graça é graça; a gratuidade é sua característica! Na *religião da graça* isso significa aceitação incondicional da parte de Deus para com ser humano.

Ou seja, não importa o que o ser humano tenha feito ou possa fazer, a graça é o compromisso de Deus para com a cura da pessoa seja qual for sua situação ou condição. Não se trata de experienciar algo que Deus “faz”, mas de sentir os efeitos do que ele “é” como cura:

Em resumo, a teologia da graça assegura que Deus está comprometido com a cura humana. Esta está arraigada no caráter de Deus e é radical quando avança até o cerne da patologia humana: a auto preocupação alimentada por ansiedade, que é a causa e o resultado da alienação. A graça é incondicional, porque não é algo que Deus meramente faz, mas que ele é, sendo, portanto, atributo e disposição inerentes e inevitáveis para Deus. O Javista nos fez compreender que tal graça é universal quanto a seu alcance e intenção. A importância disso tudo é que os homens são motivados pela palavra a notar que as provas históricas e circunstanciais da natureza de Deus nos levam a uma percepção do mundo onde a razão do ser de Deus, humanamente percebida, é a promoção manifesta da integridade e da saúde dos homens e de toda criação.²³⁹

Diante da angústia, do desespero e da ansiedade que emergem a partir da consciência do ser humano acerca de sua finitude, a *Graça de Deus*, como elemento curador, parte de uma visão teológica javista em que Deus está comprometido com o bem estar e a cura de toda a criação e, conforme Ellens:

a teologia javista é uma opção salvadora, porque vai ao âmago da nossa natureza órfã e perdida. Não é uma teologia de auto justificação, mas sim, de aceitação divina incondicional. Não é uma estratégia a ser usada num jogo de poder, ético ou psicossocial, mas uma forma de auto aceitação. Não está voltada para si mesma, mas para um alvo fora dela mesma – visando a integração da pessoa toda em Cristo. Não é mecanicista ou legalista, mas dinâmica; está orientada para o crescimento, e não para manutenção do status.

O Deus judaico-cristão não é ameaçador, mas sim consolador. Seu nome é Javé, o Fiel, aquele que garante, pelo seu nome e natureza, que será aquilo

²³⁸ ELLENS, 1986, p. 21-22.

²³⁹ ELLENS, 1986, p. 70.

que sempre foi para toda a humanidade. Este nome, portanto, é uma fortaleza (segurança). “O justo corre para ele e esta seguro”. E “justo” segundo Miquéias e São Paulo, é aquele a quem Deus aceitou incondicionalmente e a quem atribuiu retidão.²⁴⁰

A graça, portanto, independe dos esforços do ser humano, é totalmente alheia a qualquer possibilidade de barganha, é o fator que promove aceitação, integração, pertencimento, co-participação na tessitura de práticas de cura pelas quais se dá a evolução do ser humano em seu modo de ser-humano. Pode-se arriscar dizer que, em seu modo de operar, a *Graça de Deus* promove a justificação de tal forma que o sagrado se faz sentir no humano tornando-o vivo e presente entre nós quando nos reconhecemos parte da unidade, ou seja, quando encarnamos o Cristo e nos tornamos cooperadores e cooperadoras de Deus na tessitura de práticas e relações de cura e de cuidado. Para Ellens,

O elemento crítico da teologia da graça que perpassa as Escrituras é a inviolabilidade essencial deste status de compatriota de Deus, arbitrariamente imputado por Deus a Adão e a toda raça humana. Na tragédia de nossa ansiedade nos percebemos perdidos e alienados. Disso surge o nosso pecado e nossa doença psicológica e espiritual. Da perspectiva de Deus, no entanto, nosso status se mantém. Somos incondicionalmente confirmados como destinados para a comunhão com Deus. O evangelho assegura este status como certo e incondicional.²⁴¹

Um fator que merece destaque, nesta reflexão, é justamente o aspecto re-ligador que a *Graça de Deus* promove: não se trata de ser algo a ser consumido, simplesmente, ou experienciado como algo momentâneo e de forma descompromissada. Experienciar a graça não se dá sob os auspícios do “pecado” que, se de fato existe no que assim é nominado, refere-se à insensibilidade e falta de compaixão para com o outro/a outra em sua necessidade. Experienciar a Graça é vivência de cura pelo cuidar e conduz ao compromisso de também cuidar.

Experienciar a *Graça de Deus* como fator de cura é perceber-se, também, capacitado a ser partícipe em tessituras que promovem o cuidar. Dito de outra forma, é um assumir-se no lugar em que já sempre esteve destinado a ser “meu”, mas sempre “com o outro/a outra”: a escolha é pessoal, ninguém pode decidir por alguém e ninguém vai ocupar o “meu” lugar nas tessituras de cura que, a partir da compreensão da Graça de Deus se pode operar. É por ela que o ser humano pode

²⁴⁰ ELLENS, 1986, p. 76-77.

²⁴¹ ELLENS, 1986, p. 79.

experienciar o status de compatriota de Deus: alguém que, sendo aceito e integrado, passa a ser partícipe na tessitura de curas de tal forma que, conforme Ellens,

O dilema da existência humana, portanto, não é a nossa perdição real, mas a nossa perdição percebida. Nosso destino não é o vencer num jogo de poder para nos acertarmos com Deus ou alcançarmos uma posição de vantagem diante dele. Nosso destino é aceitar e aproveitar os benefícios do nosso status de compatriotas de Deus. Os benefícios são: o alívio pela graça, e afirmação do nosso eu real, a aceitação incondicional da aceitação incondicional que Deus tem por nós, e a celebração da nossa libertação generalizada da necessidade de ansiedade sistêmica (“Não temais, eu sou vosso Deus”) e situacional (“Não andeis ansiosos por coisa alguma”, “não vos inquieteis com o dia de amanhã”).²⁴²

A partir do exposto até aqui considera-se que 1) a busca pela religião é real, especialmente no contexto atual (pós-pandemia) que vivemos, 2) o cultivo da religiosidade se dá a partir do reconhecimento da dimensão espiritual no ser humano e 3) a *Graça de Deus* é afirmada como constitutivo da identidade luterana pelo *solo gratia*. Disso advém que é no mínimo pertinente nos perguntarmos como se dá, entre nós, a vivência do humano e do sagrado em comunidade. Qual visão de mundo apresentamos? Qual Deus anunciamos? O da misericórdia, da compaixão, da Graça e cuidador? Ou o vingativo, punitivo e aterrador? Quais elementos celebramos no altar da vida, em nossos templos e comunidades? Quais práticas desenvolvemos? Temos conseguido colocar sinais da *Graça de Deus*? Como ela tem sido anunciada e celebrada? Nossas comunidades têm sido espaços em que ela pode ser experienciada? Elas são refúgio a quem se encontra exaurido, confundido, oprimido?

Tessituras de cura, sob o viés da Graça de Deus requerem com-vivência, partilha, celebração da esperança e da confiança entre nós, pois são aquelas vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós. Ou seja, em meio a muitos sistemas e descaminhos que excluem, oprimem e marginalizam, a experiência da graça permite que a desgraça seja transmutada e transformada em vias de respeito, perdão, aceitação, integração e comunhão. Isso pode ocorrer sob diferentes signos, como pastorais do cuidar, por exemplo, em que se aprende e ensina um jeito de ser e de com-viver que seja cuidador, um jeito pelo qual aprendemos e ensinamos a cuidar de si, cuidar de nós, cuidar do meio em que

²⁴² ELLENS, 1986, p. 80.

somos junto-a quem e com quem somos para, assim, nos curarmos dia-a-dia, um dia de cada vez, sob os cuidados da cura “enquanto viver”.

5.2 CUIDAR: TESSITURAS DE CURA?

É preciso ousar para poder transcender e é preciso dialogar para compreender. Talvez muito pouco tenha eu a ensinar e, com toda certeza, ainda muito que aprender. Não obstante, talvez o compartilhar de minhas inquietações e angústias sirva para conduzir diálogos e isso seja, talvez, já o bastante para o agora. É preciso, no doutorado, “recortar”, mas qual recorte fazer considerando as áreas em que atuo? Onde ancorar o cuidar, de forma a não perder sua transversalidade? Dialogar sobre o quê, com que propósito?

Tenho defendido, ao longo dessa reflexão, que, a fim de compreender o significado de cuidar, o foco deve ser a harmonização do ser humano, considerando-se que o que reorganiza o ser humano desenvolve nele o sentido existencial. Há que, então, ser necessário ocupar-se, então da Arte? Ou então da Meditação? Ou ainda de encontros dialógicos e de celebração como palcos de cuidado pelo cultivo de memórias de cura, que agraciam, que se caracterizam pela graça de promover graciosamente a cura entre nós a fim de que a vida não caia em desgraça?

Há, com certeza, muitas vias: algumas já em curso, outras por serem descobertas e traçadas, tramadas, tecidas como tessituras de cura em e entre nós. Vias terapêuticas, vias de cuidado e de cura: vias pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós. Então, eis-me aqui, eu, mulher, Lia, a Ilíria que ainda lê, filha do Sonho e da Tempestade, irmã dos pilares da terra, esposa de um raio de sol e mãe de estrelas cadentes, a viver dias de intensa ventania, tentando não falar heresias e, por isso, à procura de boas companhias...

Há, ainda, um outro aspecto a considerar dentro desse “caldeirão”: sempre de novo me deparo com um sentimento muito próprio, mas que identifico, também, em outras mulheres e que, ao que me parece, não pode ficar de fora nesta minha reflexão e escrita sobre o cuidar. É o sentimento de culpa por sair de casa para trabalhar e/ou estudar. Um sentimento que não me lembro de ter sido imposto pela minha mãe e/ou pelo meu pai, mas que parece ter sido assimilado como que por

osmose, a partir de um padrão que funciona como imperativo e que não compreendo muito bem. Se parar para refletir, parece tão trágico e ridículo que beira as raias da loucura. Uma culpa, partilhada também por outras mulheres, como as que são minhas irmãs: culpa de sair, de se vestir “diferente”, de rir e sorrir de forma extravasada, culpa por “se cuidar” – cuidar de si, como se isso fosse algo proibido ou, no mínimo, não permitido...

Culpa, sem saber ao certo do quê e por que, mas que acarreta um jeito desgraçado de se sentir e que em rodas de conversas com outras mulheres se consegue ao menos compartilhar e refletir, buscando formas de, em conjunto, se aconchegar e tecer relações em compreensões. Muitas vezes, nessas rodas, o cuidar se dá como tessitura de cura na alma de nós, mulheres, enquanto bordaduras e costuras resultam em artes que são, depois repassadas a outras mulheres. Há, em nossas comunidades, grupos de OASE²⁴³ em que isso é vivenciado; em outras, grupos de visitas, de liturgia, grupos de encontros para cantar, meditar, orar. Há vias de tecer cura e cuidado em e entre nós: muitas remetem à tradição, outras se constituem em novidade de vida frente aos desafios que surgem.

Abordar o cuidar como tessituras de cura implica em incluir, nesta reflexão, outras mulheres que se ocupam dessa temática, ainda que em diferentes vias, mas que permitem traçar relações. É o caso de Vera Regina Waldow e de Nel Noddings, que, em suas abordagens, fazem-no sob um ponto de vista feminino e o abordam sob perspectiva terapêutica.

5.2.1 Waldow e o Cuidado Humano: uma relação terapêutica

Waldow²⁴⁴ em *Cuidado humano: o resgate necessário*, traça importantes relações entre cuidado e saúde caracterizando-o como relação terapêutica e colocando-o como tarefa de cada ser humano. Conforme a autora, “se o cuidado é realmente importante e significativo, ele deveria ser reconhecido [...] por todas as pessoas que direta ou indiretamente estão envolvidas nele. E é aí que se fala em

²⁴³ A sigla OASE se refere à Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas, um grupo ativo em muitas de nossas comunidades luteranas e pelas quais diferentes ações comunitárias são encaminhadas e desenvolvidas junto à sociedade sob o lema “Comunhão, Testemunho e Serviço”.

²⁴⁴ WALDOW, Vera Regina. **Cuidado humano: o resgate necessário**. 3 ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

cuidado humano, pois na verdade, todos somos ou deveríamos ser cuidadores”²⁴⁵. Waldow, em sua obra, faz um apanhado histórico em que relaciona o cuidado, na história da humanidade, de forma especial às mulheres e, em sua especificidade, com a área da saúde.

Abordando o cuidado como fenômeno cultural, caracteriza-o em diferentes culturas citando a existência de rituais do cuidado²⁴⁶ e traçando relações com a espiritualidade pelas vias da Naturopatia²⁴⁷ e colocando Jesus Cristo como protótipo do cuidado humano na representação da compaixão, da misericórdia, da humildade e do amor. Para a autora, Jesus representa “um perfeito ser de cuidado humano, um restaurador de almas e de corpos”²⁴⁸.

A autora também faz uma distinção entre cuidar e cuidado: o primeiro, “como comportamentos e ações que envolvem conhecimento, valores, habilidades e atitudes, empreendidas no sentido de favorecer as potencialidades das pessoas para manter ou melhorar a condição humana no processo de viver e morrer” e o segundo como “fenômeno resultante do processo de cuidar”²⁴⁹.

Um aspecto interessante em sua obra é o reconhecimento de que, com Heidegger surge a ideia de *cuidado autêntico*, que se caracteriza como o poder-ser em que o ser humano tem necessidade de cuidado para poder cuidar de si. Conforme Waldow, “o cuidado autêntico não é uma forma de ensinar autocuidado, mas uma forma em que o/a cuidador(a) sutilmente possibilita ao outro conhecer e utilizar suas próprias capacidades, jamais criando dependência, tão comum nas situações de cuidado”²⁵⁰.

Argumenta, ainda, que a forma como o cuidado se dá consiste no processo de cuidar como “desenvolvimento de ações, atitudes e comportamentos com base em conhecimento científico, experiência, intuição e pensamento crítico, realizadas para e com o paciente/cliente/ser cuidado no sentido de promover, manter e/ou recuperar sua dignidade e totalidade humanas.”²⁵¹ Cuidar é, pois, promover a unidade da vida sempre que reducionismos e fragmentações ameaçam rompê-la.

²⁴⁵ WALDOW, 2001, p. 146.

²⁴⁶ WALDOW, 2001, p. 33-34.

²⁴⁷ WALDOW, 2001, p. 56.

²⁴⁸ WALDOW, 2001, p. 25.

²⁴⁹ WALDOW, 2001, p. 127.

²⁵⁰ WALDOW, 2001, p. 135.

²⁵¹ WALDOW, 2001, p. 149.

Cuidar é todo e qualquer empenho e dedicação que opera em tessituras de cura, vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós.

Considerando o ser humano como ser paradoxal entre cuidado e descuido, Waldow argumenta a favor do *cuidado humano* como atitude ética ou “forma de viver em que os seres humanos tentariam harmonizar seus desejos de bem-estar próprio em relação a seus próprios atos em função do bem-estar dos outros”²⁵², colocando-o sob o imperativo da vivência: “o cuidado humano, cumpre destacar, a despeito de algumas crenças equivocadas, não pode ser prescrito, não segue receitas. O cuidado humano é sentido, vivido, exercitado”²⁵³.

Considerando-o uma ação interativa, Waldow destaca, ainda, as dimensões ética e estética no cuidar: “o que se pretende ao relevar o cuidar é enfatizar a característica de processo interativo e de fruição da energia criativa, emocional e intuitiva que compõe o lado artístico, além do aspecto moral”²⁵⁴ sendo que “o cuidado humano consiste em uma forma de viver, de ser, de se expressar. É uma postura ética e estética frente ao mundo”²⁵⁵. A autora destaca que elementos como respeito, consideração, compaixão e afeto estão presentes quando o cuidar é experienciado sendo que “a dimensão estética do cuidar refere-se aos sentidos e valores que fundamentam a ação num contexto inter-relacional, de modo que haja coerência e harmonia entre o sentir, o pensar (conhecer/saber) e o fazer”²⁵⁶.

Ainda que direcionado à área da enfermagem, Waldow argumenta a favor de uma educação para o cuidado que requer 1) que ele seja experienciado, 2) que seja considerado processo interativo, 3) que se transmita e demonstre comportamentos de cuidado, 4) que se promova o autoconhecimento e o conhecimento do outro em experiências que desenvolvam a confiança mútua e o respeito e 5) que a corporificação do cuidado humano seja estabelecida como norma ética e meta curricular²⁵⁷. Para Waldow²⁵⁸, uma educação para o cuidar/cuidado “é uma educação holística, que prioriza o desenvolvimento humano, no qual a experiência é

²⁵² WALDOW, 2001, p. 43.

²⁵³ WALDOW, 2001, p. 55.

²⁵⁴ WALDOW, 2001, p. 62.

²⁵⁵ WALDOW, 2001, p. 129.

²⁵⁶ WALDOW, 2001, p. 164.

²⁵⁷ WALDOW, 2001, p. 184.

²⁵⁸ WALDOW, Vera Regina. Educação para o Cuidado. In: **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre: 14 (2): 108-112. Jul 1993, p. 112.

valorizada e onde se propicia a liberdade de escolha, da participação democrática, e cultiva o espírito humano para criação de seres humanos sãos e realizados que conseqüentemente contribuam para uma sociedade sã”.

5.2.2 Noddings e o cuidado: outra relação terapêutica

Nel Noddings, em sua definição de que “cuidar é agir não por uma regra determinada, mas por afeto e consideração”²⁵⁹ na obra *O cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral* também traz importantes contribuições à temática aqui refletida. Sob o argumento de que cuidado implica em relacionalidade e afetividade, com vistas à complementaridade, ela argumenta que “o amor humano e o cuidado humano serão suficientes para que sobre eles se baseie uma ética”²⁶⁰. A autora ainda os apresenta como origem e raiz do ideal ético, que se origina em dois sentimentos naturais, “a solidariedade natural que os seres humanos sentem um pelo outro e o desejo de manter retomar ou aumentar os momentos de mais cuidado e ternura”²⁶¹.

Noddings faz uma distinção entre cuidado natural e cuidado ético: o primeiro, caracterizado pelo impulso de auxiliar movido por afetividade e, o segundo, por um senso de dever ao que é moralmente correto. Ela situa as mulheres como cuidadoras por excelência, argumentando que elas, como cuidadoras, se preocupam menos “com rearranjos das prioridades entre os princípios; em vez disso, estão preocupadas em manter e melhorar o cuidado”²⁶². Além disso, “a cuidadora não está preocupada com o tecido humano, mas com a consciência humana – com o sofrimento, o prazer, a esperança, o medo, a súplica, a resposta”²⁶³.

As mulheres, como deontologistas do ato, conforme Noddings, “apresentam razões para seus atos, mas as razões apontam para sentimentos, necessidades, condições situacionais e para sua percepção do ideal pessoal e não dos princípios universais e suas aplicações”²⁶⁴. Não obstante, isso não conduz a uma erosão total e absoluta de princípios e valores: como o cuidado subjaz a ética, o alvo é a

²⁵⁹ NODDINGS, Nel. **O cuidado**: uma abordagem feminina à ética e à educação moral. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p. 40.

²⁶⁰ NODDINGS, 2003, p. 46.

²⁶¹ NODDINGS, 2003, p. 135.

²⁶² NODDINGS, 2003, p. 62.

²⁶³ NODDINGS, 2003, p. 116.

²⁶⁴ NODDINGS, 2003, p. 126.

tessitura de relações em que se experienciam o amor e a bondade rumo à dignidade humana.

No sentido acima descrito, Noddings trabalha o cuidar sob as vistas de uma Ética do Cuidado, em que se busca manter e promover o cuidado: “ao sustentar e aumentar o cuidado, uma ética do cuidado conserva muitos valores tradicionais, mas nenhum deles apenas por si mesmo. Em vez disso, conserva-os por uma exigência de cuidado”²⁶⁵. A fonte do cuidado, no entanto, não está nos valores e nem na ética, mas na pessoa que assume a tarefa de cuidar e que precisa ser mantida (e, no meu entendimento, valorizar-se como fonte de cuidado).

Conforme Noddings, “uma ética do cuidado esforça-se para manter a atitude do cuidado. Isso significa que a cuidadora deve ser mantida, pois ela é a fonte imediata do cuidado. A cuidadora, portanto, dá a devida atenção à sua própria condição”²⁶⁶. Olhar para a pessoa que cuida, que se dedica ao cuidar, é voltar os olhos para o ser humano que, ao cuidar, se humaniza e ajuda a humanizar. Não se trata de uma norma a seguir como se fosse um dever-ser, mas na escolha, em liberdade, por realizar aquilo que compreende como sendo o seu mais próprio e optar poder-ser. Compreender-se como ser humano que, ao cuidar, pode (se)curar.

Há um aspecto sugerido por Noddings que me parece deveras instigante: a questão da memória. Para a autora, “uma ética construída sobre o cuidado é considerada por alguns como compassiva. Ela envolve a construção de um ideal a partir do fato e da memória da ternura”²⁶⁷. Creio que a partir dessa colocação podem-se traçar importantes relações colocando a memória como um elemento que mantém e promove o cuidar possibilitando, também, que ele seja ensinado e aprendido, o que me é particularmente desafiador na reflexão que ora faço.

A memória, em rodas de conversa de que participo são trazidas, não raro, como fator de angústia, vergonha, culpa e medo. É somente à medida que o senso de pertencimento passa a ser o lastro que permite uma abertura (no sentido de compartilhar experiências que causaram ou ainda causam dor) que as memórias podem ser re-significadas e a pessoa experienciar libertação pela acolhida, respeito, empatia e afeto que recebe no grupo. Re-significar memórias é um trabalho de

²⁶⁵ NOODINGS, 2003, p. 139.

²⁶⁶ NOODINGS, 2003, p. 136.

²⁶⁷ NOODINGS, 2003, p. 129.

autoconhecimento que, se desenvolvido junto aos pares, pode significar uma caminhada menos tumultuada. Por exemplo, a mim que lido, dia-a-dia, com a esquizofrenia, participar de rodas de conversa com outras pessoas como eu faz com que eu aprenda e também ensine e, assim, mutuamente nos fortalecemos para seguir a cuidar sem esquecermo-nos de nós.

5.3 VISLUMBRES DE PASTORAIS DO CUIDAR

Falar em pastorais do cuidar é abordar a comunidade terapêutica. Isso implica compreender que o conceito de unidade comum se funda na compreensão de *poder-ser* uns com os outros e outras e não o contrário; a comunidade não é um amontoado de “eus”, mas poder-ser uns com os outros; ou seja, cada “eu” poder assumir o seu próprio *dasein* com e junto a outros “eus” de tal forma que a unidade comum seja experienciada como tessitura de cura. Em pastorais do cuidar deve ser possível que o “servir uns aos outros, cada qual com o dom que recebeu”²⁶⁸ seja experienciado como algo real, em que cada pessoa tem a sua “deficiência”, mas, também, sua eficiência, a potencialidade para contribuir no processo de cura pelo cuidar.

Experienciar o elemento da Graça como fator de cura me parece ser o laço que possibilita promovermos alinhavos e tessituras de cuidado e de cura entre nós nas comunidades de que somos parte tornando-as terapêuticas. Para isso, no entanto, requer-se, também uma compreensão do valor e do sentido de cuidar, o que remete, diretamente, ao valor e sentido existencial do ser humano em seu modo de ser-humano. E assim, volto novamente ao contexto no qual essa reflexão se originou e onde experiencio tessituras de cura como o cuidar terapêutico em diferentes vias.

Em minhas atuais angústias vivenciais, tão intensamente confusas e viscerais... há mais algumas perguntas, pois sentir na própria carne o peso de “ter que cuidar” de alguém que, por vezes, não consegue ajudar a si mesmo pode conduzir a diferentes interpretações para que se possa subsistir no cuidar. A “encarnação” do cuidar pode ser considerada uma forma de espiritualidade? “Sentir” com a alma é uma questão que envolve a mística? As “curas”, realizadas em

²⁶⁸ Texto da Sagrada Escritura na Epístola de 1Pd 4.10

templos e igrejas, refletem uma relação de poder ou uma relação de cuidado? São curas espirituais ou espiritualizadas? Qual a missão da igreja, como comunidade terapêutica, na tessitura de práticas curadoras?

Cabe, ainda, a pergunta específica: como temos lidado, em nossas comunidades, com a questão do sofrimento mental? A pergunta inquieta e desafia, pois o CAPS²⁶⁹ não consegue abarcar, com suficiência, a questão do sofrimento mental a fim de promover dignidade de vida a quem com isso convive.

Há inúmeras comunidades com apoio a diferentes grupos, mas, na região em que habito, não há nenhuma em que se possam achar subsídios ou refúgios para pessoas em sofrimento mental e seus familiares. Pelo contrário, em algumas delas há (ainda) o pensamento de que sofrimento mental pode ser superado sem o uso de medicamentos ou suporte psicoterápico; isso gera confusões e, inclusive, em alguns casos, até mesmo tentativas de expurgos de demônios. Em muitos casos, inclusive, pessoas acabam se retirando e buscando, junto a outros grupos, suporte e aceitação.

Isso não significa, contudo, que não se encontre pessoas que auxiliem a partir de compreensões, diálogos e informações. Convém explicitar: quando falo de grupos, refiro-me às estruturas; muitas vezes o socorro vem na forma de pastor, pastora ou liderança que já passou por algo semelhante e sabe algo a respeito. A atitude de escuta e de pergunta: “Como posso ajudar?” é, muitas vezes, o divisor de águas para que vidas sejam dignificadas e não marginalizadas. No meu caso, há lideranças e pessoas amigas nas comunidades em que atuo que são suporte para continuar a cuidar. É a partir delas que se torna possível não desesperançar e encontrar vias de tessituras de cura em e entre nós. O cuidar acontece sempre onde há empenho e dedicação para que a humanidade e a unidade da vida sejam promovidas ante qualquer tentativa de redução e fragmentação.

Quando penso em pastorais do cuidar, penso a partir do que eu própria experienciei junto a pastorais em comunidades em que participei. Cito, como exemplo, grupos de mulheres em que se cultivavam plantas medicinais ou saberes como fazeduras de pomadas e multimisturas. Mais do que encontros para cuidar das hortas e da fazedura de destilados, as horas que passávamos em conjunto eram

²⁶⁹ CAPS - Centro de Atendimento Psicossocial, em que se disponibiliza, aos portadores de sofrimento mental, auxílio medicamentoso e psicoterápico.

momentos de partilha e de mútuo fortalecimento: mulheres partilham de muitas histórias em comum e entre nós há muito mais semelhanças do que se supõem. Há, também, aqueles espaços de estudo bíblico, canto e oração dos quais participei desde a adolescência. Sei que há lugares onde tais grupos estão à deriva ou sequer existem mais, mas muitas das lideranças comunitárias que conheço forjaram-se em tais grupos e, ainda hoje, conheço pelo menos um grupo que persiste e do qual, participando, me fortaleço para seguir a cuidar.

Talvez o ideal da comunidade terapêutica como pastoral do cuidar pudesse ser descrito como espaços de acolhida e de encontros - equipes e grupos de cuidado, multidisciplinares - em que se tecem, de forma conjunta, significações e sentidos na celebração do sagrado entre nós. Afirmar o sagrado entre nós se torna real quando há boa-vontade, respeito, acolhida, partilha, empenhos por ousar dizer a palavra de perdão, estimular o exercício da escuta e viver a prática da comunhão. O sagrado poder de cura se torna real em e entre nós sempre que nos dispomos a dedicar-nos ao cuidar sabendo que ninguém cura ninguém, mas podemos nos curar quando nos unimos em empenhos por tessituras terapêuticas, em que ousamos nos desvelar, nos despir de preconceitos e, juntos, tramarmos uma rede de convivência em que aprendemos e ensinamos a cuidar.

O que se poderia descrever como uma comunidade terapêutica? Seria, acaso, aquela em que se experiencia o cuidar apesar do corpo mortificado e da esperança mitigada pela força de sistemas objetivantes e exclusivistas, que insistem em construir sob o fundamento de erro e culpa? Ou aquela em que se experiencia a acolhida e a aceitação a partir do despojamento de reservas e preconceitos acerca de um determinado problema ou deficiência? Nelas, então, a lógica de reciprocidade não dita a última palavra; nelas a lógica do cuidar abarca outras dimensões, como a da Graça e da cura.

Assim, o respeito, a acolhida e a dialogicidade, possível no seio da comunidade, é promotora de tessituras, um com-fiar em que a identidade constitui o lastro para uma forma de ser que se compreenda essencialmente cuidadora e, nisso, elo entre o sagrado e o humano. Afirmar a força de tal tessitura/construção como sendo sagrada, implica, também, no cultivo dessa força, partindo-se da ideia de que tal cultivo requer diálogos, que implicam no uso da linguagem que, por sua vez, requer ressignificações de memória e, até mesmo, tessituras de memórias de

cura pela celebração conjunta dos efeitos da experiência da Graça de Deus. Arrisco, assim, sugerir três vias pelas quais, talvez, se possam vislumbrar possibilidades de pastorais do cuidar: a Diaconia, a Arteterapia²⁷⁰ e a Naturopatia.

5.3.1 Vias de Diaconia

Como, afinal, o cuidar se relaciona com a Diaconia? Conforme Beulke²⁷¹, Diaconia é fé em ação, vivência da espiritualidade cristã, serviço em prol da dignidade humana, compromisso ético de cuidar, práxis dialógica e interdisciplinar, revitalização e partilha de saberes. Para Nordstokke²⁷², é a concreticidade do Evangelho de Cristo, considerado protótipo da Diaconia. Por ela busca-se identificar e atender demandas sob a perspectiva do amor e da misericórdia, colocando a vida no centro dos diálogos e reflexões; por ela a igreja se dispõe a ir ao encontro das pessoas que jazem “à margem”, em ruelas e vielas nem sempre vistas e reconhecidas na pregação do púlpito.

A Diaconia pode representar, ainda, o que Waldow caracteriza como o “cuidado religioso”, considerando-se que, no início do cristianismo, “o cuidado caracterizou-se por seu sentido religioso de prestar ajuda, caridade e oferecer apoio espiritual. Era prestado aos pobres e doentes. Também era oferecido no sentido de fortalecer a fé e de obter salvação da alma”.²⁷³ Waldow refere, ainda, que na antiguidade, “o cuidar, ainda indistinto das práticas de curar, era uma atividade ligada ao misticismo, em função das diversas crenças relativas à natureza, aos espíritos, aos poderes dos deuses e deusas”.²⁷⁴

Pela via da Diaconia não se pergunta “cuidar é tarefa de quem?”; por ela se pergunta: “como é possível, entre nós, cuidar?” Afinal, o Reino de Deus entre nós se torna visível quando os cegos veem, os coxos andam e os mortos voltam a viver. Nesse sentido, a pergunta sempre pertinente, no cuidar pela via da Diaconia, é: “quem são e onde estão os cegos, coxos, leprosos entre nós?” Pela Diaconia a Igreja vai até a escória do mundo ilusão e, em graça, amor e bondade, estende a

²⁷⁰ Quero deixar registrado que fica em aberto a pergunta sobre a conveniência de usar este termo nesta reflexão, com o que aqui intenciono dizer.

²⁷¹ BEULKE, Gisela (org). **Diaconia**: um chamado para servir. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

²⁷² NORDSTOKKE, Kjell (org). **Diaconia**: fé em ação. São Leopoldo, Sinodal, 1995.

²⁷³ WALDOW, 2001, p.56

²⁷⁴ WALDOW, 2001, p.56

mão para cuidar: na hora do encontro e da descoberta, diaconia não é, ainda, poesia, mas, sob as vias do cuidar, há que também por ela se poder poemar²⁷⁵.

Sob a compreensão da Diaconia, podem-se observar aspectos curadores na prática de Jesus, testemunhadas no Novo Testamento. Nas curas relatadas nos Evangelhos podem-se perceber características como acolhimento, partilha (multiplicação de pães e peixes), perdão, uso de elementos da natureza (água, no tanque de Siloé; lodo, na aplicação aos olhos do cego; caminhada, na cura dos dez leprosos), desafio ao compromisso (“Vai e não peques mais!”; “Mostra-te ao sacerdote!”; “Vem e segue-me!”), escuta e percepção (“a tua fé te salvou!”). Abordar as curas de Jesus configura, assim, algo passível de abordagem bastante ampla, sob as vias do cuidar e da cura.

Para mim, duas das curas mais impressionantes, quando se reflete o cuidar e a cura relacionado à mulher, são os relatados no Evangelho de Lucas 8. 43-48 e em Lucas 13.10-17 e, novamente, aqui me permito falar a partir de minha prática pela Naturopatia: há mulheres que chegam a ficar distorcidas fisicamente por dores espirituais²⁷⁶ e, devo confessar, eu mesma já experienciei isso em meu próprio corpo. As curas em questão deixam entrever o processo da cura como algo que demanda tempo, disposição para ir ao encontro e, também, o movimento de busca encetado pela pessoa que sente a dor²⁷⁷. Trata-se de um direcionar-se em busca da

²⁷⁵ No hino 565, do Livro de Canto 1 da IECLB, de autoria de Erli Mansk e Rodolfo Gaede Neto, se expressa, em forma de canção, o sentido da Diaconia:

“1. Aprendamos com Maria a ouvir com devoção, ter de Marta a energia, pressa e dedicação.

Acontece diaconia na ação com oração. Ser uma Marta Maria: que bonita vocação.

Vamos juntos trabalhar, na Seara do Senhor, pois o povo está a vagar qual ovelhas sem pastor.

Libertados pela graça nos dispomos a servir. Sirvamos com alegria, exaltando o Deus do amor.

2. Do pequeno ser amigo, ao faminto dar o pão; com o nu buscar abrigo, com o doente comunhão. Acolher o forasteiro, ao sedento saciar; libertar o prisioneiro e os mortos sepultar.

3. Todos nós somos chamados para este mutirão. Venham, pois, muito animados integrar a comunhão!

Vivenciar diaconia co'os mais pobres deste chão: resgatar cidadania, superar a escravidão!

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Livro de canto da IECLB**. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

²⁷⁶ Sim, elas existem; pela Naturopatia, há uma hierarquia presente no processo de adoecimento: a dimensão física reflete as dores sentidas na dimensão emocional, que reflete as dores sentidas na dimensão mental que, por sua vez, reflete as dores espirituais. No processo de restabelecimento da saúde, sob as vistas da Naturopatia, é preciso fazer o caminho inverso do adoecimento e tratar os sintomas dos mais recentes aos mais antigos, em sua ordem de manifestação. O/A terapeuta configura, assim, uma espécie de ajudador de Deus, que é o curador. Há que se fazer um exercício hermenêutico a fim de “descobrir” a origem da dor e não simplesmente suprimi-la com alguma técnica ou uso de alguma substância. Novamente reporta-se, então, à importância da prática hermenêutica de Fílon e os Terapeutas de Alexandria: Cuidar do Ser é a tarefa primordial!

²⁷⁷ Também nos atendimentos que presto verifico que o movimento de busca por resoluções, pela pessoa que sofre a dor é fator indispensável para se traçar um caminho terapêutico. A disposição

cura, num movimento de aproximação pela fé. A cura não ocorre de forma estanque, isolada ou solipsista: é preciso haver busca e encontro entre o humano e o sagrado; é preciso experienciar a Graça como elemento curador. É preciso dar-se conta: Graça é algo experienciável! Essas duas curas relatadas no Evangelho de Lucas também testemunham de que não há tempo ou lugar certo para operar cura: todo tempo é tempo (qualquer dia é dia para cuidar!), todo lugar é lugar (seja a rua ou o templo ou qualquer outro espaço!) para o cuidar se presentificar.

A novidade de vida apresentada a partir da Diaconia é de que o sistema que, denunciado, reage com violência, excluindo e marginalizando, não detém a última palavra nem mesmo como revanche. A última palavra, no seio da diaconia é do serviço em prol da vida plena. O Cristo vivificado, ressurreto do sepulcro, conhece o nome de quem o busca e chama: “Maria!” anunciando-se como paz: “Paz seja convosco!”. Numa clara demonstração de superação do ódio e preconceito que vitimizam (ou vilanizam!), o Cristo propõe, como missão universal aos seus discípulos pôr-se a caminho, sem atentar a fronteiras a fim de ensinar o que tinham aprendido²⁷⁸. Na revelação do morto ressurreto, afirma-se a vida apesar das forças da morte; então o Reino de Deus passa a fazer sentido ao assumir-se a missão do Cristo e doar-se pela causa divina: amar pelo cuidar.

Na diaconia, a vivência do amor como lei máxima se presentifica no dar de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede; proclamar libertação aos cativos; visitar órfãos e viúvas; tratar e curar enfermos e ensinar a fazer discípulos/aprendentes de um modo de ser que contemple a vida em sua plenitude e isso se dá pelo cuidar. Essas experiências vivenciais se dão em espaços terapêuticos a serem experienciados pelo cuidar. Neles a tarefa do cuidador/da cuidadora é sempre terapêutica: promover a cura tecendo encontros em que seja possível com-vivenciar e cultivar relações promovendo a acolhida, o respeito, a compreensão de sentidos existenciais.

da pessoa para participar no seu processo de cura é fator fundamental para que o cuidar possa, efetivamente, entrar em curso e ocorrer; caso contrário, pode-se permanecer num simples processo assistencialista ou de dependência e nada libertador. Pela Naturopatia, o/a terapeuta indica caminhos e conduz a terapia prestando assessoria, mas a pessoa em busca da recuperação ou revitalização da saúde precisa, necessariamente, assumir a parte que lhe compete para que o processo terapêutico entre em curso e tenha êxito. Pela Naturopatia é possível constatar que a “cura” não é algo passível de fazer por alguém e, muito menos, fazer de forma isolada: a cura decorre do cuidar, é processo terapêutico que implica em comunhão!

²⁷⁸ Ver o texto sagrado no Evangelho de Mt 28:19-20.

Pela via da Diaconia é fácil perceber: a dor e o amor são reais. A dor sentida e o amor experienciados na convivência é que fazem a cura e o cuidado se manifestar. Mas então a dor é necessária? Ela se manifesta de inúmeras formas e nos mais variados contextos e, paradoxalmente, onde ela se manifesta, também ali o cuidar se manifesta: na exclusão sofrida e no acolhimento da acolhida; na fome sentida e no pão dividido, compartilhado; na voz não ouvida e na escuta estendida; no tropeço ocorrido e no apoio de um ombro amigo. Entre a dor e o amor move-se Cura como a nos querer fazer compreender: a vida, apesar de unidade, não é inconsútil; ela permite tessituras de cura.

Em outros termos, sob o olhar da Diaconia pode-se dizer que cuidar é amar. Cuidado nada mais é do que amor e nisso também Heidegger concorda:

o cuidado, compreendido corretamente, isto é, de modo ontológico-fundamental, nunca pode ser diferenciado do “amor”, mas, sim, ele é o nome da constituição ekstático-temporal do traço fundamental do Dasein, a saber, uma compreensão do ser.

O amor é baseado de modo igualmente decisivo na compreensão do ser como o cuidado entendido de modo antropológico. Pode-se até esperar que a determinação essencial do amor, que procura um fio condutor na determinação ontológico-fundamental do Dasein, venha a ser essencialmente mais profunda e mais abrangente do que aquela caracterização do amor que vê nele meramente o mais elevado em comparação com o cuidado²⁷⁹.

Pela diaconia, a harmonia na convivência se dá nas tessituras de redes de cuidado em que se afirma a esperança da justiça (como concretização do Bom e do Belo) e em que tessituras de cura são tecidas em meio ao medo e à violência da cruz (símbolo e instrumento de vergonha e punição). Pela diaconia torna-se visível o lugar mais difícil de ver: o entorno de si, junto a quem se é, na percepção de que o próximo mais distante é justamente aquele que mais precisa de mim e que está posicionado ao meu lado, exatamente ali onde é mais difícil enxergar.

Pela diaconia, acontece a afirmação da revelação divina a partir da subjetividade frágil: o ser de barro que precisa ser constantemente moldado e complementado pelo cuidar. Nisso ocorre a compreensão de que viver é transcender e isso implica em senso de pertencimento a uma causa maior, em que a unidade é não só perceptível, mas vivível. Na diaconia, a pessoa se desenvolve sabendo-se não só enviada, mas acompanhada pelo Cristo que venceu as forças contrárias à

²⁷⁹ HEIDEGGER, 2017, p. 192.

vida e que, ainda que tenha sido por elas vitimado, consegue transcendê-las numa afirmação de vida: “Eis que estou convosco até a consumação do século!” Essa verdade, assim desvelada, anima a colocar sinais do Reino de Deus no servir, pelo cuidar.

A Diaconia é aquela via, em nossas comunidades da IECLB, pelas quais creio ser possível tecerem-se pastorais que sejam vias de apoio a diferentes grupos em suas necessidades bem específicas, como, por exemplo, pessoas em sofrimento mental e seus familiares.

5.3.2 Vias de Arteterapia – CuidAR-TE

O desenvolvimento da temática de que me ocupo, num campo considerado científico, é um doutorado em que o ponto de partida se situa na área da sistemática, área em que se busca compreender conceitos e fazer sistematizações (parece, então, que estou na “caixinha” certa, ainda que me pareça realmente muito difícil fazer as tais de sistematizações!).

Depois de relacionar a temática com a Extensão Universitária (campo em que atuei durante toda a graduação em Filosofia) em um Mestrado em Educação, eis-me a trabalhar a questão sob o viés da Teologia. A proposta foi pesquisar o conceito (axiológico e prático) “Cuidar” tecendo relações com a formação humana e as repercussões de sua compreensão na condução de práticas humanizadoras como tessituras de cura. Busco, com isso, responder à pergunta “Como a compreensão de um conceito prático, vital, transversal e axiológico – Cuidar – em suas interfaces, se relaciona, na formação humana, em tessituras de cura?”

No campo da educação como formação humana é possível considerá-lo, sob as vistas da estética, uma arte. A arte, como algo que congrega e une possibilita uma unidade comum. Ela é a resposta terapêutica que damos, como seres humanos, para aquilo que não pode e que não deve ser esquecido entre nós. É a forma como aprendemos e ensinamos a cuidar e, cuidando, nos curamos, harmonizando cores, sabores, sons, saberes em tessituras de cura.

Nesse sentido, valho-me, nesta reflexão, dos pensamentos de Gabriel Perissé em *Introdução à Filosofia da Educação*, de João Francisco Duarte Jr em *Fundamentos Estéticos da Educação* e de Werner Jaeger, em *Paidéia: a formação*

do homem grego. Para Duarte Jr.²⁸⁰, “a própria educação possui uma dimensão estética: levar o educando a criar sentidos e valores que fundamentem sua ação no seu ambiente cultural, de modo que haja coerência, harmonia, entre o sentir, pensar e o fazer”.

Conforme Jaeger²⁸¹, o processo de formação humana (*Bildung*) foi pontuado de forma radical por Sócrates (469-399 a.C.), na tentativa de levar às últimas instâncias o processo do autoconhecimento e de uma vida virtuosa. Sócrates argumentou que o ser humano só tem sentido em se referindo a um princípio interior nele presente e que não pode ser negado: a “alma” (*psyché*), sede de uma *areté* (excelência, virtude) que permite ao ser humano orientar seu viver com vistas ao Bom e ao Belo. Importa destacar que alma, para os gregos antigos, não consistia uma parte separada do corpo sendo que, por isso, é equivocado dizer-se que os seres humanos *têm* corpo e alma: por consistir em unidade, eles *são* corpo-alma, intrinsecamente relacionados.

Jaeger argumenta que, conforme Platão (428-348 a.C.), discípulo de Sócrates, é com este que surge, pela primeira vez na história da humanidade, o uso do termo Cuidado, a partir do conceito “cuidar da alma”. Reconhecido, na Filosofia Ocidental, como o primeiro grande educador, Sócrates faz da busca de dialogicidade a característica essencial em sua prática: faz, do uso da linguagem, uma prática dialógica com vistas ao desenvolvimento da pessoa rumo ao Bom e ao Belo.

O cuidado da alma era ensinado por Sócrates como critério para sábias escolhas e nisso aprende-se que, ao cuidar da alma, a pessoa pode desenvolver a sabedoria de escolher saudavelmente, considerando que as escolhas que fazemos determinam o que somos. Ou seja, somos o resultado das escolhas que fazemos. Pode-se, a partir disso, dizer que o “cuidar da alma” resulta num autoconhecimento sendo que, a partir de um autêntico conhecimento de si, torna-se possível o autodomínio e, conseqüentemente, a autonomia.

Conforme Jaeger, para Sócrates, o conceito de autonomia consistia num eficaz domínio exercido pela pessoa sobre si mesma em seus desejos e paixões. Tal princípio, ensinado e aprendido, resulta em que a pessoa consiga direcionar seu

²⁸⁰ DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. São Paulo: Cortez, 1981. p. 16.

²⁸¹ JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

viver de forma harmoniosa e saudável tanto individual como coletivamente. Em outros termos, ao cuidar da alma, a pessoa simultaneamente cuida do corpo: cuida de si e, ao cuidar de si, cuida das outras pessoas com quem convive e do lugar em que convive.

O “cuidar da alma” promove, assim, o cuidar de forma ampla e, conforme o pensamento socrático, equivale a uma vida equilibrada, pois que todos os excessos são nocivos à alma e, em decorrência, à vida em sua plenitude. Por que precisamos aprender e ensinar a cuidar da alma? Porque padecemos de uma “doença da alma”: esquecemo-nos do Ser (e, em decorrência, do sentido de ser humano), esquecemo-nos de que estamos vivos (e existimos, rotineiramente, no “piloto automático”), esquecemo-nos de que tudo está conectado (e conduzimos nossa existência, não raras vezes, de modo egoísta e individualista) e esquecemo-nos de que podemos ser livres para cuidar (subjugamo-nos mutuamente e submetemo-nos a regras de sistemas que desumanizam).

Nisso inclui-se o domínio sobre instintos e paixões e o cultivo de uma forma de ser em que se priorize a simplicidade, a moderação e valores que dignifiquem a vida tendo em vista a co-existência tecida de forma harmoniosa sob o senso de unidade e pertencimento e, também, a promoção da saúde sendo que, nessa especificidade (promoção da saúde), tais conceitos são retomados com Hipócrates (460 – 377 aC). Justamente por que esse princípio – cuidar da alma – precisa ser incansavelmente ensinado e aprendido na história da humanidade requer-se formação humana.

Qual o lugar da arte na promoção da cura e do cuidado? Permito-me falar, novamente, de onde sou, ou seja, o campo da alfabetização musical; faço-o a partir de dois exemplos:

1. Um ano... foi o tempo de despertar daquele jovem que, semanalmente, vinha às aulas cabisbaixo e calado. Nem uma única palavra dele se ouvia durante todo o transcorrer da aula, nem para um “oi”, nem mesmo para acompanhar as cantigas e canções que eu estava a ensinar. Enquanto o grupo cantava, ele apenas tocava, sem ousar levantar os olhos. Entrava e saía quieto: sem falar, sem sorrir, sem nos olhar nos olhos: parecia um estranho entre nós! Não obstante, eu o chamava pelo nome, aproximava-me dele para ensinar a posicionar os dedos no violão corretamente e procurava olhar em seus olhos

sempre que possível. Um ano... sem conhecer sua voz, sem detectar um brilho em seu olhar, sem vislumbrar um esboço de sorriso. Então, tivemos a ideia de um passeio em grupo, a um lugar para confraternizar. Na viagem de ônibus, sentei ao seu lado tentando conversar. Aos poucos, suas palavras brotavam em monossílabas. Durante o dia, em meio à natureza, colegas dele se aproximaram de forma espontânea e brincalhona até que, de tarde, na piscina, ele se aproximou, sentou na beirada e sorriu, de forma tímida, um sorriso que era mais um pequeno esboço, por demais comedido. E novamente silêncio, desvios de olhar e introspecção. Na semana seguinte, no entanto, um “novo” jovem adentrou na igreja e, baixinho, começou a cantar juntamente conosco enquanto ensaiamos. Duas semanas depois, na escola, a enfermeira que o acompanhava disse: “Fulano sorriu e já conversa conosco!” Dois meses depois pediu para fazer aulas de violino, além das de violão. E semanalmente, ao chegar na sede do projeto, havia tempo para conversarmos. Então me contou fragmentos de sua história, de como é viver sob a marca da esquizofrenia, com apenas 19 anos de idade, do valor da música para que se sentisse “vivo”, do quanto amava cantar e como sonhava em compor para louvar a Deus que o cuidava e protegia e, também, da falta que sentia, no lugar em que estudava, de alguém com quem pudesse falar “sobre a fé e coisas de Deus”²⁸².

2. O canto comunitário é espaço para quem quer participar e cantar. Não se requer afinação, apenas boa vontade para participar; é aberto a quem quiser, independente de ser ou não filiado à IECLB. Nesse espaço há tempo para compartilhamentos e escolha de hinos e canções. Nos cultos, via de regra, a música transcorre a partir de escolhas efetuadas pelo grupo de liturgia ou ministro/a religioso/a, mas no Canto Comunitário há espaço para pedir. Há uma situação que se repete, mensalmente, num grupo que coordeno, em uma pequena comunidade do interior: um jovem em especial pede sempre os mesmos hinos (“Aqui você tem lugar” e “Chuvvas de bênçãos”). Canta-os de forma entusiasmada, às vezes batendo palmas, mas sempre com uma alegria que encanta pela intensidade e espontaneidade. Ele tem as suas (d)eficiências (assim como eu tenho as minhas e tu também tens as tuas!), mas ali ele é um de nós e nós somos com ele: cantamos e vibramos na força que juntos nos irmana.

²⁸² Onde estão as capelarias? Em nossa região isso ainda não é realidade entre nós!

Ali, em comunidade, na SUA comunidade, não se pergunta qual é seu problema, sua dificuldade, sua deficiência (recentemente soube que sua mãe também sofre de um transtorno mental): ali ele é aceito como é, ali se canta o que ele sugere e ali o seu pai experimenta momentos em que se revigora para continuar a cuidar da esposa e do filho. O grupo é pequeno e as pessoas muito simples, com pouco estudo, sem grandes tecnologias à disposição: a comunidade é espaço para cuidar e ser cuidado; ali há tempo para curar e ser curado, pois nela podemos experienciar que, pela Graça de Deus, ali temos lugar! No cantar, aquela pequena comunidade expressa a alegria de poder celebrar “que Deus nos ama e tem cuidado de nós!” E ao término de cada ensaio, unem-se as mãos e se ora, em conjunto...Pai nosso/Vater unser... (Sim, por vezes em alemão e, por vezes, em português, pois, ali, a língua alemã reporta à tradição familiar e comunitária de pessoas que se identificam com uma causa que as auxilia no cultivo da fé que irmana e fortalece)

Os exemplos acima me fazem pensar que, desde tempos imemoriais, a música se faz presente entre nós no balbuciar de cantigas e canções, no assoviar melodias e ritmos tamborilar. E mais, pessoas simples também cantam. Elas habitam, por vezes, as margens, espaços marginais, mas florenciais e é preciso que se diga: também ali deuses se assentam, inspiram canções e escutam orações. Sim, também pessoas simples sabem e podem cantar e poemar. Então, se a liberdade permite criá-las, deixemo-la soar em nós e entre nós e que, assim, ao musicar e cantar, possamos ter tempo e espaço para cuidar, afinal, música é arte, mas é, também, cura e cuidado.

As experiências que tenho a oportunidade de vivenciar, no trabalho que desenvolvo, junto às comunidades da IECLB, me fazem pensar que o canto, entre nós, talvez esteja sendo desenvolvido como terapia - “cantoterapia”! Seria uma espécie de arteterapia? Se sim, é algo que pode ser conduzido, em nossas comunidades, sob diferentes aspectos: não só a música instrumental e o canto, mas, também, o teatro e círculos de trabalhos manuais constituem instrumentos a fim de organizar pessoas em pastorais nas quais a criatividade é posta em vias de cuidado e de cura na descoberta de dons e habilidades que, não raro, jazem à sombra de medos e inseguranças e é algo que pode ser desenvolvido com diferentes faixas etárias, inclusive com parcerias nas quais se encetam movimentos de intercâmbios.

Talvez sob o aspecto da arte possa-se desenvolver não só pastorais, mas, também, diferentes ações extensionistas pela universidade. Isso poderia ser oportunidade para que o cuidar pudesse ser experienciado como prática durante o processo de formação de diferentes profissionais em seu processo de formação. Dessa forma, teoria e prática poderiam andar, de forma concomitante e mais próxima, a fim de possibilitar diálogos e reflexões de modo que, ao saírem da universidade, as pessoas sentissem menos distância entre teoria e prática e, também, sentindo-se mais habilitadas para o exercício de sua profissão. Talvez a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, nesse quesito, seja algo de importante contribuição²⁸³.

5.3.3 Vias de Naturopatia

A Naturopatia é uma das áreas em que atuo profissionalmente desde 1997 quando, então, atuava na clandestinidade, como já colocado no início desta escrita. Ela é uma das áreas mais “sincréticas” ou “ecléticas” (depende do ponto de vista de cada prática!), se se considerar a gama de técnicas e de saberes que se desenvolve sob o nome Naturopatia sendo que os conceitos cuidar, cuidado e cura se fazem presentes em cada prática por ela exercida. Ela é, também, uma das áreas mais controversas, quando se fala em espiritualidade, pois gera muita confusão sob equívocos de interpretação. Não obstante, hoje é considerada uma das áreas em que o cuidar da saúde se dá de modo a contemplar o ser humano em sua unidade corpo, alma e espírito sendo que as referências por mim aqui trazidas querem refletir a relação cuidar na interface saúde/espiritualidade.

Um modelo a guiar minha prática naturolística e que serve de inspiração é o modelo de Fílon e os Terapeutas de Alexandria, exposto por Jean-Yves Leloup em *Cuidar do Ser*²⁸⁴. Os registros remontam ao que Fílon descreveu como a prática terapêutica do *Cuidar do Ser*. Para ele, o esquecimento do Ser é a causa do adoecimento no ser humano e a função primordial do/a terapeuta é cuidar. Na

²⁸³ A quem interessar possa, sugiro meu trabalho de Mestrado em Educação na URI, no qual trabalhei a relação entre o cuidar e a Extensão Universitária, sob orientação da Dra Luci Mary Duso Pacheco: *Da tomada de consciência à conscientização: empenhos da ética do cuidado em projetos de extensão*. Vide: FRANÇOIS WAHLBRINCK, Ilíria; PACHECO, Luci Mary Duso. **Ética do Cuidado e Extensão Universitária**: da tomada de consciência à conscientização. Campinas: Mercado das Letras, 2017.

²⁸⁴ LELOUP, Jean-Yves. **Cuidar do Ser**: Fílon e os Terapeutas de Alexandria. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

concepção de Fílon todo/a terapeuta é hermeneuta e lhe compete a busca de compreensão do processo que conduz à promoção da saúde.

Há, na descrição de Fílon, uma série de recomendações a guiar a prática terapêutica e que se encontra diretamente relacionada com a metafísica e o reconhecimento de que verdades eternas guiam o ser humano no cultivo da saúde. Para Fílon, “a saúde do ser humano é a alegria. E essa alegria é a participação no próprio ser de Deus”²⁸⁵. Ser Terapeuta, para Fílon, é não somente ser hermeneuta, mas, também, “poder escutar, sem angústia, a angústia do outro”²⁸⁶. A escuta é posta, por Fílon, como a característica basilar para cuidar. Escutar é o exercício que permite ao/a terapeuta “apreender cada coisa como viva, como energia, e não só como matéria”²⁸⁷. Ou seja, a unidade da vida é promovida pela atitude da escuta atenta e reflexiva.

Há um modo de vida adotado pelos Terapeutas de Alexandria, conforme Fílon. Esse modo de vida consiste na adoção de um estilo que envolve ascese e contemplação com algumas características bem peculiares: a alimentação consiste somente de água e pão com sal; o vestuário compõe-se de túnicas brancas, tecidas em linho; a moradia é simples, em monastérios, sendo que cada habitação abriga um santuário onde é possível entregar-se ao cuidado do Ser em práticas de contemplação, oração e meditação; o uso do tempo para estudo e reflexão resulta na composição de músicas e obras; a temperança é o fundamento de outras virtudes da alma e a harmonia é sinônimo de saúde. O cultivo da espiritualidade se dá pela prática de “exercícios espirituais” entremeados com os ritmos do cotidiano como comer, beber e dormir.

O reconhecimento da dimensão espiritual com seu decorrente imperativo por “cuidar do Ser” é que permite, sob suas vias, relacionar a Naturopatia com um modelo de cuidado em que importa não somente cuidar do corpo, mas cuidar da alma. *Cuidar do Ser* é cuidar daquilo que não é nem doentio e nem mortal em nós: “assim, o olhar do Terapeuta não está voltado em primeiro lugar para a doença ou para o doente, mas para aquilo que se acha fora do alcance da doença e da morte

²⁸⁵ LELOUP, 1996, p. 84.

²⁸⁶ LELOUP, 1996, p. 89.

²⁸⁷ LELOUP, 1996, p. 97.

nele...²⁸⁸ *Cuidar do Ser* é ocupar-se da transcendência na imanência e é a função primordial do/a Terapeuta. Mas que significa isso, na prática? Para Leloup,

O Ser não é um “algo” qualquer, mas um Espaço, um Aberto que importa manter livre. “Deus é a liberdade do homem”. Cuidar dessa liberdade, não aliená-la a coisa alguma nem a ninguém, conservá-la viva e humilde...” Deus é a Santidade do ser humano”, isto é, o que nele há de Ser não se pode comparar a nada conhecido ou cognoscível. Conservar puro esse inominado..., cuidar no homem daquilo que escapa ao homem, pois se não houvesse em nós esse espaço, essa liberdade, essa santidade, esse incriado, não haveria saída para o que é condicionado, feito, criado... [...]

O Terapeuta cuida do Ser, dá-lhe tempo, silêncio, um espaço onde possa recolher-se e descansar na criatura humana. [...]

O Terapeuta cuida do Ser; toma o cuidado de se recentrar sem cessar no Real transcendente que informa todas as realidades relativas: seu modo de vida, suas leituras, suas orações, a dança, os cantos em comum só tem como objetivo lembrar-lhe este Essencial sem o qual nada subsiste, a fim de que suavemente, com o coração e a mente sossegados, possa alegrar-se na sua Presença.

Cuidar do Ser não será ocupar-se em primeiro lugar com “aquilo que vai bem dentro de nós”, olhar para este ponto de Luz que dissipará nossas trevas? A cura nos é dada por acréscimo.²⁸⁹

Olhar para o modelo de Terapeuta e para a prática terapêutica descrita por Filon é inspirar-se numa ideia que sirva de guia para a tessitura de vias entre nós. Parece realmente utópico, nos nossos dias, conseguir-se desenvolver um modelo inspirado nesse protótipo. Não obstante, o que nos inspira a seguirmos, em nossa caminhada diária, não são justamente os exemplos que chegam até nós, seja em escritos filosóficos, literários ou teológicos? Muitos deles são considerados sagrados, outros profanos, alguns são tidos como lendas, outros como histórias. O que importa é que há fontes a nos inspirar na jornada rumo a pontuar, entre nós, sinais de cura e de cuidado.

Quando se aborda a questão da saúde, não é difícil perceber que a história da humanidade é, também, uma história de doenças e de remédios. Muitas vezes, talvez, o foco permaneça justamente sendo a doença e o monitoramento de sintomas, sem a devida atenção para o quesito saúde de tal forma que se pergunte: será que de fato o remédio funciona? Se sim, por que a doença persiste? Em que consiste o remédio? Será que o remédio é apenas o que pode ser administrado como fórmula, chá ou poção?

²⁸⁸ LELOUP, 1996, p. 99.

²⁸⁹ LELOUP, 1996, p. 101-102.

Acaso a dimensão da espiritualidade é contemplada, quando se usa tal remédio? Reside, no remédio, poder de cura? Ou será ele apenas um meio para despertar forças vitais no organismo adoecido de tal forma que a cura se processe a partir do interior? E quando se fala em forças vitais, é possível considerar apenas a dimensão física? De qual cura se fala, quando se tem vista o ser humano em seu modo de ser-humano? E a dimensão da espiritualidade, como é considerada, quando o assunto é saúde? Em que consiste, afinal, a cura, quando a questão é saúde e ser humano? A terapia, como via de cuidado, consiste em práticas de tessituras de cura. Pode, então, ser considerada apenas sob o ponto de vista da ciência?

Na cultura oriental, civilizações antigas da Índia, do Tibete e do Egito guardam registros de cura e de cuidado que datam de 15.000 a 10.000 a.C. Na ocidental, uma das mais antigas visões globais de cuidado remonta aos hebreus (povo judeu de 1200 a.C.), que receberam leis morais para orientá-los na vida espiritual (os Dez Mandamentos) e leis de saúde (que configuram comissões, hábitos de higiene e orientações quanto à alimentação, por exemplo), igualmente importantes. Graças a essas heranças, quando o assunto é saúde, há muito que aprender com a revisitação da tradição e de saberes ancestrais²⁹⁰.

Para a Homeopatia, conforme Kent²⁹¹, os sintomas “não são senão a linguagem da natureza, que se expressa desta forma, mostrando com a clareza da luz do dia, a natureza interna do homem ou da mulher doente”. Saúde e doença são, então, processos em que a pessoa tem a oportunidade de evoluir no autoconhecimento e no desenvolvimento como ser humano. Harmonizar o ser humano é processo de cura nas dimensões física, emocional, mental e espiritual. Conforme Kent²⁹², pensar errado e desejar o falso são a raiz da doença que sempre será o reflexo do esforço da energia vital, na tentativa de restabelecer o equilíbrio, a harmonia. Talvez isso seja o mesmo que Fílon expressou quando disse que a raiz de todo adoecimento reside no esquecimento de cuidar do Ser?

Pelos princípios da Homeopatia, “pensar errado e desejar o falso” é acreditar no errado duvidando do certo; em decorrência, abandona-se o verdadeiro e

²⁹⁰ Sobre isso, sugere-se a leitura de MACIEL, Paulo. **A @Evolução da medicina**. Curitiba: Araucária Cultural, 2001 e BONTEMPO, Márcio. **Medicina Natural**. São Paulo: Nova Cultural, 1994.

²⁹¹ KENT, James Taylor. **Filosofia Homeopática**. São Paulo: Robe Editorial. 1996. p. 26.

²⁹² KENT, 1996, p. 167ss.

valoriza-se o falso. Costumo exemplificar isso dessa forma: em muitos quintais há um pé de limão; não obstante, na hora das refeições, em muitas casas em que esses limoeiros estão repletos de frutos, serve-se refrigerante. Enquanto o suco de limão contribui para a saúde e o bem estar (o “certo e o verdadeiro”, no caso), o refrigerante apenas rouba nutrientes, atrapalha a digestão e causa sérios danos à saúde. Por que se opta, então, pelo refrigerante? Por uma questão de praticidade? Ou comodismo? Por uma questão de “sabor”? Cultivar o “bom pensar”, ensinando e aprendendo a escolher o Bom é tecer vias terapêuticas rumo à saúde; isso implica em uma prática diária também quando se escolhe o que comer e beber fazendo uso da capacidade reflexiva sem ceder aos apelos puramente comerciais, permeados de pseudologias.

Fundamentando-se basicamente no pensamento de Smuts, mas, também, em Fritjof Capra, Weil²⁹³ argumenta em defesa do surgimento de um paradigma holístico, em que cada ser humano busca compreender e significar um sentido existencial assumindo posicionamentos com vistas ao cuidado. Argumenta que, para isso, importa combinar, de forma harmoniosa, os enfoques da *holologia* e da *holopraxis*: a primeira, integra estudo de textos tradicionais e pesquisas científicas, sendo o estudo teórico do antigo e do novo paradigma, suas consequências na vida humana estendendo-se à descrição da vivência holística que “permite preparar o intelecto para aceitar e mesmo cooperar para que a vivência holística emerja”; a segunda, “é conjunto de métodos que levam à vivência holística ou transpessoal”²⁹⁴. Conforme Brandão e Crema (1991), desde a Declaração de Veneza (e até mesmo antes!) há importantes contribuições sob o ponto de vista de um paradigma holístico que apresente confluências entre Ciência, Filosofia, Arte e Mística.

Sob esse aspecto, representantes de distintas áreas do conhecimento têm se esforçado em compartilhar anseios, ideais e práticas. Sob um ponto de vista de unidade na totalidade, abordar o cuidar como modo de ser – *ethos*(?!) – é perceber confluências entre ciência e arte, entre filosofia e mística; é considerar o cuidar como fenômeno humano que, vivenciado, experienciado, resulta em humanização. Considera-se que o cuidar como forma de conviver com vistas ao bem comum – à

²⁹³ WEIL, Pierre. O novo paradigma holístico. In: BRANDÃO, Dênis M. S.; CREMA, Roberto. **O Novo Paradigma Holístico**. São Paulo: Summus, 1991, p.14ss.

²⁹⁴ WEIL, 1991, p.35.

plenitude/dignidade de vida – é possível a partir do senso de unidade que se mostra como cuidado.

Trata-se, então, de uma questão hermenêutica: compreender o sentido de ser-humano e significar esse sentido compreendido como existência autêntica. Não é prescrição, nem mera orientação; é vivência, com-vivência! Cuidar implica em relacionar-se de forma terapêutica, tratar das feridas (fendas, lacunas), curar como resposta ao cuidado recebido e compreendido como sendo existencial – vital – ou a necessidades sentidas/percebidas para que haja possibilidade de vida plena. Importa dizer, ainda, que há uma estreita ligação entre espiritualidade e cura sob o senso de unidade na totalidade, o que também permite aproximações com o cuidar.

Nessa direção, sob as vistas da teosofia, Dora van Gelder Kunz²⁹⁵ afirma a cura como processo de auxílio na auto cura, sendo que o poder curativo é universal e “possui três características: ordem, totalidade e compaixão”. Em sua obra *Aspectos Espirituais das Artes de Curar* encontram-se compiladas significativas contribuições de diferentes autorias na temática ora em questão. Destaco as seguintes:

- Para Krieger, embora seja um mistério, a cura é processo que se “alinha a forças afirmativas da vida”²⁹⁶ e que conduz processos de integração que irmanam;
- Para Weber, cura é “um processo no qual uma pessoa se torna integrada, fisicamente, emocionalmente, mentalmente e, em níveis mais profundos, resultando, de forma ideal, numa integração com os subjacentes poderes interiores do Universo”²⁹⁷;
- Bernard e Barbara Siegel traçam relações que possibilitam aproximações com a perspectiva heideggeriana do ser-para-a-morte: apresentam elementos e práticas muito interessantes entre saúde, arte e cura citando, para fins de exemplo, a música que “cria um estado mental conducente à saúde, bem como uma maior conscientização da verdadeira natureza da cura e de nossa origem

²⁹⁵ KUNZ, Dora van Gelder. **Aspectos espirituais das artes de curar**. Brasília: Editora Teosófica, 1995. p. 294.

²⁹⁶ KRIEGER, Dolores. Prefácio *In: Aspectos espirituais das artes de curar*. Brasília: Editora Teosófica, 1995. p. 13.

²⁹⁷ WEBER, Renée. Estruturas e fundamentos filosóficos para a cura. *In: Aspectos espirituais das artes de curar*. Brasília: Editora Teosófica, 1995. p. 39.

comum, pois a música cria um ritmo curativo no interior do corpo, uma harmonia entre todas as partes”²⁹⁸;

- Para Hogben, “a cura pode ser definida como um milagroso desabrochar da consciência para alguém situar-se no mundo”. Ela é “a experiência do amor, do perdão e do trabalho do Espírito de Deus” sendo que “a cura que não desperta o indivíduo para a energia saudável do espírito de Deus é incompleta”²⁹⁹;
- Para Bendit, ela é “resultado de corrigir o que está errado em nossas relações”³⁰⁰ seja conosco mesmos, em nossa corporeidade e suas distintas dimensões, seja com outras pessoas: “trata-se de um processo de reorganização, de reintegração de coisas que se dividiram”³⁰¹.

Para a Naturopatia, há uma diferença entre combater a doença e promover a saúde. Enquanto se “gasta tempo” em “combates”, não se “investe tempo” em promoção. Cuidar, mediante a promoção custa caro? Pois o descuido custa mais, sem sombra de dúvida. Trata-se, então, também de uma questão de sustentabilidade! Além disso, para a Naturopatia, saúde e doença são processos coletivos, mas envolvem um posicionamento pessoal; também a cura, embora seja um processo comunitário, requer resposta pessoal. Conforme um princípio da homeopatia, não há doenças, apenas seres doentes. Ou seja, a doença não é uma entidade a ser banida, mas uma forma de ser que deve ser compreendida. Em outros termos, curar não é “remover ou extirpar” sintomas, mas compreendê-los: dessa forma, curar é uma tarefa hermenêutica e o/a terapeuta é, sempre, hermeneuta!

É por considerar que promover a saúde pelo cuidar é a melhor forma de prevenir a doença que, na Naturopatia, se defende que só há legítima e correta prevenção da doença a partir da promoção da saúde. Nesse processo, em que se aprende e se ensina a cuidar da vida, formulam-se novos conceitos, reveem-se

²⁹⁸ SIEGEL, Bernard; SIEGEL, Barbara. Aspectos espirituais das artes de curar. *In: Aspectos espirituais das artes de curar*. Brasília: Editora Teosófica, 1995. p. 62ss.

²⁹⁹ HOGBEN, George L. A conscientização espiritual como um processo de cura. *In: Aspectos espirituais das artes de curar*. Brasília: Editora Teosófica, 1995. p.100-104.

³⁰⁰ BENDIT, Laurence J. O Espírito na saúde e na doença. *In: Aspectos espirituais das artes de curar*. Brasília: Editora Teosófica, 1995. p.106.

³⁰¹ O que permite aproximações com o pensamento heideggeriano de que a arte de curar o ser humano pertence ao *dasein* (ver: HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Filosofia*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

outros tantos e relembram-se alguns; trata-se de uma busca por compreender e tecer saberes e conhecimentos em práticas capazes de promover a saúde dedicando-se a um estilo de vida com vistas ao Bom e ao Belo.

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pessoas, fazemos inúmeros planos para diversas atividades: quando iniciamos um projeto, buscamos informações, corremos atrás de conhecimento e parcerias tentando aprender não só o necessário, mas o mais possível para que nosso projeto decole. Não obstante, quando o assunto é o ser humano, em seu modo de ser-humano, parece haver uma negligência e, talvez, até mesmo, certa atitude em que “vai se levando como dá para ver como é que fica”. Todavia, viver autenticamente implica na arte de compreender o sentido da vida e escolher, transformando-o em sentido existencial na efetivação do Bom e do Belo. Tal tessitura, que implica em cuidar – em cura e em cuidado – é um processo que precisa ser vivenciado, mais precisamente, com-vivenciado.

Esse processo, de cuidar a fim de humanizar-se (tornar-se humano em seu jeito de ser e de fazer) e ajudar a humanizar, implica na compreensão de conceitos práticos e na escolha por cultivá-los, no dia a dia, como tessituras de cura. É por estar compromissada com o cuidar que tenho me sentido comprometida, também, com um jeito de ser em que o que importa é curar. E nisso vivo eu, não raro, certa confusão que se revela visceral: é como se fosse um dilema entre vergonha, medo e culpa, uma forma meio sem graça e que carrego como cicatriz, nos remendos de minha tessitura existencial, pois sim, certas tessituras compõem-se, também, de remenduras.

Assumir o cuidar de forma pessoal, no acompanhamento de meu esposo, que sofre de esquizofrenia, é tarefa que requer a mim um lastro de suporte somente possível porque há uma rede de pessoas amigas que se dispõem a conosco caminhar sem emitir julgamentos. Vezes há em que me espreita o medo; outras um sentimento de vergonha pelo que não consigo ou não posso fazer e, por vezes, um sentimento de culpa por não atender satisfatoriamente às minhas próprias necessidades e é bem complicado reconhecer, falar e escrever sobre isso sendo que aqui, no meu entender, também não cabem abordagens sobre essas questões.

Não basta, para fazer frente a esse desafio, contar com uma psicoterapeuta que me acompanha, psiquiatra e psicóloga que acompanham meu esposo e o apoio familiar (que também conta com suporte psicoterápico). Vezes há em que sinto a carga de ser requerida nessa tarefa como se fosse algo que não mais conseguirei dar conta. Nessas horas, já houve momentos em que pensei em desistir, mas a convicção de que pessoas não são descartáveis e de que também pessoas em sofrimento mental têm algo a contribuir me faz persistir no cuidar. Sim, quero continuar a acreditar que cada ser humano guarda, em si, o potencial de poder servir à humanidade com algum dom a nele ser descoberto e cultivado.

É especialmente nas horas de maior aflição, diante de um surto psicótico, por exemplo, que a rede de pessoas amigas que me ampara é abrigo e direção. Poder contar com uma rede de profissionais é importante, mas o apoio encontrado em grupos comunitários dos quais participamos em nosso entorno é o lastro que serve de suporte para seguir. É especialmente *junto-a* e *com* elas que experiencio o cuidar como tessitura de cura em mim e entre nós. Não obstante, nem sempre esta rede está acessível e então é preciso buscar ancoragem em si, no lastro de memórias de cura que jazem como que encobertas por uma névoa densa de medos e incompreensões. Nessas horas, tenho recorrido, sistematicamente, como se fosse um roteiro a seguir, a diferentes melodias que entoo em silêncio, em sussurros ou de forma audível, ao som do violão ou da flauta: essa prática me socorre a fim de não cair em desespero e prosseguir, mesmo em meio a tempestades, um passo antes de outro, um dia de cada vez.

Tenho experienciado que, ao me dispor a cuidar, a cura opera em e a partir de mim como cuidado, mas também eu preciso de cura e de cuidado pelo cuidar de outras pessoas que junto a mim são. E, nesses processos, se falo de cuidado e de cura é preciso compreender o que significa cuidar; por isso rebusco conceitos, revisito práticas para fundamentar minha reflexão na interface saúde/formação humana, sob o viés da espiritualidade que requer tessituras de cura, vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós.

Não só no doutorado reflito sobre o cuidar. Também nas comunidades luteranas, em que desenvolvo meu trabalho e a partir de onde essa reflexão se dá, temos falado de cuidado e de saúde sob o viés da espiritualidade: a palavra ganhou

contornos e dimensões cada vez mais presentes em diferentes realidades a partir da pandemia. Nesse contexto, quando se pensa em saúde, as dimensões emocional e espiritual têm se evidenciado em nós como confluência e a pergunta pela espiritualidade tem adentrado os lares em que convivemos, as casas em que habitamos. Não se trata somente de simbologias e ritos que remetem a práticas ancestrais no cultivo de diferentes tradições religiosas; trata-se da (re)descoberta da espiritualidade em um contexto de profundos questionamentos, surgidos de forma especial em épocas e decretos de isolamento.

Falar em pastorais do cuidar e em comunidades terapêuticas é buscar não perder de vista que o cuidar clama por nós no contexto em que estamos: não há fronteiras que o delimitam; não há margens em que não possa se dar. Sempre que o ser humano estiver em pauta, em seu jeito de ser-humano, o cuidar se faz requerer! Não há como eximir-se de responder, sob-risco de desumanização! Não há meio-termo: cuidar é operar a cura em nós e entre nós. Cuidar implica em tessituras de cura, as vias terapêuticas em que a humanidade é cultivada em nós e a unidade da vida é cultivada entre nós.

6 CONCLUSÃO

O problema de pesquisa aqui apresentado foi: “Como a compreensão de um conceito prático, vital, transversal e axiológico (o Cuidar) em suas interfaces, se relaciona com o ser humano (no desenvolvimento do seu modo de ser-humano) em tessituras de cura?” A temática “Cuidar: conceito estruturante em tessituras de cura?” foi posta em forma de pergunta para destacar o imperativo de compreender o significado de um conceito a fim de afirmá-lo como estruturante em tessituras cujo alvo seja o ser humano em seu modo de ser-humano.

Três perguntas centrais direcionaram esta reflexão: 1) O que significa cuidar? 2) É possível um modo de ser e de conviver humano sem práticas que se fundamentam no cuidar? e 3) Que contribuições o conceito cuidar traz para a efetivação de tais práticas? De forma sistematizada busquei investigar como a compreensão de um conceito prático, vital, transversal e axiológico – Cuidar – em suas interfaces, se relaciona, na formação humana, em tessituras de cura e, para isso, propus pesquisar o conceito Cuidar bibliograficamente; analisar como o conceito cuidar se relaciona, na formação humana, em tessituras de cura; compreender repercussões do cuidar em tessituras de práticas terapêuticas/cuidadoras/curadoras a fim de (re)afirmar a cura como processo terapêutico no desenvolvimento da humanidade no ser humano.

Sob abordagem hermenêutica, apresentei a temática distribuída em quatro capítulos: no primeiro - Entre a ética e o cuidado: caminhos para uma hermenêutica do cuidar? – apresentei o contexto no qual me situo e de onde parti; no segundo – Entre o Cuidar e o Cuidado: tessituras de um modo humano de ser? – apresentei o conceito cura, a partir do pensamento de Heidegger, apresentado em *Ser e Tempo*, traçando relações com a formação humana; no terceiro - O ser humano como *Homo curans* - aprofundei relações do pensamento de Heidegger com o *dasein*, a cura e o cuidar e, ao final – Alinhavos em busca de Pastorais do cuidar: relações possíveis na interface saúde/espiritualidade – busquei vislumbrar vias de tessituras de cura na forma de Pastorais do Cuidar sob a perspectiva da Graça de Deus.

Três hipóteses guiaram minha reflexão: 1) O processo de desenvolvimento do ser humano em seu modo de ser-humano se dá como formação humana (*Bildung*) e requer relações terapêuticas (em que se aprenda e se ensine a cuidar)

que configuram tessituras de cura; 2) A humanização, como tessitura de relações de cura, precisa de pessoas que vivenciam esse cuidar da maneira mais radical possível, no cotidiano da vida, a partir de postura dialógica e cuidadora, empenhada na formação da pessoa como ser humano: ser de cura, ser de cuidado e 3) A fim de aprender e ensinar um modo de ser que seja cuidador, requerem-se processos de formação desenvolvidos em práticas terapêuticas que se fundamentam em princípios axiológicos, a partir dos quais seja possível aprender e ensinar um modo cuidador de ser e de fazer pela compreensão de um sentido existencial.

Propondo-me a refletir dialogicamente sobre sentidos do Cuidar com vistas à unidade da vida, considere que reflexões e práticas terapêuticas precisam estar fundamentadas em princípios de cura e de cuidado, imbricadas como compreensão e significação no mundo da vida a partir de diálogos e compreensões. Também justifiquei a relação desta reflexão com a formação humana sob a consideração de que o reconhecimento de princípios, a partir dos quais se tecem vias terapêuticas, possibilita conviver de forma harmoniosa sob o viés do cuidar e que, pela formação humana, pode-se aprender e ensinar um modo de ser cuidador: ser-humano.

Sob as vistas de que, na formação humana, as práticas precisam estar fundamentadas em princípios de cuidado, apresentei o sentido do cuidar a partir do termo *Sorge*, apresentado pelo teólogo e filósofo Martin Heidegger (1889-1976) em *Ser e Tempo* (1927). Para Heidegger, o humano se dá – é – somente pelo cuidar: num exercício de liberdade, o ser humano responde a um chamado ontológico: “Torna-te o que és! (humano!)” e faz uma escolha: assume a responsabilidade de *poder-ser* e responde cuidando. Essa resposta, autêntico exercício de liberdade, configura a decisão do ser humano *desde* o seu fundamento e *para* seu fundamento: ocorre, pelo cuidar, como cura, como cuidado.

Fundamento é o que serve de base na tessitura de vias existenciais. Quando falo em ser humano, em cura e em cuidado, é preciso considerar que o que subjaz como fundamento, nestes conceitos, é uma forma de ser que, sendo, possibilita ao ser humano ser-humano. Ou seja, é pelo cuidar que se tecem vias de cuidado e de cura; é sobre o cuidar e a partir do cuidar que o ser humano se torna humano e, em decorrência, ajuda a humanizar. O cuidar é, então, o eixo que permite a condução de processos terapêuticos rumo à humanização. O valor/sentido de cuidar reside,

portanto, em que o ser humano possa ser-humano: esta é sua identidade e, também, o seu diferencial.

Não há como falar em identidade e diferencial sem que a partir de fundamentos. Se toda e qualquer tentativa de extinção da diferença pode ser chamada de fundamentalismo e se toda e qualquer tentativa de extinção da identidade pode ser chamada de relativismo, é imperativo considerar que, em termos de humanidade, é preciso, justamente, poder afirmar um fundamento que permite à diferença seu pertencimento à unidade. A base de qualquer fundamentalismo - e, diga-se de passagem, também de todo e qualquer relativismo - é o ser humano destituído de seu senso de unidade, de sua humanidade, de seu sentimento de pertencimento a uma base comum (fundamento!) que o identifica e, simultaneamente, diferencia. Por isso, a pergunta sobre a compreensão de sentidos merece esforços sempre renovados toda a vez que nos tornamos vítima de pensamentos fracionários (que dissociam, fragmentam e reduzem) e de práticas que recortam e excluem.

Dasein é o termo escolhido por Heidegger a fim de caracterizar o modo de ser de um ente que, sendo, questiona o seu ser e sobre ele reflete, na busca pela compreensão do sentido de ser a partir de seu próprio ser. Perguntar é a característica de quem enceta a via do autoconhecimento como processo de cura e de cuidado e responde na forma de cuidar. O processo de formação e transformação do ser humano e de seu mundo dá-se pela necessidade, pela vontade, pela ação criativa, pelo ser-humano cuidador. *Da-sein* é ser-no-mundo e implica em ser presença, estar-aí ou ser-aí em constante relação como *ser-em*, *ser-com* e *ser-para* pelo cuidar. *Dasein* não é **da-sein**, mas **da-sein!**

O cuidado é experienciado pelo cuidar: sempre que houver posicionamentos e práticas contra toda e qualquer forma de discriminação, exclusão ou opressão (em que o ser humano for ferido em sua plenitude/dignidade), o cuidar se fará, por outras vias, sentir; sempre que o ser humano for auxiliado a posicionar-se e afirmar-se em dignidade, em seu *poder-ser*, o cuidar estará presente. Nesse sentido, os conceitos aqui abordados confluem no ser humano em seu modo de ser-humano. Falar de cuidado requer a compreensão do cuidar como fator de cura no ser humano. Minha provocação foi, pois, olhar as origens do cuidar e tecer relações possíveis.

Nesta reflexão, falei de cuidar, de cura e de cuidado como uma questão hermenêutica, buscando destacar que o processo de compreensão está na base de todo e qualquer processo de formação e de conhecimento. É preciso compreender para aprender e ensinar a cuidar: conforme vimos, para Heidegger a compreensão do ser-para-a-morte é cura. Por ela promove-se a unidade da vida em tessituras de cura. Para Heidegger, cura é a compreensão de ser-para-a-morte; cura é a aceitação da finitude. O que origina essa compreensão? Como ela pode ocorrer, afinal? E ao que conduz esse processo?

Ser-para-a-morte! – Essa compreensão implica em direção: viver sob a consciência do limite, da finitude, da incompletude, da lacunaridade; amar, ainda que sem garantias de reciprocidade e/ou complementaridade; partilhar presença, gentileza, respeito, empatia, solidariedade... Assim, essa compreensão – ser-para-a-morte – conduz o ser humano a estabelecer relações e tecer vínculos de cura e de cuidado. Cabe ressaltar, mais uma vez, a cura como processo de uma vida toda; é o “enquanto viver” apresentado na Fábula da Cura. É processo hermenêutico, pois implica a compreensão de sentido existencial. A compreensão é o entrelaçamento da experiência com a teoria: não é só saber (técnica), mas ser (em coerência entre teoria e prática, arte), exercício da liberdade, resposta humana, de cura e de cuidado - é cuidar! Compreender é o processo em que se tecem relações que possibilitam múltiplas vias para poder-ser.

Para Heidegger, cura é a compreensão do ser-para-a-morte. A partir daí há posicionamentos contra tudo o que não promove a vida e o ser humano em sua dignidade. Cura não é, portanto, algo pontual ou obra de uma só pessoa. É sempre processo, resultado “no leito do rio”: para tecer vias terapêuticas, construir pontes e caminhos, é preciso mover-se no leito do rio, é preciso ousadia para fazer da margem um lugar. É à margem que vivem pessoas marginalizadas e que, não raro, são aterrorizadas: pessoas aterradas, soterradas, desterradas, as que, sem “chão” vivem estranhadas até mesmo de si. Assim, cura não é a simples remoção de um sintoma, mas sua compreensão para transmutação, transformação ou superação.

Talvez seja necessário reconhecer a cura e o cuidado como que situados não somente, mas também além das fronteiras da teologia e da filosofia e, perscrutando a alma humana, vislumbra-la como umbral, como “porta de passagem” que permite acesso a uma dimensão não totalmente

descritiva/explicativa/interpretativa. Há certo mistério envolvendo o cuidar: o que é cura para mim pode não o ser para você. Tentar definir a cura pode, também, já ser um processo de fragmentação e não de conciliação e unidade. Mesmo assim, é preciso não temer o risco de tentar, sem pretensões a certezas e verdades absolutas. E essa tarefa, hermenêutica, inesgotável em si, seja, talvez, já o bastante “por ora”.

A humanização, processo evolutivo que vai do “Conhece-te a ti mesmo” ao “Torna-te o que és”, é pessoal e comunitário e simultaneamente perpassado, de forma permanente, pelo cuidar; caso contrário, não se poderá falar em desenvolvimento humano. No entanto, embora seja processo comunitário, é sempre pessoal a resposta ao imperativo do cuidar para humanizar: cada pessoa responde por si, essa tarefa não pode ser delegada!

A fim de alcançar a meta da humanização no desenvolvimento do ser humano, com vistas ao Bom e ao Belo, as práticas precisam ser terapêuticas, isto é, precisam estar fundamentadas no cuidar: tessituras de cura são terapêuticas no sentido de conduzir o ser humano em seu modo de ser-humano. Eu acredito no ideal, na força e no poder da formação humana; é por isso que sou professora: professo a fé num saber e num fazer que dignifique a vida e o com-viver e auxilia o ser humano em seu modo de ser-humano a fim de escolher o Bom e fazer o Belo (as formas de aprender e ensinar a conduzir a vida em vias de Harmonia). Ou seja: tessituras de cura são vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós.

Dessa forma, a cura não pode ser reduzida a uma técnica, nem mesmo a objeto da medicina ou qualquer outra área do conhecimento; ela é, sobretudo, resposta na formação humana: é processo terapêutico! Aquilo que é experienciado como cuidado é o que cura: tudo o que é sentido terapeuticamente é cura e, assim, ao convivenciarmos o cuidado, é que podemos aprender e ensinar a cuidar e, conjuntamente, promovermos a cura em e entre nós. A demanda da Cura/do Cuidado é auxiliar no despertar do que está sendo experienciado como patológico e que necessita de cura. Dito de outra forma, é auxiliar terapeuticamente no processo de cura pelo desvelamento de forças vitais pelas quais é possível cuidar: é processo de autoconhecimento, de reconhecimento e de conhecimento.

A cura como autoconhecimento é processo em que ocorre um despertar que é, simultaneamente, pessoal e comunitário. Dá-se como desvelamento do eu-tu-nós na descoberta de que não é preciso brilhar sempre, mas luzir é nossa missão e isso implica em abraçar nossa própria “sombra” (lacunaridades) lançando luz sobre a escuridão: tornarmo-nos “a clareira do ser”. A cura como reconhecimento é o despertar de que ao ser já sempre sou somente *com o/a outro/a* que comigo é, a alteridade é parte, portanto, do meu próprio ser-no-mundo. Cuidar é, assim, todo e qualquer empenho para que a unidade da vida, tantas vezes esquecida, seja promovida e isso de tal forma que reduções e fragmentações não são passíveis de admissões. CUIDAR é auxiliar a promover um modo de ser para que a existência seja vivida de forma autêntica a partir de processos de formação (*Bildung*) da humanidade no ser humano.

Ser humano é ficar, permanecer aos cuidados de Cura “enquanto viver” - é processo de uma vida toda que inclui, inclusive, o morrer. O antes (de onde viemos?) e o depois (para onde vamos?) não é o mais importante; então, por que preocupar-se com isso e perder de vista o processo de viver sob os auspícios da cura? Para que o cuidar se efetive como cura na vida de uma pessoa, é preciso que ela se posicione de forma favorável ao cuidar e se assuma como cuidadora, num esforço sempre renovado e constante “enquanto viver”. Não há meio-termo: é preciso aprender e ensinar a escolher o Bom e fazer o Belo!

No mundo da vida, para que a cura seja experienciada, não há como o ser humano eximir-se de uma resposta ao apelo de seu ser em *poder-ser*, o que significa, em outros termos, ser-humano = cuidar! Não se trata de qualquer resposta; a resposta precisa ser pessoal e fundamental: atendendo a um chamado ontológico do ser para poder-ser: a condução da existência de forma autêntica se dá escolhendo o Bem e fazendo o Belo, assumindo-se guardião e guardiã do *homo curans*³⁰².

³⁰² Cabe, aqui, a pergunta: “E aquelas pessoas que não podem, não conseguem ou mesmo não querem cuidar?” Como responder a ela? Certamente não há como negar que, diante desta pergunta, eu, pessoalmente capitulo, sem resposta ou, ao menos, sem uma resposta exata. Até consigo compreender quem não consegue ou não pode cuidar, dada a sua condição, mas existem pessoas que não querem, efetivamente, cuidar. No tocante ao não conseguir ou não poder cuidar, evoco, a partir de minha prática, o exemplo de pessoas com deficiência, de pessoas idosas ou inválidas (presas a uma condição de sobrevivência em que dependem de uma máquina e cuidados especializados, por exemplo), de pessoas que optam por delegar o cuidado de algum familiar por sentirem-se inaptas ou, ainda, de crianças. Mas quando a opção de alguém é operar a maldade,

A cura é o processo que nos leva a responder a partir da compreensão do sentido de ser e transcorre pelo cuidar. Só o cuidar humaniza e capacita o ser humano a escolher o Bom e fazer o Belo de forma que a vida se articule em vias de harmonia. Mas que significa, nesse processo, o Bom e o Belo senão aprender e ensinar a conduzir a existência de forma cuidadora? E que significa isso a não ser colocar sinais de Graça onde o descuido opera a desgraça rompendo as barreiras do humano querendo desumaniza-lo?

Não se trata de simplesmente seguir um método ou então aplicar uma técnica, como se fosse um manual de sobrevivência, mas (com)vivenciar um processo de forma a significar sentidos existenciais. A técnica pode até mesmo bestializar (sim, a agressividade pode violentar!), mas o cuidar resulta, sempre, em humanização, pois é a face humana do sagrado ou a face sagrada do humano, na verdade tanto faz... Pela técnica pode-se analisar e explicar, mas, talvez, isso não baste para compreender muito do que se refere ao ser humano e sua humanidade.

Certo é: o processo de compreensão pode requerer técnica, mas exige, também, sensibilidade. A (in)compreensão, pela técnica, pode ser exemplificada pelo corretor quando, ao nos comunicarmos com alguém pelo whatsapp, por exemplo: digitamos uma palavra e o “corretor”, que a “interpreta”, propõe opções. As opções apresentadas resultam da tecnologia, mas a opção eleita requer escolha da pessoa que está escrevendo o texto e do que ela quer comunicar. Ou seja, a arte da compreensão é habilidade humana e requer empenhos hermenêuticos.

Talvez se possa afirmar, com relativa segurança, que a cura e o cuidado seguem menos prescrições (ditas científicas e morais) e mais vias alternativas. Isso

ao invés de optar pelo Bom e pelo Belo? Apesar de, sempre de novo, apostar no cuidar como a possibilidade de operar a transformação de pessoas no sentido de uma conversão, vejo que, por vezes, a maldade opera a desgraça de forma intensa e recorrente. Diante disso, o que me resta, em minha finitude, é dizer que há momentos e eventos em que tudo o que podemos fazer é colocarmo-nos sob a Graça de Deus na firme confiança de que, apesar de não ter todas as respostas, de não poder fazer muito, essa Graça é suficiente para encarar o desafio e seguir a cuidar apostando no potencial de que em cada ser humano há o gérmen da humanidade à espera de cultivo para o despertar de ser-humano. Nesse sentido, se olharmos atentamente a nossa volta, veremos que há pessoas que, em seu modo de com-viver, acabam optando por um cuidar/amor sacrificial. Quantas mães abdicam de sua “vida própria” em prol de um filho deficiente? Quantos filhos abdicam de uma carreira profissional para cuidar de seu pai ou sua mãe? Apesar de inúmeras manifestações do feio, sinais de morte e violência, a vida também nos mostra exemplos de pessoas que, diante da dureza e da crueza do feio, do mal e da maldade, transcendem a própria humanidade revelando o sagrado sentido de uma existência fundamentada no amor e no cuidado.

não significa simplesmente abolir prescrições e orientações (e cair num relativismo ou mesmo num niilismo³⁰³), mas, também, reconhecer rotas alternativas ou, na sua ausência, ousar criá-las. Não é uma questão exclusiva, mas inclusiva, pois, afinal, trata-se de uma questão hermenêutica.

O cuidar é aquela dimensão em que Saúde e Educação confluem, sob a percepção de que, de uma ou de outra forma, somos sempre conjuntamente - somos de forma conjunta: não há dentro e fora, nós e outros/as, imanente e transcendente quando se compreende a vida de forma holística: tudo está, de algum modo relacionado. É por isso que termos como cuidar, cuidado, espiritualidade e comunidade terapêutica precisam ser compreendidos como uma forma de ser, um *modus vivendi* em que a unidade da vida se faz em tessituras de cura, vias terapêuticas em que se aprende e ensina a curar pelo cuidar.

Não me parece ser possível cuidar, no sentido autêntico do termo, sem que a partir da compreensão deste sentido existencial: ser vivente é ser pertencente à unidade da vida. Sim, quando isso é negado, na forma de opressão e exclusão, a sacralidade da vida é violada sob os auspícios do descuido. A força que move à integração e que conduz à unidade requer, pois, empenho por compreensão: ser comum-unidade passa pelo senso de pertencimento e pela possibilidade de participação pelo cuidar; justamente por isso requer-se tessituras de cura em comunidades terapêuticas.

Na busca pela compreensão do conceito cura, remontei-me à Fábula da Cura, utilizada por Heidegger, resgatada do poema de Johann Gottfried Herder. Nela encontrei algumas características basilares na compreensão do termo *CURA* e sua relação com o ser humano: Liberdade, Reflexão, Contextualidade, Intencionalidade, Criteriosidade, Relacionalidade, Dialogicidade, Responsabilidade, Criatividade e Prática sendo que as relações encontram-se explicitadas sob o item 4.3.3. Como já dito anteriormente, a fábula representa um lastro para interpretações e compreensões que brotam de minha prática e a ela quer volver. Esta reflexão não é teórica, mas gestada no dia a dia de quem se ocupa, como mulher, de saberes e de

³⁰³ Talvez deva, ainda, dizer, nesse sentido, que, pelo relativismo incentiva-se o niilismo e este, por sua vez, pode provocar a falta de sentido existencial que origina o isolamento, o sectarismo, a falta de respeito, a desvalorização da vida e a desumanização. É em comunhão que nos descobrimos humanos, capazes de compreender o sentido existencial de ser-humano bem como o desenvolvimento de sentidos existenciários.

fazerem com que procuro cuidar em tessituras de cura, vias terapêuticas pelas quais é possível aprender e ensinar um modo de ser em que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade da vida seja cultivada entre nós.

No contexto em que essa reflexão e escrita se dão, no que tange à saúde, as dimensões emocional e espiritual têm se evidenciado em nós como confluência e a pergunta pela espiritualidade tem sido repetida sob distintas compreensões de forma intensa desde a pandemia. De forma sutil, mas contundente, também temos nos sentido desafiados e desafiadas a responder lançando vistas ao que nos identifica como seres humanos e ao que nos marca como sendo um legado luterano na tradição cristã. Também na área da Alfabetização Musical e na Naturopatia a saúde emocional se evidencia como frágil e carente de cuidados. É, pois, nesse contexto que a pergunta por cuidar assume contornos em que se relacionam aspectos psicológicos e teológicos como existenciais e no qual a dimensão da espiritualidade se evidencia quando o assunto é saúde e ser humano.

No transcorrer dessa escrita, procurei ilustrar os conceitos apresentados a partir de vivências práticas do meu cotidiano nas áreas da Naturopatia e da Alfabetização Musical, pois esta reflexão e escrita não ocorreram numa biblioteca, mas pautadas nos relacionamentos do dia-a-dia em que o meu ser foi requerido de forma pessoal e profissional. Nela busquei retratar, de forma especial, o contexto de pandemia desencadeado pelo Covid 19 bem como a realidade paradoxal de pessoas em sofrimento mental e seus familiares. O alvo foi propor um desafio a que as necessidades sentidas neste contexto servissem de impulso rumo a tessituras de cura que podem se configurar como pastorais do cuidar em comunidades terapêuticas.

Na busca por compreender e traçar relações entre saúde e espiritualidade, aproximei o pensamento de Heidegger com o de Ellens, sob as vias da Graça de Deus como fator de cura e de cuidado. Tessituras de cura, sob o viés da Graça de Deus requerem partilha, celebração da esperança e da confiança entre nós. Ou seja, em meio a muitos sistemas e descaminhos que excluem, oprimem e marginalizam, a experiência da graça permite que a desgraça seja transmutada e transformada em vias de respeito, perdão, aceitação, integração e comunhão. Isso pode ocorrer sob diferentes signos, como pastorais do cuidar e capelarias, por exemplo, em que se aprende e ensina um jeito de ser e de com-viver que seja cuidador, um jeito pelo

qual aprendemos e ensinamos a cuidar escolhendo o Bom e fazendo o Belo entre nós.

Compreender que a *Graça de Deus* é elemento curador é, também, constatar que o desafio que nos é colocado, a partir do cuidar, é sermos comunidades terapêuticas no que nos é dado a fazer no dia-a-dia. E isso de tal forma que possamos aprender e ensinar a cuidar a fim de nos curarmos das formas equivocadas de pensar e de sentir que carregamos como dores e doença. Falar em pastorais do cuidar é abordar a comunidade terapêutica: implica compreender que o conceito de unidade comum se funda na compreensão de *poder-ser* uns com os outros e outras e não o contrário. Experimentar o elemento da Graça como fator de cura pode, dessa forma, ser o laço possibilitador de alinhavos, tessituras de cuidado e de cura entre nós nas comunidades de que somos parte tornando-as terapêuticas.

Assim, sob o viés da Graça permito não só a eu ser humana, mas aceito, também na outra pessoa a sua humanidade, com as lacunaridades e potencialidades que em nós estão a fim de nos tornarmos, de forma conjunta, seres que, ao cuidar, (se) curam e ajudam a curar: *homo curans*. Falar em pastorais do cuidar e em comunidades terapêuticas requer o reconhecimento de que há um duplo movimento presente no cuidar: 1) o reconhecimento da própria lacunaridade e a potencialidade da outra pessoa para que cada pessoa se deixe complementar nas próprias necessidades e 2) a aceitação da lacunaridade da outra pessoa sem juízos, na disposição de complementá-la, se necessário e se permitido, a partir das minhas potencialidades. Nesse sentido, ser terapêutico – ser cura – é posicionar-se de tal forma que não só eu, mas, também a outra pessoa consiga vislumbrar caminhos para se curar. Quando, apesar das dores, das feridas e cicatrizes a opção é escolher o Bom e fazer o Belo, o cuidar operou como cura.

Repito novamente: eu acredito que vale à pena cuidar a partir do reconhecimento de que a espiritualidade é a dimensão humana que nos permite acesso à aceitação do mistério e do Sagrado entre nós como via de cuidado e de cura. A tradição na qual eu me insiro, a memória que eu evoco, a história que eu escrevo como tessitura de cura em minha prática pessoal e profissional tem a marca da Graça de Deus como sinal de Esperança. Acredito, ainda, que se cada um e cada uma de nós nos dispormos a servir com seus dons, na arte de aprender e ensinar a cuidar a cada dia, nas pequenas coisas que nos chegam às mãos, dando

o seu melhor na sua condição, sem se eximir de responder, podemos fazer das margens, bons lugares para morar.

Então podemos experienciar que vale à pena viver e cuidar a fim de (se) curar e que a vida é cheia de Graça quando se põe em evidência o Bom e o Belo. O Bom e o Belo não são teoria: são eles que aparecem sempre que o descuido opera a desgraça. São eles que nos animam a persistir em Esperança e não sucumbir ante discursos de ódio e violência. É quando escolhemos o Bom e fazemos o Belo que fazemos das nossas comunidades, comunidades terapêuticas e das nossas práticas, pastorais do cuidar sob a Graça de Deus.

Nas vias de cuidado, tecidas em comunidades terapêuticas, o cuidar não é mero ato, não é somente rito ou ritual, mas cura. A pergunta “O que nos une? O que nos faz congregar?” exige resposta pessoal, vencendo barreiras de isolamento e desenvolvendo o exercício da escuta e do falar, do respeito, da acolhida e do perdão que, no seio da comunidade terapêutica, promove tessituras de cura, elo entre o sagrado e o humano. Sob essa concepção, a comunidade terapêutica é, portanto, tempo e espaço em que (d)eficiências afloram a fim de possibilitar o cuidar. Dessa forma, torna-se possível promover, em mim, no outro e na outra, a cura pelo cuidar.

Já em vias conclusivas, na escrita desta reflexão, fui apresentada ao pensamento de Henri J M Nouwen, teólogo e psicólogo, que atuou no cuidado junto a pessoas em sofrimento mental. Não ousa nada mais que referenciar esse encontro que me foi profundamente impactante, de forma pessoal, e acrescento que meu desafio, para o adiante, é ocupar-me de suas leituras e compreensões. De imediato, quero apenas referir uma pequena obra sua, *Uma espiritualidade do viver*, em que, de forma objetiva, aborda-se a questão da espiritualidade sob alguns aspectos e onde encontrei uma resposta que me inquietava em minhas reflexões sobre o ser comunidade.

Sempre de novo, ao pensar em comunidades terapêuticas e pastorais do cuidar, esbarrava na pergunta: Onde, afinal, se localiza a comunidade ideal, aquela na qual o cuidar opera como cura? Onde encontrá-la, afinal? Nouwen me trouxe a resposta como se fosse “a cereja do bolo” ao dizer: “a comunidade não é uma organização; ela é um modo de vida. Reunimos ao nosso redor pessoas com quem

desejamos proclamar a verdade de que somos filhos e filhas amados de Deus”³⁰⁴. Ou seja, comunidade é refúgio, “espaço” para vivenciar acolhida e aceitação em qualquer tempo e lugar. Esse aspecto, destacado pelo autor como Graça, é que nos auxilia a vivermos colocando sinais do amor de Deus entre nós na vivência do perdão, na celebração da Esperança, no desenvolvimento da liderança.

Nouwen apresenta, ainda, o ministério da cura expresso como gratidão (“viver a vida como um dom a ser recebido em atitude de agradecimento”) e compaixão (“sofrer com, viver em companhia daqueles que sofrem”)³⁰⁵. Creio que importantes contribuições possam advir de sua prática e testemunho, quando se almeja vivenciar o cuidar em comunidades terapêuticas sob a compreensão de que “comunidade é um modo de ser”: nela as deficiências afloram, mas não impedem o cuidar. Dito isso, quero dizer, ainda, que ousar falar em pastorais do cuidar entre nós remete a 3 áreas distintas pelas quais se poderia advir possibilidades: a Diaconia, a Arteterapia e a Naturopatia:

a) Pela diaconia, a vivência do amor se presentifica no dar de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede; proclamar libertação aos cativos; visitar órfãos e viúvas; tratar e curar enfermos e ensinar a fazer discípulos/aprendentes de um modo de ser que contemple a vida em sua plenitude pelo cuidar. Nisso, a tarefa do cuidador/da cuidadora é sempre terapêutica: promover a cura tecendo encontros em que seja possível com-vivenciar e cultivar relações promovendo a acolhida, o respeito, a compreensão de sentidos existenciais. Há exemplos de/para ações diaconais em nossa IECLB: grupos de visitação a pessoas enlutadas/adoecidas e grupos de apoio a pessoas em vulnerabilidade social ou em sofrimento. Não obstante, há uma área que, em nossa região, me parece ser também um desafio: há várias universidades em nossa região, mas em nenhuma delas há um serviço de capelania em que se atue de forma a promover, entre estudantes, um espaço de acolhida e de abrigo especialmente diante de momentos de crises existenciais. Acaso isso não constitui um desafio missionário? Não falo, nesse sentido, de um espaço denominacional, mas, sim, de um espaço em que a espiritualidade possa encontrar guarida e onde acadêmicos/as possam encontrar suporte e amparo, em

³⁰⁴ NOUWEN, Henri J M. **Uma espiritualidade do viver**. São Paulo: Editora Vida, 2018. p. 40.

³⁰⁵ NOUWEN, 2018, p. 54 e 58.

caso de necessidade afinal, também a academia é feita de pessoas que experienciam angústias existenciais;

b) Pela arteterapia, partindo da consideração de que a arte congrega e une, possibilita-se a tessitura de uma unidade comum. Arte é a resposta terapêutica que damos, como seres humanos, para aquilo que não pode e que não deve ser esquecido entre nós. É a forma como aprendemos e ensinamos a cuidar e, cuidando, nos curamos, harmonizando cores, tons, sons, sabores e saberes em tessituras de cura. As experiências citadas no item 5.3.2 me fazem pensar que o canto comunitário talvez possa ser fortalecido como terapia - “cantoterapia” - oportunidade de promover catarses e elaborações como tessituras de cura e de cuidado. Sob essa compreensão, poder-se-ia caminhar rumo a equipes liturgia, equipes de visitas cantadas e grupos de convivência em que a arte seja cultivada como motivo para compartilhamentos e tessituras de cura (música e teatro com crianças e adolescentes, trabalhos manuais com pessoas de diferentes faixas etárias são exemplos que me permito sugerir) e

c) Pela Naturopatia o cuidar da saúde se dá de modo a contemplar o ser humano em sua unidade corpo, alma e espírito. Nessa área permito-me falar a partir daquilo que experiencio como cura e como cuidado nos atendimentos clínicos por mim dispensados. O diferencial da Naturopatia e que faz as pessoas procurarem naturoterapeutas reside na abordagem holística, na forma de acolhimento e no encaminhamento terapêutico, sob as vistas da pessoa como unidade e da complementaridade das terapias. Há diferentes experiências passíveis de serem tomadas como exemplo em nossas comunidades religiosas, mas o desafio me parece ser fortalecê-las e ampliá-las incluindo, até mesmo, grupos de autoajuda entre pares e diferentes abordagens naturolísticas. Nesse sentido, também há vias que poderiam servir como rumo a se seguir: grupos de cultivo de hortas medicinais, pastorais em que se acessem os recursos naturolísticos na forma de atendimento e serviços prestados citando-se, por exemplo, práticas de meditação, de toque e imposição de mãos, acompanhamentos psicoespirituais...

Nos exemplos acima colocados, fica o desafio de que os templos sejam espaços não só de culto nos domingos, mas, também, espaços de convivência e celebração da esperança como possibilidade de cura e de cuidado durante os dias

da semana. Dessa forma, os templos se tornariam locais de referência para tessituras de cura não somente nas celebrações de cultos e místicas.

Por fim, quero dizer, ainda, que esta reflexão e escrita evidenciaram uma forma bem característica de apresentação temática: ela se deu em forma de narrativa. Uma narrativa é sempre o relato narrado de algo já acontecido, seja consigo ou com outra pessoa e, como se refere sempre a algo já ocorrido é, também, uma forma de elaboração sobre o passado. Arrisco-me a dizer que o que nos leva à narrativa, oral ou escrita, é uma tentativa hermenêutica, em que se busca a compreensão da realidade e sua re-significação.

A narrativa pode, também, ser uma tentativa de elevar o vivido a um estado de arte em que se busca obter um sentido na possibilidade de adicionar detalhes, imprimir sentimentos e, também e principalmente, os pontos de vista de quem faz a narrativa. Dessa forma, ela serve como apoio para a memória e consiste em uma prática de constituição e preservação de identidade e, simultaneamente, de afirmação de diferença. Igualmente, como o processo se dá através da reflexão acerca de acontecimentos que pertencem ao passado, ocorre, também, um entrelaçamento com o presente ou ainda com o futuro.

A narrativa é, ainda, possibilidade que concerne ao ser humano a possibilidade de *poder-ser*. De qual “poder-ser” estou a falar? Não se trata de exercer poder sobre outra pessoa ou grupo, objetivando-os e destituindo-lhes a própria possibilidade de poder-ser, algo muito comum em fundamentalismos. Muito pelo contrário: o “poder-ser” a que me refiro é o exercício da liberdade em si, o sagrado dever de poder escolher tornar-se humano, sentir-se parte e, participando, poder assumir-se em sua humanidade como resposta ao “torna-te o que és, a saber: humano!”

Escrever, na primeira pessoa e como autonarrativa é, também, espaço de encontro no reconhecimento de que, para narrar-me é preciso que também eu me liberte de amarras invisíveis da vergonha, do medo e da culpa que me foram (im)postas (ou que eu mesma, de alguma forma, aprendi a (me) impor!) desde tempos imemoriais e que, por vezes, solapam as memórias de Graça e de Harmonia impedindo o conviver e o convivenciar com base no cuidar.

Não obstante, a partir de um senso de pertencimento que oportuniza o autoconhecimento como reconhecimento do tecido (como chão, base, fundamento) em que e a partir de que também eu posso ser, dá-se a alforria da liberdade para promover tessituras de cura. Estas ocorrem a partir de processos de compreensão de sentido (sim, pois somente a compreensão do sentido leva a sua significação na existência) e de re-significações (sim, pois se não é possível alterar o passado, ao menos o é a possibilidade de ressignificação) em que o cuidar é experienciado como cura, como cuidado.

Assim como a narrativa em um diário pode ser encarada como um “passar a limpo” daquilo que foi vivido e experienciado, ousar escrever cientificamente usando-se a primeira pessoa e como autonarrativa consiste um esforço por pontuar a impossibilidade de permanecer-se impessoal em ditos e escritos, mesmo que acadêmicos. Cada escrita carrega a marca de quem a escreveu e deixa entrever, nas entrelinhas, uma espécie de salvação e lembrança de si: eis o diferencial de uma escrita autoral!

Nesse sentido, identidade é, também, afirmação da diferença. Implica em princípios identitários que remetem, de alguma forma, ao senso de comum –unidade na resposta à pergunta: quais são os princípios identitários que me fundam em meu ser-humano? Ou acaso poder-se-ia dar unidade e comum-unidade sem que com referência a uma identidade? Qual seria a identidade que o ser humano carrega como diferencial, como marca existencial, afinal, se não a cura pelo cuidar?

Ao longo desta escrita busquei responder a três perguntas centrais que me direcionaram nesta reflexão:

1) O que significa cuidar? A partir desta reflexão, a ela respondo, de forma resumida, dizendo que cuidar é princípio prático e axiológico que demanda compreensão de sentido existencial e tessitura de sentidos existenciários, que se dão como vias terapêuticas a fim de que o ser humano se descubra e se assuma como *homo curans*. É característica fundamental do ser humano em seu modo de ser-humano de forma a conduzir todo e qualquer empenho por tessituras de cura, as vias terapêuticas em que se cultiva a humanidade em nós e a unidade de vida entre nós.

2) É possível um modo de ser e de conviver humano sem práticas que se fundamentam no cuidar? A ela respondo que não, pois um modo de ser e conviver humano requer pessoas e práticas cuidadoras, fundamentadas no cuidar. O cuidar é o fundamento do ser humano a fim de que possa aprender e ensinar a ser-humano.

3) Que contribuições o conceito cuidar traz para a efetivação de tais práticas? A ela respondo, também de forma sucinta, da seguinte maneira: a compreensão de que cuidar é prática que se efetiva somente como resposta, a partir de um senso identitário e de pertencimento, conduz o ser humano, em seu modo de ser-humano, em vias terapêuticas que se configuram como tessituras de cura. Só o cuidar humaniza; somente pelo cuidar nos humanizamos e ajudamos a humanizar. Essa compreensão conduz ao cultivo do cuidar em diferentes vias terapêuticas a fim de que a humanidade seja cultivada em nós e a unidade de vida seja cultivada entre nós.

Ao finalizar esta escrita, cabe dizer, ainda, que as três hipóteses que guiaram minha reflexão se confirmam. Ou seja: 1) O processo de desenvolvimento do ser humano em seu modo de ser-humano se dá como formação humana (*Bildung*) e requer relações terapêuticas (em que se aprenda e se ensine a cuidar) que configuram tessituras de cura; 2) A humanização, como tessitura de relações de cura, precisa de pessoas que vivenciam esse cuidar da maneira mais radical possível, no cotidiano da vida, a partir de postura dialógica e cuidadora, empenhada na formação da pessoa como ser humano: ser de cura, ser de cuidado e 3) A fim de aprender e ensinar um modo de ser que seja cuidador, requerem-se processos de formação desenvolvidos em práticas terapêuticas que se fundamentam em princípios axiológicos, a partir dos quais seja possível aprender e ensinar um modo cuidador de ser e de fazer pela compreensão de um sentido existencial.

Assim, de forma bem objetiva, minha tese pode ser resumida nas seguintes palavras: Somente pelo cuidar o ser humano se humaniza sendo que, ao cuidar, nós nos curamos de formas equivocadas e distorcidas que carregamos como doença; por isso importa reconhecer-se como pessoa, o que é possível pelo cuidar. As vias pelas quais é possível promover a humanidade em nós e a unidade de vida entre nós é o “como a compreensão de um conceito prático, vital, transversal e axiológico – Cuidar – em suas interfaces, se relaciona, na formação humana, em tessituras de cura”.

Talvez vocês, ao chegarem aqui, digam: essa escrita é diferente! Sim, ela carrega um diferencial. Nesta escrita, optei por uma linguagem de cunho pessoal a partir da primeira pessoa, ou seja, de minha identidade como diferença, como mulher e como ser humano. Nela teço confluências das 1001 faces de uma mesma mulher que evidencia o “empoderamento” pelas vias do cuidar como tessitura de cura (e não apenas como mais uma teoria ou discurso)³⁰⁶. Esta escrita é, pois, uma forma de postular, como legado sagrado, o cuidar do humano que meu ser abriga na margem em que estou a com-viver e na qual me é concedida a graça de conjuntamente tecer tessituras de cura e de cuidado...

Ela é diferente também no sentido de carregar exemplos, memórias e histórias de cuidados experienciados como tessituras de cura. Ela se compõe como escrita de alguém que se tornou liderança a partir de conviver o sentido de ser humano em comunidades terapêuticas que são, também, comunidades religiosas, numa clara demonstração de que na igreja há não somente teologia, mas pessoas que se dispõem a servir pelo cuidar. Compreender-se liderança é processo que se dá, também, de forma terapêutica e implica numa tríade de movimentos: avaliar-se, posicionar-se e relacionar-se terapêuticamente.

No início desta escrita, coloquei que esta reflexão parte da minha prática e a ela quer volver. Então, o que aqui desenvolvi, como escrita, só tem valor se não permanecer como um amontoado de papel postado em uma prateleira ou como um registro listado em algum sistema; ou seja, o valor dessa escrita é ela se transformar em algo a ser experienciado, conjuntamente vivenciado como tessitura de cura. Há muitas pessoas que falam e escrevem sobre cura, cuidar e cuidado e, talvez, muitas

³⁰⁶ Eu represento a mulher que acolheu a mãe da adolescente que, violada, se cortou e a da filha que, (d)eficiente, luta por dignidade de vida a fim de não ser confundida ou mesmo reduzida ao diagnóstico de “sua” (d)eficiência; a mãe que, aos prantos, viu a filha partir pra longe, em busca de um futuro melhor e que, ao posicionar-se favoravelmente rumo à dignidade de vida, não se corrompeu sob a égide do mercado e também aquela que se ajoelhou ao lado do filho empurrado pelo pai surtado; represento a esposa que fez os curativos no marido estropiado pelos policiais em sua abordagem imprópria, truculenta e descabida, conduzida de forma incompreensível e incompreendida porque a humanização e o tratamento humanizado é algo de que também as pessoas responsáveis pela segurança carecem em sua formação; represento, ainda, a mulher sobrecarregada em sua função cuidadora, sem saber ao certo a quem recorrer; também represento a profissional que sai para trabalhar a chorar sem ter a quem delegar o cuidar de seu familiar adoecido rezando pra que, ao voltar ao lar, tudo esteja bem; represento a mulher que, rejeitando a vitimização e, também, a vilanização, optou por equilibrar em seus ombros a responsabilidade de cuidar suportada pelo manto de cuidados de pessoas parceiras que a auxiliaram a não desesperançar. Optar pelo Bom e pelo Belo não significa negar o feio, o mal e a maldade, mas compreender que a Graça de Deus é suficiente e, quando experienciada, reserva, sempre, uma bênção a quem se dispõe a cuidar.

das que aqui referencio não tenham, ainda, estado em evidência numa escrita acadêmica; considero, pois, válida, essa minha tentativa de inclusão.

E, caso me perguntem: Porque cuidar e curar? Respondo: Porque a doença se manifesta como resultado do esquecimento da cura, decorrente de um (com)viver fragmentado, desconectado, reduzido a partes de um todo não perceptível, de uma unidade não divisível. E na minha pergunta: O cuidar é conceito estruturante em tessituras de cura? Respondo: Sim, é. Porque é preciso cuidar para curar(-se). Porque somos húmus - terra fértil - e cuidar é nossa vocação ôntico-ontológica: à medida que cuidamos, (nos) curamos. Dessa forma, cuidar é conceito estruturante em tessituras de cura!

Mas, o que tem isso a ver com as bruxas, referenciadas no início dessa escrita? Reza uma lenda, muito antiga, que elas se ocupavam de saberes e fazeres em que se aliava arte e ciência, filosofia, poesia e, mais tarde, também teologia³⁰⁷. Algumas sobreviveram, graças a sua sapiência e às relações de cura que souberam e puderam tecer também no seio da Igreja. Dessa forma, sua sabedoria não foi extinta, mas passou, de geração em geração, de mães para filhas, de avós para netas, de tias para sobrinhas, de velhas para meninas, numa arte curandeira em que se aprende e ensina a cuidar em clareiras pela celebração da memória como Graça, como cura, como cuidado. Conta-se, por aí, que descendentes de algumas delas se aventuram, até mesmo, em escritas científicas, ainda que sob-risco de seus ditos serem proscritos.

“E, se lhe fosse concedida a graça de mais um passo de dança?

Dispor-se-ia ela a partilhar conosco ainda um pouco mais?

Talvez haja, ainda, aspectos a se desvelar, sob os auspícios do cuidar?

E, se lhe fosse concedida a graça de mais um passo de dança?

Pôr-se-ia ela a bailar a Esperança em passos de dança a cuidar, a curar?”

Bem... parece Bom; pode ser Belo.

Mas isso seria tema para outra pesquisa, partindo de onde aqui já cheguei.

³⁰⁷ Sugere-se a leitura de MURARO, Rose Marie. **Breve introdução histórica** (ao livro O martelo das feiticeiras).

*Em uma mirada, volveu seu olhar
Olhou para mim, me viu e sorriu.
Andou alguns passos, tornou-se poesia:
No olhar, no falar e, também, no calar, se fez companhia, compôs harmonia.*

*Em uma mirada, pensou em poemar
Diante da chuva, do cinza e do frio
Deixou a cadência chegar, de mansinho
E, pouco a pouco, tornou-se caminho.*

*Em uma mirada se fez o cuidar
Porque, junto às outras, se viu e sentiu
Manteve-se abraço e, pé ante pé,
Fez passo de dança, na mão um café.*

*Em uma mirada, desfez-se em cura
Então percebeu-se junto à tessitura.
Às vezes só se pode dizer em poema e em canção
Aquilo de que padece o coração.*

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ALVES, Rubem. **Da esperança**. Campinas, Papirus. 1987.

ANTISERI, D; REALE, G. **História da Filosofia**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2008. v. 6.

BARBOZA DE SOUZA, Carlos Frederico. Perscrutando sentidos: manifestações de necessidades espirituais em pacientes/famílias sob cuidados paliativos. *In*: TELES LEMOS, Carolina e MARTINS FILHO, José Reinaldo F. (orgs.). **Religião, espiritualidade e saúde: os sentidos do viver e do morrer**. Belo Horizonte: Senso, 2020, p.116.

BENDIT, Laurence J. O Espírito na saúde e na doença. *In*: **Aspectos espirituais das artes de curar**. Brasília: Editora Teosófica, 1995.

BEULKE, Gisela (org). **Diaconia: um chamado para servir**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

BÍBLIA. Português. Almeida. 1993. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. 2. ed. revista e atualizada. São Paulo, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

BESANT, Annie. **O Cristianismo Esotérico**. São Paulo: Editora Pensamento. 1988.

BONTEMPO, Márcio. **Medicina Natural**. São Paulo: Nova Cultural, 1994.

CHASSOT, Attico. **Educação ConSciência**. Santa Cruz do Sul, Editora UNISC, 2010.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DELORY-MOMBERGER. A PESQUISA BIOGRÁFICA OU A CONSTRUÇÃO COMPARTILHADA DE UM SABER DO SINGULAR. *In*: **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. 5ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1959.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. São Paulo: Cortez, 1981.

ELLENS, Harold. **Graça de Deus e Saúde Humana**. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal. 1986.

ELLENS, Harold. **Psicoteologia**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. **Espiritualidade no contexto da saúde**: uma questão de saúde pública? *In*: TELES LEMOS, Carolina e MARTINS FILHO, José Reinaldo F. (orgs.). **Religião, espiritualidade e saúde**: os sentidos do viver e do morrer. Belo Horizonte: Senso, 2020.

FRANÇOIS WAHLBRINCK, Ilíria. **Ética do Cuidado**: essência do ser. Saarbrücken, Deutschland: Omni Scriptum GmbH & Co.KG Novas Edições Acadêmicas. 2013.

FRANÇOIS WAHLBRINCK, Ilíria; PACHECO, Luci Mary Duso. **Ética do Cuidado e Extensão Universitária**: da tomada de consciência à conscientização. Campinas: Mercado das Letras, 2017.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do século XX**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2012.

HAMILTON, John T. **Security**: Politics, humanity, and the philology of care. Princeton University Press, 2016.

HEIDEGGER, M. **A Origem da Obra de Arte**. Rio de Janeiro: Faculdade de letras UFRJ, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Metafísica**. Lisboa: Instituto Piaget, 1987.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**. 3 ed. rev. São Paulo: Escuta, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

HOGBEN, George L. A conscientização espiritual como um processo de cura. *In*: **Aspectos espirituais das artes de curar**. Brasília: Editora Teosófica, 1995.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Livro de canto da IECLB**. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KENT. James Taylor. **Filosofia Homeopática**. São Paulo: Robe Editorial. 1996.

KRIEGER, Dolores. Prefácio *In*: **Aspectos espirituais das artes de curar**. Brasília: Editora Teosófica, 1995.

KUNZ, Dora van Gelder. **Aspectos espirituais das artes de curar**. Brasília: Editora Teosófica, 1995.

LELOUP, Jean-Yves. **Cuidar do Ser: Fílon e os Terapêutas de Alexandria**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MACIEL, Paulo. **A @Evolução da medicina**. Curitiba: Araucária Cultural, 2001

MARQUES, Valéria e SATRIANO, Cecília. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. *In: Linhas Críticas*, Brasília, DF, v.23, n.51, p. 369-386, jun. 2017 a set. 2017

MENDONÇA, Eduardo Prado de. **O mundo precisa de filosofia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

MONDIN, Batista. **O homem, quem é ele?** 5 ed. São Paulo: Paulinas, 1980.

NODDINGS, Nel. **O cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

NORDSTOKKE, Kjell (org). **Diaconia: fé em ação**. São Leopoldo, Sinodal, 1995.

NOUWEN, Henri J M. **Uma espiritualidade do viver**. São Paulo: Editora Vida, 2018.

PELLANDA, Nize e PICCININ, Fabiana. Autonarrativas como autoconhecimento: uma experiência didática na perspectiva da complexidade. *In: Revista e-Curriculum*, São Paulo, v.18, n.1, p. 453-472 jan./mar. 2020.

PERISSÉ, Gabriel. **Introdução à Filosofia da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

REALE, Miguel. **Filosofia do Direito**. 19 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aspectos históricos e concepções contemporâneas da Teologia Prática. *In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (Org.). Teologia Prática no contexto da América Latina*. 3. ed. rev. e atual. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

SIEGEL, Bernard; SIEGEL, Barbara. Aspectos espirituais das artes de curar. *In: Aspectos espirituais das artes de curar*. Brasília: Editora Teosófica, 1995.

WALDOW, Vera Regina. **Cuidado humano: o resgate necessário**. 3 ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

WALDOW, Vera Regina. Educação para o Cuidado. *In: Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre: 14 (2): 108-112. Jul 1993.

WEBER, Renée. Estruturas e fundamentos filosóficos para a cura. *In: Aspectos espirituais das artes de curar*. Brasília: Editora Teosófica, 1995.

WEIL, Pierre. O novo paradigma holístico. *In: BRANDÃO, Dênis M. S.; CREMA, Roberto. O Novo Paradigma Holístico*. São Paulo: Summus, 1991.